SOL YURICK

HARRIORS

OS SELVAGENS DA NOITE



DARKSIDE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

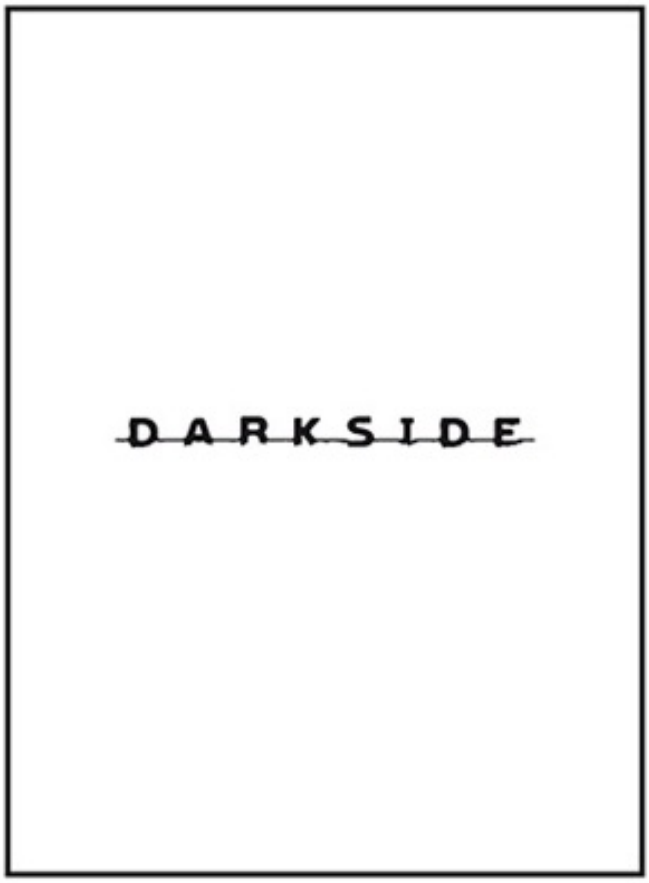
A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."


DARKSIDE





#DARKSIDEBOOKS

SOL YURICK



TRADUÇÃO
FÁBIO M. BARRETO

DARKSIDE

Para meu pai –
outro Ismael, em outro tempo

“Soldados, não sejam iludidos pelos
acontecimentos recentes.
Eu garanto que no que aconteceu as vantagens
estão empatadas com as desvantagens.”

“Amigos, esses que vocês veem são a barreira final entre nós e a meta aguardada pela qual nós lutamos tanto. Devemos, se conseguirmos, comê-los vivos.”

– *Anábase*, de Xenofonte

Ferréz

Os Selvagens na Noite



FERRÉZ
Escritor, autor de *Capão Pecado* (2000), *Ninguém é Inocente em* São Paulo (2006), *Os Ricos Também Morrem* (2015), entre outros

E a trama começa com o grito do primeiro cagueta que vi na minha vida. Com um copo de café na mão, estava com mais três amigos na sala do Ronaldo, dentro da favela do Jardim Comercial.

Depois do filme, estávamos na viela, encostados num poste de madeira, até que um pé de pato passou com sua lurdinha, o nome carinhoso que ele dava para sua arma, e a gente se escondeu na garagem para ele não nos matar. O pedido foi feito pelo dono do imóvel, que não gostava de ver esse bando de "maloqueiro" na porta dele.

Depois disso, cada qual quis montar sua gangue, mesmo sem bem saber pra que e porquê. A gente não tinha o metrô, mas tínhamos as longas caminhadas, para se curtir um "som de rua", em outra quebrada. A gente não tinha os coletes de couro mas tinha os moletons, a verdadeira farda da periferia.

Depois do filme ser repetido a exaustão, era inevitável a influência, e as gangues surgiram, seja no rock de periferia, nos motoqueiros, no punk local, nos clubes de truco, nas marcas periféricas e no movimento rap, que ainda usa uniformes de beisebol; na Zona Sul de São Paulo, o boné mais vendido é de um time de beisebol. Anos depois, a influência ainda era visível também no movimento *clubber* e nos motoqueiros e suas jaquetas de couro.

Todo jovem procura algo com que se identificar. Apesar dos muros que distanciam culturalmente nossa realidade do resto da cidade, temos uma cultura paralela, geralmente negligenciada pelas editoras, produtoras e afins.

Nossos olhos vidrados na tela, enquanto o pai do Ronaldo gritava da cozinha: “Esse filme passou semana passada, vocês não enjoam, não?”. Era mais cultura que crime, e o filme tinha já na sua fala inicial um grito de união, uma discurso de direcionamento onde tudo fazia sentido; a cultura de massa ali não teria vez.

Nada mais estranho do que depois isso virar Hollywood, mas a grande mídia não comeu muito disso, e tentou abafar o filme, viu que o que tinha nas mãos mudava a visão das pessoas, e esse era o motivo do filme só passar de madrugada. Desculpa aí sr. Luiz, a gente promete que num vai mais ficar até às três da manhã na sua casa.

A característica da periferia de São Paulo é única: na Zona Leste, é o grupo Consciência Humana e suas roupas vermelhas, o DRR (Defensores do Ritmo Rua); e as marcas da Zona Sul, como o laranja e preto da Fundão, o preto e branco do Negredo e o dourado e preto da 1DASUL.

The Warriors fala de uma coisa universal – a busca – e prova que, independente de qualquer máscara, figurino, amigos ou ideologia, no fim, você continua caminhando numa estrada sem destino preestabelecido, isso se você se livrar das cordas que eles colocam a todo momento para te guiar como marionetes.

Sol Yurick fez o livro sem muitas expectativas, mas está claramente confortável na narrativa, tanto por sua experiência como assistente social, como pela convivência com a rua.

A literatura, quando agrega esse viver, produz grandes livros, como é o caso da trilogia *Millenium*, do jornalista e militante Stieg Larsson. Se em *Millenium* você sabe que a exploração das mulheres é real, em *The Warriors*, você tem certeza que o autor andou por aquelas ruas, ouviu aquele rádio. Ele narra o fato de dentro, é parte do tema.

Se alguém lhe perguntar por que, em pleno século XXI, você está lendo um livro sobre gangues, diga que, hoje mais do que nunca, somos comandados por elas, tanto no modelo oficial, como no paralelo.

Tony Scott anunciou que faria uma refilmagem de *The Warriors*. Dizem que cometeu suicídio em 2012, na ponte Vincent Thomas, em Los Angeles, logo o berço dos Bloods, uma das mais perigosas gangues do mundo. Eu ousaria dizer que, no dia, alguns caras também foram vistos na ponte, e um deles gritou: “Foram eles, os guerreiros!!!”.

MRG

Can you dig it?



BETO ESTRADA
Matando Robôs Gigantes

Em toda obra de entretenimento – seja ela musical, literária ou cinematográfica – podemos encontrar exemplos que formaram e definiram a nossa personalidade. E para quem cresceu nos anos 1980, alguns fatores se faziam necessários para que algo chamasse a atenção de uma juventude que procurava nas ruas uma saída para a falta de rumo. Pensa bem, era uma época onde a invasão da tecnologia japonesa se fazia presente com seus walkmans e televisões de controle remoto, Michael Jackson se tornava o rei do pop e Madonna se esfregava sem pudor em uma cruz enquanto cantava que estava grávida de um santo negro. O mundo estava em pura ebulição com seus vulcões de *glitter* e seus bombojacos estilosos.

E enquanto alguns ficavam em casa, maravilhados com seus olhos brilhando enquanto um pequeno alienígena criava uma linda relação de amizade com uma Drew Barrymore ainda criança, outros estavam nas ruas procurando o seu lugar em meio a tanta informação e imposições sociais: punks, hip-hoppers, skinheads, metaleiros, skatistas e mauricinhos se dividiam em grupos que demarcavam seus territórios e partiam pra porrada a cada encontro em uma esquina perdida da vida.

E foi no meio dessa confusão social que eu, com meus poucos anos de vida, não percebi a minha personalidade se formando enquanto via e revia uma fita

VHS do meu irmão mais velho que continha dois filmes que faziam o meu lado criança urrar de alegria – *De Volta Para o Futuro* e *Indiana Jones e os Caçadores da Arca Perdida* –, e um terceiro, que me causava arrepios ao mesmo tempo em que me hipnotizava. Algo acontecia na tela e eu não sabia dizer porque aquilo era tão mais legal e emocionante do que qualquer outra coisa que a Sessão da Tarde pudesse me apresentar. Eu estava, aos poucos, me tornando mais um membro dos Warriors.

Alguns anos depois, foi a minha vez de ir pra rua. E mesmo com um mundo já bem diferente do lado de fora da janela, eu ainda buscava a minha gangue, afinal também queria experimentar tudo aquilo que me era apresentado no filme. E – graças a deus – ainda havia muito disso para aproveitar, pois o jovem da minha geração que não cresceu "atrás das grades do condomínio" descobriu na rua uma forma de expressar aquela rebeldia reprimida que sempre se alimentou de muitos hematomas e algumas cicatrizes; a mesma que se fazia presente também nas maiores demonstrações de amizade e parceria que alguém pode querer.

E não posso negar que tive meus dias de Warriors! Virando noites com um dos meu irmãos – da "gangue" Matando Robôs Gigantes – Diogo Braga, sentados no meio-fio bebendo até altas horas da madrugada, enquanto ficávamos só esperando o próximo problema nos alcançar. Ou então quando nos reunimos para acompanhar Affonso Solano em uma viagem até um ambiente completamente desconhecido e dominado por pessoas que não nos eram afeiçoadas – mas lá estaríamos juntos até o fim! E, porque não, quando fui salvo de um verdadeiro massacre contra desafiantes armados com soco inglês e munidos de protetores bucais durante uma das famosas rodas de pogo nas quais eu e Diogo Braga sempre fomos membros ativos em qualquer show ou evento.

E eu sei que você que está lendo isso busca em sua memória estes momentos. Todos nós já fomos um membro dos Warriors algum dia, todos nós guardamos com carinho aquelas famosas "roubadas" que estreitaram laços de amizade e se transformaram em verdadeiras canções de bardos nas mesas de bar, todos nós, lá no fundo, ainda sentimos falta de um pouco daquela adrenalina que nos fazia sentir vivos.

Agora vamos parar de enrolação, pois, como disse Renato Russo (outro fã declarado do filme): “Quem precisa de modelo ou de heróis quando se tem amigos?”.

E você está prestes a conhecer alguns de seus melhores amigos. *Can you dig it?*

PREFÁCIO
Sol
Yurick

Como escrevi *The Warriors* e o que aconteceu depois[1]



É difícil lembrar de quando tive a ideia para *The Warriors*. Toda memória, mesmo quando existem registros factuais, é traiçoeira. Quando tentei lembrar e reconstruir os fragmentos dessa lembrança, linhas temporais embaralham-se; efeitos são substituídos por causas; eventos que ocorreram em sequência parecem ter acontecido ao mesmo tempo. Quem realmente pode controlar a frágil base bioquímica-elétrica da memória?

Acho que estava lendo *Anábase*, de Xenofonte, quando estava na faculdade (de 1945, depois que saí do Exército, até 1951). Originalmente, queria ser um cientista, mas finalmente aceitei que não tinha aptidão para matemática. Gravitei pela psicologia, mas descobri ser incapaz de acreditar nas teorias alheias. Mudei o campo de estudos e me formei em literatura, com especialização em filosofia. Conforme lia textos filosóficos, comecei a considerar os filósofos com suspeita. Eles falavam sobre coisas que eu não via no mundo à minha volta. Por exemplo, para mim, Sócrates, em *A República*, nunca respondeu à proposta sobre força-define-o-que-é-certo de Trasímaco: logo, toda a filosofia parou, esperando por uma resposta.

The Warriors replica a jornada de *Anábase*. Não li o livro de Xenofonte – a edição da Penguin, traduzida por Rex Warner, intitulada *A Expedição Persa*... ou seria *The March Upcountry*? – para algum curso, embora tivesse começado Grécia Homérica, mas desistido depois de um mês e pouco. É possível notar, ou não, num nível profundo de psicologia política, que *Anábase* aconteceu no lugar onde hoje é o Iraque, onde a "Civilização Ocidental" está sofrendo outra derrota.

Foi durante meus anos na faculdade, influenciado pelos primeiros encontros com grandes livros da literatura ocidental, que decidi me tornar escritor. Meus heróis literários daqueles anos foram Kafka, Dostoiévski e Joyce, posteriormente substituído por Proust. A Nova Crítica tornava-se o modo dominante na análise literária. Essa teoria desencorajava a leitura de qualquer trabalho com referência biográfica, histórica, política ou cultural. Críticos eram encorajados a tratar o trabalho como um objeto estético autocontido, que, se fosse grandioso – ou engrandecido por celebrações cabais – sempre refletiria algo chamado "A Condição Humana" (era consenso na época, pensar que a "Condição Humana" fosse a mesma em qualquer lugar e qualquer época; um conceito contestado pelos pós-modernistas). A psicanálise e suas variantes heréticas começavam a ser democratizadas, permeando todos os setores da sociedade (bem, pelo menos a classe média); a maioria dos principais críticos daquele período era freudiano. A versão sartreana do existencialismo (a absurda e a trágica condição do Homem – não falávamos a Mulher naqueles dias –, trágica por conta de o Homem ser condenado à morte) tornou-se, assim como seu oposto, o positivismo lógico, uma filosofia da moda no conflito dialético. Ninguém ousava falar de marxismo naqueles primeiros anos da Guerra Fria. O que a psicanálise, o existencialismo e a Nova Crítica tinham em comum era a ênfase no individualismo.

A Guerra Fria influenciou *todas* as áreas do discurso. Sem eu saber, os grandes trabalhos da literatura ocidental foram usados como ferramenta na propaganda contra o comunismo soviético, com seu realismo socialista e o desdém pelo, agora historicamente defasado, grande "burguês" da literatura e o "formalismo decadente" do modernismo (leia Eliot e Joyce, por exemplo).

Um dos grandes atos de fé daquele tempo era notar que os artistas criativos eram seriamente neuróticos. Na verdade, deveria ser apenas uma disfunção

alimentada pela habilidade criativa do artista. Não falávamos daqueles incapazes de criar, gente “ordinária” que era psicótica ou neurótica; neurose ainda era, naquele tempo, um problema elitizado.

Foi nesse ambiente que decidi me tornar um escritor. Havia descoberto, escrevendo trabalhos, que tinha uma aptidão natural para a escrita criativa e imaginativa. Isso foi estranho; não falei inglês pelos primeiros cinco anos da minha vida. Mais tarde, assim que comecei na escola primária, tornei-me um leitor compulsivo (no ginásio, lia quatro livros por semana, além do material didático).

Queria ser mesmo um escritor sério, talvez vanguardista. Desmerecia a cultura popular, embora lesse material popular (como histórias em quadrinhos e ficção científica, que não era considerada séria à época) e amava os livros. Comecei escrevendo poesia e, mais tarde, contos e romances. Naqueles dias, a mitologia ditava que se começasse com contos e evoluísse até os romances. Sem resistir à minha exposição e atração ao experimentalismo modernista, também acreditava no vínculo narrativo e realista “da história” – não importa quantos brincadeiras você faça com o texto – ser capaz de levar o humano pelo espaço-tempo e a sociedade em direção à morte, a uma realidade na qual eventos aconteciam em sequência. Sendo jovem, fui inocente sobre o que era necessário para me tornar um escritor sério. Acreditava que talento por si levaria ao sucesso. Ao mesmo tempo, pensava veladamente se reputação também não seria, de alguma forma, uma função da propaganda promocional (que eu considerava a disciplina da estética futura), que transformava o trabalho em algo “grande”. Parecia que análises “sérias” feitas por críticos “sérios”, fazendo uso de jargões obscuros transformava o trabalho numa commodity que permitiria a uma classe trabalhadora de escavadores de significados explorar as infindáveis camadas de conceitos escondidos e elevar o mais tolo dos trabalhos à esfera de objetos dignos de adoração grandiosa. (Anos mais tarde, leria *A Sociologia do Gosto Literário* (1923), de L.L. Schücking, que confirmou minhas suspeitas. E, ainda mais à frente, descobri nos Estados Unidos – a onipresente CIA [que fez a reputação de *Doutor Jivago* (1957), um livro claramente de segunda linha, escrito por Boris Pasternak, por exemplo, e patrocinou revistas literárias de

prestígio], entre outras agências – o interesse pela literatura. Mas essa é outra história.)

Pule cinco anos; é o período entre 1950-55; estava escrevendo e submetendo contos e escrevendo romances. Os contos eram rejeitados com frequência. Para me manter vivo, fui trabalhar para o que era conhecido como Departamento de Bem-Estar Social, em Nova York. Tive contato com (vamos chamar de) camadas sociais e realidades econômicas muito baixas... famílias miseráveis, diferentes racial e culturalmente. Levei um choque social. Cresci na pobreza durante a Grande Depressão. Minha própria família foi salva da catástrofe durante a Depressão dos anos 1930 por receber cheques-auxílio do governo. Mas a diferença entre a geração dos meus pais e a dos meus clientes era gigantesca. Meus pais eram comunistas. Viam-se como a próxima elite mundial, alias, até como uma nova espécie superior, o Proletariado. A história deveria estar a favor deles. Lutaram e se organizaram. Meus clientes, não. Não conseguia entender por quê. Se você fosse pobre e a sociedade estivesse contra você, ou você lutava politicamente ou virava um larápio, um aproveitador, como um agiota, que considerou essas opções durante a Depressão, me disse. Qual a outra alternativa? Mais tarde viria a entender as razões complexas que provocavam a aparente passividade dessas pessoas.

Algumas das crianças dessas famílias eram o que se chamava de delinquentes juvenis. Muitos deles pertenciam a gangues de briga. Algumas dessas gangues tinham centenas de integrantes; havia verdadeiros exércitos. Esse fenômeno social era visto, por um lado, como a invasão dos bárbaros que, dessa vez, vinha de dentro, não de fora. Por outro lado, havia algo completamente subversivo nas gangues (e, especialmente, a música que eles amavam... o rock). Os pensadores sociais, populares e acadêmicos, falharam ao entender por que essas formações sociais de pessoas desprovidas se cristalizavam em meio a algo que ouvíamos, dia sim, dia não, serem tempos de prosperidade econômica.

A mídia inflacionou o fenômeno das gangues a proporções míticas. (Claro, falavam das classes *baixas*: ninguém dizia uma palavra sobre a existência das gangues violentas da classe média.) Mas, afinal, a mídia lida com a mercantilização do medo, do pânico e do escândalo. O *New York Times* publicou

uma série de reportagens. O que parecia ser uma erupção nacional de gangues juvenis também alavancou a indústria editorial e cinematográfica. Livros proliferaram: *Juventude Transviada* (o título original era *Rebel Without a Cause*, e o conteúdo desse livro quase implicava que se os rebeldes tivessem uma "causa" não haveria tanta rebeldia, mas, possivelmente, rebelião), *Sementes da Violência* [*The Blackboard Jungle*], *The Amboy Dukes* etc. Um assassinato famoso em Nova York levou a uma produção cinematográfica (na verdade, duas; o espetacular fiasco de Paul Simon foi o segundo) de *Amor, Sublime Amor* [*West Side Story*] (Capeman e Salvatore Agron encontram *Romeu e Julieta*; trivial e bobo) e *The Cool World*, de Warren Miller. A academia produziu toneladas de estudos sociológicos e psicológicos.

Acho que os elementos de *The Warriors* começaram a se reunir em algum ponto durante os anos 1950. Estava conversando com um amigo meu, um escritor cuja mãe e o pai foram roteiristas bem-sucedidos em Hollywood. Ele tentava me explicar o que constituía uma boa ideia (o "*high concept*") para um roteiro. Quase como uma piada, brinquei com a noção de uma história sobre uma gangue de rua baseada em, ou em paralelo com, o curso de *Anábase*. Depois que falei, deixei a ideia de lado. Achei que a noção era interessante, mas não muito séria. E, mesmo assim, não me esqueci dela. Novamente, avanço os anos. Casei-me, larguei o emprego no Departamento de Bem-Estar Social. Minha esposa, Adrienne, disse para eu pedir demissão e voltar para a faculdade, ou ficar em casa e escrever. Decidi voltar à faculdade (1959-61), Brooklyn College, para que pudesse ser professor, enquanto continuasse a escrever. Nesse ponto, havia concluído dois romances e meio... que nunca seriam publicados.

Essa é uma distração, mas, indo ao ponto, ela mostra como distanciei-me da influência das leituras da faculdade. Enquanto estava estudando, meu primeiro conto foi publicado num jornal literário de vida curta: *The Noble Savage*. A publicação reforçou minha convicção de ser um escritor em tempo integral. Recebi autorização para escrever um romance como dissertação de mestrado. Isso resultou em *Fertig*, que teve papel fundamental no meu desenvolvimento como escritor e, indiretamente, na formação de *The Warriors*.

Originalmente, quando comecei a conceber a ideia para *Fertig*, estava sob a influência dos existencialistas, principalmente Camus. Em princípio, queria escrever um livro extra, talvez costurando *O Estrangeiro* (1942), a novela camusiana, com um toque de Kafka. Esse livro tenta mostrar um homem não muito contra sua sociedade, mas fora dela (como pensei, eu era temperamental). Em parte, o que Camus tentou fazer foi desnudar o entorno social e as condições materiais, isolando o personagem e sua situação da cultura, tempo e lugares contaminados por influências.

Quando conhecemos Mersault (o estrangeiro), sua mãe acabou de morrer. Ele parece não ser afetado emocionalmente. Então, comete o que parece ser um assassinato aleatório, um assassinato sem razões compreensíveis... de fato, sem motivo algum, aparentemente. Ele é condenado por uma corte horrorizada. A corte baseia o horror no distanciamento "inumano" de Mersault à morte da mãe. Esse distanciamento não nega ao indivíduo apenas os princípios fundamentais da sociedade burguesa, mas também de sua variante freudiana. Nesse país, perguntaríamos se ele era um psicopata e/ou um sociopata. Camus não usou nenhuma dessas categorias. (Naquele momento, no final dos anos 1940 e através dos anos 1950, a questão sobre assassinos aleatórios e/ou seriais, cuja psicologia era, e ainda continua, um verdadeiro quebra-cabeças, ainda não havia se tornado comum.) Queria meu protagonista, Fertig, cometendo um crime desse tipo.

Agora, a pessoa insana (ou, naquele tempo, aquele que se acreditava não ter o gene ligado à responsabilidade social) não está nem contra e nem a favor da sociedade na qual vive, mas, sem dúvida, a perturba... uma perturbação que deve ser contida. Nossa sociedade, a norte-americana em particular, sempre achou difícil lidar com o que aparenta ser não racional. O que nossos pensadores fazem é adequar o inexplicável a uma das categorias psicológicas ou sociológicas, logo, resolvendo o problema da pessoa irracional, e então, negando-lhe sua natureza. Entretanto o que fazer com a pessoa racional que comete crimes hediondos (como aqueles que trabalham para as agências de interrogação e assassinatos dos Estados Unidos)? As ações de homens inteligentes e racionalmente irracionais podem ser as mais perigosas.

Seria possível analisar as motivações de Mersault de duas maneiras – como um ato totalmente aleatório de um homem sem razão e/ou protesto... mas contra o quê? O sistema, seja lá o que fosse? Agora, devemos entender que esse "protesto", se fosse o caso, contra a vida burguesa não se encaixava nem à esquerda nem à direita do espectro político habitual. Tampouco Mersault cometeu um ato criminoso nos moldes habituais, que, na maioria dos casos, requer uma razão. Logo, a pergunta permanece: protesto contra o quê? Camus nunca esclareceu.

Mas Camus realmente foi bem-sucedido ao se distanciar das tradições e cargas sociais? O lugar era a Argélia, o período podia, ou não, ser imediatamente depois ou antes da Segunda Guerra Mundial. A cultura na qual Camus foi criado era a Argélia colonizada pela França. Mais tarde, em meio à luta pela independência, Camus disse que a Argélia *era sua mãe*. Além disso, a vítima de Mersault era árabe. É possível especular; se Mersault matou um árabe por razões sociais, políticas, ou diferença de classes, o tribunal poderia ter compreendido. Claro, se Mersault compartilhasse os motivos sociais pelo assassinato do árabe, ele não seria uma ameaça à ordem social. Por outro lado, se Mersault fosse são, ou seja, racional (racionalidade é sempre definida pelos termos do que uma sociedade considera racional), e fez esse ato irracional, então, ele era uma ameaça à ordem social, pois quem sabia onde, e contra quem, ele poderia atacar na próxima vez?

(O que tudo isso tem a ver com *The Warriors*? Lembre-se que as gangues eram consideradas como uma manifestação irracional.)

O que Camus tentou debater era que existem interseções desprovidas de compreensão entre uma ação e outra ação, um vão que é terreno para a criação artística, filosófica e científica.

Além disso, embora Camus tentasse distanciar seu herói da cultura e da tradição, começo a descobrir, quanto mais eu leio, referências literárias disfarçadas – como a *Divina Comédia*, de Dante, especialmente a terceira parte, "Paraíso" – em *O Estrangeiro*. O que isso me mostrou foi que, mesmo tentando escapar das amarras da tradição ocidental para – o quê? Uma anomia pura? – ele estava preso a ela. Ou seja, o subtexto de Camus negou-lhe sua missão filosófica. Ele não poderia imaginar a mente de um assassino puramente

aleatório. Tudo isso para dizer que não é possível partir do puramente universal para o específico, pois, goste ou não, você sempre constrói o universal a partir do específico, logo, sabotando o universal.

Talvez, para Camus, o assassinato represente a reação inconsciente às forças de libertação da Argélia. Eu não estava ciente do subtexto quando li o livro pela primeira vez... até 1960.

Então, enquanto escrevia meu livro, e conforme pensava ser atraído por essa filosofia existencialista, talvez por conta da minha própria máscara psicológica e comprometimento com a razão – negado, claro, como acontece com todos os escritores criativos, pela minha prática que favorece saltos quânticos de entendimento e construção – e por causa de minha experiência como um assistente social, comecei a ser forçado a procurar novos modos de expressar o mundo real em minha escrita. Ou seja, busquei, e precisei inventar um motivo racional para o crime do meu herói. Ao mesmo tempo esse mundo *real* (não ligo para o que os pós-modernistas relativistas tem a dizer sobre isso) era mais irracional e absurdo que os filósofos existencialistas – aqueles pseudo-hiper-racionalistas – podiam imaginar. Para tentar compreender como meu herói encontraria o mundo "real" e se moveria através dele, comecei a ler sociologia prática e teórica, antropologia e psicologia (rejeitei o pensamento freudiano e jungiano, ou qualquer variante por eles iniciada. Por outro lado, descobri que o comportamentalismo era mecanicamente laplaciano). Os sociólogos que mais me interessaram foram Weber e Durkheim, talvez por conta de seus interesses pelo "primitivo" e o ancestral (leia-se pré-racional). Era o que precisava, devo ter pensado, mas pré-racional? O que eram as gangues de briga senão pré-racionais? Lentamente, mesmo sem saber, pensei ter começado a formar aspectos de uma teoria de escrita baseada na *minha* sociologia.

E, ainda assim, ao mesmo tempo, conforme caçava pelo racional por trás da misteriosamente aparente e irracional superfície imediata, o ordinário, o não-literário ou antiliterário, comecei a discernir que, mesmo por trás daquilo, negando toda a tentativa social, psicológica e quase científica para explicar por que humanos fazem o que fazem, escondia-se a sempre recorrente presença do ritualístico, do cerimonial e do mítico (o que significava o "primitivo" sem

resposta) no dia a dia. Por quê? Conforme observei a vida, pessoas normais, no século XX, nos Estados Unidos, de súbito tornaram-se exóticas e "primitivas" para mim, como, digamos, os aborígenes australianos. E, reflexivamente, aos poucos comecei a ver que o mítico, metafísico e *algo biológico* (o impulso de formar grupos tribais/familiares/gangues em todas as culturas chamadas de primitivas ou que a sofisticação moderna chamava de civilizadas na História) também cumpria um papel na disciplina da sociologia-aspirante-a-ser-ciência-séria (como, mais tarde, descobri o assustador "resíduo radioativo" da metafísica na ciência e na matemática). Cheguei a perceber meu erro ao ser atraído pelo existencialismo. Para escapar do feitiço da criatura de Camus, busquei refúgio nas memórias do princípio da minha vida e descobri que tinha desavenças distintas, *racionais*, formadoras e estáveis contra o sistema do nosso país. Eu e minha família sofremos o que, para mim, talvez seja o maior absurdo não filosófico, não psicanalítico, materialista e, se me permite, *traumático* de todos... a Depressão dos anos 1930. Meus pais eram comunistas. Vindo de uma criação comunista e ser judeu aumentou meu sentido de alienação da vida norte-americana. Os traumas sociais e econômicos tornaram-se parte do meu subconsciente. Para mim, ser um escritor era como ser um rebelde. Vou te mostrar como o mundo é de verdade, devo ter pensado. E quanto às gangues? Elas também eram uma certa forma de revolta. Algumas gangues iam às ruas; algumas gangues emergiram em outubro de 1917.

E, quanto mais eu pensava a respeito, por conta do nosso sistema social (mesmo naquele tempo), mais eu via as forças sociais como "realmente" eram. Não podia me permitir que apresentasse histórias naquela espécie de semidevaneio que Camus e Kafka usavam. Fazendo uso da terminologia antiga, quase marxista (que não uso desde que escrevi *Fertig*), a tentativa de reconciliar conflitos múltiplos, com interesses múltiplos (sempre existem 613 contradições) era o que constituía a base concreta para a irracionalidade da vida cotidiana. Eu sabia. Afinal, havia sido um burocrata. Sabia o que envolvia a construção do que pessoas de fora consideravam como um absurdo sistêmico no governo; que, se você voltasse à criação de toda lei ou regulamentação, haveria algum tipo de loucura ancestral, uma maluquice inserida na própria essência. E mais, eu sabia

– ao contrário dos enroladores acadêmicos pós-modernistas – que escrita-de-difícil-entendimento é, de fato, uma estratégia governamental e comercial... com a finalidade de, como Dickens colocou, fugir-da-raia, ou prevenir que algo seja feito pelo maior tempo possível, ou para fazer algo antes que qualquer um compreenda o que foi feito.

À época em que escrevia *Fertig*, a teoria psicológica dominante emergente dizia que qualquer um que assassinasse era um psicótico, logo, não responsável pelos próprios atos. (Essa teoria, claro, não levava em consideração aqueles que matavam para obter ganhos – a máfia, por exemplo – ou por razões do Estado, que envolvia soldados, os agentes da CIA, torturadores estatais, e por aí vai.) Os tipos de categorias adotados por Camus nunca foram considerados. Psicose ou a abordagem da não responsabilidade eram combatidas amargamente por aqueles que promoviam as virtudes da velha guarda, como a responsabilidade pelas próprias ações; ignorância, impulso irresistível etc. não eram desculpas. Esses tipos de conflitos insolúvel dos sistemas morais exigiam a produção de gerações de éticos racionais, pois, aparentemente, as pessoas distanciavam-se mais e mais da religião (assim como voltam a se aproximar hoje; bem, essas coisas vão e vêm em ondas).

Acabei escrevendo um livro completamente nada parecido com Camus, sendo conduzido por caminhos impressionantes e descobrindo que o mundo, o mundo real, era mais absurdo, maluco e mais *uma coisa-em-si*, do que qualquer escritor de ficção, não importa o quão genial ou imaginativo, pudesse conceber. E, ao mesmo tempo, sem ter consciência do fato, também descobria que as “ciências” sociais eram parcialmente formas de ficção.

Em resumo, a história de *Fertig* é assim: um homem, Fertig, que se casa bem tarde na vida. (Fertig significa “finalizar” em alemão e em ídiche: peguei o nome de um colega de classe da faculdade, Howard Fertig, que, mais tarde, se tornou um editor – e costumávamos chamá-lo de Howard’s End). Ele e a esposa, ambos fracassados socialmente, mas ainda com grandes sonhos, estão aceitando a derrota, fazendo o melhor possível com uma vida cheia de decepções e sem amor. Eles geram uma criança, um filho. Isso os une mais ainda e, pela primeira vez em suas vidas, começam a compreender o amor. Certa noite, a criança fica

doente. Sem conseguir entrar em contato com o médico (lembre-se que durante o período no qual eu escrevia o livro, as relações entre médicos e pacientes estava mudando. Ao longo dos anos 1950 e 1960, médicos abandonaram as visitas domiciliares). Os Fertig deram aspirina à criança. Não funcionou. Correram para o pronto-socorro do hospital. (Como parte da minha pesquisa, recusando-me ao aceitar a mitologia do médico atencioso, visitei prontos-socorros de diversos hospitais para ver o que acontecia. Fiquei chocado com a negligência sistêmica.) À essa altura, a aspirina fez efeito; a criança começou a se sentir melhor. Os Fertig foram liberados e orientados a voltar para casa. Decidiram ir a outro hospital. No caminho, a criança tem uma convulsão e morre.

O casamento dos Fertig começa a desmoronar. Fertig tenta decidir quem merece a culpa pela morte do filho. Gradualmente, ele percebe que, embora existissem “responsáveis”, as três pessoas, a recepcionista egoísta, a enfermeira e o residente, haviam os “não responsáveis”; ele se vê perante a presença de um sistema maior de responsabilidade (ou, melhor, culpa) compartilhada mutuamente. Ele quer vingança. Mas, agora, no fim das contas, um indivíduo consegue matar um sistema? Ele seleciona vítimas representativas... sete pessoas; as três que trabalhavam no pronto-socorro e quatro diretores do hospital e decide matá-los e, por sua vida ter desmoronado, quer ser pego no ato para ter sua oportunidade sobre os holofotes no tribunal, até mesmo vislumbrando um discurso transformador.

Para ampliar a pesquisa para o projeto, entrei em diversos hospitais e caminhei dentro deles durante várias horas durante o dia e à noite, para ver se conseguiria ter acesso ao pessoal para que, como Fertig, pudesse matá-los. Era fácil demais.

Mas Fertig, ingênuo, torna-se vítima das próprias ilusões. Ele descobre que o sistema de justiça criminal, e eu cheguei à mesma conclusão no mundo real, e as relações complexas com a mídia, são bizarros, surreais. Ele torna-se vítima de juízes corruptos e semissenis, jornalistas e advogados ambiciosos e psiquiatras igualmente contraditórios com certas esperanças estereotipadas.

Claro, Fertig nunca poderia ter sua oportunidade de expor a injustiça no tribunal. Por definição, no contexto da nossa sociedade, ele teria que ser racional, criminalmente malévolo, possivelmente um esquerdista maluco, ou um

indivíduo tremendamente perturbado. Se houvesse uma razão por trás de sua motivação, mesmo que não gerasse simpatia, permitiria compreensão. Mas, mesmo o entendimento da motivação de Fertig implicava apontar o dedo para o elemento inumano na sociedade: suas reclamações sobre o sistema que matou seu filho poderiam cair em ouvidos suscetíveis. Outros poderiam resolver fazer justiça com as próprias mãos e fazer algo similar. Júris poderiam decidir não condenar pessoas. Ele deveria ser considerado um psicótico.

De forma tão lenta quanto certeira, o processo o enlouquece, enquanto, ironicamente, com o intuito de aumentar a própria reputação, o advogado corrupto e oportunista alega insanidade de Fertig – que, até então, era considerado um coitado enlouquecido – e começa a pintá-lo como um herói corajoso e racional. Fertig é enviado a uma instituição para criminosos insanos. Ele nunca consegue fazer seu grande discurso para o mundo.

Agora, preciso explicar o processo de forma racional. O que não falei é o modo como esse trabalho me consumiu; trabalhei dias e noites. Havia períodos de grandes constatações e momentos vagarosos de aumento na compreensão. Fui transformado gradualmente enquanto escrevia. Minha visão de mundo mudou novamente.

Fertig foi rejeitado vinte e sete vezes antes de ser publicado. Passei por um momento de desespero. Comecei a duvidar de mim mesmo... o problema era eu ou eles, os editores? Sabia, ou pensava saber, o que constituía um bom livro. Comecei a notar um fenômeno peculiar, enquanto lia as numerosas cartas de rejeição. Se compilasse todas as partes que os editores criticavam, ou desconsideravam, nas cartas, meu livro era completamente terrível; se somasse as partes que os editores gostavam, meu livro era o trabalho de um gênio.

Decidi que, nesse meio tempo, enquanto submetia meu livro, escreveria outro romance, que viria a ser *The Warriors*. Mas parte do processo de *saber* que uma ideia é boa é completamente irracional. Não importa o quão complicado e sofisticado nosso aparato comunicativo seja, não há um programa que decida o quão *certa* uma ideia criativa é. E, sabe-se lá por que, a ideia para *The Warriors* continuou na minha mente por cerca de quinze anos!

Embora houvesse levado mais de um ano para escrever *Fertig*, levei três semanas de trabalho intenso, depois da pesquisa, para escrever *The Warriors*. Não poderia ter sido dessa forma sem ter passado pelo processo de amadurecimento literário de *Fertig*.

Atravessei algumas fases na preparação para a redação desse livro. Não tenho certeza da ordem em que ocorreram, se contínuas ou simultâneas. O processo criativo é um mistério. Concebi toda a ideia num momento iluminado. Bem, na verdade, a história – ou melhor, o motivo – vaga por aí há milhares de anos: a jornada do herói através de adversidades mentais, materiais, ou ambas. E o tema *dessa* jornada estava esperando por mim ao longo de uns dois mil e quatrocentos anos.

Originalmente, quando tive a ideia anos antes, não pensei cuidadosamente sobre os paralelos entre dez mil mercenários gregos apoiando uma disputa pela sucessão do trono, ou um golpe (até mesmo uma revolução) e um possível "exército" de marginais sociais do nosso tempo. Nunca pensei, à época, de me perguntar por que a ideia parecia tão certa. Aprendi o valor de certas, como devo chamá-las?, inspirações imediatas e "desmotivadas", que parecem surgir de lugar nenhum. Mas, em certo ponto, talvez naquele mesmo momento, talvez mais tarde, comecei a ponderar se a comparação funcionava "naturalmente" ou se eu a estava forçando.

O escritor deve saber quando algo – a escolha de uma imagem, um modelo, a composição de uma metáfora – funciona. Mas, para justificar uma ideia repentina e perfeita – seja na ciência, matemática ou literatura – você dá um passo atrás e constrói um caminho mental que, originalmente, levou à iluminação que saiu do nada (em outras palavras, primeiro o efeito, que parece surgir do nada, e, então, a causa). Logo, a questão para mim, anos mais tarde, quando estava "relembrando na tranquilidade", tornou-se: O que eu vi, naquele momento específico, na noção de gangues de rua dos anos 1950 que era, de alguma maneira, similar ao destino daqueles dez mil soldados gregos antigos na narrativa de Xenofonte? Não sei.

Curiosamente, em nosso tempo pós-moderno, pós-estrutural, ou qualquer coisa assim, quando a singularidade, a absoluta e intraduzível particularidade de cada

cultura é enfatizada, notei que as pessoas – contadores de histórias, poetas, escritores, propagadores de todo o tipo – em *cada* cultura, dos mais primitivos aos mais sofisticados, não importa quão diversa seja a cultura, utilizam-se de artes retóricas. Isso significa que os sistemas de significados, os precursores, os sucessores, comparativos (quem usa comparação entre imagens, modelos e metáforas) e os apoiadores (símbolos, emblemas, sinédoques etc.) podem variar entre culturas, mas todas as culturas empregam as mesmas metodologias conforme tentam representar os ambientes externos e internos. Chame isso de Síndrome do Glossário, pois a coisa-em-si, a coisa, a experiência, o cheiro etc. é indescritível, logo, comparativos empilham-se sobre outros comparativos.

Se esses modos de representação e comparação acontecem em todos os lugares (e por todo o tempo), estamos diante de algo biológico? Acredito que receptores bioquímico-elétricos processam impulsos (traduzidos em necessidade, em nossas mentes) que recebemos do exterior *e* do interior. É assim que decodificamos... não, *que somos feitos* para decodificar o ambiente. Esses impulsos motivam todas as pessoas. Um indivíduo lê o meio a sua volta direta, ou indiretamente (em termos de geografia e tempo), usando uma série de instrumentos estéticos (como, por exemplo, os escritos, e relíquias antigas, para outros) como se coisas e forças fossem muito próximas. Afinal de contas, como os humanos, que passam a maior parte da vida distante do contato direto com o ambiente informativo, tentam se comunicar ou descrever qualquer “coisa por ela mesma”, um evento ou uma sensação, ou sentimento – por exemplo, um cheiro ou dor –, ou falar sobre qualquer coisa sem utilizar os termos de outra pessoa, uma comparação com outro evento, palavra, coisa, sensação, sentimento ou sinal (ou a construção alheia de sinais)?

Mas há níveis de sensibilidade na consciência humana. Enquanto muitas pessoas aceitam o mundo como ele é, alguns escritores, poetas e provocadores linguísticos veem certas relações entre as pessoas, coisas, eventos e sinais para pessoas, coisas e/ou eventos de um modo especial, um modo que outros não podem, ou ainda não viram.

Quando vi a relevância entre os dois “textos” diferentes, gangues de rua contra os garotos-mercenários de *Anábase*, de duas épocas diferentes, em duas

“linguagens” diferentes oriundas de duas culturas diferentes, acho que vi algo que ninguém havia visto. Não era algo natural. Então, até certo ponto, precisei forçar a conexão. Era uma questão de escolha do terreno meditativo, o terreno da tradução. Fundamentalmente, há dois tipos de terreno meditativo; e *inter*cultural (claro que há muitos outros níveis interativos). “Textos” *inter*culturais devem, de acordo com os pós-modernistas, ser exclusivos, intraduzíveis e inviolados (o que não impede que as pessoas continuem os traduzindo e violando). Mas ao forçar itens incomensuráveis (referenciando-se e indexando) no terreno meditativo de sua escolha (influenciado pelo contexto da cultura recebida), o artista (ou, talvez, o “cientista” social e psicológico) coloniza e conquista todos os “textos”. Imperialismo intelectual? Mais ou menos. E, afinal de contas, o escritor não é uma espécie de espião?

Em retrospecto, acredito que o terreno meditativo imediato na minha cabeça, quando misturei gangues de briga com *Anábase*, foi a publicação daquela série de história em quadrinhos, *Classic Comics*. (A própria publicação desse periódico constituía um ato de expropriação.) Esse periódico apresentava grandes trabalhos da literatura, como a *Ilíada* ou as aventuras dos Argonautas (mas nunca *Anábase*, que era muito exotérico, mas teria rendido uma grande história em quadrinhos). De algum modo, na minha imaginação, a *Classic Comics* – possivelmente o único material que membros das gangues poderiam ter lido – poderia ter apresentado os guerreiros gregos como figuras heroicas com as quais eles poderiam ter se identificado.

Para fazer o paralelo se encaixar, inventei um líder de gangue – Ismael Rivera (referência ao rebelde e jovem herói crítico americano de *Moby Dick*, mas indo um pouco além) – que vislumbrou a organização de todas as gangues de Nova York em um gigantesco exército semirrevolucionário. Claro, não “inventei” nada. Havia, de fato, vários líderes de gangues que não somente tinham aquela visão, como também, como alguns chamavam, era gênios organizacionais “nativos”; eles eram teóricos “instintivos”. Meu “herói” replicava o “Ciro” da história de Xenofonte. Ele enviaria emissários a todos os cantos da cidade, convocando delegados de todas as gangues da cidade para uma reunião gigantesca e revolucionária.

Optei por contar a maior parte da história pela perspectiva de uma gangue incialmente pequena e insignificante, e pelo ponto de vista de um dos seus membros, Hinton (ele fora inventado previamente para um conto curto). Essa gangue faria a travessia dos conjuntos habitacionais em Coney Island para a arena da reunião no Bronx (parque Van Courtlandt, ou podemos chamar de Babilônia) e depois voltar. Depois que toda a empreitada foi desbaratada pela polícia, os representantes buscaram refúgio no cemitério de Woodlawn (onde, à propósito, Melville foi enterrado) e, então, assim como os dez mil gregos, teriam que abrir o caminho à força através de território hostil dominado por outras gangues até voltar para casa. A fuga do cemitério é, claro, um tipo de ressurreição. Como os gregos, eles finalmente chegariam ao "Mar Negro", que, nesse caso, era o Oceano Atlântico, na costa de Coney Island. De qualquer forma, o mar, assim como a última posição do herói, encolhido com o dedo na boca, é um "retorno" ao ventre, depois de adquirir muito conhecimento e, perante a luz brilhando no mar, ele, de fato, voltou à cova.

Desde que terminei de escrever *Fertig*, estava determinado a construir uma verdadeira reflexão (!) sobre o mundo real pelo qual minhas gangues literárias marchariam, o mundo da cidade de Nova York, como realmente é, com suas ruas e metrôs. Conseguiriam cumprir a missão, conseguiriam realizar a reunião sem serem descobertos? Decidi que deveria cruzar aquelas distâncias, de fato, pelos metrôs, para cronometrar a jornada (o que incluiu uma caminhada pelo túnel entre a 96th Street, no lado oeste, até a parada seguinte, a 110th Street: assustador).

E, ainda assim, como queria envolver a trama em mitos e rituais, para transformar a jornada num rito de passagem, pensei em termos de jornadas similares (antropológicas e literárias). Entretanto, mesmo pensando em instrumentos retóricos, paralelos, referências literárias, estava determinado a enterrá-los de uma maneira que funcionaria subliminarmente nas mentes do leitor letrado. Se perdesse as referências, no mínimo, assim eu esperava, você teria uma boa história.

Com a ajuda de vários amigos que trabalhavam como oficiais de condicional, contatei alguns membros de gangues e comecei a entrevistá-los. Minhas

entrevistas não funcionaram bem. Comecei a sentir que estava ouvindo o que um membro de gangue achava que eu deveria ouvir; um fenômeno comum enfrentado por antropólogos e assistentes sociais. Precisava encontrar um modo de observá-los sem ser observado; ou seja, espionar. (Como disse antes, todos os sociólogos e antropólogos são espiões.) Minha solução foi alugar um pequeno furgão velho, fazer uns furos nos lados, estacionar no território das gangues bem cedinho, entrar nele, e apenas observar e escutar. Estava tentando capturar o jargão, os ritmos de discurso, o tipo de inglês (ou seria *ganglish*?) e assim por diante, se pudesse. (Estava até mesmo tentando colocar em prática o que Keats chamava de capacidade negativa, o bem-conhecido e onipresente princípio da incerteza de Heisenberg era sempre útil; indeterminação fazia parte da mente de todo mundo, incluindo a minha.)

As gangues (do período em que escrevi) eram muito diferentes das gangues atuais. Especialmente por uma coisa: eles não tinham acesso a automóveis. E também pelo pequeno número de armas disponíveis. As gangues eram limitadas pela área de influência e muito ignorantes sobre a cidade à sua volta; aliás, tinham medo de territórios desconhecidos. Contatos, alianças, conflitos e permissões para viajar através de terras estrangeiras sob o comando de outras gangues acontecia por meio dos líderes. Eles faziam a diplomacia entre as gangues, repleta de linguagem rudimentar, mas, em seu formato, exatamente como a diplomacia conduzida por nações. É fascinante ver essas convenções sociais surgirem entre as camadas “mais baixas” e “ignorantes”; nenhum deles lia Kissinger... e, mesmo assim, tinham o mesmo entendimento sofisticado.

Economicamente, as gangues daquele período eram totalmente marginais. Quase não tinham nenhuma participação no crime organizado. A simples necessidade da formação da gangue era fruto de sua irrelevância. Essa situação mudou imensamente, abastecida pelo tráfico de drogas, que coloca organizações locais em contato com a economia global, exigindo novos, e mais sofisticados, modos de compreensão e operação. E, como em todos os conflitos comerciais pelo controle de mercados, desde tempos imemoriais, disputas exigiam armamento pesado, que, agora, é acessado com facilidade.

Li sobre a vaga história das gangues (afinal de contas, elas não deixam registros); elas eram um fenômeno universal; até mesmo a Atenas antiga tinha gangues juvenis. Gangues surgiam a partir do chamado corpo principal da sociedade. Parece algo natural para mim, até mesmo bioevolutivo, mesmo nos dias de hoje, como um protesto consciente, ou inconsciente, contra a homogeneização da globalização. A estrutura das gangues de rua tendia a ser similar a uma ditadura da América Latina, nas quais o pragmatismo e a formalidade eram derretidos num amálgama militar, tribal e familiar... uma espécie de organismo. Muitas gangues rejeitavam as próprias famílias e criavam novas versões. Já que as leis da sociedade não se aplicavam às ruas, a liderança era determinada por força e/ou arrojo; o reinado de qualquer líder era sempre inseguro. E, mesmo assim, as manobras e lutas dessas lideranças eram similares aos conflitos pelo controle em nível nacional ou internacional. Se olharmos de perto para qualquer estrutura de governo, desde a chamada democrática – assim como no nosso país – às chamadas totalitárias, vemos um constante combate mutuamente destrutivo, especialmente quando se refere às batalhas burocráticas. Afinal de contas, quantos caminhos existem até o poder? Assim como era, e é, com governos “legítimos”, assim era, e é, com as gangues. Violência era o árbitro final.

Decidi usar minha própria variação dessa estrutura tripartidária no meu livro. Adicionei algo que, num primeiro momento, parecia alienígena. Estava lendo um romance clássico chinês, *At Water Margin* (curiosamente, um dos livros favoritos de Mao, embora não soubesse disso à época). O romance conta a história de um bando de heróis, alguns deles sendo criminosos, outros revolucionários. Eles uniram forças para derrubar o imperador. O que despertou meu interesse nesse livro foi a combinação de linguagem ritual, o uso de títulos excessivamente educados (esse segundo irmão indigno honra seu irmão mais velho, ou tio etc.), assim como a violência horrorosa com a qual tratavam uns aos outros. Fiz minha gangue fictícia usar esse código familiar de tratamento.

Quando juntei meu material, precisava decidir a estrutura. Em princípio, armei a história cronologicamente. Então, notei que não funcionava. Recomecei então com suspense e confusão em mente... um gancho, de certa forma. Depois da

grande reunião – embora o leitor ainda não saiba disso – ser desbaratada pela polícia, nossa gangue em questão fugiu. Em nosso primeiro encontro, eles estão escondidos no cemitério de Woodlawn. Fazemos um flashback ao começo e aos eventos que levaram àquele momento pouco antes de os conhecermos... e, então, vamos em frente. Minha escolha de ordem foi baseada na bem conhecida, e antiga, estratégia: *in media res.* Na verdade, cada história do mundo começa dessa maneira, incluindo o folclore do Big Bang cósmico que aparentemente iniciou o universo. Algo sempre vem antes. E, em algum ponto de qualquer história, o que vem antes é subentendido pela audiência, ou precisa ser explicado. Devo dizer, aproveitando o momento, que não há problema com o uso de flashbacks na literatura, mas ele causa problemas nos filmes.

A reunião em si foi moldada como o grande conselho, liderado por Lúcifer, todo o pandemônio – todos os demônios – em *Paraíso Perdido*, que tratava de outra revolta fracassada (as gangues no meu livro receberam nomes do épico de Milton... Tronos, Dominadores etc.). Estava ligando Ismael Rivera a Lúcifer, que também fez o discurso na escuridão do inferno. O que tentei implicar – no subtexto, digo – era que minha gangue, depois que a revolta contra a ordem "divina" das coisas, caiu ao mais profundo dos abismos e precisava "ascender" até a terra natal (pense na *Divina Comédia* ou em *Germinal*, de Zola). Isso refletia o mito/ritual tradicional da descida ao inferno e a ascensão a algum tipo de paraíso, que, no fim das contas, era miserável.

No planejamento, utilizei uma ferramenta de gerenciamento corporativa chamada PERT... Program Evaluation and Review Technique [Programa de Avaliação e Técnica de Revisão]. Montar um negócio ou uma história requer o mesmo tipo de planejamento. Fiz uma grade. No topo da grade, em cada caixa, coloquei o tempo e o trecho da trama. No lado da grade, coloquei várias coisas, que serviriam como metáforas recorrentes e ampliadas. Acompanhei o progresso dessas coisas durante uma longa noite... coisas como a desintegração gradual de um sapato, a mudança do clima e assim por diante. Essas coisas também refletiam no estado psíquico dos personagens, conforme enfrentavam a "longa marcha" do Bronx até Coney Island.

Agora, embora essa metodologia pareça bem mecânica, muito, como devo dizer, anticriativa (ou inspiradora), ao mesmo tempo, acredito que o terreno precise ser preparado com cuidado para sempre se estar pronto para encontros com o inesperado que só são revelados conforme a escrita avança... bem próximo a um atleta preparado para contingências que sempre são parte da sua vida, assim como um escritor que não é muito rígido, no ato da escrita. Muitas vezes perguntei a mim mesmo “Ah, como ele, ou ela, se parece?”.

Uma vez que tudo começou como uma tentativa de revolução, escolhi o mais patriótico dos dias, 4 de julho. Talvez essa escolha de revolução e data reflita minha relação com esse país, onde nasci... uma hostilidade fundamental que vai além da política, e também é parte da minha psicologia. (Ainda assim, no período da escrita, ainda não era politicamente consciente, pois, em 1939, quando o pacto entre Hitler e Stalin foi assinado, tornei-me apolítico... até o final dos anos 1960. Meu envolvimento *consciente* com política ressurgiu *depois* de escrever *The Warriors*.)

Fertig ainda estava circulando e sendo rejeitado enquanto eu escrevia meu segundo livro. Porém, sem que soubesse, havia editores que estavam em editoras diferentes naquele momento, que leram e gostaram, mas não tinham tido a coragem de publicá-lo anteriormente. Conforme mudaram de empregos, encontraram-se na Holt, Rinehart e Winston, numa espécie de massa crítica. Eles leram *The Warriors* e concordaram em publicá-lo. Deveria trabalhar com um deles, que estava entusiasmado com o livro. Não fiquei alarmado quando meu editor disse que acreditava na necessidade de algumas mudanças editoriais. Entretanto, quando recebi o manuscrito de volta, havia, no mínimo, entre cinco e dez mudanças por página. Era o mesmo livro de que o editor havia gostado tanto? A luta começou.

Considere meu estado mental. Estava submetendo trabalhos havia anos; recebi elogios por ele, mas nenhum editor o acolheu. Se resistisse às mudanças, estaria colocando a publicação em risco? E, mesmo assim, lutei página por página, até mesmo incluindo o número de vezes que a palavra “foda” ocorreu. (O processo de edição aconteceu entre 1963-64, antes da grande revolução linguística, sexual

e política dos anos 1960. *Last Exit to Brooklin* chocou; editoras censuraram o processo editorial.)[2]

SPOILER ALERT

O parágrafo a seguir revela trechos do enredo

Além disso, tivemos uma grande briga sobre o último capítulo do livro. Meu protagonista, Hinton, volta para casa depois de uma noite de aventura e terror. Conforme ele anda pelo apartamento, passa pela cama onde seu meio-irmão está dormindo com uma de suas meias-irmãs (de três pais diferentes); a descrição era bem casual... quase como se fosse apenas uma menção; sem problemas. Meu editor ultrajado perguntou como eu poderia violar um tabu tão grande, comum a todas as sociedades, ah, o cada vez pior, ato de incesto (ele esqueceu, claro, do Egito e até mesmo de Corinto – uma pausa: Édipo era "de" Corinto – e outras culturas)? Pontuei que, para começo de conversa, o casal estava dormindo junto, não trepando. O espaço era limitado. Mas, além disso, incesto era, na minha experiência, nada incomum entre meus clientes. (Essa era uma premissa elitista, a meu ver. Estava errado. Incesto também é comum entre famílias de classe média, sem entrar no mérito das famílias ricas.) Recusei-me a mudar. Meu editor continuava dizendo "Bem, Sol, se você quer arruinar seu livro...". Muito assustador. Persisti. Até certo ponto, o editor prevaleceu; um "foda" foi cortado. O livro continuou como eu o havia apresentado.

Meu editor teve uma função útil, até vital, diria: ele escolheu a citação introdutória, da obra de Xenofonte. À época, eu não conseguia entender a importância dessas citações para a construção da reputação do livro. Sem elas, como alguém saberia dos paralelos clássicos? (Se ninguém soubesse do paralelo entre *Ulysses* e a *Odisseia*, ele teria ido parar nas listas de leitura da faculdade?)

Mesmo com uma tiragem inicial pequena, surpreendentemente, *The Warriors* atraiu atenção nacional. E o que mais surpreendeu foi muitas pessoas decidirem resenhar o que parecia ser apenas mais um livro sobre “delinquentes juvenis”. A resenha no *The Nation* era favorável. O crítico levantou um problema importante; ele considerou a analogia com *Anábase*, talvez, um pouco forçada, mesmo desrespeitosa a um dos clássicos gregos. Afinal de contas, estava falando da civilização grega. Bem, pelo menos, o avaliador não havia apenas ouvido falar de *Anábase*, mas havia, de fato, lido a obra. O que, pensei, eram aqueles mercenários (garotos, na verdade), se não o resultado da superpopulação do país (isso foi antes da ampliação da Guerra do Vietnã), que não encontrava uso para a população jovem e carente? E, acima de tudo, os gregos eram realmente tão nobres assim?

Determinei que meu próximo romance (na verdade, o anterior, *Fertig*) seria enviado a outra editora. Mais tarde, descobri que um acionista importante da Holt ficou tão indignado com o conteúdo do livro que queria retirá-lo de circulação.

The Warriors foi comprado, e publicado, na Inglaterra e, para minha surpresa, no Japão que, claro, não tinha esses tipos de problemas... ou assim eu pensei.

Um período de hiato começou novamente. Com minha reputação estabelecida e reforçada pela publicação de *Fertig*, achei que fosse o fim da linha para *The Warriors*. O que eu não sabia era que vários produtores de cinema estavam considerando transformar o livro em filme, entre eles, Otto Preminger. Conheci outro produtor que estava interessado no livro. Mas a única coisa que o incomodou foi que ele – um homem em tratamento com um psicanalista – era incapaz de entender a psicologia dos garotos. Não contei a ele que também não os compreendia.

Dez anos se passaram; escrevi outros livros. Então, entre 1976 e 1977, não lembro exatamente – recebi uma oferta de um cineasta pequeno e independente, para fazer um filme baseado em *The Warriors*. Ele disse que sempre adorou o livro e queria adaptá-lo há muito tempo. Disse que poderia usar quase exatamente o que estava escrito. Fiquei empolgado. Entretanto, no último minuto, na verdade, no dia anterior à assinatura do contrato, meu agente recebeu

uma oferta pelos direitos do romance por um produtor de Hollywood. Concordei com a oferta mais lucrativa. Conseguiria mais dinheiro e, mais importante, talvez meu livro fosse republicado.

O que eu não sabia era que, à época, um tipo de loucura coletiva havia tomado o controle de Hollywood; uma série de filmes de gangues estava em produção ao mesmo tempo, por estúdios diferentes. Aliás, o primeiro a chegar às telas seria *The Warriors*.

Depois da assinatura, meses se passaram; não recebi nenhuma notícia. Então, num dia de primavera, li no jornal que Lawrence Gordon e Walter Hill estavam em Nova York para começar as filmagens. O artigo do jornal mencionou o nome do hotel onde Gordon estava hospedado. Eu queria ver parte da filmagem. Por impulso, telefonei para o hotel e pedi para me transferirem para o quarto de Gordon. Apresentei-me, dizendo meu nome. Ele ficou confuso; não sabia quem eu era. Disse a ele que era o autor de *The Warriors*. Imediatamente, para minha surpresa, Gordon entrou em algo que parecia um surto enlatado contra o autor ultrajado que acha que seu trabalho sagrado está prestes a ser dilacerado. Ainda pior, o autor podia pedir para participar da produção do filme. Gordon disse que esse seria um filme de ação, uma história de aventura, e que o filme era diferente do livro. O que esse surtinho refletiu foi o conflito tradicional entre autores de um lado e atores, diretores, produtores e estúdios do outro.

E eu já sabia de tudo isso. Sabia como a indústria funcionava. Tentei interromper várias vezes, para dizer que só queria ver as filmagens. Finalmente, Gordon me disse onde a gravação do dia seguinte aconteceria... no parque Riverside, de noite. A cena a ser filmada era a grande reunião das gangues.

Quando cheguei à locação, naquela noite, haviam centenas de jovens garotos e garotas. Fiquei embasbacado, era a minha imaginação sendo concretizada, industrializada e povoada com gente de verdade.

Apresentei-me a Walter Hill. Imediatamente, ele começou o mesmo discurso que ouvi de Gordon na noite anterior. Novamente, tentei lidar com essa ansiedade espalhada por toda a indústria, e continuei tentando interrompê-lo. Quando alinhamos as coisas, Hill me disse onde poderia ficar e assistir. O que vi foram os momentos nos quais o líder tentava unificar as gangues (Ismael Rivera

no meu livro, Ciro no filme... alguém havia feito o dever de casa sobre xenofobia). Ele fez o discurso. A polícia invadiu a reunião grandiosa e revolucionária. O ator era horrível e o diálogo foi péssimo; Hill não tinha ideia de como os garotos das ruas realmente falavam.

Fiquei fascinado pela diferença entre o que tentei fazer com o livro e o modo como o filme tentou lidar com o problema da grande assembleia de representantes das gangues. No livro, tentei lidar com a tecnologia de um único homem tentando alcançar centenas de pessoas num espaço amplo e aberto. No livro, a mensagem é dita normalmente e retransmitida de gangue em gangue. Conforme é repassada, a mensagem é gradualmente alterada (pense na brincadeira do telefone sem fio). No filme, o problema foi resolvido com um grande discurso, no qual todos podiam ouvir o porta-voz claramente.

Meses se passaram; e, claro, não recebi notícia alguma da produção nem de ninguém associado ao filme. Tudo que podia fazer era esperar para ser informado sobre a estreia. Um amigo na indústria disse que houve uma pré-estreia em São Francisco e o filme não foi bem recebido. Talvez, nem chegasse aos cinemas.

Então, seis meses depois, de repente, comecei a ver pôsteres nas estações de metrô. Vi comerciais na televisão. Mas ninguém pensou em falar comigo diretamente sobre a estreia.

A Paramount estava distribuindo o filme; decidi telefonar para o departamento de assessoria de imprensa. Apresentei-me, disse que era o autor do livro. Perguntaram se eu gostaria de ir à première. Novamente, ninguém se deu ao trabalho de me avisar que haveria uma. Recebi ingressos para três pessoas: eu, minha esposa e minha filha.

A première aconteceu num dos grandes cinemas de Times Square (isso foi antes daqueles cinemas serem fatiados em salas menores). Quando cheguei, vi Walter Hill no saguão; ele tremia. Seu último filme havia sido um fracasso; sua reputação dependia desse filme.

Procurei pelo meu romance na tela. Encontrei apenas seu esqueleto intacto. O conteúdo revolucionário estava ausente; nada de Quatro de Julho. Os primeiros três minutos – a mobilização das gangues de briga numa revolta armada –

mostrou a compressão cinematográfica em sua melhor forma; quase perfeito. “Quase perfeito?” Não totalmente. Para mim, o momento mais emocionante aconteceu quando meu nome, como autor do livro no qual o filme foi baseado, apareceu subindo do túnel do metrô, enchendo a tela.

No filme, os guerreiros formavam uma mescla racial; quase uma impossibilidade. Todos os meus guerreiros eram negros. O herói da história do filme era branco (tenho que admitir que duvidava que o filme seria tão popular – em 1979, a data de estreia – se o protagonista fosse negro). As promessas finais de felicidade em potencial... se o protagonista e a mulher, que poderia se tornar sua namorada, mudassem de vida. O filme, cuja ação era mais coreografada que real, era muito menos violento que meu romance; o assassinato aleatório, quase casual, de um pedestre e o estupro da gangue foram cortados (bem, como você poderia se relacionar com uma gangue que fizesse essas coisas?). No geral, pensei que o filme fosse *trash*, embora filmado belissimamente.

Percebi uma coisa que me confundiu um pouco: um xerife aparece por alguns quadros. Há uma cena no livro na qual o herói, Hinton, em sua fuga do Bronx até o Brooklyn, vagueia por um fliperama (há muito demolido) na estação de metrô da 42nd Street. Lá, ele encontra um tipo de xerife autômato. Por 25 centavos, você poderia disputar um duelo com ele. Com uma voz pré-gravada, o xerife lhe diria para cair fora da cidade ou o mataria. No livro, Hinton encara o xerife. No filme, você vê o xerife se mexendo, mas nada acontece. A aparição foi curiosa. Walter Hill havia, obviamente, filmado minha cena, mas cortou quase tudo dela. Também fiquei irritado pelo fato de as estações de metrô onde Hill filmou a ação estarem fora de ordem ou serem simplesmente descartadas. Reclamação pequena.

Como eu estava gemendo durante a exibição, minha filha, Suzanna, que tinha 14 anos à época, me garantiu que os garotos adorariam, e ela estava certa. O filme certamente me deixou famoso na vizinhança.

Quando estava prestes a deixar o cinema, um dos assessores da Paramount me levou para conhecer um crítico de uma televisão estatal, acho; nem consigo lembrar o nome dele. Ele não se importou com o filme. Ele disse, porém, que havia ouvido dizer que *The Warriors* era baseado num clássico grego; talvez

Odisseia? (Como ele saberia disso? O filme não indicou nenhum paralelo. A assessoria de imprensa teria mencionado no material promocional?) Mencionei a fonte, *Anábase*, que ele não conhecia. Rapidamente, contei a ele sobre a história de uma revolução-usurpação fracassada. Conforme falava, pude ver sua atitude mudando. Claramente, agora que o crítico tinha acesso a um grande paralelo clássico – que elevava essa história contemporânea e sórdida – ele poderia escrever uma crítica positiva.

Voltei para casa, desapontado. No dia seguinte, dia da estreia, fui convidado pela assessoria de imprensa da Paramount. Havia um grupo de jornalistas lá. Um deles perguntou minha opinião sobre o filme. Não gostei, mas não queria dizer isso. Logo, disse que achei "interessante". Imediatamente fui puxado de lado pelos assessores, que me disseram que a palavra "interessante" era o beijo da morte. Tentei não falar com mais ninguém.

Nesse meio tempo, os atores eram entrevistados. Detectei algo como uma tendência geral. Todos negavam que o filme fosse sobre violência gratuita. Em vez disso, todos diziam, que era um filme sobre família.

Várias coisas aconteceram depois. Primeiro, um amigo foi assistir ao filme e me telefonou para dizer que não apenas aquela sessão estava esgotada, mas também a seguinte; a fila dava voltas no quarteirão. Também ouvi dizer que, na noite de estreia geral, um cinema qualquer no Kansas esgotou diversas sessões em meio a uma nevasca. O filme tiraria *Star Wars* do topo das bilheterias.

Recebi um telefonema de Pauline Kael; ela também ouviu dizer que o filme e meu livro haviam sido baseados num clássico; talvez, novamente, Homero? Mencionei *Anábase*. Ela queria saber se meu livro foi inspirado em *Anabase*, do poeta francês St. John Perse? Disse a ela que, embora tivesse lido o poema (na verdade, algumas linhas, e em inglês, não em francês) – tirei um pouco de vantagem –, expliquei qual era a verdadeira "fonte" da minha trama, contando a história toda. E, conforme contava tudo a ela, podia sentir a empolgação crescer; pelo menos, um gancho para intelectuais poderem se interessar por sua resenha na *New Yorker*. Não foi apenas uma resenha lustrosa, mas ela se deu ao trabalho de ler meu livro e mencioná-lo, com brilho. Mais tarde, a Paramount comprou

um anúncio de página inteira no *New York Times* com a resenha completa da *New Yorker*, dando ao livro um aval de peso.

Mas, fora do nível profissional-intelectual, o filme havia capturado a imaginação da garotada, incluindo muitos membros de gangues, de um modo diferente. Muitos jovens, agora com seus 30 ou 40 anos de idade, disseram-me que assistir ao filme (de novo, de novo e de novo) foi um momento definitivo em suas jovens vidas.

E, então, fiquei sabendo que brigas aconteceram entre garotos que esperavam para ver o filme. Alguém, em Los Angeles, eu acho, foi baleado e morreu. E havia outros atos "alarmantes" de violência. Meu telefone começou a tocar (e continuaria pelas duas semanas seguintes... dia e noite); repórteres ligavam para saber se o criador da ideia original, o *demiurgo*, se sentia culpado pela morte e a violência. Claro que neguei isso. Não fiz o filme.

Devo admitir que, em segredo, senti – algo que nunca expressaria em público – que a violência e a controvérsia em torno do filme ajudariam a vendê-lo, logo, gerando demanda para uma reimpressão do meu livro, o que, de fato, aconteceu. O livro não foi apenas republicado nos Estados Unidos, Inglaterra e Japão (com uma nova tradução), mas também na França (onde quase foi banido), Alemanha, Espanha, Itália (publicado por três editoras diferentes; mais tarde, descobri que muitos jovens italianos sentiam que, por causa do filme, eles agora entendiam os Estados Unidos perfeitamente) e Portugal.

Em termos de mídia, esses eventos ajudaram na criação de um clima alarmista. Havia relatórios de que muitas gangues haviam começado a copiar o estilo dos guerreiros. Pichações com o nome dos guerreiros começaram a aparecer (claro que algumas delas haviam sido pintadas com spray pelo próprio pessoal do estúdio). Alguns cinemas recusaram-se a exibir o filme, assim como outros títulos de gangues que também foram lançados.

Sem que eu soubesse, a Paramount telefonou para vários cientistas comportamentais para ver como eles poderiam reduzir o impacto daquelas imagens consideradas instigadoras de violência. Mas, de fato, quais eram? Como trabalhariam na mente "suscetível" dos espectadores? Embora seja verdade que comerciais, por exemplo, tentavam manipular as mentes das pessoas, nem

sempre era possível escolher uma imagem, ou um grupo delas, no contexto da história de um filme que levaria ao ato de violência. Outros filmes sobre gangues não fizeram aquilo. Por outro lado, a influência de *O Poderoso Chefão* em certos aspectos da verdadeira máfia é lendário. Mas apenas depois do fato que os psicólogos sociais puderam "determinar" o que afetou tantos jovens.

Era claro que nada poderia ser cortado do filme; já estava condensado demais para perder alguma coisa. Decidiu-se por interromper toda a publicidade. Parecia que o filme havia desaparecido das telas, embora ainda estivesse sendo exibidos em todo o país. Claro, o público diminuiu.

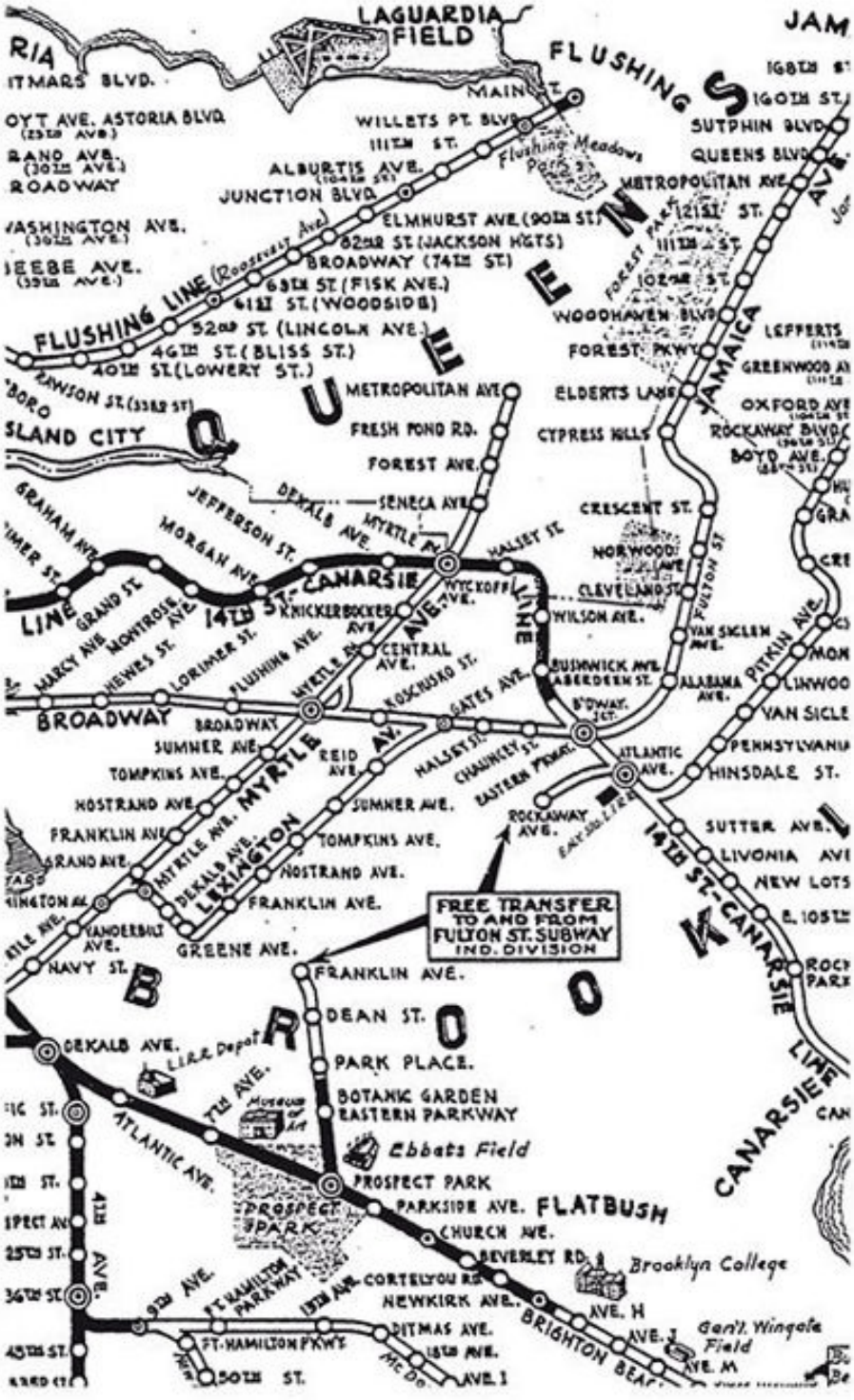
O que me impressiona é a durabilidade do filme. Foi lançado há 36 anos. Existe um website na internet dedicado a ele. Novos membros cadastram-se o tempo todo. Tornou-se, como acontece quando a mídia não consegue compreender as razões do desenvolvimento de um fenômeno social, um filme "cult". Certamente, ele fez o nome de Walter Hill. Devo admitir que não entendi, e ainda não entendo, o fenômeno. Não há um filme feito nos Estados Unidos que eu consideraria ver cinco vezes, assim como muitos que amaram a versão cinematográfica de *The Warriors* o assistiram.

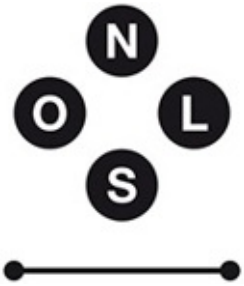
The Warriors não é o melhor de meus livros. Estava fora de circulação e é mais ou menos desconhecido para os apaixonados pelo filme. Ainda assim, sem o livro, o filme não existiria. Considero isso bem divertido.

Sumário

Capa
Mídias sociais
Folha de rosto
Dedicatória
Ferréz
MRG
Prefácio
Sumário
4 de julho, 23h10
4 de julho, entre 15h e 16h30
4 de julho, entre 19h e 22h30
4 de julho, entre 22h30 e 22h50
4 de julho, entre 22h45 e 23h10
4 de julho, entre 23h10 e 23h45
4 / 5 de julho, entre 23h40 e 0h45
5 de julho, entre 0h45 e 1h30
5 de julho, entre 1h30 e 2h30
5 de julho, entre 2h30 e 3h
5 de julho, entre 3h e 3h10

5 de julho, entre 3h10 e 3h35
5 de julho, entre 3h10 e 3h35
5 de julho, entre 3h10 e 3h35
5 de julho, entre 3h45 e 4h30
5 de julho, entre 4h30 e 5h20
5 de julho, entre 5h20 e 6h
Créditos


LAGUARDIA FIELD
FLUSHING LINE
MAIN ST.
WILLETS PT. BLVD.
111TH ST.
ALBURTIS AVE.
JUNCTION BLVD.
ELMHURST AVE. (90TH ST.)
82ND ST. (JACKSON HGTS.)
BROADWAY (74TH ST.)
69TH ST. (FISK AVE.)
61ST ST. (WOODSIDE)
52ND ST. (LINCOLN AVE.)
46TH ST. (BLISS ST.)
40TH ST. (LOWERY ST.)
Flushing Meadows Park
METROPOLITAN AVE.
FRESH POND RD.
FOREST AVE.
SENECA AVE.
DEKALB AVE.
MYRTLE AV.
HALSEY ST.
WYCKOFF AVE.
KNICKERBOCKER AVE.
CENTRAL AVE.
KOSCIUSKO ST.
GATES AVE.
BROADWAY
SUMNER AVE.
TOMPKINS AVE.
REID AVE.
NOSTRAND AVE.
FRANKLIN AVE.
GREENE AVE.
CLIFTON PL.
CLASSON AVE.
VANDERBILT AVE.
NAVY ST.
MYRTLE AV. LEXINGTON
DEKALB AVE.
MYRTLE AVE.
CANARSIE - 14TH ST. LINE
JEFFERSON ST.
MORGAN AVE.
GRAHAM AVE.
GRAND ST.
MONTROSE AVE.
HEWES ST.
LORIMER ST.
MARCY AVE.
FLUSHING AVE.
CANARSIE LINE
FULTON ST.
CRESCENT ST.
NORWOOD AVE.
CLEVELAND ST.
WILSON AVE.
BUSHWICK AVE. ABERDEEN ST.
B'WAY. JCT.
ATLANTIC AVE.
EASTERN PKWY.
CHAUNCEY ST.
ROCKAWAY AVE.
EAST NEW YORK
FREE TRANSFER TO AND FROM FULTON ST. SUBWAY IND. DIVISION
FRANKLIN AVE.
DEAN ST.
PARK PLACE
BOTANIC GARDEN
EASTERN PARKWAY
Ebbets Field
PROSPECT PARK
PROSPECT PARK
PARKSIDE AVE.
FLATBUSH
CHURCH AVE.
BEVERLEY RD.
Brooklyn College
CORTELYOU RD.
NEWKIRK AVE.
AVE. H
AVE. J
Gen'l. Wingate Field
AVE. M
BRIGHTON BEACH
FT. HAMILTON PKWY.
DITMAS AVE.
18TH AVE.
AVE. I
50TH ST.
McDonald
9TH AVE.
FT. HAMILTON PARKWAY
13TH AVE.
ATLANTIC AVE.
7TH AVE.
Museum of Art
LIRR Depot
DEKALB AVE.
47TH AVE.
ELMHURST AVE. (Roosevelt Ave.)
JUNCTION BLVD.
ALBURTIS AVE.
111TH ST.
FLUSHING LINE
LAWSON ST. (33RD ST.)
SLAND CITY
METROPOLITAN AVE.
FOREST AVE.
DEKALB AVE.
SENECA AVE.
MYRTLE AV.
HALSEY ST.
WYCKOFF AVE.
KNICKERBOCKER AVE.
CENTRAL AVE.
KOSCIUSKO ST.
GATES AVE.
BROADWAY
SUMNER AVE.
TOMPKINS AVE.
REID AVE.
NOSTRAND AVE.
FRANKLIN AVE.
GREENE AVE.
NAVY ST.
MYRTLE AV. LEXINGTON
DEKALB AVE.
MYRTLE AVE.
CANARSIE - 14TH ST. LINE
JEFFERSON ST.
MORGAN AVE.
GRAHAM AVE.
GRAND ST.
MONTROSE AVE.
HEWES ST.
LORIMER ST.
MARCY AVE.
FLUSHING AVE.
CANARSIE LINE
FULTON ST.
CRESCENT ST.
NORWOOD AVE.
CLEVELAND ST.
WILSON AVE.
BUSHWICK AVE. ABERDEEN ST.
B'WAY. JCT.
ATLANTIC AVE.
EASTERN PKWY.
CHAUNCEY ST.
ROCKAWAY AVE.
EAST NEW YORK
FREE TRANSFER TO AND FROM FULTON ST. SUBWAY IND. DIVISION
FRANKLIN AVE.
DEAN ST.
PARK PLACE
BOTANIC GARDEN
EASTERN PARKWAY
Ebbets Field
PROSPECT PARK
PROSPECT PARK
PARKSIDE AVE.
FLATBUSH
CHURCH AVE.
BEVERLEY RD.
Brooklyn College
CORTELYOU RD.
NEWKIRK AVE.
AVE. H
AVE. J
Gen'l. Wingate Field
AVE. M
BRIGHTON BEACH
FT. HAMILTON PKWY.
DITMAS AVE.
18TH AVE.
AVE. I
50TH ST.
McDonald
9TH AVE.
FT. HAMILTON PARKWAY
13TH AVE.
ATLANTIC AVE.
7TH AVE.
Museum of Art
LIRR Depot
DEKALB AVE.
47TH AVE.
ELMHURST AVE. (Roosevelt Ave.)
JUNCTION BLVD.
ALBURTIS AVE.
111TH ST.
FLUSHING LINE
LAWSON ST. (33RD ST.)
SLAND CITY
METROPOLITAN AVE.
FRESH POND RD.
FOREST AVE.
DEKALB AVE.
SENECA AVE.
MYRTLE AV.
HALSEY ST.
WYCKOFF AVE.
KNICKERBOCKER AVE.
CENTRAL AVE.
KOSCIUSKO ST.
GATES AVE.
BROADWAY
SUMNER AVE.
TOMPKINS AVE.
REID AVE.
NOSTRAND AVE.
FRANKLIN AVE.
GREENE AVE.
NAVY ST.
MYRTLE AV. LEXINGTON
DEKALB AVE.
MYRTLE AVE.
CANARSIE - 14TH ST. LINE
JEFFERSON ST.
MORGAN AVE.
GRAHAM AVE.
GRAND ST.
MONTROSE AVE.
HEWES ST.
LORIMER ST.
MARCY AVE.
FLUSHING AVE.
CANARSIE LINE
FULTON ST.
CRESCENT ST.
NORWOOD AVE.
CLEVELAND ST.
WILSON AVE.
BUSHWICK AVE. ABERDEEN ST.
B'WAY. JCT.
ATLANTIC AVE.
EASTERN PKWY.
CHAUNCEY ST.
ROCKAWAY AVE.
EAST NEW YORK
FREE TRANSFER TO AND FROM FULTON ST. SUBWAY IND. DIVISION
FRANKLIN AVE.
DEAN ST.
PARK PLACE
BOTANIC GARDEN
EASTERN PARKWAY
Ebbets Field
PROSPECT PARK
PROSPECT PARK
PARKSIDE AVE.
FLATBUSH
CHURCH AVE.
BEVERLEY RD.
Brooklyn College
CORTELYOU RD.
NEWKIRK AVE.
AVE. H
AVE. J
Gen'l. Wingate Field
AVE. M
BRIGHTON BEACH
FT. HAMILTON PKWY.
DITMAS AVE.
18TH AVE.
AVE. I
50TH ST.
McDonald
9TH AVE.
FT. HAMILTON PARKWAY
13TH AVE.
ATLANTIC AVE.
7TH AVE.
Museum of Art
LIRR Depot
DEKALB AVE.
47TH AVE.
ELMHURST AVE. (Roosevelt Ave.)
JUNCTION BLVD.
ALBURTIS AVE.
111TH ST.
FLUSHING LINE
LAWSON ST. (33RD ST.)
SLAND CITY
METROPOLITAN AVE.
FRESH POND RD.
FOREST AVE.
DEKALB AVE.
SENECA AVE.
MYRTLE AV.
HALSEY ST.
WYCKOFF AVE.
KNICKERBOCKER AVE.
CENTRAL AVE.
KOSCIUSKO ST.
GATES AVE.
BROADWAY
SUMNER AVE.
TOMPKINS AVE.
REID AVE.
NOSTRAND AVE.
FRANKLIN AVE.
GREENE AVE.
NAVY ST.
MYRTLE AV. LEXINGTON
DEKALB AVE.
MYRTLE AVE.
CANARSIE - 14TH ST. LINE
JEFFERSON ST.
MORGAN AVE.
GRAHAM AVE.
GRAND ST.
MONTROSE AVE.
HEWES ST.
LORIMER ST.
MARCY AVE.
FLUSHING AVE.
CANARSIE LINE
FULTON ST.
CRESCENT ST.
NORWOOD AVE.
CLEVELAND ST.
WILSON AVE.
BUSHWICK AVE. ABERDEEN ST.
B'WAY. JCT.
ATLANTIC AVE.
EASTERN PKWY.
CHAUNCEY ST.
ROCKAWAY AVE.
EAST NEW YORK
FREE TRANSFER TO AND FROM FULTON ST. SUBWAY IND. DIVISION
FRANKLIN AVE.
DEAN ST.
PARK PLACE
BOTANIC GARDEN
EASTERN PARKWAY
Ebbets Field
PROSPECT PARK
PROSPECT PARK
PARKSIDE AVE.
FLATBUSH
CHURCH AVE.
BEVERLEY RD.
Brooklyn College
CORTELYOU RD.
NEWKIRK AVE.
AVE. H
AVE. J
Gen'l. Wingate Field
AVE. M
BRIGHTON BEACH
FT. HAMILTON PKWY.
DITMAS AVE.
18TH AVE.
AVE. I
50TH ST.
McDonald
9TH AVE.
FT. HAMILTON PARKWAY
13TH AVE.
ATLANTIC AVE.
7TH AVE.
Museum of Art
LIRR Depot
DEKALB AVE.
47TH AVE.



4 de julho, 23h10

Seis guerreiros protegiam-se à sombra de uma tumba. Eles estavam ofegantes depois de uma longa corrida. A luz brilhava acima deles; todos os espaços entre as lápides e jazigos estavam iluminados, mas as sombras eram profundas e densas. Querubins graciosos, de rostos arredondados e benevolentes, sorriam nas bordas da tumba. À distância, começando no sul e seguindo até o noroeste, uma formação sólida de nuvens realçadas pela luz da lua parecia uma cadeia de montanhas. O cemitério ficava numa colina. Abaixo deles, havia grupos de lápides, uma cerca com lanças de ferro, uma autoestrada, um rio brilhante e estreito, um longo gramado que subia o morro, uma faixa de apartamentos a menos de um quilômetro e, entre as casas, os trilhos elevados nos quais trens bem iluminados chacoalhavam festivamente.

Eles escutaram. Nenhum barulho além do estrondo do trem do outro lado do vale. Ouviram a própria respiração ofegante misturada com os sons das folhas se movendo ao sabor do vento.

“Todos aqui?”, um dos guerreiros sussurrou.

Os outros o silenciaram: “Shh, shh”.

Olharam uns para os outros cheios de suspeitas e moveram-se um pouco, todos exceto Hinton, que havia encontrado um lugar na sombra mais escura da tumba, em frente à porta. Ele sentou ali, com os pés apoiados num lado e as costas arqueadas ancoradas contra o outro.

“O que tá pegando?”

Eles relaxaram por um tempo; checaram os arredores e recuperaram-se da corrida. Prestaram atenção a qualquer som estranho e tentaram adivinhar o que significava. Havia outros guerreiros por ali? A polícia estava na área? Ponderaram sobre como conseguiriam atravessar o vale e chegar aos trens.

“Todos aqui?”

“Mais baixo, mais baixo.” Algum vigia poderia estar por perto.

Hinton ajeitou-se mais fundo ainda dentro da sombra. O lugar não era tão ruim assim, ele pensou. Sentiu-se quase sonolento, protegido, pois os outros estavam entre ele e o mundo lá fora. Estava cansado. A corrida sugou toda a energia que tinha. Ele não dormia direito há dois dias. A tensão. Agora, se ele pudesse dormir um pouquinho. Por que não podiam ficar ali? Era seguro. Uma brisa fresca soprava e a grama cheirava bem.

Atrás dos blocos de apartamentos, uma faixa de fogo subiu lentamente aos céus e transformou-se numa bandeira norte-americana incandescente e bruxuleante. Os querubins sorridentes de pedra transformaram-se em algo malévolo sob a luz cintilante. O lugar todo ficou assustador. Iluminados, eles mudaram de posição, giraram, trombaram uns nos outros e encostaram o máximo que podiam na lateral do jazigo, buscando abrigo nas sombras mais profundas. A bandeira flutuou por um instante, foi levada pelo vento e começou a deslizar sem pressa em direção ao sul até que se dissolveu numa chuva de fagulhas tricolores. Na última combustão, eles notaram que Papa Arnold não estava ali. Começaram a contagem.

“Eu.”

“Lesadão.”

“Pavão.”

“Júnior.”

“Dewey.”

“Onde está Hinton? Eles pegaram Hinton também?”

“Estou aqui.” Seus joelhos encolheram-se até quase encostar no queixo; seus lábios repousavam sobre os nós dos dedos.

“Saca só o Hinton; quase dormindo. Bacana, bicho!”, disse Júnior.

Hinton podia dormir em qualquer lugar. Lesadão fez cara de sono só para mostrar o quão bacana *ele* era. Fez menção de puxar o chapéu e cobrir os olhos, mas o chapéu havia sumido. Lesadão xingou e encarou a luz do luar para encontrá-lo. O bando sinalizou para ele ficar no lugar. Uma série de pequenas explosões soou a distância – bombinhas que pareciam metralhadoras. De onde vinha o som? Hinton fechou com ainda mais força os olhos; o queixo pressionado pelos joelhos; ele ia colocar o dedão na boca, mas acabou coçando o nariz com a unha. Alguma coisa moveu-se na grama. Eles ficaram paralisados. Nada aconteceu. Um animal. Talvez um rato. Ratos comem cadáveres. Isso os fez se sentirem melhor; todos eles conheciam e compreendiam os ratos.

Hector disse: “Cara, precisamos dar um tempo. Talvez Papa Arnold consiga chegar aqui...”

“Como ele vai saber que estamos aqui?”, perguntou Pavão.

“Se ele não vier, a gente dá no pé, vai até aquele trem e volta pra casa.”

Júnior mudou de posição e esticou a mão até a luz da lua e olhou para seu pulso; ele era o único que tinha um relógio. “Esse irmão não acha que seja uma boa ideia. Vai ser meia-noite muito em breve.”

“E daí?”

“E daí, cara, que você não pode ficar num cemitério depois da meia-noite”, disse Júnior, e a voz dele estava histérica.

Todos sabiam o que poderia acontecer num cemitério depois da meia-noite. Alguns deles acreditavam; outros, não. Mas todos ficaram incomodados; todos exceto Hinton, que enfiou o rosto ainda mais dentro das coxas, escondendo-o. Seria melhor ficar aqui, ele pensou. Era calmo, talvez o único lugar tranquilo em toda a cidade naquele momento. Vai dar muito trabalho levantar, começar a escalar grades e andar toda aquela distância sem proteção até chegar ao trem, do outro lado do vale. Algumas explosões sem graça aconteceram.

“Precisamos sair daqui. Eles vão vir e pegar a gente”, disse Júnior.

Que tolice, pensou Hinton.

“Cara, preciso achar meu chapéu”, disse Lesadão. “Foi caro demais.”

“Precisamos sair. Eles saem das covas. Todo mundo sabe disso.”

“Vamos ficar mais um tempo”, disse Hector.

“Ninguém o elegeu como Pai.” Júnior já estava esganiçado.

“Quer brigar por causa disso?”, perguntou Hector. Nenhuma resposta. “Alguém tem que ser o Pai até voltarmos pra casa. Escutem. Vamos sair antes da meia-noite. Temos tempo de sobra.”

Eles esperaram. Eles escutaram. Procuraram por sinais dos policiais, das outras gangues e do vigia enquanto Hector traçava o plano para levar todos para casa.



4 de julho, entre 15h e 16h30

Tudo começou naquela tarde.

Seis membros dos Tronos de Delancey tentavam jogar cartas em sua sede. Eles vestiam o uniforme de verão – calças apertadas cor de sorvete e camisetas vermelhas. Estava muito quente. Parecia com qualquer outro dia de verão, exceto por ser 4 de julho. Quando estavam desse jeito – entediados e jogando cartas –, a polícia ficava ressabiada e os Moleques do Calçadão falavam demais, pois as coisas saíam do controle e a briga começava. Lá fora, na rua, os moleques e otários começavam a brincar com bombinhas. Os homens pareciam ter nascido naquela posição, sem nunca mais poder se mexer, a não ser para jogar uma carta, pedir um pouco de sorte, xingar ou resmungar “Cara!”, como haviam feito repetidas vezes. Atrás deles, com as barrigas encostadas nos ombros dos namorados, algumas garotas assistiam à partida; elas se esfregavam lentamente para que ninguém visse, ou soubesse. Todo mundo estava cheio de desejo contido, pois Ismael, o Presidente, havia proibido sexo por uma semana. Ele sempre embargava o sexo antes de uma briga; queria todo mundo com raiva. Um rádio de pilha explodia as caixas com rock ’n’ roll, com lamentos sobre amor perdido, encontros frustrados, traição e corações partidos. Eles gostavam da voz aveludada da locutora falando por cima do começo e do fim de cada música, pois isso mostrava que o tempo passava.

A sede do clube já fora um salão de festas. Um candelabro pendia sobre suas cabeças, um tipo giratório que criava um clima romântico com luzes brilhantes

sobre casais de dançarinos. No fundo da sala, havia uma cadeira tripla de engraxate montada sobre um pedestal de madeira compensada. Os óculos de sol do homem sentado no assento da direita, perto da janela que ocupava toda a parede, vasculhavam toda a rua quente e barulhenta. Era Ismael Rivera. Ismael tinha o rosto impassível de um lorde espanhol, a cor púrpura de um africano desenfreado e os sonhos de Alexandre, Ciro e Napoleão. Ele não pensava – vivia numa espera imóvel, distante, observando o reflexo dos próprios olhos contra as lentes azuis.

Alguém jogou uma carta; uma cadeira rangeu; a carta bateu na mesa. Uma das garotas xingou e o namorado deu-lhe uma cotovelada na coxa; ela chamou atenção para a mão fraca dele. Sentado no pedestal, à direita do pé de Ismael, o Conselheiro ficou nervoso. Ele ficava agitado antes de qualquer parada, mas ninguém na cidade era tão pé no chão quanto ele quando a briga começava. Um mensageiro entrou e atravessou a sala até o Conselheiro, que se inclinou para a frente. Os outros voltaram a se concentrar nas cartas novamente, tentando parecer indiferentes. Agachado, o mensageiro passou o relatório. O som foi encoberto pelas ondas do rádio. O Conselheiro meneou a cabeça e olhou para o alto, para Ismael, que pode, ou não, ter olhado de volta. O mensageiro saiu.

O braço que marcava os segundos no relógio elétrico da parede movia-se lentamente, alimentado pelo calor e o ritmo do rádio. Ninguém olhava para ele; não olhar era questão de honra. Eles sabiam que horas e horas os separavam da Hora Marcada. Mais homens de Ismael chegaram e sentaram-se nas margens do salão. Alguém pegou um bongô e começou a batucar com os dedos, sem tocar muito alto, para não superar o rádio, mas rápido o suficiente para fazer o tempo passar e com um ritmo alegre para ajudar todo mundo a relaxar um pouco mais. Mais garotas chegaram e sentaram-se perto dos namorados. Ninguém falava nada. Todo mundo estava com calor, bancando os entediados, como se fosse uma tarde como outra qualquer. Agora, cerca de trinta Tronos estavam no salão e ficou mais quente ainda. Vagarosamente, o dia se transformou em fim de tarde. Mais calor invadiu o lugar enquanto o ritmo das explosões aumentava lá fora.

Alguém bateu. Era o agente da Vara da Juventude que cuidava deles, Mannie Bernstein. Ninguém queria ele por perto, mas sabiam que ele daria as caras; e

planejaram de acordo com isso. O rosto redondo de Mannie apareceu na beirada da porta. Ele esperou lá, afinal, por mais que ele tivesse conseguido o salão para os Tronos depois de negociar com a Associação de Comércio local, mesmo tendo feito tanto por eles, o protocolo ainda trazia problemas e precisava ser respeitado. Precisava esperar até ser convidado para entrar. Não era uma questão de amizade – ele já tinha superado essa etapa –, mas os garotos tinham que dar as cartas. Quebrar as regras gerava ressentimento: a masculinidade deles era delicada e facilmente ferida. Mannie esperou os longos segundos – quase meio minuto. Eles faziam aquilo com ele, às vezes; mantinha a identidade dos caras. Mannie sorria; deixava eles extravasarem a hostilidade. Eles não sabiam o que fazer e esperaram pelo sinal de Ismael. O sorriso de Mannie sumiu. Quando Mannie estava prestes a dar as costas e sair, alguém disse “Então, bicho, entra aí”. O agente não sabia como Ismael havia dado o sinal. Ele o observou o tempo todo e não viu nada; mesmo assim, a ordem passou pela cadeira de engraxate da direita até o pedestal de compensado, e fluiu por toda a cadeia de comando até chegar à porta. A camisa estava encharcada de suor. Ele entrou, tentando sorrir.

Ele precisava seguir a cadeia de comando de forma inversa para cumprimentar os garotos. Mannie percorreu a sala, distribuindo “olás” para todos os moleques e garotas até chegar ao trono. Mas quando chegou ao Presidente, percebeu que algo estava errado. Um pequeno brinco de ouro brilhava agradavelmente contra a pele negra e macia, tornando-o exótico e perigoso, mesmo com toda a roupa cara de mauricinho.

“Então, certo, como as coisas estão indo, cara?”, perguntou Mannie.

O cara demorou para responder; outro indício de que algo estava errado. Mas, novamente, o protocolo proibia; Mannie não perguntou.

Ele olhou ao redor e reconheceu os sinais: o jogo de cartas pré-briga, a tranquilidade forçada, o tédio de mentirinha, os bocejos, as garotas agarradas esbanjando a sexualidade contida, os bongôs batendo como tambores de guerra. Ele olhou para Ismael. O Secretário acenou a mão e convidou Mannie para se sentar. Mannie puxou uma cadeira para perto do pedestal e inclinou-se para trás para poder encarar o idolatrado rosto de Ismael. Ele começou a jogar conversa fora para quebrar o clima e contou o que estava acontecendo. Ismael continuou a

encarar a rua lá embaixo, mas aquilo não significava nada; Ismael nunca focava em nada. Alguém aumentou o volume do rádio. Os bongôs ribombavam mais fortes. O Conselheiro falou mais alto para responder a Mannie.

Mannie tinha um orgulho especial por Ismael, que era a maior realização de sua carreira, o melhor, e maior, resultado de seis anos de trabalho assistencial com jovens delinquentes. Mas até aí, não é todo mundo que esbarra em alguém como Ismael. Se ele conseguisse manter Ismael na linha por mais um ano, o garoto terminaria o colegial e poderia até se interessar pela faculdade. Afinal de contas, Ismael era o maior astro no firmamento da Escola Pública 42, o gênio rebelde de Baruch Laporte Jr. H.S., e, em dois anos no colégio, foi razão de conversa, desespero e ódio de cada professor. Pouco a pouco, Mannie redimiu Ismael, incluindo as melhores coisas da vida – interesse em trabalho, livros, ter um futuro – na vida do garoto e até mesmo convidando-o para visitar sua casa. Mannie redirecionou as demandas egoístas de Ismael para ações socialmente aceitáveis. Claro, Ismael nunca abriu mão da liderança dos Tronos de Delancey; o poder era delicioso demais para ser deixado de lado. Entretanto, os Tronos de Delancey eram quase uma instituição social agora. Tempo, Mannie pensou, ele precisa de tempo. Esperava que Ismael não regredisse e estragasse tudo agora.

O agente sondou com delicadeza, da maneira mais gentil que podia, sem perguntar diretamente. Tudo indicava uma briga. Mas não havia nenhum conflito declarado com nenhum outro exército. Nada havia quebrado a trégua desse ano, embora alguns jornais tenham tentado começar a confusão ao publicar fofocas falsas e provocadoras. Ninguém caiu na deles. Mannie gastou todo o papo furado sobre o tempo, esportes, danças e o Quatro de Julho. Era como se falasse com um mudo, ou com um rosto de pedra de alguma estátua. Ele sabia qual era seu papel. Isso o deixou nervoso e esforçou-se para manter a amabilidade. Paciência, ele pensou... Os lábios finos de Ismael não se moveram. Guardando forças perante esse calor todo, pensou Mannie.

Às dez para as quatro, as garotas começaram a ir embora. Às quatro em ponto, restavam apenas os homens. O rádio anunciou, daquele jeito frenético e gingado, “...e agora, para todos os caras e brotos no Clube Atlético Paraíso Social, e lugares bacanas... são *los* Beatles, meninos e meninas, mandando ver...”.

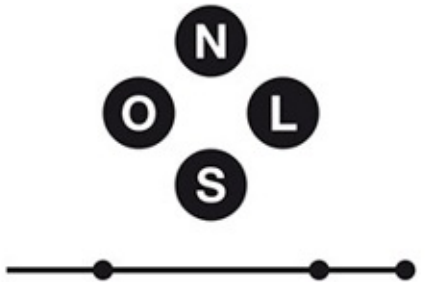
Ninguém encerrou a jogada; o jogo simplesmente parou. Alguns dos moleques levantaram. Saíram em pequenos grupos, tentando não dar bandeira. Por volta das quatro e quinze, não havia ninguém na sede, exceto por Ismael, Conselheiro, a guarda pessoal de Ismael, Secretário e um segurança truculento que estava encostado na parede.

Ismael levantou. Secretário disse a Mannie: “Temos que dar de banda. Calor. Cinema”.

“Então, é cara, saquei, irmão. Onde mais, certo, você pode, então, dar aquela refrescada?” Mannie disse ao Secretário e esperou para ser convidado. Ninguém falou nada. “Cara, pensei num passeio de barco que, sei lá, podemos fazer daqui a algumas semanas”, ele disse a Ismael.

“Até mais, cara”, disse Conselheiro.

Ismael percorreu a sala seguido pela escolta e saiu, deixando Mannie sozinho. Ele não descobriu nada. Ismael não falou com ele. Ele foi até a loja de doces, procurando por algum dos garotos, ou qualquer um que pudesse dizer alguma coisa. Ninguém com mais de catorze e menos de vinte estava na área. Ele pegou um punhado de moedas na loja de doce para ligar para os agentes da Vara da Juventude dos exércitos vizinhos e para a Central da Juventude. Talvez eles soubessem o que estava acontecendo. Um garotinho soltou um morteiro bem atrás dele enquanto ele entrava na cabine telefônica.



4 de julho, entre 19h e 22h30

Quando Arnold formou sua Família, os Dominadores de Coney Island, tinha dois motes em mente. Ele os tirou de pôsteres que viu no metrô. Um dizia: “Quando a vida familiar termina, a delinquência começa”; o outro era: “Seja um irmão para ele”. Se eles eram uma família, Arnold pensou, então, não poderiam ser delinquentes; logo, tornou-se um Pai para todos eles. O segundo em comando era o Tio; os demais tornaram-se irmãos. Eles eram mais próximos uns aos outros do que com as próprias famílias biológicas; *essa* família os libertou. Onde eles viviam com os pais era sempre A Prisão. A mulher de Arnold era a Mãe e as outras mulheres no círculo interno eram as filhas-irmãs. Membros do círculo externo eram primos e sobrinhos. Quando eram aceitos pela Família, todos faziam juramentos de irmandade.

Arnold disse à Família para não ficar por perto dos pontos de encontro na loja de doces naquele dia. Apenas aqueles designados como diplomatas (ele; Hector, o Tio; Pavão, o portador; Lesadão, para mostrar força; Hinton, o artista; Dewey e Júnior) deveriam estar lá. Mesmo assim, a Família insistiu em acompanhar a partida do grupo. Ele ainda não havia moldado todo mundo como gostaria; eles ainda não o escutavam como deveriam escutar a um pai.

Quando chegou a hora, eles deram no pé e o dono da loja de doces ficou aliviado. O medo dele entretinha os caras. Eles sempre ameaçavam quebrar tudo, pois sentiam o pânico do sujeito; sentiam-se fortes. Todos deveriam temê-los;

todos os temeriam. Os sete escolhidos beberam – dois drinques cada – para ganhar coragem. O rádio deu o sinal – a música dos Beatles. O bicho ia pegar.

Eles saíram, um grupo com cerca de vinte pessoas: Pai, Mamãe, Tios e Tias, Filhos, Filhas, Primos, andando pela rua. Os homens vestiam camisas de caxemira azul com colarinho abaixado, calças chino bem apertadas e chapéus altos de palha com suas insígnias: emblemas quebrados de Mercedes-Benz – difíceis de se conseguir – com alfinetes soldados na oficina da escola como halos em volta da estrela de três pontas. Os membros da missão vestiam jaquetas, exceto por Pavão, que tinha uma capa de chuva onde estavam presas duas garrafinhas de gim Seagram para manter o pessoal ligado. Os pedestres, chamados de Os Outros, acovardavam-se perante a marcha da Família e abriam caminho. As crianças de Arnold eram duronas e mantinham seu território contra tudo e todos, fossem Outros, playboys, policiais ou gangues. Eles caminhavam com gingado, saltavam, costuravam pelas ruas, convidando os Outros para chegar junto, cara. A banda da família – dois primos com rádios de pilha com som no máximo – acompanhava o grupo com a música da marcha.

Eles chegaram no final do seu território e pararam. Ninguém havia delineado o limite, como nos mapas de distritos escolares, e não havia nenhum guarda *visível* na fronteira. O único sinal de divisão permanente era a habitual sujeira feita por motores com vazamentos de óleo, papel sujo e um faixa de pedestres branca, mas a fronteira estava lá, como qualquer guarita e cancela listrada num outro país visto no noticiário. Os olhos do Lorde Colonial eram duros e hostis, embora eles tivessem salvo-conduto naquele dia. Era difícil não sentir o velho nervosismo pré-briga. Calafrios subiram pelas costas; os ombros entraram naquela postura de velho durão, que significava ninguém-pode-comigo-irmão; a barriga tremia; eles suavam e separavam as calças apertadas das virilhas. Uma chuva de tijolos poderia começar, correntes poderiam voar de dentro das portas enquanto caminhavam, tacos de beisebol rachariam suas cabeças e as facas rangeriam.

Os delegados vestiram os casacos; eles eram novinhos, abotoados até o pescoço e apertados como jaquetas de marinheiro. Espalhafatosamente, mexeram os ombros, puxaram a barra da jaqueta para cair melhor, limparam as

partes empoeiradas, levantaram os colarinhos, checaram se cada botão estava devidamente abotoado e se cada fivela estava apertada e brilhando, enquanto as mulheres se metiam, ajudando. Pavão confirmou que as garrafas estavam bem presas. Deram um lustre nas botas desconfortáveis, com laterais elásticas, que iam até o tornozelo. Os chapéus descansavam arrogantes sobre suas cabeças.

Papa deu a ordem: eles tiraram os broches dos chapéus e os colocaram nos bolsos; não havia razão para antagonizar. Pavão, o portador, armeiro e tesoureiro, abaixou-se e olhou ao redor. Nenhum sinal da polícia e, meio cercado pela Família, entregou a Papa A. o pacote embrulhado para presente. Era o presente deles para Ismael. Arnold colocou o pequeno item brilhante, irregular e alongado no bolso, que ficou estufado. Todos os outros – Mãe, primos, as irmãs e os demais seguidores – se espalharam ao longo da rua para não parecer formarem um destacamento, para evitar que qualquer um dos Lordes Coloniais que estivesse com o pé atrás entrasse em pânico. O aliado mais próximo insistiu em tocar em Arnold e dar um tapinha nas costas do Tio Hector, o líder de guerra.

“Vai, Pai.”

“Tio, fica frio, cara.”

“Não deixem eles te enganarem, Irmão. Não confie; não engula sapo deles; não deixe eles fazerem pouco caso, tá me ouvindo? Mostre a eles quem somos, mas com jeito.”

Eles atravessaram a rua. A sensação naquele pedaço era diferente; era território dos Outros. O sol brilhava tão forte e era tão quente quanto no território deles. Mas a poeira no ar tinha um cheiro diferente, engasgava. As pessoas eram iguais às do território deles, mas, de alguma forma, não eram. As sombras criadas pelos raios intensos do fim de tarde os fez sentirem como se penetrassem numa floresta misteriosa e sombria; olhos os observavam dentro de todos os lugares estranhos. Eles olharam para trás, do outro lado da rua, onde seus homens se espalharam, sem dar bandeira. Alguns curtiam música do radinho de pilha; eles vigiavam à procura de Lordes inimigos, ou por carros de patrulha rasgando a rua, para soar o alarme. Mas a maioria dos Dominadores cuidava do próprio rabo e estava ligado no primeiro sinal de problema.

Um emissário dos Lordes Coloniais saiu de uma loja, caminhando de forma cuidadosa, deliberadamente, para mostrar que era digno de atenção e amigável, que estavam entre iguais. Algum moleque soltou uns morteiros e os dois líderes pularam. Arnold sorriu. O Primeiro Lorde riu de volta. Eles trocaram cigarros e acenderam um para o outro. Arnold pegou o convite impresso, o itinerário e o salvo-conduto de Ismael e mostrou ao Primeiro, que educadamente disse que, cara, ele aceitava a palavra de Arnold. Não era sempre assim. Outros Lordes aproximaram-se, com suas mulheres, e ficaram ali, observando. Arnold colocou a mão no bolso, tirou o pacote brilhante e entregou ao Tio Hector, confiando a ele a liderança, pois, embora houvesse trégua, ainda estavam em guerra. Hector tinha sangue-frio, era magro e severo. Ele pegou o pacote e acenou com a cabeça para Arnold. Ele decidiu carregar o pacote abertamente.

Um dos Lordes Coloniais, Willie, um psicótico nanico, sempre disposto a se divertir, começou a dizer “Mãe” – uma palavra pela qual valia a pena lutar. “Mã... Mã... Mã...” e sorriu enquanto os punhos de Lesadão cerraram-se automaticamente.

“Então, irmão, não tem um presentinho pra mim?”, ele disse, zombando e imitando um choro. As garotas riram agudamente e apontaram para ele. O cabelo de Lesadão ficou todo arrepiado e ele continuou abrindo e fechando os punhos. Um tenente deu um chega para lá em Willie.

“Deixa ele pra lá. Ele só fala”, ao mesmo tempo que tentava mostrar que ser amigável não significava fraqueza.

Willie, não satisfeito, disse: “É, me deixa pra lá. Só estou falando. Sabe o que aquela conselheira diz, né? Ela diz que Willie é perturbado e temos que entender”. Ele levou outra cutucada. Lesadão, pavio curto e estúpido, continuou ficando mais rígido, com a ação agitando o corpo, partindo dos punhos, passando pelos braços até os ombros. Hector encostou o ferro embrulhado nele e Lesadão relaxou um pouco. Algumas das mulheres dos Lordes, que sempre foram encrenqueiras, apontavam para eles, caçoavam, ralhavam como bruxas, com seus rostos transformados pelo ódio antigo das megeras.

“Cara, vai deixar passar batido assim?”

“Vai deixar ele pisar em você dessa maneira?”

“Olha lá; tá te *medindo* de cima a baixo!”

Obviamente, ninguém havia dito nada a elas. Um dos Lordes sentou a mão na cara de uma das garotas. “Maneira aí, mulher.” E isso foi o suficiente.

Entediado, o Primeiro disse “Essas minas; sempre dando trabalho”.

Júnior concordou com a cabeça; eles não podiam ser homens o suficiente se não pudessem controlar as mulheres, mas ele não disse nada. Os Dominadores desmereciam os Lordes por eles lutarem sujo; eles tinham psicopatas e drogados em suas fileiras, e as mulheres deles não passavam de aproveitadoras. Ficaram todos ali por um segundo. A família de Arnold observou do outro lado da rua. O Primeiro acenou para eles, mas o que significava? Sair? Ficar? Brigar? Arnold entendeu como um sinal para *sair* e para andarem em paz pela primeira vez em dois anos, desde que Arnold criou a Família e conquistou seu pedaço na porrada.

Tio Hector começou a marchar. Os irmãos e o Pai seguiram. Eles andaram numa boa, mostrando que eram amigáveis, mas, como homens fazem, numa boa, mas sempre prontos para lutar. Eram seis longos quarteirões até a estação, expostos em plena luz do dia, sem o apoio do grupo e sem fazer parte de um ataque. Eles viram muitos homens que poderiam ser Lordes Coloniais, mas nenhum deles interrompeu a marcha. A disciplina deles os manteve tranquilos e respeitáveis. Alguns quarteirões à esquerda do grupo estava o calçadão e, pouco depois, a praia. Ainda havia gente chegando à praia, mas a maioria estava indo embora, carregada com tralhas de verão. Casais vagavam até as atrações locais, apreciando a vista, rindo. Um velhão com uma cesta de vime e uma vara de pescar passou por eles e Hector imaginou que aquilo daria uma arma fantástica. Eles ouviram o órgão distante, o chacoalhar dos brinquedos do parque, as ondas serenas e os murmúrios da aglomeração da praia. Num dia quente e perigoso como aquele, Hinton achou estranho ver as pessoas tomando sol, bebendo de latinhas geladas, comendo cachorros-quentes, milho com manteiga, batatas fritas e *knishes*, irritados apenas com o fato de precisarem encarar o metrô cheio de banhistas; eles não sabiam como o mundo funcionava de verdade. Ele já estava cansado. Estava longe de casa há dois dias. Desejou que fosse Depois, e já estivesse nas sombras refrescantes abaixo do calçadão, talvez dormindo, ou com uma garota nos braços. Ele queria ver a gigantesca queima de fogos de artifício

mais tarde. Nada mais. Na maré mansa e no sossego do escuro; nada mais que isso.

Eles chegaram à estação. Arnold e Hector falaram sobre dividir o bando, para camuflar o movimento, seguindo para o centro em dois trens diferentes, mas não ousaram. A Família não conhecia o território. Quem poderia controlar Lesadão? Era preciso duas pessoas para dar conta dele e esses dois precisavam ser Líderes. Mas era importante cada grupo ser acompanhado por um líder e Lesadão era muito forte para ficar para trás. Eles subiram os degraus do metrô em ordem; ninguém fez graça; ninguém saltou para encostar no topo da escadaria, ninguém rasgou os cartazes publicitários nas paredes, ninguém pichou as placas nem escreveu seus nomes nelas. De qualquer forma, quem fazia isso era Hinton. Ele era o artista da Família. Pavão, o portador, trouxe catorze passes, sete para ir e sete para voltar. Na estação, Pavão comprou chiclete para a rapaziada ficar na boa e mastigando enquanto esperava pelo trem. Ele também distribuiu uns trocados do cofrinho, sete dólares por cabeça caso se separassem e precisassem voltar por conta própria.

No Bronx, oito caras vestindo blusões – mesmo com todo aquele calor – e cheios de desdém naquelas caras irlandesas e mortíferas, entraram no ônibus que cruzava a cidade. Eles depositaram o pagamento no cofrinho, foram para o fundo, vazio, e sentaram-se em silêncio. O motorista pôde sentir a nuca gelando; ele reconheceu aquelas costeletas e os cortes de cabelo militares. Capuzes punks. Problemas. Eles se sentariam por lá, por um tempo, em silêncio, até que um deles visse algo divertido – só Deus sabe o que diverte aqueles animais – e daria um toque no sujeito ao lado dele. Eles começariam a encarar, apontar, sussurrar, rir e, finalmente, gritar. Aí o problema começaria. Eles poderiam puxar, e continuar puxando, o cordão de parada. Quando o ônibus parasse, eles pulariam e continuariam pulando na placa que abria a porta traseira. Eles xingariam uns aos outros, abririam e fechariam as janelas com violência. Alguém reclamaria, alguma velhinha com cara de uva-passa, e o motorista teria que tomar uma atitude, pararia o ônibus, iria até eles, e diria para calarem a boca e esperaria que, mesmo se não o escutassem, não o atacassem. Às vezes, surpreendentemente,

eles escutavam. Noutras, eles o xingavam de maneiras inimagináveis. Não que ele já tivesse sido atacado, mas ele conhecia motoristas que haviam sido. Ele tentou ficar de olho no volante e nos moleques. O corpo refletia a ansiedade enquanto ele dirigia, desviando de carros e pedestres, enquanto se preocupava com problemas lá no fundão.

Garotos não eram daquele jeito quando ele era jovem. Durões, claro, mas não barra-pesada. Ninguém matava naqueles tempos. O mundo estava caindo aos pedaços. Só os cassetetes da polícia podiam dar um jeito nisso. Os punks ficaram sentados, quietinhos. Um ficou abrindo e fechando os braços, colocando as mãos embaixo do sovaco, como se estivesse com frio. Outro brincava com os botões do blusão da gangue enquanto as pernas tremiam, descontroladas. Outro, estupidamente, observava o pôr do sol. Um deles até foi educado ao abrir espaço para um homem passar. E, dessa vez, não se estatelaram insolentemente nos assentos. O motorista esperou pela inevitável explosão dos punks por meia hora, mas nada aconteceu. Finalmente, quando ele se aproximava do fim da linha, um dos garotos puxou a cordinha. *Agora*, pensou, mas eles só desceram. Eles permaneceram calmos, conversando enquanto ele seguiu o percurso. Talvez ele tenha se enganado, talvez eles fossem apenas um grupo de estudantes.

O moleque mal-humorado, que era filho do dono do Cadillac, sentou-se, largado e estúpido, no banco traseiro. Quando eles escolheram a caranga, trouxeram o filho do proprietário, um escravo autônomo, pois não queriam se meter em confusão – não naquela noite. Ele foi meio coagido e meio convencido com a promessa de cargo no alto escalão do conselho caso se voluntariasse. O garoto parecia preocupado, tentando parecer durão e tão destemido quanto o resto dos caras. Dava para notar o esforço constante; dois caras o flanqueavam, dois estavam no assoalho e três se sentavam no banco da frente. Mas ele sabia a razão de estar ali. Ele foi junto por ter conseguido o rabo de peixe preto e comprido para eles; e os deixava dirigir. E isso o preocupava; ele era bom de volante, mas não chegava perto das loucuras assustadoras que o motorista atual fazia. Enquanto olhava para o Sol que banhava o horizonte da costa de Jersey, o General ponderou se não deviam ter largado o escravo estúpido antes do

encontro com Ismael. O General sacou o quão bacanas eles pareciam na caranga, pegou o convite de Ismael, olhou para o relógio, e checou o cronograma. Estavam nos conformes.

Pela quinta vez, o General disse ao motorista para pegar leve, para dirigir como tiozão, pois se fossem parados, cara, eles seriam *presos*, por causa *daquilo*, cara. O motorista disse, cara, ele sabia, mas as mãos dele acariciavam o couro preto do volante e o dedão aliviou a pisada no acelerador e ele disse ser impossível se controlar, afinal, cara, basta uma *acariciada* naquele pedal macio e você sabia que o carro queria mais, dava para sentir, pois tudo parecia estar parado no tempo quando eles disseram: Será que o General entendeu isso?

O General inspecionou o motorista para ver se ele estava chapado ou bêbado. Nervoso, um dos caras no banco de trás, perguntou se poderia dirigir agora. O General queria saber se o motorista queria um chá de cassetete para entrar na linha. Será que ele queria? Pois, assim que os policiais os parassem, era só questão de esperar até os porretes acertarem os rins, as bundas e as panturrilhas deles, enquanto ficassem de pernas abertas e encostados contra o muro, ou o carro. E para quê? Não tinha nenhuma gata por perto para dar no pé com o presente de Ismael entre as pernas dela. Ele sabia, ele sabia, o motorista reclamou e reduziu a velocidade um pouco mais. Por que não posso me divertir e dirigir também?, Nervoso perguntou no banco de trás. O General não respondeu.

Mas uns playboys, uns mauricinhos de escola particular, com cortes de cabelo bonitinhos, chegaram pela estrada atrás deles, aceleraram rápido e passaram, olhando de dentro de uma lata velha modificada, com o motor escondido embaixo de um capô vermelho pintado com chamas flamejantes, observando as linhas estilosas do Caddy. Eles reconheceram que eram rivais, e urraram e gargalharam naquela massa negra de aço brilhante de Detroit, apontaram para eles, falaram e menosprezaram os caras. A parada não era saber se os perseguiriam de carro ou a pé, e resolver na porrada. Aqueles esquentadinhos sabiam como os carrões funcionavam, e o carro deles rasgou o asfalto, cuspiu pelo escapamento e rosnou quando a carenagem falsa e velha ganhou vida, e começou a ficar pequeno lá na frente, pela West Side Highway, ameaçando desaparecer depois da ponte George Washington.

O motorista não podia aturar o desafio. Era uma questão de não aceitar ser humilhado. Ele encostou no pedal, tentando parecer tranquilo, sereno, entediado. Ele disse a si mesmo “Aí sim. Tá em casa, James, cara”, e deu uma risadinha. A caranga sussurrou um pouco e disparou em frente. O motorista sentiu aquele toque sutil e excitante da força da transmissão na ponta dos dedos, fazendo-os tremer. Todos queriam ver o carro deles bater aquela geringonça envenenada, e urrar era a única reação, até mesmo para o General. Seria ótimo apenas tocar de lado e acabar com eles, só para mostrar com quem estavam se metendo. Não seria surpreendente? Nervoso estava inclinado para a frente, ainda no banco de trás, segurando um volante imaginário, que ele continuava manobrando ao redor de curvas de mentirinha, fazendo os próprios sons de motor.

Em princípio, a carroça não foi muito longe. E, então, eles foram ganhando terreno, enquanto a estrada, o acostamento e o rio passavam com velocidade. Os caras agachados no assoalho *tiveram* que levantar as cabeças para ver o que estava rolando. E, mesmo com oito caras, a caranga avançava sem esforço, com uma força tremenda, e o motorista sentiu como se tivesse todo o poder do mundo em suas mãos, e sentiu como se fosse parte dele mesmo, e quase tinha mais poder, até mais poder que o General. Os sons do imitador automobilístico no banco de trás ficaram ensurdecedores e os seus olhos estavam perdidos em sua estrada particular. Mas o General lembrou a si mesmo ter pedido ao motorista para pegar leve, leve, muito leve! O motorista continuou discutindo... mas, cara... dizendo que tudo bem, tudo bem, ele estava tirando o pé, e que não poderia parar tão rápido porque olha só o que vai acontecer com o carro, ou com quem vier atrás deles. E, por um segundo mais lânguido que os outros, o pé dele pisou mais forte ainda no pedal, dando uma última acelerada antes de sair por completo, incapaz de se libertar daquela sensação vibrante.

O General torceu o corpo, enfiou a mão no bolso da jaqueta, tirou o pacote embrulhado para presente num papel xadrez para Ismael. Ele bateu forte contra a costela do motorista, dizendo a ele, cara, você sabe onde vou acertar da próxima vez. O motorista queria disputar hierarquia com ele? Pois ele, o General, estava pronto – ali mesmo – para encostar o carro em algum canto escondido e mostrar quem detinha o poder ali. E o motorista reduziu, prometendo a si mesmo que se

divertiria mais tarde. Bem na hora, pois, logo depois da curva, lá estava a lata velha estacionada no acostamento. Os playboys eram multados por um capacete azul sem nada dentro, calças engraçadas e botas grandes demais. As cabeças dos caras no assoalho esconderam-se atrás da borda da janela e o motorista do carro imaginário freou com os lábios. Eles imaginaram o que aconteceria se fossem interceptados. Tanta coisa dependia na habilidade deles de evitar a captura.

O policial, ao virar a esquina, quase trombou com eles. Havia dez por ali. Eles surgiram do nada, peças fora do lugar, brutais sob as árvores volumosas que se alastravam. Andaram ao lado dos gramados bem cuidados, caindo perto dele como a própria noite. O que negros estavam fazendo por ali? Era um grupo de integração? Ele desceria o porrete na cabeça deles. Todos tinham aquele semblante hostil e ele não conseguia distingui-los, exceto pelo tamanho. Era um bando de muçulmanos? A mão esquerda começou a apertar o cassetete. Era uma gangue? Ele leu que eles nunca deixavam os respectivos territórios; nunca acreditou naquilo. Essa gangue era de briga. Ele tentou fazer de conta estar balançando o cassetete inocentemente.

Ficou perturbado, mas não pelo medo e sim pela anarquia bárbara da cena. Ele nunca viu tais grupos naquela vizinhança suburbana. A lei e a ordem falharam; eles nunca vinham até aqui. Poderia prendê-los por vandalismo? Por que estariam ali? Havia outros escondidos nas árvores atrás deles? O que fariam? Estavam planejando bater nos adolescentes do bairro? Ou quebrariam as portas das casas para estuprar as mulheres? Armar explosivos de verdade e estragar o Quatro de Julho?

Todos usavam pequenas fivelas de bronze nas capas de chuva e sapatos com bico empinado. Os penteados eram lisos, armados em topetes altos, presos por faixas pretas largas e brilhantes. O que estava escondido por trás daquelas capas de chuva curtas? Correntes de bicicleta, pistolas caseiras, estiletes, sacos com tijolos, tacos de beisebol? Ele segurou o cassetete com mais força.

A largura limitada da calçada os forçou a desfilarem em frente a ele em duplas, como uma paródia assustadora de um desfile militar. Ele quase entrou em pânico e trocou o cassetete de mão. Mas ninguém perdeu a pose. Ninguém provocou.

Eles só continuaram passo a passo, marchando ao redor dele, e passando, calmamente, sem ao menos olhar em sua direção. Ele tentou olhar nos olhos dos garotos para ver se estavam chapados. Eles passaram, e ele fez tudo que podia para evitar virar-se e olhar na direção deles, pois se fizesse o movimento errado, e os enfurecesse por dar meia-volta, sabia que as armas traiçoeiras surgiriam. Eles cairiam em cima dele, batendo e chutando. Ele sabia que estava sendo observado com cuidado. Pôde ouvir os pés se afastando, batendo precisamente nos saltos e pontas metálicas. Enquanto os ouvisse, estaria a salvo. Será que alguns deles foram para o gramado? Aqueles sapatos brilhantes maltratariam a grama bem cuidada. Segurou o cassetete com a mão direita. O cordão ficou enrolado no pulso esquerdo. Era a hora da verdade. Ele puxou com força, com a certeza de que algum projétil já estava voando na direção do cóccix ou da cabeça dele. O cordão se soltou e ele virou o porrete para poder rebater melhor. Não aguentou mais e virou a cabeça.

Toda a gangue estava indo embora. Marchavam para longe em ordem até que ele teve dificuldades em acompanhá-los no entardecer, conforme eles entravam e saíam das sombras projetadas pelas árvores. Ele olhou naquela direção. E a última coisa que viu foram as fivelas brilhantes dos sapatos. Quando eles desapareceram, andou calmamente atrás deles, batendo com o porrete na palma da mão esquerda. Pensou se deveria relatar a presença deles para a chefia quando telefonasse.

O carro no qual Ismael Rivera sentou-se não era velho, nem novo, nem pequeno, nem grande; certamente, não era muito esportivo. Foi conduzido com cuidado e habilidade, lá de Manhattan. O ponto de encontro não ficava longe, mas eles dirigiram rumo ao sul e atravessaram a ponte do Brooklyn e o Brooklyn todo, percorrendo o sistema de estradas interdistritais chegando ao Queens. Dirigiram por ruas laterais, mergulharam em túneis, subiram por viadutos, passaram por cemitérios, que revelavam prédios altos a distância e pareciam brotar diretamente das covas – mausoléus mais portentosos e distantes. Pararam em vários bairros, mas apenas por um momento, um minuto no máximo. Faziam reuniões breves e tocavam o barco. Às vezes, apenas trocavam sinais com algum

batedor ao longo do caminho, as pessoas celebravam o feriado; o barulho das explosões aumentava pouco a pouco. O Sol ainda estava lá, quente e pesado, equilibrado pelas extremidades espirais. Conselheiro olhou para o rosto de Ismael, acenou com a cabeça, e disse: “Eles vão saber em breve”.

Agora estavam matando o tempo, dirigindo a esmo pelas ruas quietas, onde grandes casas eram rodeadas por natureza e silêncio; apenas os pássaros eram visíveis. O Secretário disse: “As pessoas mais ricas do mundo moram por aqui”. Eles ouviam enquanto o rádio do carro tocava *pachanga*, música cubana; se algo desse errado, o apresentador transmitiria uma *solicitação*. Em breve ficaria escuro o suficiente para seguirem até o Bronx, atravessando a cidade até chegar à assembleia, no parque Van Cortlandt.

Ismael estava no banco traseiro, relaxado, fumando um cigarro, com o rosto impassível por trás daquelas lentes. Seus olhos eram encobertos pelas sombras dos acessórios que usava na cabeça. Mas ele observava e via tudo: as ruas, os cemitérios, as árvores, as casas elegantes, as águas do estuário de Long Island, e o arco simples da ponte sobre aquelas águas até o Bronx.

Conselheiro estava ocupado com os detalhes. Havia tantas coisas para ficar de olho: algumas gangues amarelaram; representantes inesperados estavam a caminho; poderiam dar conta do recado do mesmo modo que os soldados que cancelaram? Continuou estudando mapas e consultando cadernos. Desejou ter pensado na coisa toda sozinho, mas era por isso que ele era o Conselheiro e Ismael, o Presidente. Sempre foi assim, desde que se unira a Ismael, cinco anos antes.

Sentado ao lado do motorista, o Secretário olhava pela janela e apreciava as vistas maravilhosas e incomuns no dia a dia, arregalando os olhos perante o esplendor da cidade, viajando em sonhos, torcendo por coisas que, quem sabe um dia, ele tivesse. Certamente, ele entendeu. Se as coisas dessem certo com o grande plano de Ismael – e quando Ismael havia falhado? – ele poderia, quem sabe, chegar lá. “Cara, isso que é vida. Quero uma dessas”, ele disse, apontando para uma casa de madeira em estilo europeu.

Conselheiro olhou para Ismael e acenou com a cabeça. “Você deveria querer jogar pedras nela”, disse.

Secretário entendeu o que Ismael quis dizer e seu ressentimento, que sempre ficou abaixo da superfície, apareceu. Ele se viu derrubando tudo com as próprias mãos. Ainda assim, em segredo, desejou que Ismael tivesse gostado e voltou a sentir vontades e saudades, ao se ver em roupas mais bacanas e caras, curtindo a vida numa casa impressionante com um interior chique digno de programa de TV. Lá fora, ele teria um carro tão comprido que poderia pular dentro dele, brilhante e cheio de peças cromadas. Ele teria uma esposa magrinha e peituda, loira e cheia de joias; ela cintilaria em vestidos brilhantes; ela teria muitos filhos – meninos –afinal, ele era um homem e tinha colhões! Mas ela continuaria desejável. Haveria muito dinheiro, pilhas de notas e pedras preciosas. Tudo era incerto e satisfatório.

"Mas você tem que admitir, cara", Secretário disse a Ismael, "eles sabem como viver."

"Isso é o mais perto que você vai chegar disso tudo", Conselheiro disse em nome de Ismael, que sabia como mantê-los com ódio.

Eles viraram na rampa de acesso curvada e graciosa que levava à ponte.

Escureceu. Todos estavam se reunindo, chegando aos extremos das linhas de transporte e convergindo no parque Van Cortlandt. Chegaram de metrô, carro, ônibus; alguns andavam. Seguiram o cronograma e os guias de Ismael, que vestiam calças brancas como sorvete e estavam posicionados nos pontos de desembarque. Eles evitaram as entradas habituais do parque. Se as patrulhas da polícia notassem muitas calças brancas – bem, estava quente, não é, e era a moda daquele ano. Os policiais estavam ocupados o suficiente cuidando para que as celebrações não saíssem do controle cidade afora. Um garoto já estava no hospital depois de alguns fogos atingirem o rosto dele, e ainda era cedo.

Guerreiros chegavam de todas as partes da cidade, de New Jersey a Westchester. Eram recebidos e direcionados ao longo das rotas escolhidas, sempre que possível, por meio de caminhos na floresta, entre colinas, vagando por arbustos, sempre longe do comércio. Quando sabiam que duas gangues estavam em guerra, elas recebiam rotas diferentes e o mais distante possível uma da outra. Os mensageiros de Ismael os escoltavam, transferindo a guarda de um

contato para o outro, ao longo das linhas de comunicação, direcionando os grupos com cuidado usando a camuflagem da noite, na qual apenas as calças brancas dos homens de Ismael eram visíveis.

Enquanto moviam-se ao longo de estradas invisíveis através dos campos obscuros, eles sentiam conforto na certeza de que, de todos os lados, representantes da maioria das gangues da cidade seguiam para o ponto de encontro.

Benny, o batedor, um dos homens de Ismael, ficou na beirada da estrada que cortava o parque, esperando pelo sinal do guia do outro lado, que estava de olho nos carros. Quando a barra ficava limpa, ele sinalizava Benny ao piscar a lanterna. Então, Benny orientava a travessia dos homens que aguardavam. Agachou-se atrás de alguns arbustos, encarando a escuridão infinita à espera do sinal. Atrás dele, seis delegados dos Serafins Esportivos de Morningside, potentes e mortais, e com um ótimo histórico de batalha, aguardavam abaixados. Seus rostos brilharam um pouco sob a iluminação pública. Vestiam bonés grandes e virados para o lado. Enquanto olhava para as trilhas de luz dos fogos de artifício do Quatro de Julho rasgando a escuridão ao redor deles, e ouvindo as explosões, um deles disse: “Irmão, essa não seria a melhor hora para chegar aqui e fazer a limpa com uma bomba atômica encostada? Um bum, morou?; do jeitinho certo. Ninguém perceberia”.

“Cara, você é muito estúpido. Não saca nada, tá me entendendo? Nada. Você dança antes da explosão terminar. Simples assim. Bu-morreu-um. Talvez até mais rápido.”

“Bom, nem ligo. Eles merecem. *Todos* os putos dançariam. Digo, todos os outros e a gente; estaríamos no mesmo barco. Um espetáculo. Irmão, não curtiria mesmo ver a bomba?”

“*Você* não veria nada.”

“Sei lá, talvez por um segundo e tal. Algum barulho. Bum, cara.”

“Irmão, você não existe. Estúpido.”

A lanterna piscou do outro lado da estrada. Benny deu o sinal e os Serafins deram no pé, encurvados e ziguezagueando, correndo furiosamente, corpos na

horizontal, joelhos avançando, segurando rifles imaginários como soldados de filmes. Eles atravessaram e sumiram na escuridão em dois segundos. Benny esperou a chegada do grupo seguinte. Além dos arvoredos, carros chiavam, com os faróis brilhantes perfurando a retaguarda do arbusto.

Arnold e sua Família foram conduzidos através do território escuro. Arnold ficou na retaguarda, protegendo o grupo de um ataque-surpresa. Eles caminharam pela área enlameada – chovera alguns dias antes – e Hinton andou com cuidado; onde conseguiria dinheiro para outro par de sapatos? Lesadão protegeu o chapéu contra os galhos. Hector não parava de limpar as roupas. Era um lugar desconhecido e assustador. O efeito da bebida estava passando e eles estavam irritadiços e ressabiados.

O mensageiro os entregou a Benny e voltou para buscar o próximo destacamento. Benny virou-se e viu Hector. Só que Benny teve problemas com Hector quando ambos viviam no território de Ismael. Foi há muito tempo, quando eram iniciantes. Ele ficou perplexo ao ver Hector; ele devia muito a Hector. Por sua vez, Hector achava que devia uma surra a Benny. Benny era durão. Ele nunca arredou o pé para nenhum homem, a não ser seus oficiais; aquilo era reflexo de disciplina e não diminuía sua masculinidade. Mas aquela não era nem hora nem lugar para isso.

Encararam um ao outro. Benny precisou desviar o olhar para checar o sinal. Lesadão era o mais próximo, sacou o que estava acontecendo e riu com escárnio da reação de Benny. O tráfego parou. Benny sinalizou para prosseguirem. Hector não se moveu; ele percebeu que Lesadão viu. Papa Arnold deu alguns passos estrada adentro, mas voltou. Lesadão observou com cuidado.

“Cara. Você. Vai”, Benny disse a Hector. “Quer ferrar tudo? Quer atrair a polícia?”

Hector começou a andar, mas Lesadão colocou a mão no ombro de Hector e o segurou. Então Hector disse: “Quem me manda andar? Ninguém me diz quando andar. Quando estiver pronto, cara, eu vou”.

“Você está parando a operação”, disse Benny. Mesmo se Hector decidisse falar alguma coisa e desmerecer sua virilidade na frente dos outros, Benny havia decido aceitar. Haveria tempo para resolver as coisas depois. Ele era um homem,

e a maior parte de sua masculinidade agora consistia em ser parte do Exército de Ismael. Isso significava ter disciplina e engolir sapos quando necessário, afinal de contas, quem ainda não havia ouvido falar de Ismael? Benny sabia que era tarde demais para atravessarem agora; os carros voltaram a circular e zuniam pela estrada. Lesadão continuou se movendo até chegar no lado de Benny e parou. Arnold o pegou pelo braço. “Deixe o seu tio resolver a parada do jeito dele.”

Faróis acenderam a retaguarda dos arbustos, espalhando padrões perfurados pelas folhas, e pintando os rostos de todos subitamente. À distância, fogos foram disparados e uma fileira de explosões incólumes marcou o horizonte. Hector e Benny encaravam-se. Hector esperou e então começou a atravessar a estrada, satisfeito por sua honra não ter sido ferida. Benny o segurou pela manga e disse para esperar, para esperar pelo sinal. Hector olhou para o rosto de Benny. Ele encarou a mão de Benny, que o insultava ao segurar sua manga. Voltou a encarar Benny. Lesadão estava dando pulinhos de alegria, murmurando algo que ninguém podia ouvir, algo quase animal, preparando a si mesmo para *aquele momento*. Pavão chegou e observou ambos os semblantes e aguardou. “Ninguém manda esse homem se mover”, disse Hector.

“Ismael manda você se mover”, disse Benny, invocando autoridade, largando a manga de Hector, percebendo ter cometido um erro.

“Não dê ouvidos a ele”, disse Lesadão. “Vai.”

“Você, criança, cale a boca”, disse Arnold. “Nem um pio, nem um som.”

Atrás deles, outra coluna havia chegado.

Pavão suspirou: “Você não pode fazer nada agora. Você precisa relaxar, cara”.

“Eu o conheço”, disse Hector. “Ele me conhece.”

“Eu te conheço”, Benny disse.

“Falar. Andar. Toda essa falação. Vai logo, cara”, Lesadão estava agitado. Arnold enfiou os dedos nas costelas de Lesadão. Ele grunhiu. “Na próxima vez, serão os olhos; ouviu?”, disse Papa.

Eles ficaram ali tempo suficiente para manter a honra. Arnold sabia que toda a operação poderia ser comprometida e disse, sendo o adulto na situação, “Certo, vocês resolvem isso depois. Agora chega, crianças”.

“Vai amarelar?”, Lesadão queria saber.

“Vou amarelar a sua *cara*”, disse Arnold. Dewey falou para Lesadão ficar na dele e esperar.

O vigia do outro lado da estrada sinalizou freneticamente, querendo saber o que havia acontecido. Ele estava pronto para disparar o sinalizador azul e soar o alarme, mas quando o tráfego desapareceu, Benny deu o sinal. Eles atravessaram correndo. Na curva mais distante, fachos de luz dos faróis tomavam a rua. Mais adiante, puderam ver outros grupos atravessando do mesmo jeito, rápida e secretamente. Eles desceram a pequena colina, passaram pelo vigia, e foram recebidos por outro batedor de calças brancas, que os levou até o campo escuro. Mais adiante, e um pouco acima deles, onde outra estrada passava, os faróis iluminavam o caminho. Chegaram ao lugar deles na planície úmida. O céu começava a ganhar vida com fogo.

Um sinalizador vermelho subiu vagarosamente no meio do campo e flutuou no ar. Significava que todos estavam reunidos.

O carro de Ismael Rivera circulou pelas complexas pistas do parque, procurando por um lugar adequado entre os montes de carros em movimento. Haviam circundado o lugar por duas vezes. Ismael olhou para baixo e não viu nada, além de uma planície negra e lisa, e gostou disso. Ninguém estava visível. Ninguém acendia cigarros, pois ele havia dado a ordem para não fumarem. E, para crédito de sua organização, ninguém viu os batedores ou nenhum dos grupos atravessarem as estradas. Ele sabia o que procurava, mas ainda não havia encontrado. Melhor impossível.

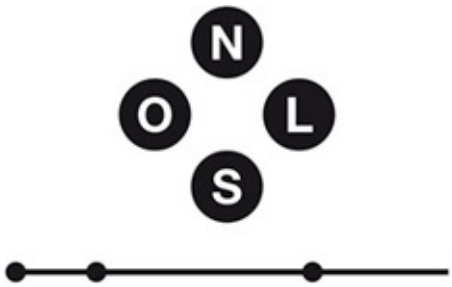
O motorista ultrapassou os carros ao redor dele e dirigiu na completa escuridão agora. Era a terceira volta pela área. Logo, os faróis mais próximos ficaram meio quilômetro para trás. Cerca de meio quilômetro à frente, um grupo de pequenas luzes vermelhas recuou, dançando em formação, enquanto pulava sobre buracos no asfalto. As luzes vermelhas seguiram por uma curva e desapareceram. O carro de Ismael dobrou a curva e os faróis atrás deles foram bloqueados.

Ismael acenou com a cabeça para o Conselheiro. Conselheiro passou o recado para o Secretário. Secretário contou para o Chofer. O Chofer margeou a borda da

pista e piscou as luzes enviando uma mensagem. Cerca de vinte sentinelas saíram do concreto e foram iluminados pelas luzes; eles estavam a quinze metros de distância. O carro chiou de súbito e parou; uma das portas abriu. Três deles desceram; o carro ligou novamente, saindo tão rápido que, por um segundo, os pneus cantaram no pavimento, e o carro queimou o asfalto.

Os três que desembarcaram foram escoltados barranco abaixo, seguindo as calças brancas esmaecidas. Embora a escuridão parecesse esconder a umidade, cheiros de vegetação desconhecida, sons de insetos zunindo, e o farfalhar de grama e folhas, Ismael sabia que todos estavam lá, mil homens. Conforme progredia, Ismael recebeu relatórios sussurrados pelos batedores. Havia embaixadores de quase todas as principais gangues guerreiras de dentro e fora da cidade.

Ismael foi levado ao seu lugar. Ele começou.



4 de julho, entre 22h30 e 22h50

A glória do Quatro de Julho aumentava mais ainda. Embora explosivos fossem proibidos nas bordas do parque, serpentinas subiam, trilhas de luzes multicoloridas brilhavam, rojões explodiam numa barragem quase constante. Carreiras de bombinhas explodiam como metralhadoras quase inaudíveis e desapareciam. Estrelinhas queimavam por um tempo no firmamento. Foguetes explodiam em milhares de formas patrióticas: heróis da História americana, presidentes – Washington nas luzes ao oeste, Lincoln descia para o sul em nuvens nebulosas, Kennedy dançava no nordeste –, bandeiras históricas ardiam. A Estátua da Liberdade tremeluzia na corrente de ar.

Ismael subiu numa pequena elevação – aparentemente um monte para arremessadores de beisebol – em frente a uma fileira de arbustos que o protegiam das estradas. Um anel de lanternas foi formado no solo ao redor e virado para cima, logo, ele ficou iluminado. Seus olhos encararam através das lentes azuis frias e ele sentiu todos os olhos encarando de volta. Ele relembrou um comercial – algo sobre como a vida de alguém foi salva por pilhas de lanternas: qual vida elas salvariam naquela noite? Como resposta, ouviu um murmúrio vindo da escuridão, mas poderia ter sido apenas a mudança no vento, até onde ele sabia. Ele ficou lá, elegante, o cara mais firmeza, vestindo roupas arrumadas, e simples, de bacana; ele evitava os modelos apertados demais e o excesso de fivelas que a maioria dos homens vestia. O chapéu tinha o tamanho e

estilo certo para a cabeça dele, e, exceto por um brinco que brilhava na orelha, ele poderia se passar por um publicitário. Eles sabiam o que ele havia feito?

Eles aguardaram na piscina de breu. Nas extremidades do local, duas faixas de postes de iluminação das estradas brilhavam e os carros aceleravam, quase sem nenhum ruído, existindo apenas por conta dos faróis que mergulhavam na noite acima de suas cabeças. Mais além estavam as luzes dos prédios residenciais. Ali estava O Homem com a Ideia, cuja fama indicava ter vinte e um ternos caros no armário e o mesmo número de pares de sapato; o Homem com um arsenal capaz de armar um batalhão. Quem não conhecia Ismael?

Ismael sabia que tinha cerca de dez minutos para explicar O Plano a eles. A atenção não duraria mais que isso. Ele ouviu mãos matando mosquitos. Era preciso ser simples, dramático, e falar com envolvimento suficiente para que, quando saíssem dali, estivessem rosnando. Se os motivasse, seus homens poderiam mantê-los assim por muito tempo. Ele imaginou esse momento muitas vezes, pensando e repensando em tudo que precisava dizer. Ensaiou como destilaria seu conhecimento naquele momento que os reunia por causa da Ideia. Embora o rosto continuasse, como sempre deveria parecer, impassível, ele sentiu o terrível surto de poder, que reverberou quando precisou liberá-lo com um grito. Os óculos escuros mascararam a sensação. Dar um sermão não era boa ideia; eles sempre ouviam discursos vindos dos Outros, e, há muito tempo, aprenderam a ignorar ladainhas. Além disso, sua voz não era forte; nem gritando ela chegaria até o final do campo escuro. Ele ficou frente ao espelho e xingou, gesticulou, fez caretas, mas sabia que era incapaz de dar espetáculo como um Castro.[3] O que dissesse precisava ser simples, pois muitos deles não pensavam tão rápido. O que dissesse precisava ser dito sucintamente, pois muitos não tinham paciência. O que dissesse deveria ser forte, mais encenado do que falado, pois precisavam estar fixados no palco e ouvir. Ele sabia que todos foram até lá na escuridão, assustados pela área desconhecida, prontos para dar no pé, sempre nervosos quando estavam fora dos próprios territórios.

Duzentos metros dali, Lesadão movia-se impacientemente na escuridão e queria saber, irritado, quando o Homem começaria, ou se ele ficaria se exibindo ali a noite toda, desfilando as roupas bonitas nas lanternas? Sisudo, Pavão

sussurrou para esperar. Nervoso, Hinton mudou de lugar, incapaz de agachar-se confortavelmente, sentindo algo estranho naquela escuridão. Quanto mais dessa esquisitice ainda aguentaria? Ele estava prestes a entrar em pânico, mas a sensação de estar cercado pela família manteve a máscara de pé.

Ismael apontou o dedo indicador na direção das luzes da cidade que os circundavam e girou para todos os lados, com o braço rijo e acusatório.

“Escutem o homem”, sussurrou Hector. Ismael começou. Eles ainda não ouviam nada, apenas viam os braços se moverem.

Ismael falou. Ele falou, direto e leve como sempre fez. Ele disse a três retransmissores abaixados à frente dele; falou ao enxame na escuridão e aos faróis distantes, e falou às luzes da cidade e aos garotos tolos com suas bombinhas no ar e às luzes piscantes dos aviões acima deles, desafiando tudo. Os três retransmissores ouviram as primeiras palavras, viraram-se e as transmitiram aos outros comunicadores, que repetiram O Plano, retransmitindo, em tom de conversa, cada vez mais fundo noite adentro. Não havia nenhum outro som naquela hora.

Ismael contou a eles quem ele era. Eles o conheciam. Ergueu-se ao assumir uma gangue despedaçada, que morria ao longo de dez anos e muitas trocas de pessoal. Tinha a reputação de ser um lutador feroz, um planejador astuto. Quem liderava as tropas melhor que ele? Ele desafiou, conquistou e assimilou várias gangues e construiu uma imagem para si mesmo e reputação para seus guerreiros. Ele transformou seus homens em mercenários, alugando seu exército para ajudar outras gangues em suas lutas. Qual exército era o mais experiente? Qual exército tinha mais disciplina? Deu-lhes novos símbolos, mágicos, que tinham força. Agora, era capaz de mobilizar trezentos homens, incluindo auxiliares. Qual exército tinha mais equipamento e dinheiro?

Eles o conheciam. Seu rosto estava lá para todos olharem. As grandes lentes azuis zombavam de todo mundo com uma imparcialidade ousada.

Na escuridão, todos entenderam.

Por que estavam ali? Ele gesticulou novamente, apontando o dedo, braço duro, girando no monte. Ele disse estarem ali por causa do Inimigo.

Lembrou-os sobre o Inimigo, os adultos, o mundo dos Outros, aqueles que os humilhavam. Os tribunais e prisões, as escolas-prisões e os lares-prisões; essas coisas os menosprezavam. Os jornais os desmereciam. As gangues de homens adultos os ignoravam, pois nunca os envolveriam nos esquemas criminosos. Aqueles que cobravam caro demais por tudo os humilhavam. Os assistentes sociais que trabalhavam para fisgar seus camaradas os desrespeitavam. Quem tinha todas as coisas boas da vida e não dividia com ninguém – casas bacanas, televisores dignos de sonho, carros tão caros quanto facilmente restituídos à concessionária, os decadentes, as roupas fajutas, tudo conseguido em troca do peso sobre suas costas pelo resto da vida – essas coisas os rebaixavam. E, o pior, as pessoas que deveriam ser *suas* amigas: os assistentes sociais, o pessoal da Vara da Juventude, professores, os conselheiros que mencionavam coisas como centros comunitários, bailes organizados, esportes, passeios, leitura, Mobilização da Juventude, a Carreira, aquela porra do Haryou,[4] os viados do Corpo da Paz; promessas como a igreja... Todos lembravam-se do quão forte o irmão mais velho de Ismael era. Agora, uns pentecostais haviam garfado o cara; sua esposa paria uma criança por ano e ele batia palmas e balançava o corpo para aquela merda de *Jesus Salva*, não fumava, arrependeu-se para ser humilhado, explorado e tinha aquele sorriso de bosta o tempo todo. Tudo na mais perfeita merda; e ele ali sonhando. Guerra à pobreza? Ele travava a verdadeira guerra e gesticulou novamente, punhos erguidos, cotovelo travado, dedo apontando, virando-se lentamente no mesmo lugar.

Eles sabiam. Acenaram com a cabeça.

Ele lhes disse que todos estavam perdidos, desde o princípio até agora, e estariam perdidos até suas mortes. Se dessem sorte, morreriam rápido, se não dessem, se arrastariam pelo resto da vida, cercados de crianças, como seus pais, sendo nada mais que sujeitos desprezados e mão de obra barata para o sistema. Alguns virariam drogados, ou psicopatas; eles sabiam o significado daquilo. Claro, eles poderiam ser assistentes sociais, ou informantes da polícia, mas aquilo alimentava o sistema também.

Concordaram. Eles sabiam.

Ou achavam que conseguiriam encontrar uma saída roubando, fazendo carreira no crime? Não havia oportunidades para eles; trabalho duro não era recompensado; tudo que fariam seria bater umas carteiras aqui e ali até que fossem pegos, condenados e passariam um terço de suas vidas lá dentro. E se a polícia não desse um jeito, os ladrões dariam cabo deles. Eles achavam que conseguiriam? Ismael antecipou a todos. E os lembrou: se ser duro era a solução, onde estavam os durões mais velhos agora? Onde estavam todos os camaradas perdidos e todos os heróis presos? Mas quão mais *hombre* era um *hombre* num grupo, em vez de um homem só? Eles precisavam saber.

A maioria concordou. Uns poucos cabeças-duras e alguns malucos continuaram balançando a cabeça, pois *sabiam* que eram capazes de se erguer e ter um destino diferente. Sairiam graças à força de seus punhos, à insanidade de suas motivações, ou por serem muito machos: a América não era cheia de histórias como aquelas? Mesmo o céu iluminado pintava heróis que deram certo por meterem as caras, e disse a eles sobre o poder da violência. Um pouco de sorte... era só o que bastava.

Lembrou-lhes: não havia esperança... a não ser que o ouvissem. Arnold concordou sabiamente e desejou ter pensado em tudo aquilo por conta própria. E pensou que deveria envolver suas crianças nessa ideia. Júnior continuou recusando as palavras que os transmissores passavam: ele não as entendia e chacoalhava a cabeça violentamente, dizendo que, cara, ele não curtia bulhufas daquela parada, e, além disso, não queria ouvir mais nada a respeito. Arnold cutucou Júnior. Pavão, o portador, esperou pronto para concordar com qualquer coisa que Arnold e Hector concordassem. Hinton lutou contra o terror que sentia, mas conseguiu ficar tão na dele quanto Ismael estava, congelado naquela piscina de luz na escuridão do parque. Lesadão escutou as palavras e começou a entender onde ele queria chegar com tudo aquilo e entendeu estar diante do Homem, o líder que todos esperavam. Seu rosto começou a se contorcer com a empolgação e continuou concordando conforme os lábios se moviam e ele compreendia. Hector, sempre alerta às ameaças externas e à disciplina interna, manteve-se semiatento às palavras, quase sem ouvi-las, observando tanto seus

homens quanto os grupos ao redor, quase indistinguíveis na escuridão. Dewey escutou.

O que deveria ser feito?, perguntou Ismael. Ele disse que, a qualquer hora, havia vinte mil membros fiéis, quarenta mil se contassem os aliados recorrentes, sessenta mil contando os desorganizados, prontos para lutar. Era o suficiente para quatro divisões do exército. Eles se deram conta do que aquilo significava? Ele lhes disse. Com as mulheres, chegariam fácil a cem mil. Ele falou sobre o grande sonho que teve. Com tempo, uma gangue poderia mandar na cidade. Eles sabiam o quanto era cem mil? Havia apenas vinte mil policiais. Por que a maior força, cem mil, da cidade deveria ser humilhada pelo Inimigo, pelos Outros? Eles cobrariam impostos da cidade e dos sindicatos do crime. O que deveria ser feito, Ismael perguntou, e acenou com a palma da mão para baixo sobre uma grande área da escuridão.

Irmandade, ele disse. Havia cem mil irmãos e irmãs. E, antes de ouvir os murmúrios em protesto, ele continuou. “Agora, somos todos irmãos. Não ligo para o que vocês digam. Eles querem nos fazer pensar que somos todos diferentes, então lutamos em gangues de negros, de brancos, de porto-riquenhos, de poloneses, de irlandeses, de italianos, de Mau-Maus e de nazistas. Mas a mão de ferro quebrava a cabeça de todo mundo na delegacia do mesmo jeito; e quando aquele juiz faz pouco caso da gente e nos manda para o Reformatório, ou à prisão na ilha Riker, ou à penitenciária, ele nos trata do mesmo jeito; eles nos tratam como se nós, um ou todos, tivéssemos a mesma mãe e eles fodem as nossas mães, e isso nos torna irmãos.”

Ele levantou o braço. O punho estava cerrado. A outra mão descansava sobre o músculo do braço fazendo o Gesto e ele se virou, mais vagarosamente do que antes, gesticulando para todo o mundo a seu redor.

E, por um momento, todos eram apenas um. A duzentos metros dali, Júnior sentiu; ele era membro de uma multidão vasta e confortável, e o terror de estar num lugar estranho não foi tão assustador por um instante. Lesadão vislumbrou os policiais encurralados levando uma surra em suas próprias celas. Hector pensou que, agora, poderia gerenciar esquadrões maiores, companhias, batalhões de homens, que poderiam se mover em missões rápidas e devastadoras. Hinton

poderia percorrer longas distâncias sem precisar brigar. Pavão sonhou em ver alguém concordando com ele. Dewey esperava que isso fosse o fim de ficar fazendo hora, passando a manhã toda esperando pelo cair da noite, entediado, sempre entediado. Papa Arnold ponderou como ele poderia se aproximar de Ismael. Eles gritaram e Ismael ficou com eles por um segundo. Eles formavam uma agradável bolha de poder e uma comunidade calorosa. Gritaram juntos, levantaram-se e fizeram o Gesto em todas as direções. Mas tudo durou apenas um segundo; muitas coisas surgiriam na pele que os unia. O que Ismael disse foi deturpado na transmissão, pois os comunicadores e os ouvintes do Plano dificilmente entenderiam seu poder ou significado, então, falar certo, ou ouvir certo, não era tão importante. Os elementos dissidentes eram incapazes de aceitar. Algumas gangues tinham reputação demais; outras de menos. Os nazistas odiaram aquele negão maluco botando banca lá em cima. As gangues de muçulmanos pensaram que ele era um traidor; um porto-riquenho, logo, um homem branco, e onde havia um branco digno de confiança? O ódio poderia ser aplacado apenas mais uma vez e eles deveriam se separar, sabendo apenas oferecer violência antes que ela fosse oferecida a eles. Os psicóticos nunca mantinham a disciplina, tampouco permaneceriam tanto tempo agrupados com outros; eles eram muito agitados. Muitos deles nunca poderiam se ver além dos sonhos de curtição, poder, mulheres, roupas, carros e honra; alguns estavam quase voltando ao mundo, começavam a acreditar no jeito como as coisas eram e não ousariam sacrificar a alegria de pertencer a alguma coisa. Os assustados amarelaram, pois podiam quase ver, algo palpável lá, depois do final do parque, a forma aterrorizante da oposição, aquelas luzes dos apartamentos residenciais, os então inocentes fogos de artifício voando e explodindo no ar; apenas um pequeno sinal de como o mundo poderia cair em cima deles.

Alguém esmagou um mosquito; um guerreiro nervoso interpretou de forma errônea e bateu de volta. Uma briga começou. Grupos começaram a brigar na escuridão. Muitos deles, sem confiar completamente no cenário, trouxeram suas próprias lanternas e começaram a usá-las. Uma onda de violência se espalhou, e expandiu-se pelos presentes. Gangues se reorganizaram, estilhaçando aquele instante sagrado de união universal. Alguns homens, sempre preparados,

desataram os cintos e prepararam-se para distribuir chibatadas, com as fivelas na ponta. Alguém falou mal da mãe de outra pessoa. Alguns armeiros começaram a rasgar os embrulhos das armas – que seriam presentes para Ismael – para se sentir protegidos; eles apontavam o poder, ainda com medo de usá-lo, analisando a escuridão que os cercavam.

As brigas ainda estavam espalhadas e os intermediários tentavam pará-las. Algumas brigas pararam momentaneamente, mas os guias precisaram ficar por perto para garantir que a Honra não fosse ofendida. Movimentos eram interceptados como sendo hostis e golpes puramente defensivos eram desferidos. As brigas continuavam acabando e recomeçando por todos os lados.

Papa Arnold convocou suas crianças para perto dele. Os sete formaram um círculo, cada um virado para fora. Lesadão, como sempre, queria sair da formação e cair de pau na escuridão, socando e quebrando, mas Arnold e Hector o flanquearam e mantiveram-no no lugar. Eles apenas aguardaram para que o barulho e o agito acabassem, esperando não ter que lutar.

Alguém, que não aguentou o tranco, disparou um tiro. Um pedaço de folha flutuou do arbusto atrás de Ismael. O Secretário tentou puxá-lo para baixo. Ismael, guerreiro e líder, desdenhou o desejo de se proteger. Seu rosto estava sério; o sorriso tranquilo satirizava a todos e desafiava a estupidez geral. As lentes azuis observavam a escuridão fervilhante e iluminada por *flashes*; ele ouviu os gritos abafados, os sons de golpes, com desprezo. Sua calma, pensou, teria um efeito tranquilizador; eles precisavam cair na real.

Mas tudo fora longe demais para um homem parar com a briga. A luta era generalizada; paz e organização universal eram irrecuperáveis naquela escuridão violenta. Os filhos de Arnold mantiveram o terreno, sob o comando de Hector. Aqui e ali, outros grupos recusavam-se a romper a trégua e lutar, mas mantiveram a postura e eram empurrados naquele negrume. Os brigões caíram em cima dos homens de Ismael, identificáveis pelas calças brancas. Alguns dos mais agressivos, os quebradores-da-trégua que nunca confiaram na parada desde o princípio, que invejavam Ismael, tiravam correntes escondidas de suas cinturas. Havia mais armas do que se imaginava. As oferendas de amizade foram todas desembrulhadas; pedaços brilhantes de papel colorido voavam perto dos

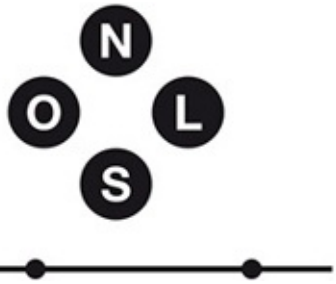
flashes de luz, tão cintilantes quanto doces no meio da noite. Alguns engraçadinhos acenderam bombinhas e as espalharam pelo campo.

E alguém chamou a polícia. Talvez um motorista que viu a coisa toda. Ou agentes da Vara da Juventude sentiram o que estava rolando e ficaram preocupados. Um guerreiro amedrontado, ou uma de suas mulheres, sentindo aquele tradicional medo pré-briga, deu com a língua nos dentes. A polícia avançava para cima deles em carros de patrulha. Eles ouviram uma sirene lá longe, mas, diferente da cidade, não havia lugar para correr ou se esconder, nenhuma porta para desaparecer; apenas o campo desconhecido, a própria noite, ou a estrada iluminada. A sirene ficou mais alta; outros gemidos seguiram; aquele som poderia ser um clichê – haviam ouvido tantas vezes – mas ainda paralisava. Não podiam correr – qual o caminho? Para onde iriam? Apenas os homens de Ismael sabiam como sair dali. As luzes vermelhas piscavam no topo dos carros de patrulha. Viatura atrás de viatura acelerava pelas duas pistas de acesso, flanqueando o grupo. E quem teria traído a todos, se não Ismael? Quem poderia ter levado a cana até o local onde se reuniam, entregues numa bandeja, senão o próprio Ismael?

Logo, eles apresentaram as oferendas de fidelidade de outra forma, diferente da original. De todos os lados do campo, miraram as armas contra o círculo de luz. Eles atiraram. De todas as distâncias, e na confusão dos disparos, apenas duas balas acertaram o alvo. O corpo de Ismael foi jogado para trás, através do halo, e foi aparado pelos arbustos espessos. Um buraco era imperceptível contra o material escuro do terno. O outro estilhaçou uma das lentes azuis, fazendo Ismael piscar para eles sem respeito, antes do tranco. As lanternas que iluminavam Ismael ficaram pálidas conforme a grande potência dos faróis e dos canhões de luz iluminava a área pelos dois lados.

Aguardando em agonia pegajosa, os corpos se contorciam, movidos pelo banho de luz e incitados a um momento de ação furiosa. Esmurravam-se uns aos outros, não apenas a inimigos, mas também amigos, como se apenas o movimento frenético fosse capaz de deixá-los menos aterrorizados. Luzes banharam a todos. Mesmo as gangues melhor disciplinadas cederam. Algumas delas descontrolaram-se totalmente; começaram a correr e, na corrida,

trombaram em outros homens e paravam para brigar. Outros corriam em círculos. A luz os envolvia. Mais viaturas chegavam, correndo para a cena pelas estradas paralelas, cantando pneus, virando na direção do campo, parando e mirando seus faróis e canhões contra a área até que tudo se tornou insuportável. Estavam todos nus sob a luz, inundados. E, lentamente, os movimentos começaram a parar. Fizeram uma pausa. Esperaram. Um campo cheio de garotos ofegantes hipnotizados pela luz, cientes apenas do surto flamejante que os invadiu, afogando-os, e conscientes da total, completa e aterrorizante margem de escuridão que existia além daquelas luzes.



4 de julho, entre 22h45 e 23h10

Por um momento, todo mundo ficou parado. As sirenes no topo das viaturas continuavam a girar e lançavam faixas vermelhas naquele mundaréu de luz. O corpo de Ismael caiu lentamente, sumindo de vista, desaparecendo como se fosse puxado para o fundo do mar. Um garoto lamentou, chorando; o som formou uma bolha, surpreendentemente clara ao redor daquela arena de luminosidade silenciosa. Então, alguém que viu filmes demais, tentou assustar os policiais com alguns tecos, tentando o velho truque de atirar nas luzes. Os cabeças-de-penico responderam com um aviso pelo megafone. Mas o maluco, algum psicopata bicão, a salvo entre a massa, tinha que se exibir e atirou novamente; a bala acertou um dos canhões de luz e o estilhaçou, mas pareceu não afetar a luz em si. Dessa vez, os canas dispararam tiros de advertência, tentando espalhar as balas bem acima das cabeças de todo mundo. O megafone continuou bradando e ecoando, alertando. Mas um policial enfezado, tentando atirar baixo o suficiente para realmente assustar, disparou contra a massa de garotos e alguém – baleado – gritou.

A gritaria começou, então. A massa rosnou e começou a correr. Alguns corriam de um lado para outro, indo e voltando, trombando uns nos outros. Gangues começaram a se desintegrar. Um guerreiro segurava uma corrente de bicicleta e, sorrindo feito um maluco, girava a arma sem parar, a salvo no centro de um círculo prateado de três metros de diâmetro. Muitos deles deram no pé nas direções de onde imaginavam terem vindo. Alguns correram para o sul e deram

de cara com destacamentos policiais que subiam até o campo para flanquear o grupo. Uma pequena multidão tentou fugir pelo oeste, na direção da linha de metrô da Broadway, e encontrou uma fila de policiais e viaturas. Os oficiais foram para cima e começaram a bater sem dó, empurrando os garotos de volta para o campo. O alto-falante continuava dizendo: “Quem ficar parado não será machucado. Quem ficar parado não será machucado”. Outro dizia: “Formem uma fila. Mãos ao alto. Formem uma fila”. A massa que avançou para o leste, correndo na direção das luzes, foi pega pela linha de policiais e apanhou, mas alguns conseguiram alcançar a escuridão; a polícia nem tentou seguir. Um grupo de moleques fez de conta estar se rendendo e, então, quando os policiais se aproximaram, eles atacaram. Mas algumas balas disparadas à frente deles frustrou a tentativa e eles pararam. Mais viaturas e camburões chegavam. Os fogos de artifício não paravam.

Motoristas encostavam e saíam de seus veículos. Policiais tentavam tirá-los dali. O tráfego começava a parar e o congestionamento se formou. Curiosos aglomeravam-se atrás das linhas da polícia para assistir ao show. Algemado, um muçulmano com o cabelo preso era levado ao camburão por um brucutu mal-encarado e viu a plateia de olhos arregalados e pirou, libertando-se da escolta e pulando contra os otários, gritando por ter sido feito de idiota na frente de todos eles. Ele derrubou uma velhinha e estava mordendo alguém quando o policial desceu a porrada – ele caiu –, chutando-o pelo asfalto, ralando o rosto ensanguentado do sujeito enquanto alguém dizia: “Selvagenzinho de merda, acaba com ele”. Sem saber que Ismael havia sido baleado, o Chofer tentou abrir caminho com o carro para resgatar o Líder. Ele atropelou e matou um Serafim que se rendia, derrubou um policial e atolou num terreno fofo, afundando cada vez mais, e com fúria, até que os policiais o tiraram do carro e arrebentaram a cabeça dele. Um dos Tronos de Delancey estava com as calças brancas destruídas e as partes íntimas expostas; dizia ao cana para tirar as mãos dele; ele estava indo, mas só tire essas merdas de mãos, e foi levando tabefe até o camburão.

Os Dominadores de Arnold esperaram, mantiveram a coesão, ficaram ao lado de Hector, impressionado pela batalha campal, contida pelas duas camadas de

luzes policiais. Ficaram quietos quando os tiros rolaram. Ficaram quietos quando a multidão entrou em ebulição. Esperaram pela ordem de fuga. Hector, aparentemente calmo e perigoso sob as luzes, cheio de coragem, manteve a mão levantada, embora Lesadão quisesse começar a brigar; e Júnior sabia que sair correndo seria bem simples. Um minuto passou. O tumulto era geral então. Quando Hector teve certeza de que a polícia estava ocupada, sinalizou com a mão para se moverem. Hector foi na vanguarda e Arnold ficou na retaguarda. Caminharam rumo ao norte, na direção do palco que Ismael ocupara. Conforme caminharam, aceleraram o passo para uma marcha rápida semiagachada, conforme praticaram com Papa Arnold e Tio Hector no treinamento pré-batalha. Outro alto-falante começou a dar ordens aos garotos, gritando com grupos que tentavam fugir, dizendo a eles que a fuga era inútil; estavam cercados.

"Então, cara, por que estamos correndo? Eles enquadraram a gente", disse Hinton.

"Filho, você não manja nada. É tudo lero-lero. Abaixe e continue se movendo", Arnold disse, da retaguarda. "Sigam seu Tio."

Lesadão andou, punhos cerrados e pronto para dar o bote, torcendo para alguém, qualquer um, aparecer na frente dele ou que algum policial perdido chegasse perto o suficiente para ele conseguir socá-lo antes de serem presos. Hinton ponderou se não seria melhor simplesmente parar e esperar os outros serem presos. Os policiais teriam que liberá-los: como as celas comportariam tanta gente assim? Um quarto alto-falante começou a dar ordens. Os canas gritavam orientações e gritavam uns com os outros para ficarem atentos a esse ou aquele grupo tentando escapar. As vozes encontraram-se e fundiram-se num rugido assolador generalizado e cada aviso perdia o sentido; era apenas barulho.

A Família de Arnold seguiu para o norte, protegidos, na maior parte do trajeto, por grupos de garotos à espera de os policiais irem atrás deles. Chegaram aos arbustos. Passaram por um bocado dos homens de Ismael, reunidos em torno do corpo do líder. Eles queriam parar e olhar, mas Hector ordenou que continuassem se movendo. Na retaguarda, Arnold sabia do risco, mas teve que parar e olhar nos olhos de Ismael. Um dos homens de Ismael perguntou o que diabos ele estava olhando e, antes que Arnold pudesse dizer qualquer coisa, foi

cercado, derrubado e espancado. Pavão, pouco à frente de Arnold, não percebeu por causa do barulho; ele andava cada vez mais rápido atrás dos outros e eles penetraram no mato, fora daquela zona terrível. Era mais fresco ali. Foi um alívio sair da luz, e eles andavam mais rápido. Galhos acertavam seus joelhos, mas estavam trotando agora, distanciando-se mais e mais da área brilhante. E então saíram da vegetação, seguindo Hector, vagamente delineado pelos fachos de luz dos carros engarrafados no entroncamento da estrada à frente.

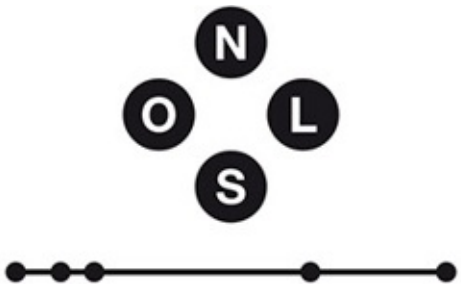
Chegaram ao barranco onde as estradas conectavam-se. Hector, iluminado pela luz dos carros, brilhando com lâmpadas de mercúrio, acenou para abaixarem-se. Não havia razão para dar mole. Hector deu a ordem; eles avançariam pelos carros parados e prosseguiriam até o lado esquerdo, a oeste, na escuridão. Hector disse para não se assustarem, para ficarem juntos, e quando chegassem ao outro lado da estrada, dariam os braços para atravessarem o breu. Ele suspeitava terem vindo daquela direção. De qualquer forma, o parque acabaria e sairiam dali logo.

Atravessaram a estrada correndo e desceram o barranco do outro lado, sob a proteção das trevas. Vendo a travessia, atrás deles, os motoristas começaram a buzinar para alertar a polícia. Com medo, eles correram mais rápido. O chão estava molhado e ficava mais macio, enquanto pareciam se mover para dentro de um pântano. Todos viram heróis dos filmes afundarem na areia movediça; havia areia movediça ali? Mas sabiam que, caso alguém começasse a afundar, a coisa a fazer era pegar um galho enorme e colocar sobre o buraco de areia movediça... mas quem teria coragem de parar? Os sapatos não foram feitos para correr e estavam ficando ensopados e sendo destruídos ali. Lesadão tentou parar e acender um cigarro, mas Hector deu um tapa para derrubá-lo de sua mão; tinha pirado? Essa palavra sempre enfurecia Lesadão e ele estava quase pronto para lutar, mas Hector ordenou que dessem as mãos e o seguissem. Ele manteve Lesadão bem perto.

Andaram rápido, quase correndo no escuro, distanciando-se cada vez mais da grande bolha de luz, sem saber para onde estavam indo, vagando rumo ao norte, oeste, leste e, finalmente, estavam perdidos, subindo e descendo colinas, através do terreno pantanoso, ofegantes. O zunido alto dos insetos grandes que passavam por eles era suficiente para assustar. Deram tapas nos mosquitos que

os picavam. Havia animais selvagens ali? Linces? Lobos, talvez? Cobras, com certeza. Quais tipos? Não tinham certeza. Jiboias? Cascavéis? Sapos coaxavam, grilos faziam cri-cri, mais alto que as bombinhas. Dewey pisou num buraco cheio d'água e gritou. Eles correram até ele, puxando-o, embora Dewey continuasse com medo de jacarés. Galhos entortados pelo homem da frente voltavam e atingiam uns aos outros na cara. Lesadão comeu um bocado de folhas. Hector quase surtou quando atravessou uma teia de aranha; ele fez movimentos frenéticos para tirar a teia no ar escuro; sabia das viúvas-negras, e também de aranhas gigantes, comedoras de homens; mas ficou de boca fechada e manteve a pose, segurando a mão de Lesadão novamente. Pavão sentiu a capa de chuva prender em algum lugar e queria parar para soltá-la, mas foi puxado pelo grupo e o casaco rasgou. Ele tocou as garrafas; estavam a salvo.

Pareciam ter andado por muito, muito tempo; queriam descansar logo. Hector não deixou. Ofegavam; os flancos doíam; avançaram até uma colina rochosa, escorregando, caindo, levantando-se vez atrás da outra; Júnior rasgou a calça na altura do joelho; chegaram ao topo e correram através do solo firme de um campo esportivo e o parque acabou, de repente, numa calçada e uma rua. Era uma rua comprida, e pacífica, com árvores de troncos grossos, pouco movimentada; algumas pessoas andavam por ali. Do outro lado da rua, atrás de uma cerca de lanças de ferro, ficava o cemitério. Um ônibus chegava da direção oposta, e, mais adiante, Pavão viu o olho vermelho giratório de um carro de patrulha e apontou. Hector teve uma ideia e acenou. Eles atravessaram a rua, pularam a cerca e entraram no cemitério. Movendo-se com cuidado, costuraram pelas lápides até que a rua estivesse escondida atrás de túmulos e mausoléus. Hector fez o sinal para descanso, ao cair de joelhos. Todos desmoronaram, ofegantes, e descansaram na sombra de uma grande cripta na borda de uma colina esverdeada.



4 de julho, entre 23h10 e 23h45

Júnior ficou inquieto; estava demorando demais. Lesadão ficou revoltado por ter perdido o chapéu e Júnior estava deixando ele nervoso com aquele papo de fantasmas. Dewey ponderou se poderia ser verdade. Se... coisas... *saíam mesmo* das covas.

“Agora a gente dá um tempo aqui, por algumas horas, e, então, quanto essa merda acabar...”, disse Hector.

Então Júnior soltou, numa voz surtada: “Mas eu *disse*. *Não podemos* ficar. As covas podem abrir e...”

E eles colaram uns nos outros, mas sem sentir o conforto da proximidade. Arnold poderia ter ajudado; Arnold era o Pai deles. Mas o Pai já era.

Demorava cerca de uma hora, ou uma hora e meia, dependendo do serviço de metrô, para chegar do fim do Bronx até Coney Island. Claro, não se você está agachado na sombra de um túmulo. Não se o sorriso dos querubins gordinhos na tumba, com o rostinho colado, ficassem mais maléficos conforme o relógio se aproximava da meia-noite. E não se todo policial da cidade estiver alerta e fazendo batidas, não se todas as tréguas entre as gangues da cidade tiverem acabado e se todas as gangues estiverem umas contra as outras. Coney Island ficava a mais de vinte quilômetros dali; dava no mesmo se fossem dois mil, pois todo o mundo – entre o cemitério e o lar – está pronto para acabar com você. E se ainda não existe um plano, e se a Família estivesse ruindo com a ausência do Pai, e eles precisam voltar para casa, para o lar, *agora*, então quer dizer que uma

distância infinita deveria ser percorrida. Era por isso que Hinton, por não acreditar em fantasmas, não via a necessidade de sair daquele lugar legal e tranquilo numa noite como aquela, e caminhar ao longo de todo aquele descampado, exposto sob o luar, para chegar ao metrô. Ainda havia tempo.

“Irmão, vou deixar vocês e partir sozinho”, disse Lesadão. “Não vou ficar dando bandeira nesse lugar.”

As coisas ficaram agitadas novamente. Notaram um vigia. Era a polícia bisbilhotando? Não, brucutus chegavam fazendo barulho e não ligavam. Era outra gangue? De quem era essa terra, aliás? Ninguém sabia.

“Bem, se as assombrações incomodam vocês, crianças, vamos cair fora e dar um tempo em outro lugar”, Hector disse, com descaso, esperando que eles não fossem tolos; que concordassem em ficar. Mas até mesmo Pavão disse que não queria ficar por ali.

Quando Hector sacou como a coisa rolaria, foi racional sobre o lance, e disse que tudo bem, eles se reestruturariam, elegeriam alguém e sairiam dali como uma Família; pois, se agissem como uma turba, eles sabiam o que acontecia com turbas. Todos concordaram.

“Mas, cara, temos que agilizar”, disse Júnior.

Eles elegeram. Não havia dúvida que Hector deveria se tornar o Pai, por enquanto. Lesadão queria o cargo e votou em si mesmo, e fez uma carranca quando não venceu. Eles nem votaram em Lesadão para Tio, pois nunca confiavam nas maluquices dele. Votaram em Pavão, por ser tranquilo, pouco criativo e constante; um bom homem para se ter do lado numa briga ou num aperto. Lesadão tornou-se terceiro em comando, filho mais velho, e, até certo ponto, isso o satisfez; dar qualquer cargo abaixo disso a ele daria problema. Ele tinha dezesseis anos, e sempre estava um pouco calibrado, mas tinha um metro e oitenta e seis, era forte, largo e resistente. O segundo irmão foi Dewey; ele tinha dezessete anos e estava com a Família há muito tempo, era confiável. O terceiro irmão foi Hinton. Hinton era um artista, tinha talento para caricaturas e sabia escrever com letras bonitas; ele carregava o canetão e deixava o símbolo dos Dominadores onde quer que fossem. Todos o consideravam um pouco psicótico, porque quando dava a louca nele, na hora de brigar, até mesmo Lesadão tinha

um pouco de medo do cara. Mas esse era o segredo de Hinton: sem ter a força ou a coragem, ele sabia que todo mundo tinha medo do surto, então ele pirava de vez em quando e todo mundo o deixava em paz. O irmão mais novo era Júnior, uma espécie de mascote, ainda um guri, mas com coragem. Eles gostavam de botá-lo contra os mascotes das outras gangues e ver os pirralhos brigarem. Ele não era apenas o mais novo do grupo, mas seu nome era *mesmo* Júnior, e ele sempre carregava um ou dois gibis enrolados no bolso. Depois da eleição, Hector e Pavão passaram a garrafa para uma rodada; Lesadão tomou dois goles, pois estava bravo pela perda do chapéu e da eleição. Hector autorizou que fumassem, mas deveriam acender protegidos pelas jaquetas para ninguém ver as chamas. Ele liberou um cigarro, não mais; para manter as mãos ocupadas e relaxar até que ele criasse um novo plano de ação. Lesadão achou que deveriam discutir os planos democraticamente, mas Hector enfatizou que ele era o Pai e era responsabilidade de Lesadão, o filho mais velho, segui-lo. Lesadão ficou irado, mas não falou mais nada.

O plano era descer a colina, pular a cerca, atravessar a rua, cruzar a estrada e o rio, acima daquele gramado extenso, pelo meio dos apartamentos, subir até o metrô e ir para casa. Esse era um jeito de fazer a coisa. O outro era telefonar para o agente da Vara da Juventude que cuidava deles, Wallie, dizer que estavam em apuros e pedir que os buscasse com o carro dele. Então, Hector disse a eles, já que Wallie, aquele careta, estava tentando ganhar uns pontos com os Dominadores, ele pensaria que, finalmente, chegara a hora de fazer um favor à Família. A parada não era bem assim, claro, pois Wallie era um Outro, então seria bom usá-lo. Eles concordaram. Desceriam, até perto do metrô, e ligariam para o palhaço ir buscá-los. Se ele não fosse, pegariam o trem e voltariam para casa. Não tinham muita certeza de onde estavam; não sabiam ao certo para onde aquele trem seguia; sentido centro ou sentido bairro; era o suficiente. Júnior estava ficando nervoso sobre a permanência deles ali e tentou apressar o grupo para terminar de fumar.

Lesadão perguntou quem tinha o Poder. Quem estava armado? Ninguém. Papa Arnold tinha a pistola .22 que seria presenteada a Ismael, mas agora Arnold provavelmente estava no camburão. Ninguém foi armado, pois seguiram as

instruções da trégua ao pé da letra. Isso fazia a distância ficar maior ainda; como conseguiriam cruzar todos aqueles territórios sem estar equipados para a ação? E se o careta da Vara da Juventude não aparecesse; e então? Hinton perguntou por que eles não podiam ficar ali, só mais um pouquinho. Foi ignorado.

“Cara, você viu aquele Ismael? Não vai mais botar banca agora. Plaft. Bem no meio do olho”, disse Lesadão.

“Ismael era um grande homem e teve uma grande ideia”, disse Hector. Ele abaixou a cabeça em tributo.

Lesadão pensava diferente; a ideia não era tanta coisa; aliás, era até mesmo óbvia.

“Não deveríamos cair fora. Arnold pode aparecer”, insistiu Hinton.

“Irmão, mesmo que ele tenha escapado, como vai saber onde estamos?”, perguntou Hector. “Use a cabeça.” E ele lhes disse que pegassem suas insígnias. Usariam os emblemas; sairiam dali como uma Família.

Hinton perguntou se seria sábio andar pela cidade com identificação, para todo o mundo saber quem e o que eles eram.

Hector ficou nervoso e disse que se fossem caminhar como uma Família, usariam os emblemas, ou não sairiam dali. Hector pensou que Hinton diria algo assim. Hinton ainda era novo; chegou há pouco na vizinhança; e há apenas oito meses na gangue. Ele observou Hinton nas sombras: o rosto dele estava calmo, a cabeça descansava contra uma pedra, parecendo quase entediado pela coisa toda, os olhos fechados, os dedos fazendo movimentos repetitivos contra o mármore. Bem, talvez fosse apenas reflexo de Hinton não ter noção suficiente de tradição e Família, pensou Hector. Ele aprenderia na hora certa. Lesadão disse que se Hinton fosse covarde, deveria ficar aqui a noite toda e deixar as outras gangues ou os policiais pegarem-no ou, até onde ele se importava, os ratos poderiam confundi-lo com um dos defuntos e acabar com ele. Hector disse a Lesadão que conselho não deveria ser confundido com covardia e para não desrespeitar o irmão mais novo daquela maneira, a não ser que Lesadão quisesse encará-lo. Lesadão disse que aquele filho estava arrependido, mas havia uma brecha para tirar um sarro na situação toda. Hector aceitou como um pedido completo de desculpas para evitar problemas imediatos.

Hinton disse não haver razão para gozação, mas que eles, os Outros, os reconheceriam.

“Você não é tão famoso assim, filho. Você não é Ismael, cara.”

“Mas temos marcas das gangues...”

“Como eles saberão a qual gangue pertencemos?”

“Não é esse o ponto, cara. Eles estão atrás de todas as gangues por perto desse território. Depois do que viram, eles vão te prender pelo simples fato de ter entre catorze e vinte e parecer suspeito. E hoje à noite todo mundo parece suspeito.”

Hector decretou que usariam as insígnias e que qualquer um que não as usasse poderia voltar para casa sozinho. Hinton entendeu que a discussão estava encerrada.

Eles retiraram os broches e os entregaram a Hector. Ajoelharam-se em frente a Hector e ele prendeu os emblemas nos chapéus. Lesadão estava furioso por ter perdido seu chapéu, e não estragaria a jaqueta com furos de alfinete, mas Dewey disse que Lesadão poderia usar um lenço amarrado na cabeça e eles prenderiam o distintivo ali. Hector colocou o broche dele na frente do chapéu; os outros foram posicionados nas laterais.

Hector disse que se o palhaço da Vara da Juventude não aparecesse eles deveriam sair como um grupo de batalha, pois significaria que todas as tréguas haviam acabado, o pau ia comer feio, a polícia estaria por todos os lados, atacando o grupo, e ninguém poderia confiar nem na própria mãe ou no próprio pai. Todos riram; era uma piada interna da Família.

Hector mandou Hinton deixar a marca deles. Hinton tirou o canetão do bolso e colocou o sinal da família no túmulo, Dominadores, CFDP, PPM e disse a Júnior: “Deixo isso pros fantasmas”.

As nuvens aproximaram-se. Hector deu um tapinha no ombro de Hinton. Sabendo que Dewey estava observando a área à procura de inimigos, Hinton saiu da sombra reconfortante e agachou-se. Ele desceu a colina em corridas curtas até desaparecer na noite. Então Lesadão foi tocado, e também saiu.



4 / 5 de julho, entre 23h40 e 0h45

No pé da colina, perto da cerca, as covas ficavam bem próximas umas das outras. “Irmão, os caras tão coladinhos aqui.”

Hector colocou Júnior na retaguarda para irritá-lo: ele chegou perto e disse: “Não fale assim, cara”. Eles continuaram a descer. Júnior engasgou um pouco quando precisou pisar num túmulo para não cair; o pé dele afundou na terra fresquinha. Agachados, e protegidos pelas lápides, eles podiam prosseguir sem correr de sombra em sombra.

“Olha isso”, disse Pavão. Sob a fraca luz da lua, eles viram que alguém havia pintado *Spahis* ao longo de uma extensa série de lápides, bem acima das iniciais de *R.I.P*.

O cemitério acabava acima da rua. Havia uma ribanceira de três metros e meio. Hector enviou Hinton para checar se havia alguma passagem para a Família através da cerca, sem precisar escalá-la. Hinton estava sendo testado, pois não queria usar a insígnia. Eles não perceberam a cagada?, pensou Hinton. Ele caminhou ao longo da última fileira de túmulos, olhando sobre eles para ver a cerca e a rua lá embaixo. O luar iluminou os trilhos do trem, um rio estreito, a estrada e um longo gramado verdinho que subia até os apartamentos. A linha de metrô suspensa ficava logo depois dali. Hinton vivera ali; a família dele vivia mudando, nunca ficava no mesmo lugar por mais de dois anos. À esquerda, a cerca de oitocentos metros, havia a ponte sobre o rio.

Hinton não encontrou nenhuma abertura na cerca; teriam que escalar. Ninguém andava pela rua; apenas alguns carros passavam. Se pulassem de algum lugar alto, as pessoas nos carros não os notariam prontos para saltar do baluarte. Ele encontrou um lugar promissor para a escalada. A queda ali seria de três vezes a altura de um homem, mas parecia mais alta. Ele voltou e fez o relatório para Hector.

Hinton levou os homens ao lugar.

“Por que tão alto, cara? Vamos nos machucar pulando.”

“Se pularmos de algum lugar mais baixo, vão ver a gente, Hector.”

“Mas podemos nos machucar. Não podemos carregar ninguém com o tornozelo torcido pra casa. Encontre um lugar mais baixo. Mais baixo, cara.”

“Da maneira como esse filho vê...”

“... não é a maneira como faremos”, disse Hector.

“Certo, Papa”, disse Hinton, bravo.

“O Pai manja das coisas”, entoou Hector. “Estou certo?” Hinton não respondeu. “Estou certo?”

Hinton concordou e sorriu.

“Olhe para mim quando estou falando com você.”

Hinton olhou para Hector.

“Sorria melhor.”

Hinton deu um sorriso melhor.

“Não preciso ver seus dentes de trás quando você sorri, filho.”

Hinton modificou o sorriso.

Eles esperaram por cerca de quinze minutos; quando uma viatura passou, Hinton foi o primeiro a ir. Hector ainda o testava e ele sabia que não podia demonstrar nenhum sinal de covardia ou ressentimento; e se eles o deixassem ali? Ele encarou na manha, tomando muito cuidado para parecer despreocupado. A cerca foi fácil; quantas cercas já escalara, algumas delas com mais de seis metros de altura? Equilibrou-se sobre o parapeito de concreto de dez centímetros; podia sentir a cerca empurrando-o para fora. Parecia muito alto para pular, embora tivesse apenas três metros e meio de altura. Então, ele não olhou, pois sabia que quando se está com medo é melhor pensar naquilo que está

prestes a fazer só depois. Equilibrado, ele olhou para os dois lados da rua e não viu nenhum carro. Virou-se na direção do cemitério; os garotos estavam escondidos. Ele entrou em pânico por um segundo e pensou ter sido abandonado, mas eles não fariam isso. Abaixou-se até ficar pendurado e soltou as mãos. A queda o deixou sem ar e ele quase caiu de joelhos. Rasgou a parte traseira do sapato direito, mas ele aguentou o tranco por causa da faixa de couro superior que prendia tudo. Virou-se e atravessou a rua correndo, pulando para não perder o sapato. As coxas ainda doíam por conta do pique. Correu até as sombras das árvores da calçada. Atrás delas, descendo uma pequena colina, havia uma grande caixa d'água fazendo uma sombra grandona; além dela, no fundo da vala, perto do riacho, ele viu os trilhos.

Hinton virou-se. Ele pôde ver Lesadão a postos no muro, de costas para a rede. Hinton saiu das sombras e acenou. Lesadão nem se deu ao trabalho de ficar pendurado. Ele encarou com tudo, pulou de uma vez e desfilou pela rua. Eles vieram um por vez. Júnior foi o último; ele pulou um pouco antes do sinal, pois estava com medo. Eles riram. Ele caiu para a frente, ralando as palmas das mãos; a história em quadrinhos caiu do bolso. O tombo também quebrou o relógio. Ele começou a atravessar a rua, mas todos apontaram para o quadrinho e gritaram. Ele virou, viu e hesitou no meio da rua... tinha que voltar para buscar. Apontaram para o cemitério e gritavam que os fantasmas estavam vindo, rindo da corrida aterrorizada, até Hector os calar.

Começaram a andar para o norte, em direção à ponte, tentando ficar nas sombras. Era mais longe do que imaginaram e andaram durante um tempão até chegarem à esquina e dobrarem à direita. Andando, o sapato não incomodava Hinton. Estavam na East 233rd Street; Júnior disse que era muito longe de casa. Hinton vivera na 221st Street, mas não conseguia lembrar se era no Bronx, Manhattan ou no Queens. Ele morou em todo lugar.

Pavão queria saber se não deveriam continuar, um por vez. Hector mandou andarem juntos. Afinal de contas, se a polícia os parasse – bem, eles não estavam fazendo nada, certo? Mas Hinton sabia que a primeira coisa que a Lei checaria seria o cartão de Delinquente Juvenil e perguntaria para explicarem por que estavam tão longe de casa. Era um pouco mais quente ali embaixo – nada de

vento como no cemitério. Quando cruzaram a ponte, o pedaço do parque e a estrada, e subiram a colina, chegaram aos prédios de apartamentos. Mais alguns quarteirões e estariam sob os trilhos elevados. A rua estava vazia; todas as lojas fechadas. Havia uma cabine telefônica perto da banca de jornal fechada na esquina. Hector disse que entraria e ligaria para Wallie, o agente da Vara da Juventude.

"É uma boa ideia, cara?", perguntou Pavão. "Digo, já passou da meia-noite, ele não vai entrar nessa com a gente. Quero dizer, cara, isso foi grande. Muita coisa rolou e agora eles sabem que tem algo com o que se preocupar."

Lesadão também era contra a ligação: "Por que precisamos dele?"

Mas Hinton pensou que Wallie, o agente designado recentemente para eles, era um bom homem. "Wallie engoliu muito sapo, mas segurou a barra", disse Hinton. Lesadão insistiu que nenhum deles era bom; a Família não precisava de ninguém. Hinton explicou que, com todo policial e guerreiro em alerta, e possíveis batidas policiais, ruas bloqueadas, guardas bem-armados nos territórios inimigos, eles talvez precisassem abrir caminho na porrada, afinal, estavam desarmados, exceto pelo Poder de Arnold, e ele já era. Eles precisavam enfrentar a cidade toda até chegar em casa. Hinton pensou que os outros não entendiam o que os esperava. Eles veriam. Não estavam sendo espertos; estavam se exibindo, fazendo graça. Ser inteligente, ou cauteloso como Arnold, não era motivo de vergonha. Hector sempre tentava mostrar o quão mais adulto ele era que Lesadão. Mas Lesadão era o mais forte; ninguém o sacaneava abertamente, a não ser que estivesse preparado para brigar. Não havia muitos homens capazes de aguentar Lesadão, então era preciso vencê-lo de outras formas, como Arnold fazia. Então, Hinton apenas disse que eles teriam que ligar para descolar uma carona fácil.

"Precisamos de Wallie, porque esse irmão mais novo não está afim de aguentar duas horas dentro de um metrô quente, cara. Gosto do meu estilo e do meu conforto. Além disso, como ele vai nos reabilitar se não dermos uma chance para ele nos ajudar e entender?", perguntou Dewey.

Lesadão gostou da parada. E Hinton aproveitou para dizer que Wallie era camarada, quase um membro da gangue, não era? Hector tinha certeza de que,

agora, telefonaria. Ele posicionou os homens em locais escuros.

Wallie não parecia sonolento; ou seja, estava acordado – como se estivesse esperando pela ligação. Aquilo preocupou Hector, Wallie queria saber onde eles estavam.

“Estamos no Bronx, cara”, disse Hector.

“Hector, o que vocês estão fazendo no Bronx?”

Havia muita interferência na ligação. Hector sentiu-se quente, nu, um alvo fácil sob as luzes da cabine; estava escuro lá fora, ele poderia ser localizado com facilidade. Então abriu a porta, e se sentiu um pouco mais fresco quando a luz automática da cabine apagou. Ponderou se a interferência significava que a ligação estava grampeada. Ele leu sobre grampos nos jornais; algum tipo de barulho significava que eles estavam ouvindo, mas ele não lembrava qual era o barulho. “Resolvemos sair para pegar um ar, cara; precisávamos ver a *cidade* hoje à noite, porque está muito quente. Sempre foi mais fresco aqui no norte, então viemos até aqui.” Não poderia ser um grampo; como saberiam que ele ligaria dessa cabine especificamente?

“Vocês estavam naquela confusão gigantesca com as gangues? Vocês estavam envolvidos naquilo, Hector? Onde está o Arnold?”

Então, eles já sabiam da briga na planície. Isso não era bom. Imaginou se deveria contar sobre Arnold para Wallie. O Pai, Hector pensou, provavelmente estava sentado no xilindró, ouvindo as mesmas vinte perguntas de sempre, que começavam assim: “Por que você...” e então, plaft!, com as costas da mão e “Você não está lidando com aqueles boa praças da Vara da Juventude agora, seu neguinho filho da puta”. Plaft, plaft, plaft, sentando as mãos na cara dele. Ou então socaram Arnold numa celinha abarrotada onde ele teria que lutar para descolar um cantinho para dormir. Hector decidiu não contar para Wallie. “Estamos numa rua chamada dois, três, três, cara, longe pra dedéu. Saca, a gente adoraria curtir a vista no caminho pra casa. Pega a gente?” Era impossível saberem que ele viria para essa cabine em particular.

“Você está bem? Quem está com você? Os caras estão com você?”, perguntou Wallie.

“Você está perguntando demais, Wallie. Cara, não sei se está aceitando a gente.”

“Não vem com essa merda, Hector”, Wallie engrossou.

Hector sorriu; eles estavam treinando Wallie direitinho. “Há alguns caras aqui, um ou dois, e a rua é duzentos e trinta e três, sabe, e, assim, você vai aparecer, Wallie?” Ele sentiu a garganta seca; ele precisava sair daquela cabine telefônica.

“Duzentos e trinta e três com qual?”

Lá fora, os homens haviam desaparecido nas sombras; não conseguia ver ninguém. Uma viatura passou e Hector virou as costas para ela, mas não tão rápido ou desajeitadamente; não tão descaradamente, apenas o suficiente para não verem o emblema brilhante no chapéu. Pôde sentir os canas olhando para ele com afinco enquanto passavam, mas ele era um cara fazendo uma ligação; que mal havia nisso? A viatura passou.

Hector disse a Wallie: “É perto de um trem elevado”.

“Mas em qual cruzamento?”

“Que interrogatório, cara!”

“Quer que eu vá ou não?”

“Eu liguei, não foi?”

“Como vou buscar vocês se não sei onde é?”

“Meio que um buraco chamado White Plains Road.”

“Como você chegou até o cu do Judas no final do Bronx? Você estava envolvido naquela briga, não estava? Estão em apuros? Fizeram algo? Alguns garotos morreram.”

“Não, nada grave. Não fizemos nada.”

“Alguém foi preso?”

Ou eles poderiam grampear qualquer cabine quando bem entendessem?

“Pelo amor de Deus, para de fazer tantas perguntas. Estamos com problemas aqui”, Hector gritou e sentiu-se envergonhado por ter explodido. Ele daria um jeito naquele Wallie por tê-lo feito demonstrar fraqueza.

“Estou indo. Não saia daí. Alguém se machucou? Não saia daí. Apenas fique aí e estou a caminho. Uma hora. Não saiam daí, entendeu? Se eu demorar um pouco mais, não se preocupe. Vou aparecer.”

“Estou numa boa. Estou esperando. Chega aí, gato.”

“Não saia daí...”, Wallie dizia quando Hector desligou na cara dele. Ele suava quando saiu da cabine telefônica. Entre um prédio e os trilhos suspensos, pôde ver mais nuvens bloqueando a Lua enquanto as bordas esbranquiçadas engoliam a luz. O que Wallie quis dizer com demorar um pouco mais? Quanto mais? Por que teria que esperar um pouco mais?

“O cara está a caminho com o ônibus de excursão”, Hector circulou e contou a cada um deles. Estavam posicionados onde podiam ver uns aos outros. Um trem passou acima deles, seguindo no sentido bairro. Outro chegou, rumo ao centro. Estavam nervosos no escuro. Hector escondeu-se onde podia ver todos os esconderijos. Depois de um tempo, ele saiu e foi até Júnior para perguntar as horas. O relógio do Júnior marcava 23h41, mas parecia errado. Eles escutaram e notaram que o relógio não estava funcionando. Aquilo fodia tudo, Hector pensou; quanto tempo havia passado? Ele voltou ao esconderijo. Ponderou sobre quanto mais demoraria e tentou encontrar uma maneira de saber quanto tempo passara. Tentou contar, mas demorou muito. Dois dos homens, Dewey e Júnior, começaram a fazer graça. Hector atravessou a rua e ordenou que ficassem malocados. Dewey perguntou quanto tempo já tinham esperado; eram horas, com certeza. Ele ficou entediado pela espera. Demoraria muito? Júnior disse que ninguém conseguiria ficar perfeitamente imóvel; além do mais, não havia nenhum policial por perto. Hector disse para manterem a disciplina; de quem era a culpa por eles terem saído do cemitério? Aquilo calou a boca de Júnior, porque ele se sentiu um pouco envergonhado.

Hector inspecionou a caverna de Hinton. Hinton estava sentado numa pequena viela entre duas lojas, com os joelhos colados no queixo, encarando a parede à sua frente. Acima da cabeça, uma marca em tinta dourada luminescente anunciava que aquele território era da Tropa de Ouro. Hinton analisou: “Não devem ser muito bons – o desenho deles é um lixo”.

Hector nunca ouvira falar deles. Ele perguntou como estava, Hinton disse que estava indo. Lesadão brincava com a porta de uma loja, arranhando, tentando levantá-la, entrando e saindo das sombras. Ele não parava de abandonar o posto para ir falar com os irmãos. Hector ordenou que Lesadão voltasse ao

esconderijo. Pavão foi até ele e perguntou quanto tempo Hector achava que levava para chegar da casa de Wallie até ali. Hector disse não ter certeza, mas que não deveria demorar muito mais.

"Demoramos mais de uma hora para chegar aqui."

"Mas viemos de trem."

"Bem, ele tem um carro. Isso significa que ele deveria chegar duas vezes mais rápido, não?"

"Nada a ver."

"Quero dizer, um carro deveria andar duas vezes mais rápido."

"Deveria, mas não é uma linha reta. Fica na moita. Ele vai aparecer", e lembrou-se do que Wallie disse sobre talvez demorar um pouco mais e não entrar em pânico. Então, ele fez Pavão abrir a garrafa. Hector tomou um gole; Pavão tomou um gole. Pavão fez a ronda dando um gole a cada um. Isso acabou com a garrafa, mas Pavão a colocou de volta na capa de chuva – nunca se sabe quando ela poderia ser útil.

Eles esperaram. Outro trem passou. Mais meia hora se foi. Dois casais passaram, os caras se apoiavam nas garotas, divertindo-se como bem entendiam; um dos casais andava com os lábios colados e os olhos bem fechados. Os homens acharam engraçado; os apaixonados nem imaginavam estarem sob observação. Uma das garotas carregava um rádio portátil que tocava baladas românticas *rockabilly*. Mas Lesadão tinha que bancar o engraçadinho e sair dançando das sombras, quase acertando os casais, encarando cuidadosa e insolentemente as garotas. Os caras largaram as mulheres para peitá-lo. Lesadão continuou gingando. Eles queriam dar o que Lesadão tanto queria, mas as garotas os contiveram. Os casaizinhos deixaram Lesadão a ver navios, alto, e a Família não precisou sair em sua defesa. Um dia ele conseguiria arrumar confusão, Hector pensou, e a Família o deixaria colher o que plantou; ele mereceria, certamente. Lesadão dobrou a esquina e desapareceu, os garotos relaxaram e continuaram andando com as meninas. A mão de uma delas continuava segurando a bunda do namorado, apertando, e aquilo excitou a Família. O outro cara continuou virando a cabeça, olhando de volta na direção que Lesadão virou. Aquele palhaço, Hector pensou novamente; ele teria que

penalizar Lesadão quando voltassem ao território deles. E se Wallie chegasse enquanto Lesadão não estivesse ali? E se a polícia aparecesse?

O tempo continuou passando. Nenhum trem apareceu por um tempão. Os trens paravam de rodar depois de uma certa hora? Ele começou a ponderar se, no fim das contas, havia cometido um erro ao ligar para Wallie. Eles poderiam estar quase em casa. E o quão confiável ele era – ou qualquer Outro, para começo de conversa. Se Wallie sabia onde estavam – e naquela noite, os Outros não conseguiriam ignorar uma guerra como aquela – quão certos sobre Wallie eles estavam? Dava para acreditar que não era uma armadilha? E se os policiais foram alertados? E se estivessem esperando naquela esquina? E se Lesadão tivesse dançado para os braços deles? Além de tudo, os trens seguiam para o centro; era a rota para o território deles. Se estivessem num trem, poderiam descobrir para onde deveriam ir, quais baldeações fazer. Era bastante simples. E, agora, Lesadão havia atraído atenção para eles. E se os caras fossem parte de algum exército, daqueles Spahis ou da Tropa de Ouro, e voltassem com reforços? A sirene de um carro de patrulha soou a distância e Hinton ficou nervoso até ela desaparecer. Por que Wallie insistiu que não saíssem dali – algum tipo de armadilha? Não. Não era assim que esses otários da Vara da Juventude trabalhavam. Mas e se tivessem decidido limpar a área, de uma vez por todas – e se tudo aquilo *fosse* uma armadilha para capturar todos os líderes das gangues, todas as pedras mais duras numa mesma rede – e aí? Bem, se fosse o caso, Ismael levara a pior, com certeza. E agora seria questão de dar cabo dos fugitivos.

Lesadão voltou rindo. Ele foi até o esconderijo de Hector e disse que havia dado a volta no quarteirão e cruzara com os casais novamente. “Eles nem me viram. Andei tão perto que nem me viram. Manja, eles estão sentados numa varanda, com as bocas lambuzadas e os olhos fechados pacas, e um deles enfiou a mão nas calças dela e estava conferindo a velha você-sabe-o-quê, cara. Poderíamos tirar as gatas deles.”

“Volte para o seu buraco e espere”, disse Hector.

“Cara, não demoraria nada”, disse Lesadão. “Eles estão ali na esquina e tudo que temos que fazer é organizar o grupo, baixar o sarrafo e tomar as bucetas.

Poderíamos voltar ao parque, fazer o serviço e voltar antes que Wallie chegasse aqui. É nosso *dever* mostrar àquelas gatas como *homens* agem, não é?”

“Volte e espere. Temos problemas demais sem isso.”

“Ou, cara, podemos levá-las com a gente! Podemos fazer isso. E se aquele Wallie não gostar, podemos simplesmente pegar o carro também.”

Hector disse para Lesadão fazer de conta que a mão dele era a garota e aliviar o guerreiro dele no esconderijo escuro. Lesadão fez o que Hector disse, mas estava quente e ele não curtiu muito.

Eles esperaram. Hector começou a confiar cada vez menos na palavra de Wallie, talvez por conta de a palavra de ninguém merecer confiança. E, quanto mais esperavam, mais expostos os esconderijos pareciam ficar. Hector viu uma viatura passar por ali, a uns dois quarteirões de distância; no outro lado, cerca de um quarteirão para baixo, viu outro carro de polícia. Pareciam casuais demais, mas – por outro lado, poderiam estar se preparando para enquadrá-los. Arnold teria esperado o perigo passar, Hector pensou, e agora ele era o Pai, agiria de modo sábio, maduro e com estilo, claro. Nuvens começaram a flutuar por cima da Lua e, por um tempo, puderam vê-la, mas a luz diminuía, atravessando cada vez menos até ser completamente bloqueada. Tudo ficou cada vez mais claustrofóbico, sem ar, e a atmosfera ficou mais densa, úmida, quase palpável e Hector sentiu o cheiro de algo levemente esfumaçado – poluição, talvez.

Hector estava quente e suava; o suor o deixava desconfortável, mas não tirou a jaqueta, para o caso de terem que se mover rápido. Ele esperou. Uma gota inesperada de suor correu pela lateral de seu corpo e o assustou. Notou que já não ouvia fogos de artifício há um tempão. Seria um sinal da vizinhança parando de disparar, pois a área estava cercada pela Lei? Hector convencera a si mesmo de que estava tudo bem; Wallie estava preso no trânsito. Mas, por outro lado, de onde viria o trânsito a essa hora da noite? Se Wallie os dedurou, demoraria esse tempo para armar a arapuca, cercá-los e capturá-los de jeito. À distância, vindo dos bairros, ele ouviu o som fraco do trem chacoalhando. Hector pensou que esperaria até o próximo trem depois desse – seria tempo suficiente para Wallie. Se Wallie não chegasse até então, de fato, saberiam que algo estava errado e dariam no pé.

A viatura passou, mas parecia estar um quarteirão mais próximo deles. Ou era uma patrulha diferente – andando um pouco mais rápido do que deveria. Alguns homens mais velhos passaram por eles, sem notar os esconderijos da Família – ou *fazendo de conta* não notar. Poderiam ser policiais à paisana?

Conforme o trem chegou, a paciência de Hector acabou; ele saiu da posição e deu o sinal.

Todos saíram das sombras, correram e voaram pelas escadas, pulando sobre as catracas, enquanto o bilheteiro furioso gritava com eles, chacoalhando o punho por detrás das barras da bilheteria.

Eles viraram e gesticularam para ele se foder. O bilheteiro começou a sair da bilheteria. Pavão brandiu a garrafa. O funcionário bundão abaixou-se e escondeu-se em sua jaula.

Correram pelo segundo lance de escadas até o trem que estava prestes a fechar as portas. Lesadão se jogou entre as portas e as segurou, rindo, enquanto os outros entravam por baixo dos braços dele.

Mas Hinton deu meia-volta, pegou o canetão e foi até os cartazes publicitários e escreveu o nome da Família, bem grande, acima das marcas de todo mundo – e sacaneou a Tropa de Ouro e os Spahis com estilo, correu e abaixou-se sob os braços de Lesadão enquanto, a alguns carros de distância, o condutor gritava para que não mexessem com as portas.



5 de julho, entre 0h45 e 1h30

Pensaram que seria apenas questão de encarar uma longa e tediosa viagem num trem vazio. A porra toda ficaria para trás, lá fora; os metrôs eram território relativamente neutro; o único problema era a polícia. Conseguiriam até dormir um pouco. Mas o trem estava lotado. Havia gente sentada em todos os bancos; os corredores estavam atolados.

"Talvez seja a galera que trabalha de noite", Dewey sussurrou para Júnior. Mas algo estava errado com os passageiros – todos eles. Eles estavam macambúzios, estranhos, ou algo assim. O que era? As portas fecharam. As roupas estavam erradas, mas nem todas: os rostos estavam... desligados, mas nem todos: os olhos, distantes; ou perdidos, todos pareciam sonolentos – mas os olhos estavam *abertos*, e fechados ao mesmo tempo. Os Dominadores moveram-se juntos. Olhares malucos e selvagens recaíram sobre o grupo. Eles apertaram o círculo, ignorando os Outros para se sentirem a salvo. Homens apoiavam-se nas hastes ou penduravam-se nas barras; mulheres encostavam-se nos bancos, com o cabelo despenteado, olhando para o nada, sentadas com as pernas soltas e abertas; pessoas encostavam-se umas nas outras em pares e trios; algumas concentravam-se em espaços vazios; outras liam jornais; outras curvavam-se sobre folhas com fileiras de números, olhando com intensidade, fazendo marcações a lápis, murmurando para si mesmas; a Família empurrou algumas delas, que as observaram por alguns instantes, fizeram cara feia e reclamaram com vozes

estranhas, mudaram de posição, olharam para outro lado e pareciam ter esquecido o incidente completamente.

Aquele lugar relaxou a Família. Eles checaram o vagão seguinte; também estava lotado. Tentaram ver o carro à frente; muita gente no caminho. Hector perguntou a um homem parrudo, com nariz achatado e olheiras pesadas, que estava ao lado dele, se aquele trem seguiria até Coney Island. O homem virou-se lentamente, levantando os olhos do papel coberto com números impressos e rabiscados, como se tivesse sido arrancado de alguma operação importante, como se quase não tivesse ouvido o som, muito menos as palavras – e encarou Hector, focando vagarosamente; aos poucos, os olhos ressuscitaram, talvez até reconhecendo outra face humana, tentando pensar na pergunta com afinco, mas sem conseguir e sem se importar. Hector repetiu a pergunta. O homem finalmente deu sinais de entendimento sobre o que queriam dele, balançou a cabeça, não em resposta à pergunta, mas por não se dar ao trabalho de pensar na resposta, soubesse ou não, e desviou o olhar.

Uma mulher sentou-se perto deles; apoiou a cabeça na palma da mão e o olhar alucinado, na direção deles, examinava algo meticulosamente, mas ela era Outra Coisa; ela não os viu. Ponderaram novamente, confabularam entre si, tentando sacar a parada. Cabeças coladas, cabelos quase se encostando, olhos fixados em tabelas numa folha de papel, calculando cuidadosamente, tocando números com gentileza enquanto os lábios moviam-se em prece, os sons perdendo-se no rugido do trem em movimento.

Então, de repente, Hinton sacou – eles estavam vindo do hipódromo. Norbert, o namorado da mãe dele, vivia apostando parte da grana dele, e parte da grana da ajuda de custo de Minnie, a mãe, ou qualquer coisa que caísse na mão dele – inclusive furtos – nos cavalos. Alonso, o meio-irmão viciado de Hinton, também ficava um pouco baratinado daquele jeito depois de montar no Cavalo dele. “Isso é um vício, irmão”, ele disse aos caras. “Mas a viagem termina rápido. Apostadores de cavalos”, ele disse e eles entenderam. Só era estranho, pois nunca viram tantos otários no mesmo lugar, e sem um agente de apostas por perto.

“Eles estão voltando das corridas. É lá em cima no Yonkers. Turfistas. E, cara, se eles são minimamente parecidos com o velho Norbert, estão calculando as perdas do dia e planejando como recuperar o prejú amanhã.”

“Cara, eles vão até lá pra isso? Por que simplesmente não enchem os bolsos do agente de apostas do bairro?”, perguntou Dewey.

“Se são como Norbert, eles *vão*”, disse Hinton. “Duas pistas, cavalos durante o dia e charretes durante a noite, um agente – talvez dois –, três apólices por dia, dependendo do que os sonhos disseram, e um jogo de baralho de manhã cedo. Norbert curte essas paradas, cara.”

“Bem, só sei que eles parecem Outra Coisa”, sussurrou Júnior. A Família observou os arredores com desprezo; eles eram livres daqueles hábitos dos escravos.

O trem chegou à estação. 225th Street. Onde ficava aquilo? Hector ordenou que Júnior, o leitor, fosse até o mapa e descobrisse onde estavam, para onde estavam indo e como conseguiriam chegar até Coney Island. Ele abriu espaço entre dois homens vestidos com roupas gordurosas e cheirando a alho. Estava quente lá dentro e os ventiladores barulhentos não davam conta do calor nem dos odores. Inclinou-se sobre a cabeça de uma mulher chapada e de cara enrugada; ela vestia um chapéu de palha de velhinha, com flores falsas ao redor da coroa, um vestido estampado com flores borradas; um pequeno pincenê equilibrava-se sobre o nariz. Júnior pensou que ela cheirava a mijo seco. Ela olhou para cima e a cabeça balançou no pescoço magrelo com o movimento do trem, mas a mão continuou firme na ficha de apostas, onde ela anotava linhas sem fim e pequenos símbolos intricados, completando todas as bordas sem olhar, falando consigo mesma e dando um sorrisinho. Os homens reconheciam aquele sorriso vindo de drogados, quando prometiam a si mesmos mais uma dose. Dewey empurrou Júnior para o lado e analisou a mulher de perto. Seus olhos, esbugalhados pela lente dos óculos, miraram diretamente Dewey, que olhou de volta, por trás dos próprios óculos de aro grosso, e os homens gargalharam, pois eram ceguetas demais num lugar só, mas ela nem notou Dewey. Ele fez uma reverência. Ela não viu. Ele acenou a mão na frente do rosto dela. Os homens riram e Pavão escondeu o rosto no ombro de Lesadão, pois não era educado rir de uma

velhinha daquele jeito. Então, Dewey fez caretas, mas tudo que ela viu foi um futuro secreto.

"Cara, saca só a Duquesa. Ela está dizendo: 'Bem, vou apostar dois no Cai Fora e lá vem o Cai Fora, vai ganhar e me pagar quatrocentos e cinquenta. Então, vou apostar tudo no Entra Aí, e o Entra Aí ganha'. Então, ela está voando baixo naquele pangaré velho. Só que, no final, as coisas não são bem assim", disse Hinton. Dewey cansou de brincar e voltou.

Júnior estava com problemas para ler o mapa. Ele havia visto mapas da cidade antes, mas aquele era diferente de tudo que vira. Era abstrato, como se os contornos da cidade tivessem sido suavizados. Nenhuma característica da área era clara e ele tinha certeza de que as proporções estavam erradas; parecia mais um diagrama estranho, lúdico, que um mapa de verdade. Onde estava Coney Island? Mas, depois de um instante, ele descobriu onde estavam e para onde queriam ir. Se tivesse tempo suficiente, ele poderia estudar o mapa a partir das extremidades, usando os dedos para seguir linhas de trem, imaginando os trajetos de cada uma, BMT, IND e IRT, pois elas tinham cores diferentes. Ele notou estarem numa das linhas da IRT. Chegaram a outra estação. Ninguém desceu ou subiu.

Lesadão viu o Cara que Todo Mundo Abusa; olhos do tamanho de pires e aparência de um imbecil. Os lábios fechados sobre a boca em movimento eram grossos e pálidos, como se ele mastigasse a boca com os dentes da frente. O chapéu Borsalino preto era grande demais para a cabeça dele e ficava um pouco acima das sobrancelhas. Lesadão deu um toque para os caras e eles riram com a aparência do panaca.

O meio do mapa estava dando trabalho a Júnior. Ele percebeu que estavam na linha errada; precisavam trocar de trem em algum ponto, ou nunca chegariam onde queriam – onde? Todas as linhas de trem convergiam naquela bagunça de rotas no centro da cidade e, então, saíam novamente, terminando nos destinos finais, mas Júnior não conseguia acompanhar; ele moveu os dedos lentamente ao longo das linhas, tentando uni-las, mas o balanço do trem continuava tirando o dedo do lugar. Ele tentou acelerar o processo para não ficar parecendo incompetente sob os olhos da Família. O rosto abaixo do queixo de Júnior falou

com ele. Ela soava como Outra Coisa, pois não falava com palavras, e sim num murmúrio agudo. Ele resmungou para a Duquesa com cheiro de xixi, “O que foi, tia?”, mas ela continuou fazendo barulho e o assustou. Ele olhou novamente para o pequeno grupo da Família, que esperava por ele, e tinha certeza de que estavam rindo da cara dele. Ele deveria ser o grande leitor, então, abandonou o mapa antes de entendê-lo e lutou para abrir o caminho de volta. Hector perguntou a Júnior se sabia qual rota tomar. Júnior disse saber o que fazer, claro; dizer o contrário seria humilhante.

O trem começou a reduzir a velocidade e parou onde não havia uma estação. A composição andou um pouco, insinuando sair do lugar, ganhou ritmo, deu uns trancos, e, de súbito, parou novamente. Apenas a Família pareceu dar bola. Os Outros ainda estavam saindo da viagem, pois, como Hinton notou, estavam entendendo, ou imaginavam séries de números que a vida real nunca lhes deu, afinal, números nunca mentem, não é mesmo? Novos números resolviam os problemas e diziam o que fazer a seguir; diziam a eles onde haviam errado. Mas, se lógica e cálculos fossem a solução... Hinton sabia bem: ninguém voltou de limusine para casa. Norbert, o namorado da mãe, entrava em casa caindo pelas tabelas, sempre quebrado, falido, e dizia a Minnie como deveria ter jogado para ganhar... E, então, ela retrucava por ele não ter ganhado e era espancada, mas... Hinton conhecia bem aquela história. Alguns fogos de artifício ainda explodiam lá fora. Os apostadores não olharam nem se importavam. A celebração deles havia acontecido no hipódromo e as únicas faíscas que os interessavam eram aquelas criadas pelas ferraduras dos pôneis. As explosões deles sempre estavam no futuro – assim que acertassem as combinações – quando não haveria mais “exceto por...” ou “um dia”. Hinton sabia de tudo aquilo.

Dewey cutucou e apontou; “O Professor”, disse. Eles olharam para um chapéu Homburg manchado, colarinho largo, gravata listrada, terno de lapela aberta e um casaco revestido de veludo, mesmo com aquele calor todo. Ele inclinava a cabeça na direção das mãos apoiadas por um guarda-chuva estiloso. “Cara, como alguém pode se emperiquitar tanto?”, perguntou Dewey. “Parece um peru.”

O trem parou novamente. O motor zunia erraticamente sob os pés deles. Os ventiladores giravam, mas ficou cada vez mais quente, pois nenhuma corrente de

ar saía deles. Os guerreiros suavam nas roupas sujas. Olharam para a escuridão. “O que está mantendo esse trem aqui?”, Lesadão queria saber.

“É, pra que a gente paga tudo aquilo de imposto?”, disse Dewey.

“Tá de sacanagem comigo?”

“Não, irmão mais velho”, Dewey respondeu, satirizando. “Mas a maior parte do que você tem pegou da sua família... digo, dos seus carcereiros. Certo?”

“Bom, tenho outras fontes.”

“Mas a maior parte vem dos coroas na prisão. Verdade?”

“E?”, perguntou Lesadão, ameaçador.

“Então, eles pagam os impostos. O dinheiro que você pega já foi *taxado* e você tem o direito de um serviço de primeira classe. Não é verdade? Pergunte ao seu pai. Estou certo, Papa Hector?”

Hector pareceu pensar no assunto. “Ele está certo.”

“Nunca pensei nisso dessa forma.”

“Eu não sacanearia meu irmão”, disse Dewey.

Hinton concordou, acenando seriamente com a cabeça; Hector virou-se para o outro lado e riu do Professor, em vez de continuar na discussão.

Mas o trem parara havia cinco minutos e eles começaram a ficar nervosos. Talvez a informação fora espalhada; a rede de busca fora ampliada; *eles* estavam checando todos os trens conforme eles paravam, na esperança de enquadrar todos os guerreiros que escaparam. Mais de duas horas haviam se passado desde a briga na planície, mas eles poderiam estar esperando por todos os lados. Hinton pensou, novamente, que se tirassem as insígnias e se espalhassem em pontos diferentes do trem, não seriam vistos ou reconhecidos, mas não disse nada; não queria ouvir outro sermão. Os apostadores compulsivos não notaram nada. Eles estavam na pior, afogados pela aura da derrota, e tremiam em abstinência pela ausência do dinheiro nos bolsos. E aqueles Homens Durões, pensando no que os esperava na próxima estação, considerando sua posição e o que fazer se...

“Qual a próxima parada, Júnior? Onde estamos, cara?”

“Não tenho certeza.”

Hector encarou Júnior com todo o desprezo que tentara evitar no princípio. Mas o trem começou a chiar novamente, parando e andando, jogando todo mundo para a frente e para trás aos trancos, chacoalhando-os assim como os outros manés. Os Outros deixavam-se ser jogados, sem nenhum controle, pelo movimento do trem, pois não davam a mínima para o que acontecia com eles. Mas a Família resistia, com os pés distanciados um do outro, e lutava para ficar imóvel, pois tinha orgulho. Dewey não conseguia tirar os olhos da Duquesa abaixo do mapa, e no modo como o rosto dela olhava para cima e como ela falava com Deus-Que-Não-Cumpriu-A-Promessa. Uma mulher grande, vestindo uma jaqueta masculina de flanela listrada, com um rosto gordo e cheio de pelancas, olhos e nariz em forma de botões, enfiou uma barra de chocolate naquela boca em formato de bunda, derrubando lascas de doce sobre a Lista de Posições de Amanhã. Lesadão ficou fixado num otário com um chapelão preto e cutucou Júnior com uma cotovelada, ele olhou também. Cara, Lesadão não tinha noção da própria força, e Júnior ficou dolorido, mas olhou.

O trem andou novamente, mas devagar. Eles começavam a passar por uma série de luzes de emergência armadas às pressas. Operários estavam nos trilhos; eles pararam de trabalhar para observar o trem que avançava lentamente. A composição moveu-se ao longo da borda de dois trilhos solitários com lentidão, para não despencar da plataforma desmantelada. O resto dos trilhos tinha sido removido e não havia nada além da queda até a rua. Guindastes gigantescos encimavam o topo da pista, erguendo vigas; o barulho dos rebites sendo inseridos; soldas brilhavam e a fumaça subia. O rosto dos trabalhadores parecia estranho sob a luz intermitente. Nenhuma face permanecia inteira por muito tempo, os detalhes mudavam de tamanho, dançando. Só de sacanagem, eles olharam para cima, apontaram e deram piscadinhas para os garotos. Eles ficaram nervosos. O trem se arrastou, chiando, até a estação; o alto-falante já balbuciava alguma coisa para eles, sem fazer muito sentido, mas dizendo o que precisava ser feito. O tom era alto e arbitrário. Qual era a mensagem? Hector pensou em algum tipo de bloqueio para que os policiais pudessem pegá-los. Talvez os operários fossem apenas policias à paisana.

As portas se abriram. As palavras ficaram um pouco mais claras. Algo sobre os trilhos estarem em manutenção. Baldeações. Ônibus a serem pegos. O trem continuaria em frente, talvez para um segmento alternativo. O nome da estação não fez o menor sentido a eles, pois não sabiam onde ficava. Seria algum sinal?

Os malucos dos cavalos se moviam como sonâmbulos, flutuaram até as portas e saíram, mansinhos, como o pessoal do metrô gostaria, se é que se importavam. Se fosse uma armadilha dos canas, tudo que precisavam fazer era esperar os apostadores saírem e ver a Família surgir, Hector pensou. Talvez devesse ficar ali. Mas os policiais os pegariam de qualquer forma. Ou tomariam um trem de volta para o local de onde saíram. A mão de Dewey subiu e encostou na insígnia em seu chapéu; os outros devem ter pensado na mesma coisa, pois Pavão também olhou para Hector com olhar inquisitivo. Hector fez cara feia e a mão de Dewey só ajeitou o emblema, conforme ele girava e endireitava o broche.

Desceram do trem. Todo mundo seguia na mesma direção. A multidão amontoou-se na saída, empurrando e espremendo numa massa compacta. As portas do trem se fecharam atrás deles e, gostassem ou não, estavam encurralados. Moveram-se o mais devagar possível. O alto-falante continuava dando ordens sem parar, em sentenças impossíveis de serem entendidas. Eles avançaram. As pessoas aproximaram-se rapidamente atrás da Família e foram prensados e empurrados. Os sonolentos começaram a ficar um pouco nervosos e acordavam para a vida. A turba avançou um pouco mais rápido.

À frente, perto da saída – embora apenas Lesadão fosse alto o suficiente para ver o que estava acontecendo – todo mundo estava um pouco alterado. O empurra-empurra era forte lá, gente gritando, enquanto tentavam afunilar-se em duas portas estreitas por onde passava uma pessoa de cada vez. A Família ainda estava fora da confusão. Lesadão gritou: “Vamos cair fora daqui”. A Família tentou formar uma falange e atravessar a bagunça. Os sonolentos ainda vacilavam, alguns deles ainda calculando em formulários imaginários, segurando os palpites perto dos rostos, sob as luzes fracas e vacilantes da plataforma.

Em princípio, os Dominadores avançaram um pouco mais rápido, mantendo a formação fechada. Mas a onda de agitação perto da saída da estação começou a contagiar aquele mundaréu de gente até a retaguarda. Todo mundo ao redor da

Família ficou agitado e começou a empurrar com força para a frente. O ar estava parado; estava muito quente ali. Todo mundo queria acabar com aquela bagunça. Irritadas, pessoas começavam a perguntar “Quem está empacando?” e “Vamos lá, vamos lá”, sem parar. A Família ficou mais nervosa com o mantra; eles não sabiam de nada; não estavam avançando rápido o suficiente; quanto mais ficassem por ali, mais rápido os policiais poderiam cair em cima deles.

Então, do alto dos prédios, no mesmo nível ao longo da estação, uma fileira de moleques folgados enfiou a cabeça acima do balaústre do telhado e começou a tirar barato deles, xingando em espanhol e em inglês, imitando ovelhas. Os pivetes fizeram sons de baterias e trompetes com as bocas e começaram a jogar bombinhas contra o grupo, do mesmo jeito que soldados arremessavam granadas de dentro das trincheiras. Todo mundo começou a xingá-los, mas, a salvo no alto dos cinco metros, sob o prédio de quatro andares, os garotos levavam a melhor. E, agora, empurrada pelas bombinhas, a turba atrás da Família começou a se aproximar e empurrar mais ainda.

A Família reagiu. Com Lesadão na ponta da cunha, eles empurravam com os ombros e cotovelos. Começaram a avançar mais rápido, segurando uns nos outros, encontrando conforto no contato com os familiares, mesclados como uma unidade impenetrável em meio às partículas selvagens dos Outros, que se chocavam contra eles. Eles reencontraram o Imbecil, o Professor e a Duquesa mais à frente e os arrastaram por alguns metros. Todo mundo começou a reclamar nesse momento. Os olhos do Imbecil ficaram mais largos, mais idiotas; o chapéu virou na cabeça dele, mas sem cair, e ele ficou se jogando de um lado para outro, girando cada vez mais, enquanto saía da frente. O Imbecil acertou o Professor, que ainda estava beliscando um sanduíche que acabou esmigalhado na cara dele. O Professor começou a fazer um longo discurso, com sotaque alemão, enquanto migalhas caíam da boca. O Imbecil voltou e esbarrou em Lesadão, que tentou contra-atacar, mas não pôde soltar as mãos do grupo. O empurrão dos Dominadores levou o grupo apenas dois metros à frente e eles pararam perante um recife sólido, feito de gente entupida e tagarelando sem razão. Empurrados, os Outros gritavam e sorriam com raiva. A inquietação continuava passando pela massa como uma onda, para frente e para trás, e toda a fila empurrava para a

frente e se esmagava na parte de trás. Júnior, que estava na retaguarda, tentou se virar, com Pavão, para encarar a pressão, mas foi pego pelo flanco e quase jogado no chão. Hinton, sem poder fazer nada, foi levantado e carregado por um momento, as pernas dançando no ar, inúteis. Até Lesadão ficou com medo. Conforme aproximavam-se das portas da estação, a coisa foi ficando cada vez mais agressiva.

Eles foram prensados contra a bilheteria da estação; mãos livres agitavam-se por todos os lados; o som da bagunça era ensurdecedor. Todo mundo tinha que ficar em fila entre a bilheteria e as grades para conseguir fazer a baldeação, a não ser que quisessem apenas sair da estação. Mas ninguém sairia sem aquele passe. E, agora, finalmente no comando e com o poder, o bilheteiro veterano, usando viseira de celuloide, com a cabeça inclinada para trás, olhava pela parte de baixo dos olhos como se avaliasse quais das mãos esticadas em sua direção através do espaço abaixo da grade era digno de sua atenção, e, então, lançava bilhetes com desdém e displicência, da segurança de sua jaula, indiferente aos rostos que gritavam e eram prensados contra a proteção.

O rosto do Imbecil estava completamente transtornado, àquela altura; uma trilha de baba escorria pelo lado do queixo. De algum modo, ele conseguiu agarrar-se na Duquesa e ela estava batendo nele. O rosto com barba malfeita do Professor estava perplexo enquanto ele falava algo que soava como “Vamos nos comportar como seres humanos. Vamos ter dignidade. Vamos ser racionais”, ao passo que o barulho dentro da estação castigava a todos e aquele velhinho tranquilo atrás da grade, que demonstrava ter controle tanto da situação quanto de si mesmo, não ouvia as ofensas contra ele e não escondia o sorriso de triunfo.

Hector notou que esperar pelo bilhete de baldeação era inútil. Todo mundo estava doido; era muito assustador. Ele gritou para seus filhos desistirem e não perderem mais tempo com a bilheteria. Mas eles não podiam se livrar da massa. Em desespero, Lesadão abriu um espaço ao redor de si aos murros e permitiu que a Família saísse pelas catracas, passando pelas portas e correndo cada vez mais rápido escada abaixo, empurrando as pessoas para o lado e aumentando a distância entre eles e a gritaria lá em cima. Uma voz indignada disse: “Malditos delinquentes”.

Havia uma longa fila na rua. Lentamente, ela levava as pessoas até os ônibus com destino a pontos onde os trens voltariam a funcionar. Alguns soldados encostavam-se contra uma banca de jornais e loja de doces, rindo da cena patética. Eles viram os homens saindo e, imediatamente, seus rostos mudaram, a Família pôde ver que ficaram alertas: o inimigo estava em seu próprio território. Havia apenas três soldados, então eles não criaram problemas, mas um deles saiu de mansinho, deu alguns passos, correu para a escuridão e desapareceu. Hector sabia o que aquilo significava: reforços. Os outros dois ficaram de prontidão, mas na deles, mostrando coragem.

Eles não sabiam onde estavam. Nem de quem era aquele território, mas sabiam que estavam em perigo. Àquela altura do campeonato, todas as tréguas da cidade haviam acabado, e eles foram identificados, pois estavam uniformizados e com suas insígnias.

Hector chamou Júnior e perguntou: “Cara, para onde a gente vai?”

“Não sei.”

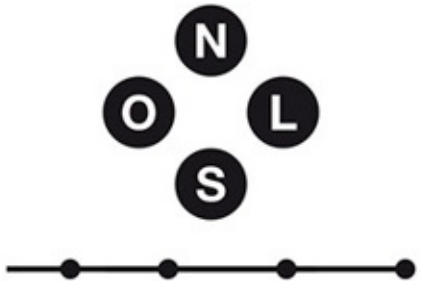
“Seu trabalho era ficar de olho nas estações.”

“Eu não sabia que a gente ia parar tão de repente.”

“Para qual lado a gente vai?”

“Não sei.”

“Vamos acertar essa parada mais tarde.” Hector decidiu que sairiam dali e seguiriam na direção dos trilhos do metrô. Não poderiam esperar por um ônibus, pois precisariam ficar ali por mais tempo e encarar aquela fila que dobrava o quarteirão cheia daqueles Outros malucos. Quem poderia saber o que aconteceria antes de darem no pé? Soldados já estavam a caminho, provavelmente. A melhor coisa a fazer era negociar um salvo-conduto, Hector decidiu.



5 de julho, entre 1h30 e 2h30

A rua era mais quente ainda. Os prédios cortavam as correntes de ar pelos lados e os trilhos elevados fechavam o ambiente por cima. Bombinhas explodiam por todos os lados; o barulho chegava até eles vindo das ruas escuras; vez por outra, fogos mais pesados explodiam. Os dois soldados em frente à loja pareciam empolgados sem razão, vestiam calças *baggy* e camisetas brilhantes listradas; os sapatos de cano alto, com tecido na frente, eram amarrados com botões de pérola; eles usavam chapéus de abas largas, dignos de fazendeiros escravagistas, cobrindo a frente do rosto, logo, precisavam levantar um pouco as cabeças para falar com qualquer um que conversasse com eles. Estava na cara, Hector pensou, que esses caras tinham acabado de chegar da pátria-mãe. Hector torceu para que falassem inglês o suficiente, pois ele, Pavão e Lesadão não falavam espanhol muito bem; se tivessem nascido aqui, deveriam saber muito bem que nunca se deve vestir calças *baggy*.

“Um bando de Juanitos-acabei-de-chegar, *miras*”, Hector murmurou para seus homens. Os *miras* estavam de olho neles, pois os uniformes dos Dominadores estavam esfarrapados, afinal, eles haviam lutado numa batalha difícil. Os *indígenas* os encararam – como se dissessem: Quem são esses invasores maltrapilhos que invadiam nosso território sem autorização ou aviso? Mediram-se uns aos outros, mas todo mundo manteve o semblante sério; Pavão ficou de olho em Lesadão para garantir que ele não causasse problemas, mas até mesmo Lesadão sabia que era uma péssima hora para mostrar ter mais coragem que bom

senso – não ali, não naquela hora. Os Outros, na fila, nem perceberam nada, enquanto eram conduzidos como gado para o ônibus.

Conforme encaravam-se, uma garota saiu da loja de doces e juntou-se aos dois *miras*. Ela vestia uma saia pregueada branca que cobria apenas metade da coxa entre o joelho e aquela terra prometida, meias escuras, sapatos de couro vermelho com fivelas de bronze, que cobriam os calcanhares com saltos cheios de espinhos pontiagudos metálicos que subiam até a panturrilha. Ela estava com uma blusa florida sem manga, curta na barriga, que deixava a cintura bronzeada exposta. O rosto estava pintado; os olhos eram grandes, cheios de maquiagem de puta, os lábios carregados com batom branco e brilhante, sobrancelhas desenhadas com arcos de delírio perpétuo e cílios grandes e vistosos, provavelmente falsos, Hector pensou, pois a maquiagem estava grudada neles. Embora a pele dela fosse parda, os olhos eram cinza; a Família pôde sentir, ao mesmo tempo, aquele desejo interior, mas todos mantiveram o semblante sério. O cabelo dela estava suspenso por bobes grandões e parcialmente coberto com um lenço branco que dizia: MEMÓRIAS DE PORTO RICO.

Hector avançou sozinho para negociar. O menor dos *miras* empurrou-se da banca de jornais de madeira, como se fizesse muito esforço. Uma cigarrilha pendia de seus lábios; os dedões enganchados no cinto, ombros ancorados, cotovelos abertos e um pouco adiantados. Antecipou-se para encontrar Hector na metade do caminho entre a Família e a loja de doces. Ambos analisaram o uniforme do oponente e pensaram que o outro não carregava nada; mas mantiveram o rosto firme. Hector começou a falar; ele não podia arriscar o jogo do silêncio, que decidia quem perderia prestígio ao falar primeiro. Afinal de contas, ele estava em território hostil. Hector explicou: haviam sido forçados a sair do trem por causa da construção; estavam *atravessando* o Brooklyn; não havia nenhuma disputa envolvida ali, de jeito nenhum. Os Dominadores voltavam para casa do Grande Encontro – todo mundo sabia da assembleia de Ismael. Eles pediram permissão para marchar através daquele território até o próximo trem, onde quer que estivesse, como uma força pacífica. Afinal de contas, rolava uma sossegada na cidade inteira, não é? Hector não mencionou nada sobre seus homens estarem desarmados.

O sujeito deu uma tragada profunda em sua cigarrilha e deu a Hector aquela encarada de olho semicerrada e fixa, enquanto considerava a proposta. O rosto parecia sábio por trás da fumaça que subia. Hector notou que ele tinha costeletas compridas. O *mira* disse, com um sotaque pesado, que não sabia nada sobre uma trégua geral; nem de nenhum Grande Encontro de gangues. Se algo assim aconteceu, por que seus homens, os Bonriquenhos Incandescentes, não foram convidados? Será que os líderes achavam que eles não eram machos o suficiente? Hector notou que havia cometido um erro ao falar sobre a reunião. Ele disse ao Bonriquenho que todo mundo havia falado dos Incandescentes, mas tais acertos não haviam sido definidos por eles, para começo de conversa, e as coisas deram errado, no fim das contas. Atrás do líder diminuto, a gata media os Dominadores de cima a baixo, tentando decidir o quão homens eles eram. Embora aquele rosto, aquelas pernas e aquela carne nua na cintura excitassem Hector, ele reconheceu a boa e velha combinação: uma vaca.

Eles negociavam o salvo-conduto incessantemente. O líder nanico disse que não sabia se poderia deixar a Família passar. Afinal de contas, a decisão deveria ser tomada em conselho. Eles falaram um pouco sobre a reputação de cada uma das gangues, quais grupos irmãos andavam com eles, quais afiliações interdistritais eles tinham, quem conheciam. Mas, embora os Dominadores e os Incandescentes nunca tivessem ouvido falar uns dos outros, foram cuidadosos o suficiente para admitir a boa reputação um do outro. Mostraram matérias de jornal: Hector mostrou o *Daily News*; o líder baixinho mostrou *La Prensa*, nos quais os ataques e brigas das gangues foram relatados. Gabaram-se de quantos homens conseguiam mobilizar. Hector disse que tinham um agente da Vara da Juventude. O pequeno Bonriquenho admitiu que não tinham um agente ainda, mas estavam batalhando duro e deveriam ser designados a um deles em breve. Hector adiantou-se ao dizer que a Vara da Juventude estava sobrecarregada, com escassez de pessoal e que era vacilo da própria Vara, não um insulto a eles.

A sirigaita mascava chiclete e fumava um cigarro, olhando para os diplomatas com frieza, encarando a Família, virando-se para falar mansinho com um Incandescente vez ou outra, girando quando se movia, para que todos pudessem

ver o topo da cinta-liga aberta perto das coxas. Ela até dançou. O som dos saltos batendo na calçada os deixou cabreiros.

Hector ofereceu um cigarro ao pequeno líder; o Bonriquenho aceitou – um bom sinal. Eles compararam as reputações individuais e concederam créditos de guerreiros durões um ao outro. Os porta-vozes relaxaram um pouco, mas a Família ficou ressabiada com a demora. E se estivessem sendo mantidos ali até que os reforços chegassem? Pavão tossiu duas vezes para alertar Hector. A garota voltou para a loja de doces e saiu de lá com uma Coca. Ela enfiou a garrafa na boca vagarosamente, os lábios encostando na parte baixa do gargalo, virou o vasilhame para cima, de ladinho, para continuar desafiando os homens com seu olhar. Pavão ficou de olho em Lesadão. Lesadão não fez nada; ele ainda estava mantendo a calma. O líder baixinho decidiu que não havia nada errado com a Família atravessar o território dos Bonriquenhos Incandescentes, contanto que mantivessem a paz. Hector abriu os dedos, mãos ao alto. Então, ele disse a Hector que bastava seguir os trilhos elevados por duas ou três estações, não tinha certeza. Os ônibus estavam indo para lá, onde os trens voltavam a rodar.

Mas a garota estava entediada. Ela rodou o dia todo e nada de interessante aconteceu. Claro, alguns garotos levaram vinho para ela. Ela saiu e azarou alguns deles. Mas o dia todo foi devagar e agora a cabeça doía um pouco, o efeito do vinho estava passando. Ela bocejou – era cedo demais para ir para casa – qual era a graça em explodir bombinhas? Coisa de homenzinho. Os invasores pareciam interessantes, quase homens. Agora, se ela pudesse provocar algo que considerasse empolgante, as coisas poderiam melhorar. Ela poderia gabar-se sobre os poderes dela: exércitos lutariam por sua causa.

Ela foi até o liderzinho e todos sabiam que estavam encrencados. Hector torceu para o líder ter controle o suficiente e manter a calma. O pequeno líder também sabia o que estava acontecendo e decidiu que não haveria problemas; não havia razão. Eles estavam em menor número; reforços ainda não haviam chegado. Talvez Chuchu estivesse com problemas para achar todo mundo a essa hora da noite, ou todo mundo estivesse fora, soltando fogos de artifício.

A gata mediu Hector de cima a baixo e virou-se um pouco para o lado, levantou a garrafa de Coca, envolveu a boca da garrafa com os lábios, deixando

os dentes baterem contra o vidro. A audácia ameaçou os pacificadores, mas o liderzinho não tinha a noção, nem a masculinidade necessária, para pará-la. Hector teria sentado um tapa no pé da orelha dela. Ela virou e olhou para as roupas sujas da Família com um jeito despojado que significava “mostre para mim”. O Incandescente que pensou estar no controle ficou irritado sem saber por quê. Hector virou-se para a Família. Ninguém se movia. Nem mesmo Lesadão.

O líder nanico disse à Família para se apressar e ir embora, acelerando as coisas; ele os alertou que deveriam cruzar um pedaço de território, de um quarteirão de distância, que estava em disputa com os Tripudiadores de Castro, antes de voltar aos domínios dos Bonriquenhos, mas deveriam ficar de olho nos Masai da Jackson Street, cerca de dois quarteirões antes de chegarem à estação.

Eles estavam prestes a sair quando a garota disse, apontando para o chapéu de Hector, “Onde você conseguiu esse broche?”.

Hector disse que havia feito.

Ela disse que gostaria de ter um.

Hector disse que cada homem carregava apenas uma insígnia.

“O que isso quer dizer?”

“É a marca da nossa Família.”

“Nunca vi algo assim. Quero um.”

“Não temos nenhum extra.”

“Me dá o seu.”

“Não posso. É a insígnia dos meus homens. Sou o líder.”

“Para de armar confusão, sua puta”, disse o líder nanico.

“Não estou armando confusão. Mas, olha, cara, você vai deixar eles desfilarem pela nossa terra usando a insígnia deles? É um insulto.”

“Você só quer um. Para de ferrar tudo.”

“Não estou. Mas e se a notícia de que você deixou um exército qualquer passear na boa por aqui se espalhar? Como vai ficar sua reputação? O que os outros vão fazer a respeito? Em pouco tempo, os Tripudiadores e os Masai vão dançar por cima de você, cara.”

“Você só quer um pra você.”

A puta sorriu, bateu os saltos, girou a sainha branca e mostrou as coxas novamente. “Baita homem que você é.”

“Chega”, ele disse. “Para de encher o meu saco.”

“Você é um covarde; encho mesmo”, ela colocou os lábios ao redor da garrafa novamente, encostando o vidro contra a bochecha duas ou três vezes. Ela olhou para a Família através dos longos cílios negros.

O líder nanico fez menção de acertá-la com as costas da mão; ela colou o rosto pertinho, garrafa abaixada, segurando o maxilar para que ele não errasse, mas ele não a agrediu. Qualquer Dominador teria arrepiado a mulher.

“Tá legal”, o líder baixinho disse; “Não vou cair na sua e você não vai pegar o broche. Mas vou mostrar que Jesus Mendez não é covarde. Você”, ele disse a Hector. “Tirem as insígnias e podem passar por essa terra sem problema algum. A gente pode até escoltar vocês. Mas vocês não podem marchar por aqui.”

“Os broches são nossa marca. Eles não significam que estamos em guerra. Apenas dizem quem somos.”

“Se atravessarem como civis – tudo bem. Se atravessarem como soldados – nada bem. A gente cai de pau em cima de vocês. Vocês tiram os broches. Não queremos ficar com eles, mas ela tá certa. Você não pode rodar pelo nosso território sem demonstrar respeito.”

“Vai deixar ela definir as políticas por você, irmão?”

E o líder nanico ficou mais irado; estava quente, ele não queria passar a noite falando e estava nervoso, pois a ajuda não chegara. “Escuta, mulher nenhuma manda nesse exército. Os Bonriquenhos Incandescentes são todos homens e todos fortes, e temos créditos de muitas brigas – é só falar com qualquer um por aqui. Mas como isso vai soar para o inimigo se deixarmos vocês marcharem por aqui? Eles humilhariam, ririam e esmagariam a gente.”

Hinton achou que seria uma boa ideia tirar os broches; assim como Dewey. Eles não disseram nada.

A atitude do líder nanico era irritante; o jeito como a puta se postava, balançando a bunda, mostrando que ela estava fazendo a jogada, mas Hector não ousou fazer nada a respeito. Se a Família ficasse com ela, sozinha, por um tempo, eles a botariam na linha. Eles ficaram lá, no calor. Acima, um trem

começou a se afastar da estação, chacoalhando no sentido bairro. Eles não disseram nada até o barulho sumir. Bombinhas ainda explodiam nas ruas paralelas. Bem, era simples, Hector pensou: bastava arrepiar o líder baixinho só um pouco, dar no pé, levar a vadia com eles – seria o suficiente. Mas como saber se ela tinha algo na cintura? Talvez – e ela tinha pinta que faria tal coisa – ela carregasse alguma coisa para o namorado dela – uma lâmina entre as tetas, uma arma amarrada entre as pernas.

Hector disse: “Ah, foda-se, cara. Não somos maricas. Somos guerreiros. Vamos atravessar. Vamos atravessar em paz, lembre-se disso, cara, mas os Dominadores de Coney Island são uma família que anda com suas insígnias. Quero dizer, a gente não caga no pau porque alguma vaca bunduda...”

O líder baixinho deu as costas para Hector e voltou para a loja de doces. Hector sabia que era hora de partir. “Lembre-se, estamos atravessando em paz”, alertou.

“Ei, bonitinho”, a vaca disse a Hector. “Por que você não me dá esse broche e eu acerto as coisas pra você?”

“Vai se foder”, ele disse a ela.

“Não fala comigo como se eu fosse sua puta. Cara, vou te mostrar quem vai se foder, seu filho da puta.”

Hector deu meia-volta e acenou para a Família iniciar uma marcha rápida no sentido do centro, seguindo a rota dos trilhos elevados. Eles andaram um quarteirão, cruzaram a rua e desceram o próximo, quando viram que outro Incandescente e a garota seguiam a Família. Hector mandou acelerarem o passo. Estavam ficando com medo. Andaram mais meio quarteirão e Hector levantou a mão, com o punho cerrado, todos pararam. O batedor e a vaca também pararam, encostaram-se na frente de uma loja e esperaram. A Família ficou irrequieta. Puxaram as roupas, não paravam de separar as calças das bundas e virilhas suadas. Ficavam cada vez mais apavorados, caminhando cabreiros, impacientes, prontos para quebrar a formação e começar a correr até o centro.

“Tudo certo, filhos”, Hector disse. “Se é assim que eles querem, então vamos marchar como um grupo de batalha, e se vierem atrás da gente, vamos passar por cima deles e deixá-los em pedaços.”

“Cara, queria ter artilharia”, disse Júnior.

“Não sonha”, Hector disse. “A gente queria paz. Todo mundo sabe que a gente queria paz.”

Eles disseram: “Sim”.

“Mas eles não deixavam a gente cair fora.”

“Não”, todos disseram.

“Eles nunca deram uma brecha. Sempre atrás da gente. Homens precisam de espaço.”

Todos falaram: “Nunca”. Começavam a ficar bravos.

“Tentamos. Tentamos. Nunca deixaram a gente em paz.”

“Nada de paz”, disseram.

“Pavão!”

Pavão, o portador, apresentou-se. Ele sabia do que precisavam. Tirou a caixa vermelha de cigarros do bolso. Ela era macia, feita com papelão e couro, encrustada com tachinhas com cabeça vidro de colorido que brilhavam como diamantes. Ele a abriu. Lá dentro, havia cigarros de papel preto e pontas brancas. Todos se aproximaram. Pavão tirou seis cigarros e os entregou a Hector. Hector colocou um na própria boca; Pavão acendeu; Hector tragou fundo, segurou o cigarro, exalou e todos disseram “ahhhh”. Hector apagou a ponta com os dedos. Eles o observavam; ele não reagiu à brasa. Acenaram com a cabeça. Hector colocou a bituca, com a ponta branca para cima, na faixa do chapéu. Pavão entregou a segunda garrafa de uísque, e Hector bebeu. Então, Hector colocou os outros cinco cigarros na boca e Pavão acendeu todos ao mesmo tempo. Hector entregou quatro de volta para Pavão. Ele tragou o quinto cigarro. Pavão prostrou-se perante Hector, pegou o cigarro dele e disse “Esse irmão servirá a Família até sua morte”, apagou a brasa e colocou o sinal na lateral da faixa do seu chapéu; ele também tomou um gole.

Lesadão, cujo senso de tradição conflitava com sua paciência, disse: “Vamos logo, cara, eles vão chegar daqui a pouco”. Todos olharam para Lesadão com frieza, pois aquele era um momento importante. Pavão pegou o terceiro cigarro, deu um trago, e tocou Lesadão. Lesadão ajoelhou-se em frente a Pavão e ele lhe entregou o cigarro. Lesadão fumou, disse as palavras, colocou o cigarro apagado

atrás da orelha e bebeu sua dose. Eles começavam a se sentir um pouco melhor agora, entrando na onda e sentindo o momento, transformando o medo em raiva, e começaram a pular no lugar, agitando-se para entrar no clima.

Os outros filhos seguiram os passos, colocando os cigarros na parte de trás dos chapéus. Conforme cada homem dizia que aquele irmão serviria sua Família até a morte, eles sentiram, mais e mais, o espírito de luta unindo-os numa coisa só, poderiam derrubar qualquer um; entorpecidos pela sensação, que se aproximava cada vez mais, Pai, Tio, irmãos, todos de comum acordo, pois haviam consumido através dos lábios de todos os outros, eram uma coisa só, uma pessoa-gangue-família, unida pelo sangue, pronta e capaz de se manter firme contra qualquer Outro de merda nesse mundo de merda. Falando alto, Hector, puxava o mantra agressivo: “Digo que viemos em paz e pedimos paz; que não somos zés-manés desrespeitando os caras e eles resolveram partir para a guerra por causa daquela vadia”.

“Sim”, todos disseram.

“Bem, agora vamos descer como um grupo de batalha, embora quiséssemos paz. Qualquer um sacaria que queríamos paz. Então, agora já era.”

“É! Queríamos paz”, eles gritaram.

A garrafa estava vazia. Pavão arremessou-a pelo ar na direção em que o observador e a puta estavam escondidos. Ela fez uma parábola alta e viajou na noite, mas espatifou-se antes do alvo; a vaca e o Incandescente pularam por conta dos cacos brilhantes que se espalharam pela calçada.

Os homens partiram, velozes, líder e irmãos, todos conscientes do que precisava ser feito, forjados em Unidade. Músculos retesados, corpos levemente rijos para exibir os músculos, tríceps tensos, punhos cerrados, ombros arqueados, pernas flexionadas, barriga contraída, cada parte pronta para agir.

A Família considerou descer uma das ruas paralelas e acompanhar a rua principal até chegar à estação. Mas as ruas laterais eram menores. Se os Bonriquenhos tivessem um carro, eles poderiam acelerar contra a Família, acertá-la, e o que aconteceria se não houvesse portas para onde fugir? Se fossem atacados com coquetéis molotov vindos dos telhados, era questão de se posicionarem no meio da rua, sob os trilhos elevados onde estariam protegidos.

Júnior, o batedor, trotou até estar um quarteirão à frente dos irmãos. Ninguém deu a ordem; ele sabia. Hinton ficou um quarteirão atrás para cuidar da retaguarda. Batedor e Retaguarda ficavam em lados opostos da rua para que pudessem cobrir mais espaços como os olhos do grupo de batalha. A vaca e o observador seguiram. Era possível ver a saia branca na noite escura, entrando e saindo da iluminação pública. Uma série de bombinhas estourou à esquerda; ficaram em alerta; cabeças baixas, coração acelerado, suavam em bicas.

Um vento quente e leve soprou da frente, fazendo-os encarar uma onda de ar úmido. Inclinaram-se mais ainda, rasgando a brisa. Os olhos da Família continuaram ocupados em busca de qualquer coisa que pudesse ser transformado rapidamente em armas em caso de emboscada. Se o exército agressor chegasse com um tanque, ou superioridade numérica, a Família poderia correr até um alarme de incêndio e puxar a alavanca; policiais e bombeiros chegariam, e eles estariam a salvo; mas essa era uma jogada extrema. Mantiveram os olhos atentos às luzes laranja, que indicavam onde estavam os alarmes.

A Família viu carros – bacana; antenas de carros poderiam ser quebradas para virar açoites. Latas de lixo por todos os lados – tampas eram ótimos escudos. Não fazia sentido correr. Ninguém sabia o quanto teriam que correr e poderiam perder a compostura sob fogo inimigo. O batedor não encontrou nada suspeito à frente; a retaguarda sinalizou que ainda eram seguidos. A Família suava mais; o ar em movimento ficava cada vez mais grudento; a proximidade do ar tinha cheiro de inimigo se aproximando. O vento soprava pó e jornais na cara deles. A tensão começava a retesar os músculos. Cada carro que passava fazia alguém pular de susto e eles olhavam cuidadosamente para descobrir o quão velho era o homem ao volante. Avaliavam cada transeunte, mas havia poucos, e eles gostariam que as ruas estivesse lotadas.

Passaram por um prédio de apartamentos. Muita mobília quebrada estava espalhada pela rua. Aquilo preocupou a Família. Poderia ser sinal de ponto de encontro e arsenal: pernas de mesas saíam fácil, molas de sofás viravam chicotes, poderia haver armas escondidas nos braços fofinhos de poltronas destruídas, tampas de lata de lixo eram escudos e latas cheias de cacos de garrafas quebradas de Coca poderiam ser arremessadas, pedras, lâmpadas

danificadas, canos, pontas de lança soltas na grade, lustres de canto antigos eram lanças, tijolos e aparas de madeira besuntadas em óleo poderiam ser acesas e arremessadas do topo dos prédios. Tudo que o inimigo precisava fazer era sair porta afora, correr para trás da pilha de coisas e todo o arsenal – nada que os policiais chamariam de armas – estava pronto para o uso. A Família teria que atravessar o corredor polonês sob o forte. Mas as casas eram velhas, e havia uma razão para jogarem os móveis fora, e uma rua larga como aquela nunca era um bom lugar para emboscar ninguém. Era impossível bloquear as duas extremidades; controlar a área pelos telhados não era tão simples assim e, acima de tudo, os policiais poderiam atropelar todo o mundo com os veículos mais fortes, isolar a área e tomar ambos os lados.

Lesadão quebrou a formação, correu até a pilha e começou a arrancar um pé de mesa.

Hector disse para parar e lembrar que ainda caminhavam em paz. “Não dê razão aos Incandescentes.”

“Então, cara, acha mesmo que eles vão ligar para isso?”, perguntou Lesadão.

“Ainda não é hora de a Família agir.”

A Família estava cada vez mais acostumada àquela área. Estavam apenas prontos para a batalha, não mais assustados, diferenciando os sons inocentes dos perigosos. O vento os incomodava. Chegaram à estação da Freeman Street, mas estava bloqueada e eles não continuaram. Hinton morou por ali, mas não sentia nenhuma familiaridade. A Família esperava que o território dos Bonriquenhos Incandescentes terminasse ali, mas os sinais feitos com giz diziam que ainda estavam bem dentro do território inimigo. Um ônibus passou, cheio dos tarados por cavalinhos do trem. Lesadão apontou e eles viram o Professor lá dentro; parecia que ainda fazia o discurso e ninguém dava bola.

Hector teve uma ideia. Se pudessem capturar o Incandescente, poderiam usá-lo como refém. Ou melhor, poderia deixá-lo ir e mostrar aos Bonriquenhos que suas intenções eram honráveis. Eles nem tocariam na vadia. Não importa o que fizessem com ela, independente do quão inocente fosse, a vaca diria que enfiaram o dedo na porra da buceta dela, insultaram e cuspiram na honra dos Incandescentes. Mas eles não poderiam parar para brigar naquela hora, pois

precisavam continuar a se mover em ritmo de ataque, mantendo-se alertas a qualquer força inimiga. Como poderiam capturar o observador ali? Hector ponderou. Se entrassem no próximo território, poderiam alterar a estratégia e armar a arapuca do jeito certo. Mas onde estava a fronteira?

Passaram por homens vestindo camisetas brancas e sentados em frente a um sobrado. Crianças brincavam na rua. Os homens colocaram cadeiras e caixas na rua para armar um carteado. Um fio saía do apartamento no térreo e alimentava duas lâmpadas sobre o grupo que se sentia quente-demais-para-dormir. Um bebê dormia no carrinho; um dos jogadores o balançava com uma mão e segurava as cartas na outra. Eles pararam o jogo e observaram a Família, cuidadosamente, sem insultar, conforme passavam. O rádio tocava *pachanga* para alegrar o jogo: percussão, bongôs e chocalhos ecoavam pela rua silenciosa. Quando passaram, ouviram os jogadores voltarem a falar.

Esperavam por ataques conforme se moviam; a tensão voltou a aumentar; músculos doíam; os sentidos perdiam eficácia pela pressão de estarem ativos há tempo demais, e eles mergulharam decididamente em direção à noite perigosa. O vento parou. A poeira baixou. Tudo parecia congelado. Havia menos explosões. O ar ficou quase palpável; o suor encharcava as camisetas e jaquetas novamente. E, conforme passavam por outra estação fechada, os sons que aprenderam a interpretar como inofensivos tornaram-se suspeitos novamente. Uma explosão similar ao choque de um coquetel molotov os assustou. Alguém com uma arma caseira estava atirando contra eles, e Dewey jogou-se ao chão quando percebeu que era apenas uma série de bombinhas estourando. Andar desarmado, sem ter ao menos uma faca, os preocupava, pois não sabiam se conseguiriam encontrar armas defensivas a tempo para fazer frente aos agressores, se viessem. Ou, se chegassem motorizados, tudo estaria perdido. O modo como a cabeça do líder se movia, mudando rapidamente, significava que ele estava preocupado com qualquer coisa. Se ele amarelasse e corresse, todos entrariam em pânico. Hector precisava tirá-los de lá. Ele não sabia quanto ainda precisavam andar. Janelas abertas misteriosas, enegrecidas, observavam o grupo do alto dos apartamentos. Um franco-atirador poderia estar escondido em qualquer uma dessas janelas, pronto para derrubá-los. Era diferente do que atacar o território dos rivais

tradicionais – áreas devidamente mapeadas como se fossem suas, onde conheciam várias maneiras de voltar para casa e, quando o faziam, tinham milhares de esconderijos para ficar a salvo em caso de fuga. Para onde iriam naquela hora?

Então, Hector pensou em um plano. Ele deu a ordem para Pavão, Lesadão e Dewey. Pavão recuou para informar Hinton. Ao mesmo tempo, Dewey correu e deu o toque a Júnior. A saia branca da garota ainda girava lá atrás; se o observador tivesse vontade de desistir e voltar para casa, aquela puta faria de tudo para mantê-lo na missão para lutar pela honra dela; ela estava decidida a conseguir uma insígnia naquela noite, Hector pensou. Pavão e Dewey voltaram.

Júnior acelerou o passo em marcha rápida. Hector, Pavão, Lesadão e Dewey fizeram o mesmo. Mas Hinton reduziu o ritmo, só um pouco. E começou a sair do campo de visão dos perseguidores. Ele foi auxiliado pelo terreno quando os trilhos fizeram uma curva e a linha do trem deixou a Southern Boulevard e continuou ao longo da Westchester Avenue. Assim que dobraram a esquina, os homens se esconderam em portas de lojas. Então, Hinton passou e alcançou Júnior, que também reduzia o passo. Alguns minutos depois, a vaca e o Incandescente passaram. Quando ultrapassaram os homens de tocaia, Júnior e Hinton viraram-se e atacaram os espiões que, por sua vez, deram meia-volta e correram, sendo interceptados pelos quatro Dominadores que executaram a emboscada, cercando e prendendo a dupla. O observador sacava o suficiente para ficar quietinho, mas a garota se debateu, xingou e gritou para que tirassem as mãos dela, enquanto Dewey, rindo, mostrando todos os dentes, disse no melhor estilo soldado japonês da Segunda Guerra Mundial: “Então, Capitôn Coraçôn Forote, né? Surpereso, né?”.

A garota começou a berrar quando Lesadão, que a segurava, colocou aquela mão grande sobre a boca dela.

Hector disse: “Se você continuar aumentando a voz, vamos te dar uma razão para gritar. Fica quieta na frente da Família, entendeu?”. Ela parou de lutar.

E, então, Hector disse não querer nenhuma guerra. Eles entendiam aquilo? E a vaca disse o mesmo; por que ele simplesmente não dava uma das insígnias para ela? O observador mandou ela calar boca e ela o chamou de estúpido, pois ele se

deixou ser capturado tão facilmente. Hector tentou explicar novamente e perguntou se levariam a mensagem de que a Família passaria pacificamente ou teriam que lhes manter como reféns, por segurança? Lesadão queria tomar o chapéu do Bonriquenho, mas Hector não deixou. O observador disse que, se dependesse dele, eles poderiam seguir em paz; ele levaria a mensagem. A garota questionou que tipo de homem ele era para render-se a esse guerreiros de araque das colinas de sabe-se lá onde? O observador devia ter feito um desafio para duelo naquele momento. Em vez disso, disse a ela que calasse a boca, pois ela o faria ser espancado se não ficasse quieta. E, embora não levantasse a voz, ela continuava falando merda e dizendo o quão desprezíveis – meio-homens – eles eram e que se quisessem voltar para casa inteiros, tudo que precisavam fazer era deixá-la ir com um dos broches.

A Família riu da cara dela e desejou ter tempo para mostrar o que acontece com vadias falastronas, e ela merecia, ah se merecia. Ainda assim – e eles conheciam muitas vadias – tinham que reconhecer que ela não estava com medo deles – nem um pouco – e admitiram que ela tinha coragem, mais do que o observador, que ficou quieto. Revistaram o observador e encontraram uma lâmina, e a apreenderam. Espólios de guerra. Queriam revistá-la também, mas viram a reação no rosto do observador. Não havia necessidade de arrumar mais confusão que o necessário. Tentaram interrogar o observador – quantos soldados estavam a caminho; havia algum tanque; de onde viriam? Mas o observador invocou a honra do seu grupo e não disse nada. Ele encarou a Família de cima a baixo, daquele jeito hispânico bem frio, os deixando nervosos. A única coisa a fazer seria dar uma lição nele com sua própria lâmina. Mas seria inútil.

Enquanto isso, a vaca continuava falando merda, sobre cada um deles, e especialmente sobre o observador. O que ele poderia fazer?, ponderou Pavão. Ela o chamou de eunuco, estúpido, pinto pequeno e que ele não suava de calor, mas de ódio; ele daria uma bela surra nela quando a pegasse de volta, por fazê-lo passar por otário na frente da Família, que ria à beça. A Família não levava esses Bonriquenhos a sério; nenhum deles era homem o suficiente para controlar suas mulheres.

E, então, Pavão concluiu algo: “E se eles estão fazendo onda para segurá-los ali”. Era hora de cair fora, marchar linha abaixo e deixar aquele território quente e perigoso. Pavão fez sinais para acelerarem. Hector sinalizou aos responsáveis pelos prisioneiros e eles soltaram o observador. Hector disse: “Segue teu caminho, *amigo*, e diga apenas que marchamos em paz”. Júnior seguiu na vanguarda. A vaca falou mais merda e o observador começou a puxá-la, mas ela se livrou, estapeando o sujeito, e pulou para tentar pegar o broche de Lesadão. Ele desviou um pouco e ela errou.

A Família começou a se mover, Hinton ficou para trás para cuidar da retaguarda, quando Lesadão disse: “Se quer o broche tanto assim, gata, vem com a gente. Você sabe que somos homens. Manja, somos machos, morou, e somos os maiorais de toda a cidade. Todo mundo conhece os Dominadores. Manja, você seria como uma irmã pra gente, saca?”.

E era a coisa errada a dizer, pois o observador encarou-os de um modo que, em outras circunstâncias, lhe custaria alguns cortes, uma queimadura de arma ou uma correntada na cara. Até mesmo Pavão, sempre prudente, queria limpar aquele Orgulho Hispânico irritante da cara do sujeito, mas Hector o conteve.

“Você”, ele disse à puta, “some daqui.”

A puta não se moveu. Ela sorriu para Hector e disse: “Qual o problema, *chico*, não acha que é *hombre* o suficiente pra mim?”.

Mas Hector estava concentrado e sabia lidar com ofensas, então não se deu ao trabalho de responder. Acenou o braço e os homens partiram.

“Vai me dar o seu broche?”, a vaca perguntou a Lesadão. Ele disse que daria. Ela disse que iria com eles. O observador ameaçou a vaca, dizendo que ela ia se dar mal. E ela disse que nem sabia se voltaria para aquele território de malucos e franguinhos, e seguiu a Família. Eles caminharam por um quarteirão, com tranquilidade e rapidez, mas, depois de um tempo, foram informados de que o observador ainda estava atrás deles e tudo ficou tenso novamente. A vaca disse pra não se preocuparem, pois os Incandescentes não estavam mobilizados naquela noite. A maioria dos homens estava ocupada bancando os menininhos e soltando bombinhas, espalhados, e ela duvidava que conseguissem mobilizar

mais de cinco ou seis soldados. E, de qualquer forma, logo teriam cruzado a fronteira.

Passaram por paredes nas quais os competidores Tripudiadores de Castro e os Bonriquenhos Incandescentes insultavam uns aos outros com giz multicolorido, enquanto as Lésbicas da Intervale Avenue diziam que eles eram uns bostas e elas eram mais *machas* que qualquer pirralhinho.

Depois de mais dois quarteirões dos Bonriquenhos, entraram no novo território. A vadia disse que havia uma trégua entre as Bonmariquinhas e os Masai da Jackson Street. Logo chegariam à estação onde poderiam pegar o trem para longe dali.

“Não deixe os otários dos Masai colarem em vocês, porque os Incandescentes mandam neles”, ela disse. Dewey olhou com raiva na direção dela.

Lesadão disse à garota, novamente, que ela poderia ser uma irmã para eles e ela o encarou. Mas ele explicou o que envolvia ser uma irmã e ela riu, dizendo, ao irmão, que seria, contanto que ele lhe desse o broche para mostrar o quanto ele a amava como irmã. Eles riram da conversa. Hector só esperava que ela não estivesse seguindo com eles para atrair os outros.

Eles estavam quase fora, mas os músculos não relaxavam; os corpos continuavam arqueados; punhos cerrados; movendo-se através do calor, querendo destruir tudo e todos, para extravasar, liberar, pois nenhuma briga acontecera. Pavão sentiu a garota olhando para ele e desceu o braço, com força, contra uma placa. O sorrisinho dela serviu como recompensa. Mas Lesadão, ciumento, avançou com seriedade, procurando algo maior para descontar a frustração. Para exibir-se, para ser digno da ousadia dela. Júnior continuava olhando para trás, para vê-la; Hinton mantinha a retaguarda perto demais. Dewey fez cara feia longe do grupo, ainda bravo. Hector ficou de olho: missão com mulher sempre dava problema. Pode apostar que Lesadão vai começar. Ela piscou para ele? Lesadão fez cara feia para Hector e a puxou para perto. A única alternativa era se livrar dela o mais rápido possível. Irado, Hector sinalizou para Júnior e Hinton ficarem atentos. Ele não sabia como se livrar dela, pois Lesadão lutaria pela conquista. Talvez deixasse os dois para trás.

Avistaram a próxima estação, quarteirões à frente – a plataforma onde poderiam pegar o trem para casa. Um homem os encarou por um segundo quando passou. Lesadão, cujo braço envolvia o pescoço da puta, soltou a garota e segurou o braço do homem, virando-o. “Tá olhando o quê?”, ele disse.

“Tire suas mãos de mim, seu moleque arrogante”, o homem disse. Ele parecia grande, pescoço musculoso, como se fizesse trabalhos braçais e já tivesse brigado o suficiente na vida.

“Por que você olhou pra minha irmã daquele jeito?”, Lesadão queria saber. Posicionou-se em frente ao homem. Os outros, empolgados pela discussão, cercaram o homem.

“Garanhões como vocês vão deixar esse mané insultar minha honra?”, a garota disse. Hinton aproximava-se e Júnior recuava.

“Moleques, acham que mandam na rua. Saiam da frente.”

“Com quem você acha que está falando?”, perguntou Hector.

E, então, o homem caminhou rápido, tentando abrir caminho. Ele deu um soco em Lesadão. Atingido no peito, Lesadão foi jogado para trás. Alguém gritou. Eles avançaram contra o sujeito, acertando-o. Ele tentou recuar para o muro, mas eles estavam por todos os lados. Pavão sacou a primeira garrafa de uísque vazia e golpeou contra a cabeça do homem; errou, acertando o pulso contra a cabeça do sujeito, derrubando a garrafa, que se espatifou no chão; alguém chutou Pavão na canela. Eles socaram o homem até derrubá-lo e começaram a chutá-lo. A puta dançava ao redor deles. “Vai! Vai! Vai! Vai! Vai, vai, vai!”, quase berrando, influenciando a todos, com gritos de excitação. Afastaram-se do homem, chutando na direção dele, pisando nos braços e pernas. Ele tentou se mover novamente; aquilo os enfureceu, então chutaram mais forte nos lados, no estômago e nas pernas; o homem ficou imóvel, o que também os enlouqueceu, e eles se agacharam para socar a barriga, o rosto, a virilha. O homem virou de barriga para cima – a camisa polo estava ensanguentada pelos cacos de vidro. Eles chutaram sua cabeça e espancaram-lhe os ombros, as costas, qualquer ponto que alcançassem, e o rolaram de costas novamente. A voz da garota aumentava cada vez mais, até que se transformou numa algazarra e ela pulava sem parar e, então, a faca do Bonriquenho estava na mão de Pavão. Lesadão e Dewey

pisaram nas mãos do homem e as prenderam contra o chão. Pavão golpeou. O homem gritou; o corpo tremeu violentamente; os pés sobre as mãos mantiveram o corpo no lugar; o grito do sujeito os excitou ainda mais. Pavão tirou a faca, e a cabeça do homem movia-se para a frente e para trás. O rosto estava ensanguentado por conta do vidro; nariz quebrado; a boca sangrava. Pavão gritou “Pega” e jogou a faca para o alto, com a ponta virada para baixo. Ela pairou no ar. A mão de Lesadão a agarrou pelo cabo e continuou o movimento descendente, golpeando para baixo; o homem moveu-se um pouco e a lâmina penetrou a lateral do corpo, à direita do coração, e a vaca gritou novamente. Os olhos dela estavam semicerrados e a boca aberta, conforme ela ofegava entre berros e pulinhos e incitava a Família, gritando “Eu! Eu! Eu. Eu quero! Me dá! Me dá!”. E Lesadão, tirando a faca, jogou-a para o alto. Hector pegou e desceu certeiro, rasgando o rosto do sujeito, conforme um pedaço de pele cortada se separava da bochecha dilacerada. A vaca gritou e Hector tirou a faca e repetiu a cerimônia de transferência e, dessa vez, Júnior pegou e rasgou o homem que tentava rolar para escapar da imobilização. Júnior atingiu a cintura e jogou a faca para o ar novamente, enquanto a vaca seguia o arco e via as luzes borradas dos postes de iluminação brilhando contra a lâmina ensanguentada. Ela tentou pular entre os homens para pegá-la, mas eles estavam muito próximos. Daquela vez, Dewey pegou e enterrou a lâmina no coração e o homem gemeu e o gemido foi longo e desesperançoso, o que os empolgou ainda mais, pois durou bastante. A garota dizia “Me dá a faca, me dá a faca”. Mas Dewey a lançou ao ar e gritou “É o seu trabalho” para Hinton, que a pegou e apunhalou o corpo.

A vadia apoiava-se contra o muro, com as pernas abertas para manter o equilíbrio, a barriga em contrações, os olhos brilhavam e a boca ficava aberta num sorriso constante, ofegante.

Lesadão disse: “Irmão, saca só essa irmã”. E ele a pegou e começou a colocá-la no chão.

Ela disse, esgotada: “Não, chega. Cansei, cara”.

Lesadão, segurando-a pelos ombros, chutou suas pernas, a derrubou e levantou a saia, arrancando as calças e meteu com velocidade enquanto ela dizia, baixinho: “Não, cara. Chega, já disse. Chega”.

Os homens formaram um círculo ao redor dos dois, colocaram os braços em volta dos pescoços uns dos outros, olharam para baixo e começaram a bater os pés para marcar o ritmo.

Ela girou e girou, sempre dizendo que era o suficiente, mas ela estava começando a gostar, pouco a pouco, conforme eles aumentavam o ritmo das batidas. Lesadão gozou logo, levantou-se e todos fizeram o mesmo, um atrás do outro, enquanto os outros ficavam no círculo e continuavam a acelerar o ritmo das batidas.

Hinton foi o último a penetrar nela e, àquela altura do campeonato, o rosto dela estava totalmente rígido e os olhos não viam nada, pois ela estava quase inconsciente com o prazer que ele – e seu pau de ouro – proporcionavam, e Hinton olhou nos olhos dela e quase ficou assustado, pois ela transmitia outra coisa: loucura. Hinton entrou no ritmo da trepada de coelho, mas quase não sentiu nada, bombeando alucinadamente para manter o embalo. Mas como nada estava acontecendo, ele fez de conta que gozou, chacoalhou, levantou-se e todos estavam prontos para ir embora.

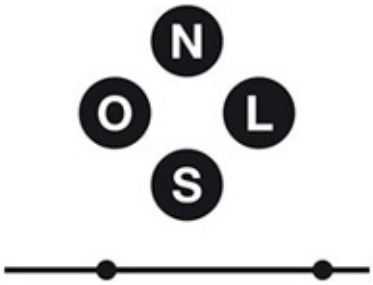
Pavão, o portador, ajoelhou-se sobre ela, colocou a mão sob a meia-calça enrolada e a usou para limpar a lâmina entre o dedão e o indicador.

Eles deram no pé, correndo, e deixaram a garota para trás. Correram por um quarteirão e subiram as escadas. Pavão colocou as fichas nas catracas para todos eles e pediu informação. O bilheteiro explicou como trocar de trem para Coney Island na 42nd Street. Puderam ver o bilheteiro observando a Família com cautela, como se esperasse ser roubado. Eles andaram pela plataforma. Nenhum trem os esperava. Foram até o fim da plataforma e olharam para baixo. Sob a iluminação fraca dos postes, puderam ver o corpo largado lá. Puderam ver a saia branca, a cintura, a barriga e as coxas nuas; ela ainda estava lá, com a cabeça ainda usando o corpo do morto como travesseiro.

Eles assistiram a tudo, com os cotovelos sobre as barras de proteção. Ela não se moveu por uns cinco minutos. Então, ela virou-se. Lentamente, ela ficou de pé e vacilou um pouco. Ficou parada por um minuto – ajeitou a saia e começou a falar alguma coisa. Em princípio, não conseguiam entender as palavras; então, escutaram, baixinho. Ela estava xingando o grupo, as palavras cada vez mais

claras. Ela brandiu os punhos na direção do centro. Sua mão caiu. Ela parou de gritar. Virou-se lentamente, arrastou-se um pouco, recompôs-se e andou para longe dali, endireitando-se, cada vez mais rápida, voltando pelo caminho de onde viera.

“Cara”, disse Lesadão, “deveríamos ter trazido ela com a gente. Eu curti.”



5 de julho, entre 2h30 e 3h

Encostaram-se contra as barras de proteção, sob as lâmpadas da estação, esperando pela chegada do trem. Estavam cada vez mais largados, recaídos e cansados naquele momento. Os rostos vazios, olhares fixos; a boca de Lesadão estava aberta e os olhos semicerrados. Ele bocejou.

“Agora eles sabem que tipo de homens somos”, disse Hector. “Ninguém pisa nos Dominadores.” E ele também bocejou.

Lesadão disse: “Ainda acho que deveríamos ter trazido a vadia com a gente”.

“Mas, cara, ela era uma puta. Saca, qualquer garota que fizesse o que ela fez... Mulheres; só ficam felizes quando veem sangue”, e Pavão sorriu. Júnior deu uma risadinha.

Dewey começou a bocejar, mas o bocejo transformou-se numa gargalhada histérica. Ele não conseguia parar e Júnior começou a rir, Lesadão seguiu o exemplo. Em pouco tempo, todos estavam chorando de rir, sem parar. Hinton sentou-se no chão, fraco. As gargalhadas acabaram; alguém começou novamente. Depois de um tempão, a reação parou aos poucos, pois eles estavam fracos demais para rir.

“Ela vai rodar quando voltar. Eles vão dar uma lição inesquecível nela”, Dewey disse.

“Irmão, eu nem me preocuparia com aquela lá”, disse Hector. “Nem um pouco. Ela colheu o que plantou, direitinho.”

“É, cara, com os colhões que ela tem, aposto que eles vão voltar a comer na mão dela rapidinho. Não se preocupe, aquela lá sabe se cuidar. De qualquer forma, ela deu no couro”, disse Lesadão.

“Bom, cara, como você pode saber?”, Dewey riu novamente. “Ela nem sentiu que você estava lá dentro.”

“Ela soltou um grito, ou sei lá, quando comi ela. Ela sabia quem estava no pedaço”, disse Lesadão.

“Não, cara, Júnior fez ela gritar, não você. Não foi, Júnior? Não foi?”

O Júnior sorriu.

“Tá dizendo que não sou homem, irmão mais novo?”, perguntou Lesadão.

“Que horas eu falei isso?”

“Ele não falou isso, Lesadão.”

“Ouvi o que ele disse. E toda vez que ele pensa que não sou homem, sempre há maneiras de provar quem é mais homem, morou?”, Lesadão estava mal-humorado.

“Não precisa pirar; esse irmão mais novo só está de conversa mole.”

“Louco? Quem está louco? Só não gosto de ouvir merda.”

“Merda? Quem falou merda? Foi apenas o que eu ouvi...”, mas não terminou a frase quando viu Hector sinalizando para maneirar.

Mas Lesadão ficou furioso. “Vou te mostrar quem é o homem aqui”, disse, abrindo a braguilha. “O seu é maior, cara? Qual de vocês têm um maior?”

E Dewey fez uma cara de desgosto perante a estupidez suprema de Lesadão. “Cara, não é assim que se decide quem é o melhor. Tamanho não é documento, todo mundo sabe disso.”

“Como assim, tamanho não conta? Qual o outro jeito?”

“É a qualidade do presente, não o tamanho do pacote. Certo, Júnior? Não é assim, Hinton? Saca, tem outros jeitos de saber. Todo mundo sabe. Tio Pavão, eu pergunto, é o tamanho?”

Pavão, sem querer se envolver, deu de ombros e disse “Não sei, só sei que gosto do meu. É o que conta, cara. Eu gosto. Minha mulher gosta. Nós gostamos. Tamanho é para os outros se preocuparem, não para mim, cara. Ela gosta e faz questão de me dizer. É isso que faz de mim um homem.”

“Não, mas estou falando hipoteticamente. Tamanho não conta. Nem um pouquinho.”

“Então, tá falando tanto, todo espertinho e tal. O seu é maior? É?”, gritou Lesadão.

“Já falei, cara.”

“Então, qual o tamanho?”

“Há modos de decidir.”

“Como? Mostre como.”

“Bem, não temos uma mulher. Esse é um jeito. O outro jeito é mijar o mais longe possível. Esse sempre dá certo.”

“Quando quiser, irmão. Quando quiser. Agora.” Lesadão andou até a borda da plataforma e mijou. O jato de urina fez uma curva e chegou até o trilho mais externo. “Beleza, sabichão, quero ver bater *isso*.”

“Putz, cara, não sei se posso. Saca, você acabou de cometer um atentado ao pudor. Morou, cara? Os canas vão chegar, pegar você e te botar no pau de arara. Sim, senhor. E aí você vai poder mijar o quanto quiser. Especialmente quando eles baterem no seu *porrete* com o *porrete* deles.”

“Cara, você está sacaneando comigo e vai pedir desculpas ou então vai ter que me encarar.”

Logo, a competição começou. Exceto por Lesadão, todos alinharam-se na borda da plataforma e mijaram por cima dos trilhos. Hinton ganhou, passando só um pouquinho do limite, acertando a terceira barra de proteção. Lesadão contestou pois, de acordo com ele, Hinton estava na pontinha dos dedos.

Mais pessoas chegavam à plataforma. Elas mantinham distância da Família, concentrando-se na outra extremidade. Tinham medo daqueles Irmãos; e eles se sentiram importantes. Hector cansou da disputa e mandou Pavão comprar doces para eles; ele estava ficando com fome. Pavão voltou com seis barras. Hector colocou todas elas no bolso do casaco.

“Cara, elas vão derreter aí”, disse Dewey. Hector não deu bola.

Com o fim da discussão, eles ficaram encostados na grade por um tempo. Estavam cansados até para pensar se os policiais apareceriam ou se aquela vaca traria a gangue dela de volta. Dewey sentou-se no chão; a jaqueta era aberta nas

costas. Eles observaram a plataforma ficar cada vez mais cheia e era impossível não bocejar. Dewey quase caiu no sono. Tentaram fazer alguma coisa para evitar o tédio ao falarem merda uns aos outros, mas ninguém tinha energia. Depois de uns quinze minutos, o trem arrastou-se até a estação. Uma turba de passageiros passou pelo mesmo perrengue que o pessoal da outra estação, mas foram mais tranquilos no processo. Os homens cambalearam até o trem e se sentaram. Cinco deles ficaram de um lado do corredor; Hector sentou-se no lado oposto, de frente para eles.

Sentaram-se, bocejaram e esperaram. O trem não se movia. Reclamaram uns com os outros sobre isso. Júnior pegou o quadrinho e começou a ler. Dewey fez palhaçadas, juntando as mãos e imitando uma foca. Lesadão sentou-se imóvel, de braços cruzados; pensativo. Dois ou três passageiros sentados no extremo oposto do carro os encararam apreensivamente, sem saber se eram apenas brincalhões ou perigosos. Os homens se certificaram de que os olhares não eram desrespeitosos ou maldosos. Afinal de contas, eles eram homens com reputação e haviam feito grandes coisas, especialmente naquela noite, e isso deu à Família um senso de orgulho ao saber que eram observados com respeito.

Hector comeu a primeira barra de chocolate sozinho. O olhar dos soldados revelava o desejo; Dewey botou a língua para fora. Hector mastigava lentamente para mostrar a eles quem era o Pai. Colocou a mão no bolso e retirou a segunda barra; estava derretendo. Ele a segurou no alto. Todos olharam para o doce. Ele sorriu. Júnior concentrou-se na história em quadrinhos. Hector aproveitou o momento o máximo que pôde, os olhos de Lesadão estavam vazios enquanto olhava na direção da barra em devaneio, cutucando o nariz, profundamente, com o dedo indicador grosso, não vendo a barra, mas relembrando da garota. Pavão cutucou Lesadão para ele prestar mais atenção. Hector segurou a parte inferior da barra com os dedos, e, lentamente, foi tirando o chocolate da embalagem. Eles riram com a brincadeira, enquanto Hector insinuava-se como uma bicha. Dewey entrou na onda, levantou-se e dançou na frente dele, com as mãos na cintura, fingindo ser um frutinha e o doce ser algo excitante. Dewey tentou pegar a barra de chocolate e Hector ficava tirando de seu alcance, dando tapinhas no pulso de Dewey. Dewey ficou mais afrescalhado ainda, mendigando pelo

chocolate, fingindo ser um cachorro pidão, enquanto eles se cutucavam uns aos outros e riam. Até mesmo Júnior teve que olhar para cima, tirando os olhos de um quadrinho que mostrava os rostos sorridentes dos heróis gregos encarando O Mar. O Mar.

Dewey olhou sobre a cabeça de Hector, fazendo de conta ter visto fogos de artifício, e gritou: “Cara, olha aquele foguete subindo”. Hector virou. Dewey tirou o chocolate da embalagem e pulou de volta para seu lugar, insinuando-se, e escondeu o doce atrás das costas. Quando Hector olhou novamente e viu o que aconteceu, todos apontaram para ele e riram; Dewey bateu com a bota no chão e deu-lhe um tapa na coxa. Hector precisou rir também, mas eles notaram que ele estava bravo, então Dewey devolveu o prêmio.

Hector rasgou a embalagem branca da barra de chocolate; todos inclinaram-se no corredor. Hector brincou, gritando “Isso é chamado de circuncisão” e eles racharam o bico novamente. Hector tirou um naco do chocolate e fez de conta que comia. Eles lamentaram. Olhou para Lesadão, mas jogou o pedaço para Pavão. Pavão pegou sem se mover, abrindo a mão e deixando o pedaço pousar sobre a palma da mão. Eles murmuraram positivamente. Hector partiu outro pedaço e, olhando na direção de Hinton, jogou para Lesadão. Lesadão tentou pegar com estilo, quase derrubou e precisou sair da cadeira para segurar o doce; alguém riu da trapalhada. Lesadão virou-se rápido e todos olhavam para o lado, sem expressão alguma. Hector, que conhecia aqueles engraçadinhos, sorriu.

As portas do trem fecharam. O pedaço seguinte foi para Dewey. Ele voou pelo ar. O trem deu um solavanco e começou a avançar lentamente. O doce caiu sobre a revista em quadrinhos dobrada e deslizou até o chão. Todos riram. Hinton pegou o pedaço como se fosse algo contaminado e o lançou ao ar, na direção de Dewey. Dewey deu um gritinho, encolheu-se todo e desviou o doce para à esquerda. Ele voou na direção de Pavão; Pavão pulou do assento como se uma barata voasse contra ele. O chocolate passou por Dewey e seguiu até Lesadão, que estapeou o ar com as mãos desengonçadas, errando o alvo. O chocolate atingiu Lesadão e ele tentou se livrar da coisa como se estivesse viva; caiu no chão novamente. Lesadão colocou a mão no bolso para pegar o lenço e se limpar, esquecendo que estava amarrado na cabeça, pregado com o broche da

família. Fez de conta que tirava a sujeira da roupa; esticou a mão e arrancou uma folha do gibi do Júnior para limpar a mancha invisível dos dedos. Ele ignorou completamente o ódio do Júnior.

Mas Hinton chutou o pedaço de chocolate de volta para Lesadão. Ele pulou bem alto e desviou. Hinton pegou o pedaço amassado da revista, endireitou-o; era o painel que mostrava os heróis chegando ao mar. Enrolou o papel numa meia-lua, pegou o pedaço de chocolate com ele e levou a sujeira até Lesadão, carregando cuidadosamente com as duas mãos, curvado de forma cerimoniosa, com a cabeça quase tocando o doce, e o presenteou.

Lesadão tirou o corpo fora. “Tira essa merda daqui”, ele disse a Hinton.

“Mas por que, ó irmão mais velho? Mantenha nossa cidade limpa. Toma, cara”, disse Hinton, empurrando o doce um pouco mais próximo de Lesadão. Lesadão recuou ainda mais. Júnior sorria, mas manteve a cabeça erguida, assistindo tudo pelo cantinho do olho. Era preciso ter cuidado para rir de Lesadão.

“Tira essa coisa de perto de mim, cara, tira essa porra daqui”, disse Lesadão.

“Mas é um presente do Dewey. Seu irmão mais novo, ele oferece a você. É do Dewey.”

“É melhor tirar essa coisa de perto de mim. Cara, tira isso daqui. Vou queimar você. Vou acabar com você. Fica esperto.”

Hinton virou-se para Hector. Ele parou de rir e ficou sério. Alguns passageiros do vagão riam na direção deles; Hector decidiu que não havia nada desrespeitador nos sorrisos. “Ele não quer o presente, Papa. Faça-o aceitar, Papa”, Hinton gritou.

“Ele não quer”, Hector gritou de volta e deu de ombros.

Dewey chegou perto de Hinton, inclinou-se e olhou para o chocolate. “Pó. Alguns fios de cabelo, cara. Um pouco de fuligem. Meleca. Só um pouco de cuspe. Olha só”, disse, passando para Júnior, colocando em cima da história em quadrinhos.

Júnior tomou todo o cuidado para não encostar no material. Aproximou-o do rosto e analisou. “Não está tão sujo”, disse a Dewey. “Não está tão sujo, Lesadão”, gritou.

“Para de me sacanear. Não zoe com a minha cara”, e os punhos de Lesadão estavam fechados; ele olhou na direção de Hector. Hector fez questão de manter a boca fechada, o semblante sério e passar um julgamento imparcial. O trem arrastou-se para dentro de um túnel; o calor ao redor deles aumentou; o vento que soprava de várias janelas era mais quente, úmido e trazia cheiros e sons estranhos. O fedor de material isolante queimado estava por todos os lados, irritando os narizes, fazendo os olhos lacrimejarem. O ventilador chiava e lutava contra o ar, empurrando a poeira pelos corredores. O trem parou; mais gente entrou. Olharam para a Família *daquele* jeito, como se reconhecessem com quem teriam que lidar, e tentaram seguir no outro extremo do carro. Por saberem estar sob os olhos atentos dos passageiros, eles agiram um pouco mais alucinadamente, fazendo de conta não haver mais ninguém no mundo. As portas se fecharam. O trem tentou dar a partida, chacoalhou um pouco e ficou parado, o motor vibrava sob os pés deles. Começaram a ficar preocupados por terem que fazer uma nova transferência. Finalmente, o trem saiu do lugar e eles voltaram a atenção para as piadas com o chocolate.

Hinton segurava o papel com o doce; Lesadão deu um tapa e o jogou para o lado. “Cara, você está sujando a cidade. Isso é crime, fica esperto; uma infração; você pode ser multado por isso. Agora, você não quer ser multado, não é?”, disse Dewey. Lesadão olhava para ele com aquela cara de touro estúpido, pronto para atacar; a brincadeira era ver o quão longe chegavam com a provocação antes de ele avançar contra eles. Hinton e Dewey deram as costas, como se tivessem perdido interesse no jogo. Lesadão sentou. O trem passou por operários trabalhando no túnel. Lesadão virou-se para ver. Hinton inclinou-se e colocou o pedaço de papel com o chocolate no colo de Lesadão, de forma tão delicada, que ele nem percebeu. Lesadão virou-se novamente e nem percebeu o que haviam feito. Júnior colocou o quadrinho na frente do rosto para esconder as risadas contidas.

Quando o trem chegou à próxima parada, o doce escorregou e caiu e Lesadão viu o que haviam feito com ele. Todos gargalharam, exceto por Hector, que ainda mantinha a máscara imparcial de líder. Lesadão viu que fora feito de trouxa. Levantou-se e fez a cara estúpida e furiosa de quem tentava decidir qual

deles havia pregado a peça. Tentaram olhar para Lesadão com cara de sou-inocente-seu-policial, mas Pavão não conseguiu segurar a onda, rachou o bico. Lesadão parou à frente de Pavão, esticou o braço até atrás da orelha dele, pegou o cigarro de guerra, segurou-o na horizontal, com as duas mãos, em frente aos olhos de Pavão, quebrou-o, jogou os pedacinhos aos pés de Pavão e pisou neles. Deu meia-volta e andou para longe, no outro lado do vagão, olhando para a janela, de costas para a Família, tendo claramente dito a seu superior imediato, *seu Tio*, e ao resto deles, para irem se foder. Sem saber o que fazer, Pavão deu de ombros. Em circunstâncias ordinárias, seria caso de punição em grupo, e toda a Família atacaria o culpado. Pavão sentou-se, confuso, olhando para Hector, esperando pela decisão do Papa.

Hector notou que a coisa ficou séria e precisava agir. Levantou-se. Os outros observaram enquanto ele caminhou até Lesadão e colocou os braços sobre os ombros dele. Viram ele tentando falar com Lesadão, que se desvencilhou. Hector deu tapinhas em seu ombro. Ofereceu um pouco de chocolate a Lesadão; virou-se parcialmente e cruzou os braços sobre o peito. Hector continuou tentando ganhar a confiança de Lesadão, falando-lhe ao pé do ouvido. Os homens viram que ele estava rindo enquanto falava, mas toda vez que Lesadão se virava para lhe encarar, cheio de suspeitas com aqueles olhos de porquinho, o rosto de Hector voltava a ficar sério.

Então, de repente, Lesadão concordou com a cabeça, virou-se e começou a voltar pelo corredor, na direção deles. Hector o acompanhou, ao mesmo tempo segurando, relaxando e dando tapinhas em suas costas como se domasse um animal, aplacando os instintos daquele homem selvagem. Todos estavam um pouco preocupados, pois sabiam como Lesadão ficava. As outras pessoas do vagão sorriam da coisa toda. Lesadão parou em frente a um deles, colocou as mãos na própria cintura como se dissesse “Tá achando graça de quê?”. O brincalhão parou de rir. Afinal de contas, a Família era algum tipo de espetáculo para o Outro? O trem chegou à estação e Lesadão parou, enquanto mais gente embarcava e desembarcava; o carro estava lotando. Quando o trem saiu, Lesadão voltou para a Família. Hector o seguiu.

Lesadão parou em frente a Hinton. Isso significava que Hector selecionara Hinton para a punição. Hinton sabia que a razão foi a conversa sobre as insígnias. Assim que eles pararam na frente dele, Hinton fez cara de sério, pois a brincadeira chegara ao fim e o problema estava prestes a começar. Mas se Lesadão fosse encostar a mão nele, ele estava preparado para ir muito além. Todos respeitavam o doidão, porque ele não ligava para nada e se achava capaz de fazer qualquer coisa. Hinton aprendeu essa lição muito tempo atrás. Lesadão esticou o braço até a faixa do chapéu de Hinton e puxou o cigarro de guerra. Assim que fez isso, em resposta, Hinton colocou a mão no bolso, tirou uma caixa de fósforos, pegou um e o segurou, pronto para acender o cigarro. Lesadão colocou o cigarro de guerra de Hinton na boca e Hinton acendeu para ele imediatamente. Lesadão tragou uma, duas vezes, soltando fumaça com desdém, para cima, onde era dissipada pelos ventiladores. Então, ele apagou a ponta no chão e pisou cuidadosamente, girando a sola do pé uma, duas vezes.

O rosto bonito de Hinton estava ensopado, seu lábio pingava de suor, mas ele não daria nenhuma satisfação adicional a Lesadão; nenhuma vitória extra, embora o insulto do irmão mais velho já tenha sido duro o suficiente. Mas Lesadão tinha o direito, como irmão mais velho, pois ele era o terceiro, depois de Hector e Pavão. Hinton torcia para ter demonstrado a expressão correta. Ninguém sorriu ou fez gracinha para ele, embora pudessem tê-lo feito. Lesadão colocou o cigarro de guerra de volta na faixa de Hinton, com a ponta apagada para baixo, propositalmente sujando a aba do chapéu.

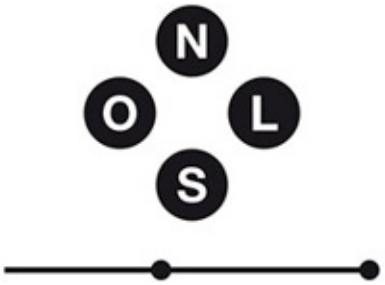
Hector deu outro cigarro de guerra a Lesadão e ele o entregou a Pavão. Pavão não se deu ao trabalho de punir Lesadão, mas colocou o cigarro atrás da orelha de Lesadão. Lesadão deu as costas para Hinton e eles notaram que ele não estava satisfeito.

Mas Hector estava pronto para Lesadão; ele sugeriu um jogo para saber quem era o mais homem do grupo. Eles veriam quem era o mais corajoso, todos colocariam a cabeça para fora da janela e quem chegasse mais perto da parede seria o vencedor e Homem Com Mais Coragem. Ficaram empolgados, especialmente Lesadão, pois tinha um novo modo de provar a todos que era o mais macho, não apenas o mais corajoso, mas com os maiores *cojones*. Ele

esqueceu Hinton quando olharam para a janela. Todos participaram, exceto Hector, que seria o juiz, e Júnior, que voltara a ler o quadrinho.

Hinton ganhou a disputa. Ele tinha que vencer. O cabelo armado ficou com o topo raspado e havia uma mancha cinza onde os fios quebrados e esbranquiçados encostaram no muro lá fora. Eles admitiram que foi prova de grande coragem, pois o cabelo duro de Hinton estava curto.

Júnior continuou a aventura em quadrinhos. Eles lutaram a cada centímetro do trajeto; os heróis estavam voltando para casa. Júnior notou que os heróis eram homens durões, num mundo duro, admirável, mas, ele pensou, não estaria no lugar deles, embora invejasse suas aventuras. Ele suspirou, deu as costas para a frente do trem conforme a composição atravessou um túnel cheio de eco, e a escuridão barulhenta ficava cada vez mais quente.



5 de julho, entre 3h e 3h10

O trem encostou na 96th Street. As portas se abriram. O trem esperou. Tudo deu errado.

A estação da 96th Street é uma estação de conexão. Duas linhas uniam-se ali: a local da 242nd Broadway Street e a expressa da Seventh Avenue. Há duas plataformas compartilhadas pela local e a expressa. Se a local encostar primeiro, ela espera pela expressa. Como chegaram primeiro, esperaram pela local. Local e expressa raramente chegavam na mesma hora. Há uma passagem no nível inferior que unia os dois extremos da plataforma, ao norte. Ao sul, bastava subir as escadas e sair. Na parte traseira, porém, era preciso descer as escadas primeiro, atravessar a passagem inferior, subir os degraus para o lado oposto. Por ser a interligação entre quatro linhas, a estação sempre estava cheia de gente; com a aglomeração, às vezes, brigas acontecem. Seguranças da estação estão por ali o tempo todo.

Estava mais quente, o calor dos motores do trem flutuou para cima. A Família estava exausta, mas cansada e desconfortável demais para dormir nos assentos de vinil grudento com estofamento de borracha. Ficaram sentados, irritadiços, esperando pelo trem se mover, cansados demais para reclamar. Uma propaganda tridimensional, com quatro cores bastante brilhantes avisava que aquele símbolo quadrado era o emblema do Banco Chase-Manhattan, seu símbolo de confiança e amizade, e que eram três da manhã. Seria tão bom se já tivessem chegado à baldeação na Times Square para Coney Island e terminado com aquela *longa*

viagem, chegado em casa – mesmo que fosse na Prisão – para dormir. Dewey coçava as picadas de pernilongos; Júnior arranhava o suor seco. Agora era questão de aguentar o resto do trajeto.

Hector, semissonolento, observava a Família, de costas para a plataforma. Todos de olhos quase fechados, exceto Júnior, que lia o quadrinho. O policial da segurança entrou pela porta aberta e fitou os seis, largados. Eles quase não o notaram, mas Júnior viu o vulto do azul inimigo e cometeu um erro, dando uma cutucada de aviso em Hinton. Hinton passou a cutucada automaticamente. O policial viu o movimento seguindo a cadeia; ele caminhava com certa insegurança. Continuou, então parou e olhou para eles através da janela. Pavão sinalizou para Hector ficar de olho; Hector virou-se e tentou ver o Homem Azul através da janela suja. Os ombros de Lesadão estavam arqueados. Dewey colocou as mãos no meio das pernas como se fosse um bom aluno. Os dedos de Pavão tiraram a calça apertada da parte de dentro das pernas suadas.

O policial sumiu de vista, mas o rosto dele apareceu na porta no fundo do trem, avaliando-os rapidamente. Quanta coisa será que ele sabia? Estavam procurando por homens que participaram da grande reunião na planície? Sabiam sobre... será que encontraram o corpo? A garota abriu o bico? Bem, se ela falou, estaria tão ferrada quanto eles, pois estavam juntos naquela parada. De qualquer maneira, como saberiam por quem procurar? Os broches! Estavam caçando a Família? Como saber? A melhor coisa era deixar a poeira baixar novamente. Deixar os canas chegarem neles e interrogarem:

— Quem são vocês?

Bem, a Família pensou, preparando a desculpa...

— Ninguém, ninguém mesmo. Apenas seis garotos dando uma volta na noite quente, senhor.

— Bem, onde estavam?

— Aqui e ali, no centro e nos bairros, pela cidade. Por aí. Nenhum problema nisso, não é, oficial?

— Problema algum, filho – o oficial diria, dando à Família aquele olhar duro, jovialmente falso, condescendente-para-garotinhos, policial-na-esquina-de-cinema.

— Não tem problema... pode confiar em mim... Onde estavam?

— Por aí; vários lugares.

— De onde são? São uma gangue?

— Gangue, não; um clube social, oficial.

— Em qual escola estudam? Onde fica seu território?

— Território? Território? O que é isso, oficial?

— Onde vocês vivem? Deixe-me ver sua D.J. Quero dizer, identidades. E você (para Lesadão), você parece velho o suficiente para estar no Exército. Onde está sua carteira de reservista?

— Mas sou apenas uma criança.

— Por que estão tão longe de casa?

— Mas oficial, resolvemos apenas sair para ver o mundo, dar uma volta. Afinal de contas, Wallie, nosso agente da Vara da Juventude sempre fica no nosso pé para sairmos daquela vizinhança, daquele ambiente. Sair para ampliar os horizontes, conhecer lugares, ele costuma dizer.

— Ah! Você tem um agente da Vara da Juventude? E *não* são uma gangue? Vejamos, vocês estavam metidos naquela confusão gigante lá para cima, algumas horas atrás?

Se aquela briga aconteceu há algumas horas e os policiais ainda estavam ligados, então foi sério. Mas não teriam como saber do otário morto, teriam? Era cedo demais para saber, muito longe dali.

— Estamos apenas curtindo a vista, oficial, não estamos fazendo nada.

— Curtindo a vista às três da manhã? Curtindo a vista num metrô? Falando sério, garotos, ajudem-me a acreditar nisso.

— Bem, primeiro, pegamos um trem errado...

Eles começaram a ficar tensos.

— Então, não seria melhor – o policial diria – fazer do meu jeito? Digo, não quero ofender ninguém, garotos, mas entendam minha suspeita, especialmente com todas as coisas terríveis que ouvimos falar sobre delinquentes juvenis nos dias de hoje.

— Ah, entendemos; perfeitamente normal, oficial...

Estavam alertas agora.

— Sim, não seria melhor... – o policial diria – cavalheiros, poderiam fazer o favor de se comportarem, inclinarem-se contra aquele banco na plataforma, colocarem as mãos para trás, pernas abertas e para trás, para não poderem me atacar, e eu então posso revistar vocês...

A faca! Quem estava com a faca? Quem estava com a porra da faca? A ficha caiu e os rostos frenéticos deram bandeira.

Hector sinalizou com uma piscadela. Pavão levantou-se, colocou a cabeça para fora da porta e observou a plataforma. Poucas pessoas estavam por ali; uma mulher com sacolas de compras as colocou no chão e estava tirando o vestido preso entre os seios com uma mão e abanando-se com uma cópia surrada do *Daily News* de dois dias atrás. Pavão inclinou-se contra a porta, metade dentro, metade fora, fazendo de conta que não fazia nada, bem no meio do caminho, para que pudesse ver dentro e fora. Ele viu as costas de um policial ao longo plataforma. O cabeça-de-penico estava a dois carros de distância, patrulhando, colocando a cabeça dentro do trem, tentando parecer tranquilo, sem fazer nenhum movimento para alertar ninguém. Mas algo o fez dar meia-volta. Pavão voltou para dentro com tudo, mas foi avistado. Ele voltou ao meio do vagão para olhar por dentro do trem, entre os demais carros, para ver se o policial ainda estava olhando para eles. Não viu nada. Voltou e colocou a cabeça para fora da porta. O policial estava imóvel, mãos na cintura, cassetete balançando do pulso, olhando diretamente nos olhos de Pavão. E Pavão tentou mudar o olhar para algo curioso, observando a vista, algo casual, como se houvesse alguma coisa realmente interessante ao longo da plataforma. Pavão não viu mais nada, nem as pessoas, nem o outro lado da plataforma; toda a atenção voltada para o segurança do metrô, que o observava, indiferente à encenação. Algo estava errado. Hinton levantou-se e foi até a frente do vagão, assumindo seu posto para vigiar os carros à frente. Dewey seguiu até os fundos do carro, olhando para trás. Lesadão ficou no centro, de olho no outro lado dos trilhos, onde ficava a plataforma oposta, caso policiais viessem de lá. O trem local encostava. Hector e Júnior se sentaram.

Hector pegou uma moeda, levantou-se e saiu, comprou um pacote de chicletes na máquina de doces e caminhou de volta. Ele sabia que estava sendo vigiado e

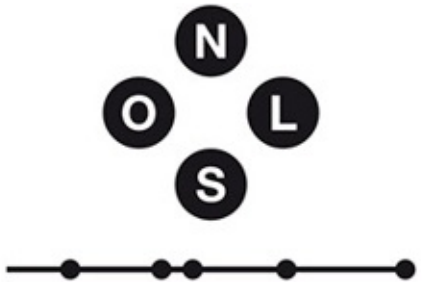
ponderou se não teria sido uma boa ideia, no fim das contas, ter retirado as insígnias. Era muito fácil localizá-los. Mas a ideia o perturbou e ele a desconsiderou. Ainda assim, continuou incomodado com a ideia de que havia sido um tolo. O trem local encostou no outro lado da plataforma; pessoas começaram a atravessar da local para a expressa. Hector tirou o chapéu e botou a cabeça para fora. O policial, a quatro vagões de distância, continuava parado, observando desconfiado, movendo a cabeça impacientemente conforme as pessoas passavam na frente dele. Hector voltou para dentro. As portas começaram a fechar. Hector sinalizou. Lesadão foi até ele e segurou a porta aberta. Hinton, na frente, viu o policial entrar no trem e deu o sinal. Todos correram para fora, passando por baixo dos braços de Lesadão. A porta fechou atrás deles. Todos gargalhavam, pois haviam enganado o segurança cabeça-de-penico.

Mas aquele cana deve ter dado o alarme de algum modo, pois mesmo tendo feito ele entrar no trem que partiu, outro policial estava chegando, trotando na direção deles, dando pinta de ser um palhaço azul e gordo com quem qualquer um deles poderia lidar facilmente, mas que era sempre perigoso, pois era A Lei. Optaram por ações evasivas: deram meia-volta e correram na direção do fim da estação. O policial, vendo o movimento, seguiu rapidamente.

Por ser o mais rápido, Hinton correu primeiro. Ele estava indo rápido demais para entrar na saída inferior; continuou correndo, saltou da borda da plataforma e caiu nos trilhos, e continuou pelo túnel, acelerando no sentido bairro, pelo trilho do trem que seguia para o centro.

Dewey e Júnior correram para o extremo norte, voaram pelas escadarias da passagem inferior, três, quatro, cinco lances por vez, fizeram a curva à direita, quase batendo na parede do corredor, e sumiram.

Hector, Lesadão e Pavão seguiram pelo mesmo caminho, mas, no final, liderados por Hector, pularam nos trilhos, atravessaram para a direita atrás dos pilares de ferro, tomando cuidado para não pisar em nenhum dos trilhos eletrificados, escalaram a plataforma para os subúrbios e correram rumo ao sul, para a plataforma com destino ao centro, subiram as escadas e chegaram à rua.



5 de julho, entre 3h10 e 3h35

Hinton correu rumo ao norte e mergulhou na escuridão; correu o mais rápido que pôde nos trilhos do trem, quase sem ver para onde ia, distanciando-se da estação, das luzes da plataforma, da polícia. O salto do sapato direito foi arrancado quando pisou num dos dormentes. Continuou correndo. Quase não via nada à sua frente; o coração disparou; o fôlego estava quase esgotado; pigarreou e o lado direito doeu. O pulso acelerado fez os olhos latejarem, alterando a realidade, fraturando as luzes do túnel em intervalos convulsivos. Passou rápido por uma luz verde e uma azul e continuou fugindo por mais uns noventa metros antes de precisar parar. Virou-se e olhou para trás. Estava sozinho. Os homens não o seguiram. Ele conseguia ver as luzes da estação da 96th Street; elas estavam muito mais distantes do que a distância que pensou ter percorrido. O que aconteceu com os outros, onde estavam? Esperou, respirava pesado, tentando recuperar o fôlego. Se estivessem atrás dele, já deveriam ter chegado. Ninguém veio. O que deveria fazer? Deveria voltar? Mas isso significaria voltar dançando aos braços dos brucutus, que deveriam estar infestando a estação à essa altura do campeonato. Ele conhecia bem os canas – sempre aparecendo aos montes quando era tarde demais. Deveria esperar ali por um tempo e, então, voltar? Ou continuar andando até a próxima estação? A escuridão o assustava; um trem poderia chegar e passar por cima dele. Onde estava o terceiro trilho? Mas tinha mais medo dos policiais. Poderia parar – e ficar parado – e dormir.

Não sair mais dali. Melhor não. Começou a andar, mancando por causa do sapato danificado e a distância entre os dormentes.

Continuou parando e tentando ouvir sinais de trens se aproximando. O buraco na meia direita continuava aumentando e o dedão roçava no couro. Escutou. Ouviu a própria respiração engasgada e distorcida pelo eco do túnel. Tudo tremia constantemente, mas sem força suficiente para indicar a aproximação de um trem. O que era, então? Algo pingou; outra coisa tremeu. Ratos? Estava acostumado com eles. Havia ratos por todos os lados onde ele morava. Reduziu o passo. Identificou recuos brancos em formato de caixões pintados nas laterais. Um homem poderia se esconder ali caso o trem viesse. Ainda suava por conta da corrida, mas, pelo menos, era fresco ali e não estava incomodado a ponto de se mover. Depois de um tempo, o frescor do ar se transformou em algo rastejante, sentido na pele, e ele teve a certeza de que algo estava acontecendo – e ele não sabia o que – como se o lugar fosse assombrado. Tolice. Coisa de pirralho. Ele riu. O eco da gargalhada desafiadora o chocou; por um segundo, ele não sabia o que o som distorcido representava.

Seguiu o caminho. Virou-se. Ainda conseguia ver a estação lá atrás. Quanto mais até a próxima? Não se lembrava de quanto tempo o trem levou para chegar até ali. Não podia ser muito, decidiu. Mas o túnel parecia ficar mais escuro conforme andava; o frescor aumentou; o zunido constante também, mas não muito alto, não o suficiente para mostrar algo vindo em sua direção, mas parecia que todo o solo vibrava, fazendo barulhos estranhos.

Supondo que os policiais o viram subindo pelo túnel, teriam alertado a outra estação para aguardar por ele? Prosseguir seria loucura? Todo aquele esforço para cair direto nas mãos da polícia. Ririam da cara dele. Isso não seria nada esperto, nem legal. Parar? Espere: dormir um pouco? Ainda assim, Hinton pensou, não dava para ter certeza. Ponderou sobre o destino dos outros. Talvez pensassem que ele tinha sido capturado pelos policiais. O pensamento foi o suficiente para deixá-lo abatido e cansado, com vontade de deitar. Ele tocou o broche e o cigarro no chapéu e pensou, não, Papa Hector nunca permitiria isso. Se escaparam, estariam em algum lugar esperando por ele. Onde? Com certeza,

não na estação da 96th Street. Eles deveriam pegar o outro trem para Coney Island na 42nd Street. Seguiu o caminho.

Mas se todos foram capturados, então era sério. Estaria realmente sozinho. Eles os teriam levado para a Delegacia, dado umas cassetadas e registrados nomes e endereços, descoberto sobre toda a operação, como teriam escapado, talvez até sobre o homem que fora assassinado. Quando chegasse em casa, estariam esperando por ele, como fizeram tantas vezes com seu meio-irmão, Alonso. Seria mais fácil simplesmente voltar e se entregar. Até contaria a seu favor, mas não seria uma atitude máscula de se tomar. Ririam dele e o ridicularizariam como um traidor e ele sairia da gangue, sozinho. E, se estivesse sozinho, seria um alvo constante. O custo de entrar na gangue e tornar-se um irmão-filho foi alto. Ele não podia abrir mão daquilo. Continuou andando.

Algo bateu no chapéu. Morcegos! Sempre haviam morcegos em cavernas e túneis, todo mundo sabia disso. Morcegos vampiros! Chupadores de sangue. Olhou para cima. E então berrou – eram centenas deles! O grito ecoou para todos os lados, morrendo lentamente como os chiados agudos de milhões de morcegos. Encolheu-se, ajoelhado num dormente, incapaz de se mover. Mas os bichos não voaram até ele. Ele esperou. De súbito, deu uma corrida. Eles não atingiram suas costas. Parou, novamente sem fôlego, e olhou para cima, com a mão em frente ao rosto. Viu pedaços grossos de tinta aglutinada, escombros de construção, estalactites. Tirou o chapéu. Havia uma grande mancha molhada onde a água viscosa caíra. Talvez o túnel pudesse desabar. Chacoalhou a cabeça para espantar os medos e andou rapidamente, arrastando-se e tropeçando. Uma simples questão de continuar em frente e manter a calma. Logo chegaria àquela estação. Tomaria o trem até a baldeação e encontraria a família lá. Limpou o chapéu. O broche estava um pouco torto e tentou ajustá-lo. Seguiu em frente, respirando fundo para manter o controle. O tornozelo e o dedão doíam por causa do sapato.

Depois de algum tempo, ele viu que os trilhos brilhavam em direção a uma curva até que desapareciam com o contorno da parede sinuosa. O túnel parecia mais escuro do que ali; pois as luzes da estação estavam apagadas. E se um trem estivesse chegando e ele não conseguisse escutá-lo por causa da parede do túnel?

Arriscaria seguir em frente? Fez meia-volta. As luzes da estação da 96th Street estavam tão distantes, quase invisíveis, juntinhas, alegres, festivas, pequenos pontos iluminados vibrando como faíscas. Estava tão distante que mesmo as luzes de iluminação do túnel pareciam uma linha contínua no horizonte. Então, com certeza, Hinton pensou, a estação deve estar bem próxima, provavelmente logo após a curva. Mas ele ficou parado ali, por um tempo, com medo, lutando contra o pânico, sem querer se mover; aterrorizado por deixar as luzes da estação para trás de uma vez por todas. Estava sendo bobo. Um garotinho, disse a si mesmo. Bastava apenas continuar andando até a estação chegar. *Não podia* haver nenhum trem chegando; ele ouviria. Andou novamente.

A curva era mais longa do que aparentava; desenrolava-se lentamente conforme caminhava. Sempre que podia, Hinton olhava para trás para manter contato com a estação da 96th Street. Tropeçou, caiu sobre as palmas das mãos, levantou-se e continuou andando. Depois de um tempo, as luzes desapareceram. Sentiu-se só na escuridão mais profunda que já vivenciara em sua vida. Ela aumentava mais e mais, a cada novo passo.

Viu uma pequena luz mais à frente. Lentamente, aproximou-se dela, tentando ficar próximo dos pilares centrais. Ele chegou e ultrapassou a sala com porta de vidro onde ficava a luz, à direita, no lado dos trilhos que seguiam para os bairros. Homens de macacão sentavam-se ao redor de uma mesa, jogando baralho. Dois riam. Viu latas de cerveja sobre a mesa. Parecia tranquilo e agradável lá dentro. Tropeçou e fez um barulho enquanto passou, e ficou congelado, atrás de um pilar. Não pareceram ouvir nada, pois ninguém se virou para olhar. Ele quase desejou ser notado, levado para dentro, ganhado um copo de cerveja. Pensando melhor, não muito, pois todos eram homens brancos, os Outros. Mesmo que *parecesse* legal lá dentro, como poderia ter certeza? Forçou o corpo a continuar andando e deixou a luz para trás.

Os trilhos zuniram. As goteiras fizeram mais barulho, ficaram mais frequentes, evoluindo para o som de água corrente. O frio aumentou, o rosto ficou mais duro. Havia um trem chegando? A solidão aumentou; nunca ficara tão sozinho na vida, nunca tão isolado. Sons diminutos acumulavam-se até que um murmúrio constante passou a acompanhá-lo. Precisava dizer a si mesmo que o

medo era bobagem, não era o medo de um homem. Homens temiam o que existia, garotinhos tinham receio e ficavam aterrorizados pelo que não estava lá. Medo digno de Júnior. Precisava ser um homem duro, como os outros – Arnold, Hector, Pavão, Lesadão, Dewey, Ismael. Eles nunca tinham medo. Afinal de contas, lembrou-se com orgulho, não ficara amedrontado com aquela história de corpos e fantasmas no cemitério como Júnior, ficara? Não, ele não ficou!

Mas agora já deveria ter chegado à estação. Quanto faltava? Tentou manter uma marcha rápida. Passos se multiplicavam pelas paredes. Muita gente, ou algo com muitas pernas, parecia andar bem atrás dele. Parou por uma fração de segundo imediatamente. Tudo ficou em silêncio, exceto por aquele zunido perpétuo. Ele sentiu como se uma multidão houvesse parado ao mesmo tempo que ele. Escutou em busca de respirações; ouviu apenas a dele mesmo. Seguiu em frente: eles andaram com ele. Lembrou-se, novamente; era preciso manter a ordem, a disciplina e pensar em algo no futuro – reencontrar os homens, por exemplo. E, de qualquer forma, brincou consigo mesmo, provavelmente ele estava no lugar mais legal da cidade. Gargalhou da própria ideia, mas parou. Se risse, alguém poderia ouvi-lo. Abriu um sorriso. Tentou manter a animação ao pensar nos olhos arregalados da Família quando dissesse “Cara, deixe-me me contar onde estive e o que eu fiz”.

Um rugido chegou, envolvendo todo o túnel; ele olhou ao redor, procurando algum sinal: um trem estava passando no túnel paralelo rumo ao bairro. Estava por todos os lados, batendo, tremendo e ecoando dolorosamente ao seu redor e ele pulou para dentro de um dos recuos na parede. Reação infantil, criticou a si mesmo. O trem estava do outro lado e, se estivesse ali, o teria matado antes que tivesse tempo de ficar com medo. Desceu e caminhou entre os pilares, olhando para as luzes que rateavam através das colunas do outro lado. Havia pessoas sentadas nos vagões; conseguia ver as cabeças de costas para ele e começou a correr atrás do trem, gritando contra ele. Mas ninguém se virou para prestar atenção nele. Então, o trem desapareceu.

Ele parou de correr. Voltou a caminhar. Não, *havia* algo lá, alguém. Pensou em músicas, mas tudo que vinha à mente era a voz cantarolando trechos de um clássico do rock ’n’ roll e aquilo foi infantil. Afinal, se os policiais *esperavam*

por ele mais à frente, por que entregar a posição? E quem acreditava naquelas merdas religiosas? A mãe dele dizia coisas evangélicas o tempo todo, mas isso acontecia quando queria alguma coisa de alguém.

Teve outra ideia. E se ele não tivesse seguido pelo mesmo túnel que levou o trem até a estação? E se tivesse subido por algum caminho alternativo que não tivesse fim, ou desembocasse em vários outros túneis? Estaria perdido para sempre, sozinho naquela escuridão. Exceto, claro, pelos ratos. Eles estavam lá. Podia ouvi-los correndo. E exceto por aquilo... seja lá o que *fosse*, movendo-se sempre que ele se movia, parando quando ele parava.

Passou por uma luz azul. Tudo ficou azulado. Qual o significado de luzes azuis? Ele sabia o que vermelho, verde e azul significavam. A luz fez a pele dele ficar estranha, velha, coberta com suor azul. Ponderou sobre como o mundo seria se pessoas tivessem pele azul. Pareceriam mortos, pensou, não seriam pessoas propriamente ditas. Então, talvez estivesse morto e se tornara azul. O túnel continuou fazendo a curva – talvez tivesse voltado àquele trilho e estivesse andando em círculos. Seria possível? Disparou numa curta corrida. Perdeu o fôlego rápido demais. Havia algum tipo de gás ali; algum gás secreto e indistinguível? O cheiro era estranho. Os barulhos mais altos. Ou talvez os ratos tivessem um exército ali dentro. Ele estava no território *deles*. Será que lutavam em gangues também? Talvez estivessem se mobilizando para atacá-lo, como um enxame. Não havia onde se esconder.

Ouviu o som de gemidos. As vozes lamuriosas se multiplicaram por todos os lados até que o mundo todo estava tomado por um coral de lamentos. Quem estava chorando ali? Ficou imóvel. E ele chorou e gritou, e esperou A COISA acabar com ele. E, se berrasse, tudo terminaria, pois A COISA saberia onde ele estava e chegaria rápido. Ele começou a correr, tropeçou, caiu, levantou e continuou o trote na direção que vinha seguindo. Mas os sons de choro e soluços continuaram a perseguição com todos os seus passos, satirizando, enchendo o túnel com lamúrias e risadas alucinadas ao mesmo tempo, e o som que ele mesmo era incapaz de emitir traía sua imagem, dizendo a todo o mundo que ele era um fracote covarde. O que Papa Arnold faria? O que Hector faria? Ele era um homem, disse a si mesmo. Um homem! Não havia brigado e mantido a

coragem? Não havia ficado bêbado? Não mantivera a calma? Não havia roubado sem ser pego? Não fodeu aquela vaca... também? Não matara um homem? Um homem desse tipo ficaria com medinho tão facilmente? Não aprendeu há um bom tempo que chorar é o mesmo que ser ridicularizado, mesmo pela sua própria mãe, ou por aquele filho da puta, Norbert, o namorado da mãe? Nesse mundo, é melhor secar suas lágrimas antes delas deixarem seus olhos, e engolir os sons amedrontados que emitira há pouco, pois serviam apenas para acabar com você.

Mas A COISA não chegou logo, nem acabou com ele. Não havia ninguém lá – absolutamente nada. Apenas a escuridão, e ele era parte dela, e estava mais solitário do que nunca. E, naquela hora, tornara-se um bebezinho, abrindo o berreiro como nunca havia se permitido até então. Ouviu a si mesmo e prometeu que, assim que recuperasse o fôlego, começaria a rir de si mesmo por não ter sido o Dominador que deveria ser. Apenas imagine que os outros também escaparam, e estivessem atrás dele, tirando barato dele, esgueirando-se para observá-lo, para testá-lo, do modo como testavam quem entrava na gangue. Essa ideia o fez parar. Virou-se e olhou em volta. “Certo, eu sei que estão aí. Podem sair. Eu só estava brincando”, gritou.

Recuperou o fôlego e escutou. Não ouviu nada além do zunido e da vibração. Viu apenas alguns insetos aquáticos pularem em frente aos círculos de luz.

Estava resmungando. “Fodam-se, foda-se, fodam-se.” E ficou mais e mais revoltado e gritava com todo o ódio contra o que a Família protetora fazia com ele, arrancou o chapéu, jogou-o no chão e começou a pisoteá-lo, assim como a insígnia, e correu até a parede e escreveu com os dedos, na sujeita encrostada, “Hinton D. caga para os Dominadores FDP, desde o Pai e a Mãe, até todos os irmãos”.

E pensou, certo, vou apenas encontrar um recuo decente e esperar. Não sabia pelo que esperaria, mas esperaria. Era só encontrar uma posição confortável, colocar a cabeça entre os joelhos, e esperar até os policiais, a Família, ou A COISA chegarem até ele. Faria isso, pois não havia parado em um lugar tranquilo há dias.

Mas o que acabara de fazer o aterrorizou, pois o isolaria completamente e, embora eles não pudessem ver, era como se a Família *soubesse* o que fizera, e seria descartado, para sempre. Pegou o chapéu, ajeitou-o, tirou o broche, limpou e colocou-o de volta na faixa, e estreitou o cigarro de guerra danificado. Limpou o que escrevera com as mangas, pegou o canetão e, em vez disso, escreveu o nome da sua Família, para mostrar que não havia lugar naquela cidade, mesmo naquele túnel, onde a Família não havia pisado. A atitude foi reconfortante e ele seguiu em frente.

Depois de um tempo, chegou a outra curva e lá estava a estação. Reduziu a velocidade e investigou a área, procurando por sinais de policiais na plataforma e garantindo que ninguém o encontrasse. Observou por um tempo e, quando as poucas pessoas presentes não notaram sua presença, ele subiu a escada no final da plataforma – e estava na estação da 110th Street.

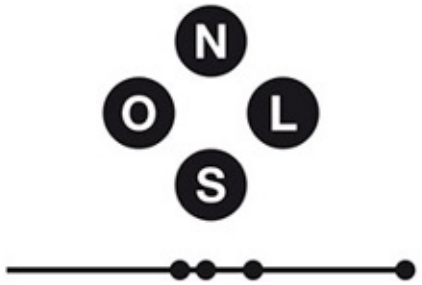
Agora, era questão de chegar até a parada da Times Square e pegar o trem para Coney Island. Encontraria a Família lá. Se escaparam, é lá que estariam esperando por ele. Tinha certeza.

Sentiu uma tremedeira. Envergonhado de si mesmo. Vivenciara algo que não compreendia. Ficou feliz por ninguém tê-lo visto, mas sentia como se estivesse escrito no próprio rosto, em suas roupas, para todos verem e saberem o que ele era. Perguntou a si mesmo quantos dos outros conseguiriam fazer o que ele fez – atravessar a escuridão sozinho? A resposta foi pouco reconfortante.

Depois de um tempo, o trem para o centro da cidade veio e ele embarcou. Sob a luz brilhante do vagão, espelhado numa janela, ele viu que suas roupas estavam manchadas pela água, sujas com o estuque, cheias de marcas de giz. Demorou a sentar. A traseira da meia direita havia desaparecido e viu a carne viva e esfolada do calcanhar. O sapato ainda se mantinha preso por uma faixa estreita de couro e ele precisava manter o dedão retesado enquanto andava. Uma das palmas estava ralada e ensanguentada, e ambas estavam sujas. Tirou o chapéu; manchado pela água. O brilho da insígnia desaparecera e o cigarro estava parcialmente partido, com o tabaco espalhado por toda a faixa. Lembrou-se do que Lesadão fizera. Ponderou se Lesadão era homem suficiente para

atravessar aquela escuridão. Claro: Lesadão atravessaria, mas inteiro e forte. A melhor coisa na vida era ser como Lesadão.

Hinton se sentou. Cabeça jogada para trás, infeliz, desconfortável, sem coragem para dormir por medo de perder a parada.



5 de julho, entre 3h10 e 3h35

Dewey e Júnior escaparam do segurança da estação pulando pela escada. Eles viraram para a direita até uma pequena passagem inferior, com cheiro de mijo. Subiram alguns passos e voltaram para a direita, subindo a escadaria da plataforma. Escutaram Hector, Pavão e Lesadão correndo atrás deles. Do outro lado da plataforma, que levava ao centro, uma composição havia parado; podiam ver o segurança correndo atrás deles de forma lenta e atabalhoada. Foi um milagre eles sequer terem sido avistados.

O trem esperava na pista local, sentido centro. Entraram rapidamente e se sentaram longe das portas, de costas para a janela, semiagachados para evitar detecção; sem olhar para trás. Júnior puxou o quadrinho e ficou olhando para ele, dando pinta de que lia há horas. Ele não viu nada; não conseguia tirar os olhos de um quadro que mostrava um guerreiro grego de três cores com a lança erguida, pronto para enfiá-la na garganta do inimigo vestido com peles. Continuou esperando ver, de rabo de olho, um pezão preto do cabeça-de-penico encostando nele. Dewey fez biquinho, como se assobiasse, mas sem emitir nenhum som; ficou lá, sentado, soprando o vento. Tentou manter as mãos no meio das pernas, como bom moço, mas elas não paravam de se mover, encontrando sujeira para limpar e dobras que precisavam ser endireitadas, fechavam-se novamente e voltavam a arrumar as roupas. Onde estavam os outros? Provavelmente nos outros vagões do trem.

As portas se fecharam. O trem seguiu. Não sabiam onde estavam indo, nem ousaram olhar para o painel de destino. A jogada era não fazer nada por um tempo; com certeza, Hector saberia. O trem chegou à estação seguinte, 103rd Street. Júnior ponderou se era o caminho do centro. Chegaram à 110th Street. Júnior ficou confuso. A próxima parada era a 116th e Júnior sabia que estavam seguindo outro rumo. Mas a terceira parada foi na 125th Street. Sabiam ter passado por aquela estação na viagem anterior, mas essa era completamente exposta, sobre uma plataforma elevada. Ficaram confusos. Levantaram-se e pularam de um vagão para o outro, procurando pelos outros e descobrindo estarem sozinhos. Os canas prenderam os outros? Sentaram-se e tentaram decidir o que fazer.

Dewey achou que seria uma boa ideia seguir em frente por um tempo – e então voltar. Afinal de contas, ele disse a Júnior, eles sabiam – a baldeação para Coney Island acontecia em Times Square – o BMT, Dewey lembrou-se. Continuariam a bordo por um tempo, atravessariam a plataforma e retornariam ao centro, para encontrar os outros na entrada do trem para Coney Island. Esperariam lá por um tempo; se os outros não aparecessem, significaria mesmo que haviam sido capturados e os dois teriam que voltar para casa por conta própria.

Ficaram sentados por algum tempo. Agora que estavam a salvo, Júnior poderia prestar atenção. Virou a página, esqueceu-se do que estava lendo, e voltou até o ponto no qual o guerreiro grego, musculoso e peitudo, estava enfiando a lança na garganta do inimigo. Júnior viu a si mesmo projetando a lança contra o inimigo – um touro com armadura azul, vestindo um capacete de ferro com o brasão da cidade de Nova York, descendo da plataforma, acelerando contra eles. Os heróis gregos escalavam montanhas e o inimigo aguardava por eles, prontos para o ataque, no topo. Eles tinham pilhas de rochas em redes prontas para serem cortadas, toras para rolar morro abaixo, que podiam ser incendiadas. O líder dos gregos, tranquilo com seu capacete dourado brilhante, com crinas de cavalo, tentava negociar com o líder dos montanheses selvagens, mas eles não queriam conversa. O herói disse, bem, que vieram em paz e gostariam de atravessar em paz, e que estavam apenas de passagem, mas se tivermos de acabar com vocês,

acabaremos. Se nos atacarem, a culpa é de vocês, pois queríamos paz. Lembre-se.

Júnior olhou para cima e viu que estavam na estação da 137th Street. Cutucou Dewey e queria saber se já era hora de trocar de trem. Dewey não ajudou muito; ele era o irmão mais velho e deveria ter aconselhado, mas, em vez disso, mandou Júnior ler a revistinha enquanto ele tentava decidir o que fazer. Júnior tentou compartilhar a história com Dewey, mas Dewey esnobou a ideia e os olhos mostravam desdém por trás dos óculos de armação grossa. “Lanças, Cara? Quem usa lanças? Manja, o Homem do Poder, ou o Homem-Atômico, explodem os braços dos inimigos com raios cósmicos; coisas assim. Ou o Homem-Foguete. Eles abrem um buraco sangrento do tamanho de um melão em você. Lanças? Cara!”, e deu as costas.

Júnior perguntou se, talvez, não devessem tirar os cigarros de guerra e as insígnias. Dewey parecia indeciso e não disse nada. Não sabiam o que fazer, mas sabiam que a situação parecia ser desesperada. E se tivessem sido avistados? Finalmente, Dewey falou e se fizessem isso e nada acontecesse... Lembre-se de como Hinton foi humilhado. Aqueles broches eram o símbolo da Família e resistiriam, ou cairiam, com eles; eram o sinal de que um homem pertencia a algo maior – que eram um só. Tirá-los seria o mesmo que se comportar como um playboy covarde, que não corre riscos; que não faz parte de nada. E, por isso, deveriam continuar do jeito certo. As insígnias os transformavam em homens. Júnior acenou com a cabeça e concordou. Era como aqueles gregos e os elmos com crinas de cavalo. Não seria maravilhoso se a Família usasse elmos como aqueles? Júnior concordou e disse que estava apenas falando, hipoteticamente, e que era um patriota.

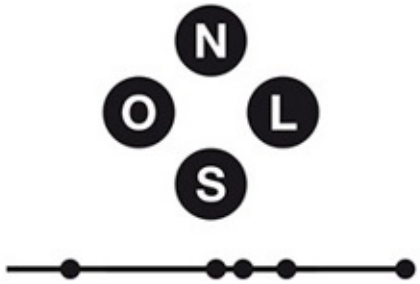
Júnior tinha catorze anos de idade, Dewey argumentou, e isso significava que ele não teria muito com o que se preocupar se fossem pegos; ele sabia disso. Claro, Dewey tinha dezesseis anos, mas até aí, como poderiam provar? Como poderiam *realmente* provar? Nenhum deles carregava a identidade. “E do que eles sacam?”, Dewey perguntou. “Digo, cara, sério, do que eles *sabem*?”

“Nada”, disse Júnior. “Eu só estava falando hipoteticamente.” Sentiram-se um pouco melhor por terem decidido usar a insígnia. Ela mostrava que eram homens

e, mais que isso, homens em perigo, e estavam mantendo sua reputação e ela consistia, entre outras coisas, em ter matado aquele homem.

“Olha isso”, Júnior mostrou a Dewey.

“Cara, isso é coisa de moleque”, Dewey disse, mas sem ter nada melhor para fazer, ele leu a história em quadrinhos com Júnior. Eles seguiram a história. Os heróis marcharam por desertos; marcharam sobre montanhas; marcharam sob chuva e sobre a neve. Lutaram a cada centímetro do trajeto. O desenhista era bom, pois o prateado das lanças sempre brilhava e o vermelho do sangue sempre se destacava claramente.



5 de julho, entre 3h10 e 3h35

Hector e Lesadão pularam sobre as catracas, usando uma mão para se apoiarem sobre as barras giratórias. Pavão seguiu pouco depois, passando por baixo das barras. Eles subiram as escadas, três degraus por vez, e saíram no cruzamento da 93rd Street com a Broadway. Por ser o caminho mais fácil, dobraram a direita e correram colina abaixo, na direção do rio Hudson, embora não soubessem onde estavam ou para onde estavam indo. Passaram por placas riscadas com giz, anunciando a quem o território pertencia, mas não pararam para ler. Pavão olhou para trás, para ver se aquele policial os seguia. Barra limpa. Eles não corriam; aquele arranque servia apenas para despistar a Lei. Quando atravessaram a rua, Lesadão tirou o lenço, jogou o cigarro de guerra fora, embrulhou a insígnia com ele e colocou no bolso. Hector queria saber o que ele pensava que estava fazendo.

“Irmão, tô tirando, é isso que tô fazendo. Não vou ser identificado”, Lesadão disse a Hector.

“Você não pode fazer isso.”

“Tá achando que vou andar por aí me exibindo pra ser preso? Tá achando que vou andar e dizer, olha Seu Polícia, aqui é o Lesadão, senhor. Vem me pegar e me levar em cana, senhor. Tá achando que vou usar esse emblema pra que os exércitos que dominam esse território possam apavorar a gente? Não, cara, ah, não!” O rosto dele estava repleto de raiva; Lesadão caminhava em direção a um surto.

“Pega leve, cara; pega leve, filho”, Hector disse a Lesadão.

“Estou calmo, cara. Quem diz que não estou na boa? Sou como gelo.”

“Pensei que tivéssemos jurado. Somos uma família, um grupo de batalha. Andamos como um exército.”

“Mas, cara, não faz sentindo ficar chamando atenção. Estamos pagando por isso, cara.”

“Quem dá as ordens aqui? Não é o Pai que manja das coisas?

A invocação não funcionou com Lesadão. “Hector...”

“Me chama de Pai, entendeu?”

“Não estou te desafiando, cara, mas olha só. Não vamos durar dez minutos sem que os policiais cheguem junto e sigam a gente. Eles *sabem*, cara. Eles sabem tudo sobre hoje à noite e estão com os olhos abertos em todas as direções. Já fui preso antes. Acha que estou feliz com isso, Pai? Estou cansado de ser jogado de um lado pro outro e quero voltar pra nossa pátria.”

Hector notou que, quanto mais falava, mais descontrolado Lesadão ficava. Era inútil argumentar com ele e dizer que a perseguição não tinha nada a ver com os emblemas, ou com a briga, ou o espancamento. E, acima de tudo, não dava para saber; talvez eles *realmente estivessem* em alerta. Pavão olhou para um rosto, e para outro, para saber quem havia vencido, então Hector precisava dar a impressão de que havia dado a ordem, ou perderia o cargo. Atravessaram a rua e chegaram num parque. Estavam numa pequena elevação; à frente, além do parque, carros subiam e desciam a West Side Highway.

“Você pode estar certo, mas não é assim que se faz”, ele disse a Lesadão. “Há modos de ser ouvido...”

“Não temos tempo pra conferências...”

“Falaremos sobre isso depois, entendeu, filho?”, e Hector prolongou um pouco mais a palavra “filho”.

“Compreendo, Pai”, e Lesadão destacou a palavra “pai”. “Sou o que mais entende. Saca, você é um homem e eu sou um homem. Conheço você e você me conhece. Tudo bem. Mediaremos isso mais tarde.”

Hector virou-se, saltou sobre uma cerca baixa de ferro e correu pela grama. Andou alguns passos a mais e fez meia-volta.

“Tudo bem, crianças, podemos tirar as insígnias”, disse a eles.

Pavão seguiu Hector, mas Lesadão, não; ele esperou. Pavão olhou para Lesadão, que deu de ombros e virou as costas. Pavão se ajoelhou em frente a Hector; sentiu-se tolo por ser o único. Hector tirou o cigarro do chapéu de Pavão e o colocou na cigarreira vermelha; tirou o próprio cigarro e o guardou. “Desabroche”, ele disse a Pavão. Pavão parecia um pouco desconfortável, mas empertigou os ombros. Hector desabrochou o emblema de Pavão e tirou o próprio chapéu e removeu a estrela de três pontas da Mercedes-Benz. Colocou-os no bolso. Voltaram para o local onde Lesadão aguardava, tentando parecer distante e desprezado. Lesadão estava um pouco arrependido pelo que causou. Não esperava que fosse sentir tanto. Claro, isso não aconteceria se *ele* fosse o Pai. Mas, por outro lado, ele não tinha a esperteza, o poder especial. Não seria esperto como Hector ou Arnold. Tampouco era a hora certa, ou o lugar, para assumir a Paternidade. Se tomasse o controle, significaria uma briga, e uma briga atrairia os canas.

Todos se viraram para o parque e seguiram rumo ao sul, especialmente por ser a direção para onde Hector seguiu. Perderam a identidade da união e eram quase três quadradões, zés-manés, três homens destituídos do poder especial. Todos se sentiram desconfortáveis; distantes, de certo modo – nus, como qualquer trio que se conhecesse e usasse roupas parecidas. Não falaram. Além da estrada, podiam ver o rio Hudson, uma faixa larga e cheia de luzes trêmulas e flutuantes, e a passarela escura pairando sobre a água, uma fileira de luzes listradas. À esquerda, prédios de apartamento seguiam ao longo da pista e acimavam o grupo. Os fogos de artifício remanescentes explodiam; foguetes defeituosos voavam sem grande efeito.

Hector disse que continuariam a andar para o sul, retornar à direção de onde vieram, e pegar o trem mais abaixo da linha, seguir em frente e encontrar os outros, se não tivessem sido apanhados, na Times Square. Continuaram andando. A cada dez metros, havia um banco sob um poste de luz, mas não havia ninguém sentado em nenhum deles. Nomes estava escritos em toda a madeira: títulos de gangues, nomes de membros de gangues, instruções de uns para outros. O parque parecia deserto.

Ela se sentava meio quarteirão à frente deles. Arbustos protegiam o banco dela do rio, mas ela ainda conseguia ver o céu. Estava um pouco bêbada e quase dormindo; ela balançava no banco, pegando no sono e acordando. Testemunhara grandes espetáculos de fogos explodindo no céu, círculos coloridos em expansão, ramos de chamas fosforescentes, folhas incandescentes que cresceram no firmamento. Ela não sabia bem se tudo isso era real ou, por estar usando os bifocais de leitura com armação prateada, se as luzes que desabrochavam eram fruto da imaginação distorcida e desregrada quando observada através daquelas lentes. De qualquer maneira, fora um Quatro de Julho adorável. De tempos em tempos, lembrava-se que era tarde, muito tarde, e deveria voltar para casa, ou ficariam preocupados com ela.

E, lembrou-se novamente, era o Quatro, o Glorioso Quatro, o seguro e saudável Quatro de Julho, o Quatro bêbado. Não que ela estivesse bêbada, pois bebera apenas um pouco no hospital onde era enfermeira; ela quase nunca encostava na coisa. E, num piscar de olhos, lá estava ela, sentada num banco no parque Riverside Drive, esperando pelo retorno da sobriedade – para limpar a cabeça. O vento que soprava do rio era bloqueado pelos arbustos, então tudo parecia calmo e cheirava a peixe e alga marinha, óleo diesel das barcaças e lixo do mar. Sonolenta, ela pensou em andar até outro banco, onde a brisa fresca a encontrasse, sem arbustos no caminho, onde uma mulher pudesse aplacar o calor do corpo e deixar os ventos brincarem à sua volta. Mas, toda vez que pensava em andar, ficava com preguiça. As pernas não funcionavam direito; a bolsa de mão era pesada demais. Talvez fosse o pagamento da semana; talvez fosse a pequena garrafa de uísque medicinal. Ela dava risadinhas, movia-se e o banco rangia. A mulher era grande.

Pavão foi o primeiro a vê-la e cutucou Hector. Sob a luz do poste do parque, puderam ver que sua cabeça caía para trás e os olhos estavam fechados. Os óculos escorregaram do nariz achatado e ela tinha um sorrisinho que distorcia as bochechas grandes e lisas. As pernas estavam arreganhadas, abriam e fechavam, indo e voltando, quase ficando trançadas. A cabeça rolou um pouco e ela continuou a sorrir de alguma piada interna. Eles viram que ela tinha belas panturrilhas grossas, mas os tornozelos eram estreitos, quase dava para ver os

ossos; a saia estava levantada na metade, até a coxa coberta por meias brancas. O chapéu de enfermeira estava preso ao cabelo, loiro ou branco – eles não tinham certeza de qual era –, apenas pelo alfinete ficava pendurado debilmente sobre a testa.

O corpo de Lesadão ficou tenso; as calças apertadas causaram-lhe desconforto. Olhou ao redor – ninguém por perto. Conhecendo Lesadão, Pavão olhava e ria. Mostre um pouquinho de pele a Lesadão e ele já era, pensou Pavão. Isso acontecia por ele não ter uma mulher fixa. Apenas Hector mantinha o semblante sério. Ele não gostou nem um pouco do cenário.

Lesadão andou à frente. Os outros o seguiram. Pararam em frente a ela. Ela não deu sinais de ter percebido. Lesadão se agachou e olhou sob a saia, levantou e balançou a mão para cima e para baixo, deixando suas intenções claras. Hector negou com a cabeça. Pavão olhou para os dois. Sussurraram. Hector disse que seria tolice. Além do mais, o que queriam com uma mulher mais velha, alguém velha o suficiente para ser mãe deles?

“Tá apertado e cantando nas minhas calças, cara, e eu preciso, agora, agora, agora, agora, agora”, disse Lesadão.

“Você não cansa? Pega leve. Já não temos problemas o suficiente? Fica na sua.”

Pavão disse: “Cara, essa vaca velha deveria estar em casa. E, se ela está aqui, está pedindo, dando mole assim. Ela não conhece os parques? Eles não são seguros à noite”.

Lesadão disse: “E ela vai levar, ô se vai”.

“Para com isso”, Hector surtou.

“Agora, cara. *Agora*. Você não pode me negar isso”, disse Lesadão. “Se quiser ficar fora, vá em frente. Estou pronto para matar, e vou traçar, no jeitinho.”

Ela abriu os olhos e, vagamente, viu os três parados à sua frente. Homens. Garotos. Jovens. Apenas o do meio parecia ter alguma luz no rosto, porque se postava mais reto que os outros. Ela gostou da postura. Ela viu, com os óculos, que ele tinha um rosto lindo e um cabelo loiro ondulado, saindo pelo chapéu. “Você é bonitinho”, ela disse a Hector. “Um garoto bonito.” Ela balançou a cabeça e fechou os olhos.

“Moça, você está bem?”, Hector perguntou a ela.

“E também tem uma voz bonita, tão doce”, ela disse, abriu os olhos e sorriu para o garoto do meio. Dessa vez, ela notou os dois amigos. A pele deles era mais escura. O mais baixo tinha o tom de pele marrom-claro enlameado, um bigodinho bagunçado e o rosto parecia indígena. O outro era grandão, bastante escuro, feio, cara de negão.

Pavão cutucou Hector novamente. Hector chacoalhou a cabeça e se moveu, como se fosse continuar andando, mas Lesadão se recusou a sair do lugar. Hector sabia o que aconteceria. Ele sabia que quando Lesadão ficava daquele jeito, era incontrolável. Se levasse um tiro, ele nem perceberia. Em vez de arriscar outra perda de moral, Hector decidiu antecipar Lesadão e fazer o que ele queria fazer. “Bem”, ele disse, “a família que come junta, fica junta.” Pavão deu uma risadinha. “Não aqui”, Hector murmurou para os dois. Lesadão ajustou o volume duro e apertado na virilha, para que ficasse mais confortável nas calças, perto da barriga.

“Moça, você precisa de ajuda?”, Hector disse, gentilmente, armando o engodo.

Ela abriu os olhos e olhou para o garoto lindo do meio. Ela bateu no banco ao lado dela e gesticulou para que ele se sentasse a seu lado. Hector deu um sorriso breve, mas imenso; ele era sempre muito sutil; nunca as assustava; nunca foi estúpido a esse ponto, sedento por luxúria como Lesadão. Hector estava começando a ficar um pouco excitado. Sentou-se ao lado dela. Lesadão sentou no outro lado. Pavão deu a volta e ficou atrás do banco. Ela passou o braço por trás de Hector e disse a ele: “Sabe, tenho dois sobrinhos, um mais bonito que o outro, e você me lembra deles”. Ela o trouxe para mais perto, puxando-lhe a cabeça para baixo um pouco. A carne do braço escapou da manga apertada e tocou-lhe a bochecha; o corpo dela era morno; Hector ficou surpreso com a força dela.

Lesadão colocou uma mão na coxa dela, um pouco acima do joelho, e estava sentindo a carne ali. Ela percebeu, olhou para baixo e viu a mão escura sobre a meia branca e disse “Tire sua mão daí; que tipo de mulher você pensa que eu sou?”, Pavão sorriu para ela. Lesadão não tirou a mão, mas simplesmente

deslizou seu pau para dentro da perna dela. Ela deu as costas para Hector, mas falou com Lesadão, sem olhar para ele, “Tire a mão daí”.

“Moça, você está bem? Moça, você precisa de ajuda?”, Lesadão perguntou, tentando soar sutil como Hector.

“Aposto que todas as garotas gostam de você, um garoto bonito como você”, ela disse a Hector, segurando-o pelo pescoço. O pescoço começou a ficar dolorido. “Você consegue as garotas, não é querido? Um menino doce como você?”

Hector não gostava de ser controlado. O cheiro de bebida no hálito dela o incomodou; de perto, era possível perceber que ela era ainda mais velha do que pensaram. Afastou-se. Lesadão deslizou o outro braço ao redor da cintura dela e estava tentando dar a volta para apertar-lhe os seios. Pavão estava inclinado sobre ela, tentando ver por dentro do uniforme.

De súbito, ela se sentou e começou a sacudir a mão como se tirasse insetos de cima dela. Levantou-se repentinamente, a mão dela ainda segurava Hector e ele foi puxado para cima com ela. “Longe de mim, negão”, ela disse a Lesadão, e ele ficou sentado, atordoado por um segundo. Conforme se levantou, viram que ela era uma mulher enorme, cerca de cinco centímetros mais alta que Lesadão, e muito mais larga. Pavão riu. Lesadão levantou-se vagarosamente, pronto para começar a socar a cara dela pela injustiça do insulto. Ele era americano, descendente de porto-riquenho com ascendência espanhola, mas ela havia virado e dito a Hector, ainda o segurando: “Vamos lá, bebezinho, vamos a algum lugar onde possamos ficar sozinhos e você pode me contar tudo sobre suas aventuras com as menininhas”. Ela soltou uma risadinha e arrastou-se um pouco, apoiando-se em Hector, quase derrubando-o no processo; puxou-o de volta, deu alguns passos na calçada, e seguiu pelo gramado, onde andaram através dos arbustos para outra parte da grama. Lesadão acenou para Hector seguir. Pavão concordou também. Eles seguiram.

As pernas dela vacilaram um pouco na grama e os sapatos brilhavam alvos no gramado escuro. Ela apoiou-se em Hector e o segurou cada vez mais perto; o corpo estava quente; o outro braço dela acariciou o braço musculoso e bem definido dele, apalpando através da jaqueta, tocando sem parar, dizendo a ele o

quão bonito era, conforme andavam na direção de um arvoredo gramado semi-isolado. Pavão e Lesadão seguiram, observando a área, garantindo que não havia mais ninguém no parque. Os rostos sorriam constantemente, embora não tivessem ideia da cara que faziam. Eles a prenderiam quando a levassem para mais longe; mostrariam a ela; mostrariam a ela quem era o negão; mostrariam a ela como homens se comportavam. Aquela puta velha. Chegaram a um espaço aberto.

Pavão e Lesadão se separaram e a abordaram por dois ângulos, por trás. Lesadão estava determinado a ser o primeiro. Hector, que, no fundo, não a queria, sabia que eles estavam chegando, virou-se para ela, enquanto as mãos da mulher acariciavam-lhe o peito e ela começava a dizer coisas como se não era legal ter algo para fazer com aquelas menininhas. Ela sabia, ela era uma enfermeira. Elas eram todas más, naqueles tempos, doentes e pervertidas, e elas faziam coisas terríveis, e ele fez aquelas coisas, aquelas sem-vergonhices francesas, com aquelas vadiazinhas doentes, ele já era um homem?

Hector disse a ela que já era um homem, com o semblante tranquilo e decidido, e ele disse que tinha coragem e tudo mais que se esperava de um homem. Ela disse que, claro que ele era um homem, e que homem bonito ele era, mas ela não ligava para coragem, e ela riu, e riu, e deixou Hector irado, pois ele tinha certeza de que a puta velha estava rindo dele. Mas ela o girou para perto dela, e os braços o envolveram, apertando seu rosto contra o vão entre os seios com cheiro de talco; ela o esfregava contra o corpo e ele não conseguia se livrar para fazer algo com ela, mesmo que quisesse, e começou a tentar se chacoalhar para sair dali, pois ele era o *homem* e era o *homem* quem fazia coisas, não a mulher, nenhuma mulher qualquer diria a ele o que fazer, de jeito nenhum. Grandes ondas de calor emanavam dela, e seu rosto brilhou e ganhou vida, ela pareceu mais jovem e Hector nunca sentiu tanto calor num corpo humano antes.

Ela segurou a mão dele e a esfregou por todo o peito volumoso e ele tentou se livrar, mas ela era forte. Ela continuava dizendo que coisa bela era ver um jovem homem como ele poder fazer coisas com uma mulher bela, e madura, como ela. A outra mão o mantinha próximo e acariciou forte, da nuca até a cintura e a bunda. Apertando-o, de modo quase doloroso, pois a mão dela era tão grande e,

por ser uma mulher tão forte, ela segurou uma nádega com uma mão, como se ele fosse uma criança. A bolsa dela estava presa àquele punho, então, toda vez que ela passava a mão nas costas dele, Hector levava uma bolsada. Ela estava começando a bater o corpo dele contra o dela, rebolando mais e mais, atingindo-o, e ele pôde sentir a intumescência, ereta e desconfortável nas calças apertadas, mas não conseguia se livrar para botar para fora e mostrar seu *hombre* a ela. Ela estava num frenesi tão grande por ele que não o deixava sair do aperto, o que o deixava com mais fúria e frustração, pois estava sendo estrangulado, suava e estava coberto por suor.

Lesadão estava bem atrás dela, na direita, com os olhos pequenos, maldosos, quase bêbados, com o semblante congelado num sorriso de luxúria. Pavão estava do outro lado e sua expressão era quase idiota. Lesadão sinalizou para Hector se desvencilhar. Mas, Hector pensou, cada vez mais nervoso, quem era Lesadão para dizer a *ele* o que fazer? Não havia uma ordem natural nessas coisas? Do Pai até o último filho? Então, fez de conta que gostava da mulher e encostou seus lábios nos dela e começou a se mover no ritmo dela, e sentir seu próprio desejo, ao subir e descer, e rebolando com ela. Lesadão chegou e colocou a mão no ombro de Hector e tentou tirá-lo de lá. Pavão ria debilmente. Todos se moviam na penumbra, tropeçando em solo inconsistente. Só não estava completamente escuro, pois muitas luzes brilhavam na área, dos prédios na colina, da praia do outro lado do rio, das lâmpadas ao longo da calçada e no parque. Ela continuava murmurando pequenos elogios a Hector e tentando fazer algo a respeito, mas eles simplesmente não se conectavam direito. Ele sentia repulsa por ela, pois ela suava em bicas e queimava, e o fedor do talco era mais forte, e ela cheirava como um hospital, pois era uma enfermeira, isso sem contar o cheiro de bebida. Pavão tinha certeza de que ela deveria ter bebida dentro da bolsa e estava tentando pegar. Ela sentiu o tranco e, de súbito, soltou-se e golpeou contra Pavão; ele desviou por baixo do golpe, rindo da coisa toda.

Mas seu movimento repeliu Hector um pouco. Ela virou-se para ele e disse “Queridinho, pode dar um jeito nesses negões, por favor?”, e esticou os braços. Lesadão, forte e decidido, avançou com um fogo tão feroz que nada poderia pará-lo, nenhuma lealdade, nenhum senso de precedente, de certo ou errado;

apenas a sensação dele dentro dela acertaria as coisas, e ele abriu a braguilha e tentou agarrá-la. Ela tentou evitar aos socos, mas eles estavam sobre ela, empurrando, puxando as roupas, arrancando os botões do uniforme, os três homens trabalhavam em conjunto – Pavão para derrubá-la, Hector para segurar os braços e Lesadão para fodê-la – segurando, passando a mão, tentando manobrar. E ela estava meio brava, meio disposta, pois, àquela altura do campeonato, a carência por sexo havia se misturado com a bebedeira e ela ficou um pouco entorpecida pelo desejo. Então, ela se permitiu ser derrubada pelos garotos e caiu gentilmente, na grama fofa, de costas, suas pernas começando a trançar, ela riu um pouco e disse “Não rasgue, querido, não rasgue”, e suas mãos giraram e agarraram Lesadão como nenhuma outra mulher o agarrara antes, uma mão na lapela do casaco, esgarçando-o um pouco, e outra mão firme desceu até as calças dele, tirando-as com um movimento único, e impressionante, rasgando o tecido.

Hector estava sentado, de pernas cruzadas, ao lado deles, com o pau na mão, pronto para cair dentro assim que Lesadão terminasse. Pavão estava esticado, deitado no chão, com o rosto a um centímetro dos rostos de Lesadão e da enfermeira, olhando para eles. Seu pau também estava para fora; ele estava deitado com a bunda para cima, roçando-o contra a grama molhada pelo orvalho. Eles estavam prestes a fazer contato. E ela, com as pernas lindas e poderosas arreganhadas, tentava se livrar da calcinha para que o garoto pudesse penetrá-la, mas ele se contorcia demais, e ela riu um pouco, sentindo que, bêbada ou não, parecesse errado, mas, ainda assim, a excitação era tão forte que ele queria muito, e ela sabia que teria que encarar os três, e, então, os três, novamente, e novamente – e, então, poderia ser o suficiente.

Mas Pavão não podia deixar barato. Ele achou que, talvez, ela tivesse dinheiro e bebida na bolsa. Levantou a cabeça e esticou uma das mãos para puxar a bolsa de mão para si, puxando a alça ao longo do braço dela até que estivesse perto. Então, ele desprendeu a bolsa. Ela ouviu o *clique*. O som despertou sua ira, ela soltou a mão num solavanco e, rapidamente, virou-se para Pavão, ao seu lado, quase jogando Lesadão longe e gritou “Deixe minha bolsa quieta, seu trombadinha!”.

Vendo sua oportunidade ser estragada, Lesadão ergueu-se apoiado num braço e, com o outro, esbofeteou o rosto da mulher para mantê-la quieta. Ela virou-se e golpeou com o joelho arrasador na lateral de Lesadão, derrubando-o na grama. Ela se sentou, virou a mão com tudo e atingiu Lesadão, em cuja cabeça soou um sinal de ocupado enquanto ele caía de volta no gramado. Ela estava tentando se levantar quando Pavão, mesmo de joelhos, mergulhou contra ela. Ela ficou de pé, com Pavão agarrado em seus ombros; virou e livrou-se dele. Hector ria de tudo quando ela virou na direção dele e acertou-o com a bolsa voadora, derrubando-o, e, ao mesmo tempo, começando um longo discurso sobre uma mulher não estar a salvo em lugar algum, e esses chicanos, esses negões, esses estrangeiros, sem respeito pela idade, maternidade, cabelos brancos ou gentileza.

Ficaram paralisados por um segundo, como criancinhas levando um sermão, e quase recuaram, mas a voz começou a ficar estridente e eles não poderiam ser desrespeitados daquela maneira, não por uma mulher, e Lesadão tentou acertá-la nos lábios para calar a boca dela, mas não acertou em cheio por conta da penumbra, e projetou-se contra ela, que caiu de joelhos e começou a gritar "ESTUPRO", numa voz mais alta que qualquer explosivo festivo e que alcançaria todo o mundo até o outro lado do Hudson, e, se houvesse algum policial na área, ouviria aquela puta velha e louca.

Hector saiu todo atabalhoado e conseguiu ficar de pé. Pavão levantava-se e Lesadão tentava se recuperar do tropeço para acertá-la novamente. Ela girou a bolsa e atingiu Pavão em cheio no rosto e seu nariz começou a sangrar sobre o bigode, deixando-o mais irado, e ele colocou a mão no bolso para pegar a lâmina. Quem essa vagabunda velha pensava que era para fazer isso com ele, um homem, para ensanguentar um bom homem como ele?

Lá estava ela, de pé, com o uniforme aberto, com a calcinha rasgada em volta da cintura, um seio volumoso fora do sutiã e girando a bolsa com fúria, enquanto continuava gritando "ESTUPRO". Hector tentava tirar Lesadão dali. Lesadão continuava com as calças abaixadas e tentava pular em cima dela. As pernas grossas estavam firmes e distantes quando Pavão chegou por trás dela, para esfaqueá-la e enfiar algo real nela, quando a bolsa giratória acertou-o na orelha

e, novamente, ele foi ao chão, perdendo a faca na grama e tentando reencontrá-la; achou apenas uma série de chutes.

"ESTUPRO!", ela berrava, com o chapéu subindo e descendo na cabeça grisalha, ainda preso pelo alfinete. "ESTUPRO", acordaria os mortos. Hector atacou, cabeça baixa, mas ela acertou um safanão de mão aberta bem no meio da cara dele e ele caiu. "ESTUPRO!", ela gritou, e eles sabiam que era hora de sumir. Hector arrastou-se para longe, equilibrou-se e tentou correr para longe dela. Gritou aos outros para que o seguissem. Pavão correu em volta dela, agitando os punhos contra ela, e começou a correr com Hector. Mas Lesadão não queria desistir. Ela avançou contra ele. Ele tentou agarrá-la. Ela deu um bofete, e mais um, gritando "ESTUPRO" o tempo todo, sem parar, e o derrubou, pois ele tropeçou nas próprias calças, ainda no tornozelo. Ele tentou rolar para longe. "ESTUPRO!", ela berrou e chutou Lesadão com o sapato branco. "ESTUPRO, ESTUPRO, ESTUPRO!"

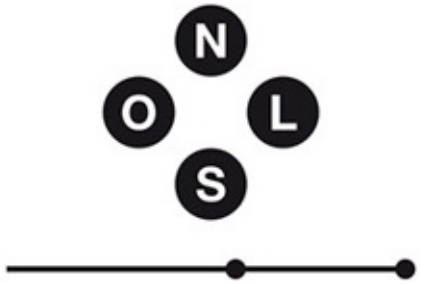
"Vou te matar. Vou te matar", Lesadão gritava enquanto ela continuava a espancá-lo, dançando à sua volta, chutando a bunda nua, agitando os braços, girando a bolsa, a teta balançando. Os outros voltaram, um de cada lado, e a acertaram, tirando-lhe o fôlego. Ela berrou um "estupro" sem som. Agarraram Lesadão e ele levantou; e começou a correr para longe. Ela recuperou o fôlego e estava gritando novamente. Sem os óculos, ela seguiu atrás das formas pouco nítidas. Pavão e Hector estavam à frente de Lesadão. Precisavam sair dali, não podiam dar mole e esperar os canas chegarem. Lesadão pulava, tentando correr, tentando erguer as calças, querendo sair de perto dela. Mas não conseguia.

A polícia ouviu e chegou em viaturas por dois lados. Pavão e Hector deram de cara com um azulzinho, que acertou o estômago de Pavão com seu cassetete; Pavão caiu instantaneamente, apoiado pelas mãos e joelhos, e vomitou. A outra mão do policial desceu e derrubou o chapéu de Hector e agarrou seu cabelo grosso e ondulado, trazendo-o para perto e quase fazendo os olhos saltarem do seu rosto; os pés deslizaram e ele foi levantado pela força do cana. Outro policial manobrou a viatura até a grama atrás deles, desceu correndo e pegou Lesadão, batendo o cano da pistola com força contra a bunda pelada, puxando-o para cima e fazendo-o ficar de pé, com as mãos juntas na cabeça, as calças ainda enroladas nos tornozelos.

“Erga suas calças”, o policial disse. Lesadão se dobrou. Outro policial desferiu um chute. Ele tombou para a frente. O terceiro policial levantou-o pelo braço e o jogou na direção dos outros. Mais carros chegavam e os iluminavam com os faróis. Os policiais invadiram o lugar.

Eles perguntaram qual era o problema. Ela estava aos prantos. As mãos trêmulas tentavam manter as lapelas do uniforme fechadas, enquanto contava a história de estar tomando um pouco de ar e ser atacada por esses tarados arruaceiros. Uma mulher, qualquer mulher, mesmo uma mãe, ou uma avó, não estava a salvo em lugar algum? Esses animais não tinham limites? O policial sentiu o odor de álcool em seu hálito, mas ver Lesadão em pé, daquele jeito, o enlouqueceu, e ele concordou com ela por simpatia, e a confortou fazendo carinho em seus ombros, e disse a ela, calma, calma, estava segura agora. Eles pagariam pelo que fizeram.

Pavão e Lesadão não disseram nada; sabiam ser inútil. Mas Hector tentou explicar que ela os convidou e isso enfureceu um policial, que desceu a porrada em Hector, ensanguentou sua boca, quebrou seu nariz e arrancou-lhe um dente. Um dos policiais disse, contemporizando, que o deixassem em paz, mas os outros estavam enfurecidos – garotos estuprando uma mulher dessa maneira. E estapearam os garotos mais alguma vezes enquanto os jogavam para dentro dos carros de patrulha. Os garotos não disseram mais nada. E, então, foram para a delegacia, onde coisa muito pior os aguardava.



5 de julho, entre 3h45 e 4h30

“Ui, que broche bonitinho você tem”, a voz adocicada soou no ouvido de Hinton conforme ele passou. Era como jogar areia no emblema de um guerreiro: bicha. Ele reconheceu o viado pelo rabo do olho, desviou e seguiu em frente. Eles sempre incomodavam, nunca davam um tempo. Logo, voltaria à linha da BMT. Se a Família ainda não estivesse lá, voltaria para casa sozinho. Provavelmente, a Família toda tinha sido presa e só ele havia escapado. Ou chegou tarde demais e eles foram direto para casa. Não podia ficar muito tempo ali, não com aquela gentinha incomodando. Seguiu em frente.

Vagou por galerias subterrâneas, desviando quando necessário, e chegou ao complexo metroviário da Times Square, olhando tudo à sua volta, tentando entender as placas de orientação. Era muito fácil se perder ali. Quatro linhas de metrô – salas ocultas –, corredores longos com acabamento de azulejo alinhado. Ponderou se o viado que sussurrou em sua orelha, aparentemente parte de um grupo de pedestres, era a mesma bicha que havia se oferecido a ele por duas vezes ao longo daquela noite. Pensou se não deveria tirar o broche. Mas era sua marca; mostrava que ele não era como os Outros. Era motivo de orgulho. Porém, era preciso ter cuidado, pois os policiais estavam por toda parte: duplas de patrulheiros com seus cassetetes estavam a postos; roupas alinhadas, sapatos engomados, ficavam de butuca e afastavam qualquer problema. Aquela bicha deveria ser um informante da Lei, tentando engordar o número de prisões que indicou. *Seria* pego por não pagar a passagem.

Chegou da 110th Street sem problemas e desceu na estação certa, perguntando de onde saía o trem para Coney Island. Disseram onde fazer a baldeação. Andou até a plataforma correta, mas ninguém da Família estava por perto. Ficou parado na área quase vazia, tentando não parecer suspeito. Quando alguns trens passaram, ele tinha certeza de que uma dupla de brucutus estava de olho nele. E ainda nada da Família. Ficou com fome e encheu os bolsos na máquina automática. Comera cerca de quinze chocolates de um centavo e duas barrinha de frutas, mas não fora o suficiente. Tomou duas Cocas em copos de papel de outra máquina para ajudar os doces a descerem e gastou todas as moedas. A banca de jornais da plataforma estava fechada; não conseguiria trocar o dinheiro; tinha que sentar, ficar de pé, e dar algumas voltas, mancando por causa do pé direito, de um lado para outro na plataforma, observando, sempre alerta. E se a Família estivesse lá, procurando por ele, e continuassem se desencontrando, ao passar por colunas, quiosques, qualquer coisa? Um bando de moleques, mais uma turba do que uma gangue, passou encarando. Que molecada sem estilo, sem disciplina, pensou – uns otários –, mas ele desviou o olhar, pois pareciam agressivos. Algo diferente, cada um deles era como combustível pronto a entrar em combustão e cercá-lo se suspeitassem de algum desdém.

Estava cada vez mais quente e era difícil ficar por ali. Ele suava e tinha dificuldades em se mover, as roupas estavam ligadas por uma camada grossa de suor condensado que cobria todo o corpo. Sentia o próprio cheiro; o ar girava um pouco só quando trens passavam. Depois de um tempo, o calor quase o fez sair dançando de tanta coceira que sentia.

Então, alguém soltou uma série de bombas num dos extremos da plataforma e as pessoas começaram a correr e gritar. Um bando de seguranças do metrô desceu correndo e ele precisou sair dali rápido, pois os brucutus culpariam qualquer um que parecesse capaz de ter armado o circo. Não podia correr direito, porque o sapato estava arrebentado e o calcanhar sangrava. Correu em pulos longos, um pulo mais curto e um passo, e esperava que o sapato não caísse, pois não poderia andar só de meias. Subiu um lance de escadas, virou uma vez, correu pela passagem de azulejos e deu de cara com um beco sem saída; no fundo do corredor, apenas uma porta que dizia MULHERES. Mas, em vez de estar

fechada, estava entreaberta e ele correu para dentro buscando refúgio. O lugar estava lotado; gente de todo tipo estava lá – homens, mulheres, garotos, viados, meninas, lésbicas, jovens e velhos. O ar estava pesado, com uma fumaça doce, e ele sabia o que era – maconha. Alonso costumava fumar antes de partir para coisas melhores. Alguém tinha um rádio portátil, que tocava uma música selvagem, com vozes agudas, perturbadoras, num ritmo tribal com refrões em falsete, direto da floresta. Mas era bizarramente mais fresco ali, talvez por causa das paredes azulejadas. Todo mundo parecia ser algo diferente, de outro mundo. Hinton tinha dificuldade para compreender; não era apenas as roupas. Mas não ousou encarar, pois poderiam interpretar como uma ofensa e então...

Um fortão gigantesco estava encostado contra a parede. Era um brutamontes, dois metros e meio ou algo assim, largo, com um olhar em seu rosto que dizia que o mundo precisaria se adequar à onda *dele*. Ele parecia alguém vindo diretamente de um passado muito antigo, vestindo uma jaqueta de couro preta e arcaica, decorada com barras, estrelas, folhas e zíperes. Usava um boné com visor, botas resistentes de engenheiro, costeletas loiras até abaixo das orelhas protuberantes, jeans azul fora de moda, e tinha luvas enfiadas nas ombreiras da jaqueta. Ninguém mais se vestia daquele jeito, Hinton pensou com desprezo, mas o homem era grande demais para ser provocado. Ao lado do gigante, havia uma um garotinho sorridente vestindo uma roupa preta; quando olhou novamente, viu que era uma garota.

Todos pararam e olharam para Hinton, ninguém falou nada. Havia grunhidos, ruídos, chiados ofegantes e contínuos, como máquinas. Descargas eram dadas e um grito de dor, ou prazer, correu pelas paredes ocas. Hinton entrou como se pretendesse estar ali. Ficou assustado, mas manteve a aparência sisuda, pois mostrar medo a eles seria garantia de problemas e desrespeito.

“Mais um”, uma voz disse.

Uma voz respondeu: “Bem, ele vai querer uma branca”.

O gigante empurrou o corpo para longe da parede azulejada e foi até ele, segurou seu braço pelo cotovelo e acompanhou-o até os fundos. Passaram pela primeira cabine e a porta estava aberta. Uma garota estava sentada. Ela era negra e estava nua. Sentava-se no assento do banheiro, pernas cruzadas, o cotovelo

apoiava-se no joelho, e o rosto, que se movia para cima e para baixo conforme ela mascava chiclete, descansava sobre sua mão. Cinco ou seis cabines estavam fechadas.

Levaram Hinton até uma cabine ocupada por uma menina branca e cansada. Ela era muito magra; os ossos do peito eram visíveis e quase não tinha seios. O cabelo loiro tinha fios pretos descoloridos à mostra. Ela sorriu e levantou-se; o pelo pubiano era platinado. Calçava um tênis *lamé* dourado, de cano baixo. Ela sorriu. O gigante abriu a mão e disse “Três”. Hinton colocou a mão no bolso e sentiu três dólares antes de tirar o dinheiro, mostrar mais seria tolice. Embora não quisesse, não sairia dali a não ser que fizesse o esperado, e nunca poderia mostrar a eles que não era homem o suficiente.

Uma mão empurrou-o para dentro. A porta se fechou atrás dele; estava quase escuro ali. Quase tropeçaram; mas encontraram-se; era sufocante; havia urina respingada por todos os lados; ele respirava fundo; os pés escorregavam um pouco; virou a cabeça e viu que as roupas dela estavam penduradas num gancho lateral. Ela disse algumas palavras, procurou por ele e emitiu um gemido ligeiro; ele estava confuso pelos pés de ambos estarem se enroscando na sujeira enlameada do chão. Pensou que cairia sobre ela. Quando tudo terminou, ela saiu para o lado e sentou-se no toalete, puxando papel higiênico para se limpar, e ele não fazia ideia do que acabara de acontecer. Virou-se para ir embora. Ela o puxou de volta pelo casaco. Ele deu meia-volta. Ela sorriu; mordia os lábios dentro da boca, que estava ao lado dele, queixo enrugado. Esticou os braços até a virilha dele, levantou o zíper, ajeitou a frente da calça, e disse “Você não pode sair desse jeito”, sorrindo como uma dona de casa de comercial de TV, despedindo-se do marido pela manhã. Ele queria dizer algo, mas estava quente e fedido demais, e não sabia o que dizer, pois, se falasse, tinha certeza de que choraria. Tateou até encontrar a porta atrás dele, virou a maçaneta e saiu. O gigante estava encostado na parede no lado oposto à cabine e o encarou quando o viu.

Virou-se para sair; a garotinha máscula perguntou se ele gostaria de uma bebida, um baseado, uma carreira, qualquer coisa para viajar um pouco. Ofereceram drogas a ele antes e ele sabia onde aquilo terminaria. Significava

estar *fora*, pois a Família não tolerava viciados. Como era possível confiar em alguém com um vício que podia traí-lo? Ele sabia, viu acontecer com seu meio-irmão, Alonso. E acelerou o passo e a voz ficou maldosa, alguns oitavos mais baixa que a própria voz, perguntando se ele queria dar uns amassos. Ele não disse nada e seguiu seu caminho. E foi quando um viado de aparência normal, bem-arrumado, perguntou pela primeira vez "Qual é o seu nome?". Ele continuou andando. O homem andou com ele. Saíram juntos. Estava livre novamente. O homossexual perguntou mais uma vez "Qual é o seu nome?".

"Hinton", ele disse.

"Bonito", disse o homem. "Pele achocolatada e olhos cinza. Hinton chocolate ao leite."

Mas Hinton continuou andando, virando sempre que possível entre as galerias, e despistou o viado ao atravessar uma das portas giratórias, com barras pesadas, da altura de uma pessoa, e seguiu rumo às escadas. Encontrou muitos desfigurados ali, com os rostos esquisitos e ligadões, sentados na escadaria como se estivessem nas arquibancadas de um estádio. Encaravam o nada à frente, espectadores de alguma performance. Hinton quase deu meia-volta para ver o que eles olhavam. Não podia voltar, então esforçou-se para atravessar o grupo, com passos leves e sempre para cima, com medo de pisar num deles, ou tropeçar no outro, ou de perder o sapato e ter que se arrastar para recuperá-lo, enquanto o puxariam para baixou e o forçariam a se juntar a eles.

Então, chegou ao topo e estava fora, na rua. Livre. Mas não tinha certeza de onde estava. Pôde notar que estava a um quarteirão das luzes alucinantes da Broadway. Andou naquela direção, pois deveria haver outra entrada para o metrô por lá. O ar estava igualmente quente lá fora, mas cheirava a gasolina, em vez de mijo. Estava um pouco trêmulo. Não conseguia parar de suar. Ainda estava faminto e sedento. Chegou ao cruzamento da 42nd Street com a Broadway e dobrou à esquerda, rumo às luzes. A cornucópia das luzes de entretenimento e filmes e as multidões andando deixaram tudo mais quente.

Chegou a uma barraquinha de comida, e o cheiro de gordura queimada o deixou mais faminto – o doce não o satisfez de modo algum. Ele parou e pediu um cachorro-quente e um suco de laranja. A primeira mordida fez a saliva vazar

da boca; a barriga contraiu-se e fez barulho. Não comera nada além do doce desde a manhã e almoçara um prato de feijões cozidos, e frios, na casa de um dos primos da Família. Comeu a salsicha e bebericou o suco, virando as costas para o balcão e encostando os ombros nele. Observou a rua através da cortina de luzes quentes. Havia gente andando por todos os lados; não importava a hora, quase quatro da manhã, talvez mais.

Apenas observou. Vivera alguns quarteirões dali, perto da Ninth com a Tenth Avenue, mas era jovem demais para lembrar de qualquer coisa. O meio-irmão, Alonso, morava naquela área agora. Alonso chamava a rua de terra de ninguém. Não há espertos ou privilegiados, aqui todo mundo é igualmente esperto, venha para cá, disse Alonso. Hinton não compreendia. Não havia guerreiros por perto. Todos pareciam estranhos; Algo Diferente. Pequenos fragmentos das máfias andavam por ali. Durões solitários encostados nas paredes entre as janelas de lojas. Garotas com saias curtas e lencinhos seguiam os transeuntes famintos, e marchavam para cima e para baixo em grupos, gargalhando, divertindo-se com piadas sem fim. Bêbados cambaleavam, resmungando, lutando a cada passo para avançar em meio ao calor e à própria ruína. Pequenas explosões aconteciam por todos os lados; eles ainda celebravam por ali. Terminou a bebida e a comida, mas ainda estava insatisfeito, talvez mais faminto ainda. Pediu um hambúrguer e um suco de uva. O atendente disse a ele “Faça o pedido todo de uma vez, pode ser? Não posso ficar correndo para cima e para baixo, esperando por você a noite toda”. Hinton desejou ter a coragem para dizer umas verdades a ele. Ele não havia matado um homem? Não tinha a reputação agora? Mas, por outro lado, lembrou-se do túnel e sentiu-se envergonhado. Mas quem saberia sobre aquilo?, perguntou a si mesmo. Ele sabia, pensou. Hinton comeu o hambúrguer e bebeu o suco de uva e pensou que se a Família estivesse ali com ele aquele escravo não ousaria falar com ele daquela maneira, pois eles teriam arrasado com a venda toda e afogado o otário no próprio suco de laranja. É, teriam. Mas sabia que não aguentaria com o sujeito sozinho. Ainda não.

Bichas loucas com maquiagem no rosto desfilavam glamourosamente, com os pés parecendo flutuar pelo chão, caudas de vestidos dançando por onde passavam, jaquetas penduradas nos ombros vibrantes, camisas batendo nas

bundas; tinham os cabelos pintados e os olhos escondiam-se por trás de camadas de rímel. Marinheiros sorridentes as seguiam e era fácil ver encrenca à vista nos olhos deles. Estavam prontos para encher aquelas frutinhas de porrada quando as alcançassem. Bom, Hinton também não gostava das bichinhas e lembrou-se da voz que sussurrou para ele, convidativa. Era naquilo que o transformariam se o pegassem.

Terminou de comer e saiu. Passou por uma banca de jornal. Uma manchete falava algo sobre reinício de testes com bombas atômicas. Passou por casas de carteado onde apostadores jogavam a noite toda. Garotos entediados aguardavam nas paredes, esperando algo de interessante acontecer. Ele sabia tudo sobre aquele tipo de espera. Nas vitrines das lojas, bonecas havaianas cabeçudas rebolavam as bundinhas eletrônicas; milhares de relógios suíços em queima de estoque, por duzentos e noventa e nove, tiquetaqueavam fora de sincronia; passarinhos sempre sedentos mergulhavam os bicos longos com educação e bebiam de copos pela eternidade. Hinton pensou em comprar um. Bonecas de grandes olhos inocentes, vestidas com roupas de gaze, piscavam à frente e não acreditavam no que seus olhos azuis viam. Uma bobina elétrica ligava uma extremidade à outra enquanto uma placa dizia MOVIMENTO PERPÉTUO: COMO É FEITO? Cartas de baralho com mulheres peitudas e nuas estavam penduradas em fileiras. Ele também viu mais gente esfarrapada, muitas delas mendigando – e essas eram as mais assustadoras, pois seus rostos eram esquisitos, distorcidos, e os corpos pareciam organizados de forma estranha. Continuavam sendo aterrorizantes, mesmo depois de ele ter ouvido falar que eram todos enganadores.

Um garoto, não muito mais novo do que ele, chegou e pediu: “Moço, tem um trocado pra eu conseguir um lugar pra dormir?”. Hinton não respondeu e o garoto gritou “Então, vá se foder!”, mas sem muita raiva, falou como se fosse sua função, e seguiu em frente. Turistas caminhavam, sem ver a realidade do lugar. Era fácil reconhecê-los pelas caras impressionadas e cabeças inquietas, e pelo fato de que precisavam ver *tudo*, mas sem, de fato, ver nada, e isso os deixava meio malucos também. Uma gordinha com cabelo armado laranja passou por ele, oferecendo-se por um preço, parecendo satisfeita com si mesma;

Hinton pensou que fosse pelo fato de ser gorda, bem diferente da garota do mictório. Policiais patrulhavam, balançando os cassetetes, sempre alertas, mas preparados para ver apenas o que não deveriam. Isso não era novidade, Hinton pensou; era o jeito como as coisas funcionavam onde quer fosse. E ele viu passadores vendendo bilhetes para todos os tipos de viagens, por todos os lados, e sabia que poderia comprar qualquer droga ali, mesmo aquelas das quais nunca ouvira falar ou pensava existir. Mas não deixaria acontecer consigo mesmo o que aconteceu com Alonso.

Chegou ao fim do quarteirão, na Ninth Avenue, dobrou à direita, atravessou a 42nd Street e voltou na direção da Broadway. Precisou parar e comer algumas fatias de pizza e um suco de abacaxi, pois a fome retornou. Terminou e seguiu em frente. Passou por vários cinemas e olhou os títulos e fotografias atrás dos invólucros de vidro nas paredes. Um dos lugares mostrava filmes pornô a noite toda; ponderou se deveria entrar. Mas, então, poderia perder a Família. Passou por uma leiteria e tomou um copo de leite. Não satisfeito, também tomou um chocolate maltado. O dinheiro poderia acabar logo, mas não conseguia evitar: tinha que comer. Tirou o dinheiro do bolso e começou a contar. Um mendigo, velho e cegueta, lançou aquele olhar faminto e desdentado em sua direção; decidiu guardar o dinheiro novamente. Tinha certeza que ainda tinha bastante guardado. A fome foi piorando. Andou um pouco mais, entrou numa loja de cigarros, comprou um charuto barato e alguns doces. Acendeu o charuto, fumou, chupou a bala de caramelo e saiu para dar mais algumas voltas.

Desceu as escadas do metrô. Passou por um fliperama, com uma grande lanchonete bem no meio. Parou e pediu uma porção de fritas, um *knish*, e um suco de mamão para mandar tudo para dentro. Deixou o charuto na borda do balcão, ao lado do cotovelo, enquanto comia. Uma jukebox tocava músicas de sucesso sem parar, mas ele não conseguia entender as palavras por causa do som dos alto-falantes, dos trens tremendo, dos tiros ao alvo, do barulho dos jogos e dos assobios. Ele mastigava e balançava de acordo com a batida da música. Quando terminou, virou-se para pegar o charuto, mas ele não estava mais lá. Alguém o roubara.

Foi até a banca de jornais do fliperama e admirou as garotas peitudas nas capas das revistas, mas o dono da banca ficou de olho nele, suspeitando, então ele comprou um punhado de doces, enchendo os bolsos com chocolates, barras de castanhas, uvas-passas cobertas com chocolate, frutas doces. Um dos jornais mostrava que alguém estava se divorciando de uma atriz famosa, por causa de adultério, e trazia uma foto de página inteira de uma loira linda com um sorriso inocente.

Andou ao redor do fliperama olhando os jogos. De rabo de olho, viu alguém passar e virou-se para encontrar um otário esquisitinho com roupas sujas que o seguia. Olhou mais perto e viu que era ele mesmo. Reconheceu a si pelo broche. Encarou, pensando que deveria estar olhando num daqueles espelhos distorcidos e engraçadinhos, mas não era o caso. Por tudo que passou, a jornada noturna, a correria, as lutas, suas roupas estavam maltrapilhas e sujas. Não era à toa que todos olhavam para ele como se fosse um escravo, como todos os escravos que deviam rodar por ali. Olhou novamente, empertigou-se até ver um guerreiro no espelho, um Dominador, um homem da Família, e seguiu em frente.

Experimentou uma metralhadora contra luzes intermitentes que faziam de conta ser pilotos japas ou chucrutes. Atirou contra uma luz que piscou pelo painel, simulando um avião no céu. Havia um alto-falante ao lado da sua cabeça, e ele ouviu o som de metralhadoras e o rugido do mergulho de aviões em perseguição, mas tudo parecia muito distante e não o satisfez, embora tivesse abatido muitos alvos e conseguido um placar alto: a arma nem fazia a mão dele tremer. Saiu dali e deu mais uma volta, comendo os doces, tentando entender por que ainda estava tão faminto. Não conseguia parar de comer. Pessoas paravam, olhando-o com cara feia, medindo e avaliando, pensando no que fazer com ele. Não ousou ficar no mesmo lugar por muito tempo. Tentou parecer respeitável, o máximo que pudesse, mesmo com aquelas roupas, mostrando que era predador, não presa. Observaram-no e viram o broche. Ele sabia que a insígnia era um convite para a briga. Todo mundo sabia que você pertencia, que tinha algo, que era alguém; isso os deixava malucos, pois queriam tomá-lo de você e colocá-lo no mesmo nível que eles. Não poderia retirar o broche, pois isso o diminuiria aos olhos do mundo.

Passou por uma cabine. Alguém estava parado no final de um corredor bem curto, observando-o, e ele deu meia-volta. O caubói tinha um metro e oitenta e nove centímetros de altura, ombros largos, e os braços estavam arqueados numa eterna posição de saque rápido. O rosto era jovem, másculo, limpo; os olhos eram azuis e inocentes; o chapéu cobria um pouco dos olhos; o caubói vestia uma camisa xadrez chique, com detalhes em branco, uma bandana de seda escarlate, um chapéu branco bem alto, e os coldres nos flancos seguravam duas .45, grandes e ameaçadoras. Ele usava um distintivo. Era o xerife.

O xerife ficava a três metros do balcão e a placa anunciava TENTE A SORTE CONTRA O GATILHO MAIS RÁPIDO DO OESTE – APENAS 10 CENTAVOS. Havia uma cidade pintada ao redor dos três lados do xerife; sua postura desafiadora bloqueava a rua principal. As luzes de cima desciam como a luz do sol na pintura amarelada da cidade; parecia quente e digno do Velho Oeste. Atrás do xerife, as coisas eram mais amistosas, verdes, convidativas. Havia uma grade em frente à cabine, um depositório de fichas, e um cinto fixo de munição curvado, onde você deveria subir e fazer de conta que estava vestindo. Duas armas descansavam nos coldres do cinto, ligadas por um fio elétrico.

Hinton pensou a respeito enquanto comia a barra de frutas. Sentia o cheiro de café queimado; as ondas de calor emanavam das rochas cozidas pelo sol, ou da madeira quente das construções. Atrás do xerife, tudo parecia mais fresco; haveria um bar ali; poderia tomar alguma coisa e descansar por um tempo. A imagem continuava a encará-lo; os olhos azuis sem vida, olhando para todos os lados. Se o xerife estivesse vivo, quão duro ele seria, Hinton pensou, quão mais duro na queda que um cabeça-de-penico, mesmo com aquela cara inexpressiva?

Hinton sabia tudo sobre ele; sabia tudo sobre duelos, a Decisão da Honra, desde criança. Havia visto nos filmes e nas ruas, visto no noticiário; falavam sobre ele na escola; encenou duelos mil vezes. E custava apenas dez centavos para dar vida ao xerife. Claro que as balas não eram reais; o risco era fictício, Hinton disse a si mesmo. Mesmo assim... Hinton tirou uma moeda do bolso e posicionou-se no cinto. O coldre estava posicionado bem baixo, logo, podia sacar a arma sem problemas. Colocou a moeda no buraco.

Os olhos acenderam. O rosto ficou ameaçador. O xerife estava vivo. As luzes ficaram mais fortes, fazendo a velha pintura parecer mais real e insuportável, e a terra protegida pelo xerife mais convidativa. As luzes quentes começaram a deixar o xerife embaçado, difícil de ver contra a luz do sol. O xerife falou: “Eu sou a Lei dessas paradas e estou aqui pra protegê a cidade. Se ocê pensa que um verme como ocê vai cavalgar até aqui, fazenu arruaça, então, moço, tá é muito enganado, porquê vai ter que passar por cima di mim”.

As palavras deixaram Hinton com raiva – foram ditas com tanto desdém –, desrespeitando-o sem ele ter feito nada de errado.

“Agora, vô contá até três e, quando terminá, quero ocê fora da minha cidade. Mas, se ficar aí, é bom começá a atirá. Saca as pistóla. Engatilha. E, quando eu disser pra atirar; ocê atira. E vamos ver quem vence o duelo em três tiros.”

“Tá pronto?”, perguntou o xerife. E, então, mais alto e irado: “Não há espaço para sua corja nas ruas de El Dorado. Essa é uma cidade de leis e queremos deixá tudo sempre assim. Some daqui, seu rato sujo, ou eu vô passá por cima de ocê. Não vai? Muito bem. Um. Dois. Três.” E os braços do xerife sacaram os revólveres do coldre e as apontaram para Hinton. Os olhos queimaram. Ele olhou para os círculos dos dois canos. Era o suficiente para deixá-lo estremecido. Estava prestes a dar as costas; por um segundo, esqueceu de sacar. “Fogo”, disse o xerife.

Hinton sacou, engatilhou, mas os revólveres do xerife atiraram antes que seus braços estivessem totalmente estendidos. Hinton hesitou e atirou. Ouviu sons de balas ricocheteando perto dele.

E a voz do xerife dizia: “Peguei ocê, verme. Mandei ocê viver com os anjinhos, não foi? O quê? Precisa de outra lição? Bem, então prepare-se pra sacá novamente”. Os braços estavam devolvendo as armas aos coldres. Hinton colocou os revólveres de volta e preparou-se para atirar novamente. Pessoas assistiam dos lados, e atrás dele. Ignorou-as, concentrando-se no movimento, parecendo durão, esperando pela jogada do xerife.

Os olhos duros e irados do xerife tentaram amedrontar Hinton: Hinton encarou o desafio. A voz provocou Hinton: Hinton apertou os lábios. Não permitiria ser desrespeitado. O xerife disse: “Agora”. Hinton sacou, engatilhou e atirou,

esperando que a bala entrasse no coração do xerife. O corpo seria jogado para trás, o peito explodiria e o sangue do homem que desmereceu Hinton jorraria. Ele ouviu o relatório das armas. A voz do xerife provocava Hinton, dizendo que não havia conseguido novamente. Ele tinha mais um tiro.

Hinton deslizou as armas no coldre. O corpo todo estava tenso. Esqueceu o calor. Esqueceu o cansaço. Esqueceu o calcanhar machucado. Abaixou o chapéu na testa; tocou a insígnia; endireitou o cigarro de guerra. Curvou os ombros rapidamente, uma, duas vezes, e liberou a calça suada e apertada de seus bagos. Ao redor dele, via apenas rostos distorcidos, olhos brilhantes, famintos pela chance de ver um bom homem ser humilhado. Uma bicha de ombros gordos fazia comentários a seu respeito. Garotos malucos, todos os esquisitos assistiam. Ele os viu de rabo de olho. Inclinou-se para a frente. Ouviu o comando e sacou, engatilhou e atirou. Quem era mais rápido no gatilho do que Hinton? Balas voaram novamente e ricochetearam. A voz jocosa do juiz dizia a ele para sair da cidade, para continuar andando. Ele havia perdido o duelo.

Empertigou-se. Os músculos estavam duros por conta da postura tensa. Claro. O jogo era sempre injusto. Sempre o humilhavam e você precisava ensinar uma lição a eles, com certeza, para mostrar a eles. Mas não podia fazer isso do jeito deles. Ele colocou as armas dentro do coldre, arrependido. Elas pareciam pesadas e agradáveis, sentiu tristeza por as abandonar. Queria que fossem reais – então ele mostraria a eles. Colocou a mão no bolso e tirou uma pequena caixa de uvas-passas cobertas com chocolate, levantou a cabeça e virou tudo na boca. Mancou lentamente para longe, mastigando sem nenhum deles por perto.

Pensou que deveria retornar à estação e ver se a Família havia conseguido chegar. Andou ao redor do fliperama e olhou para as outras galerias de tiro e jogos de fliper. Jogadores por todos os lados; os Outros passavam direto, sem perceber nada. Ele caminhou em frente à banca de jornal onde comprara os doces. As manchetes mencionavam algo sobre uma chacina. Outro jornal destacava uma grande briga no norte da cidade, com milhares de envolvidos. Ele virou a página para ler, mas demorou um pouco para compreender o que ela dizia. O homem disse para largar o jornal e cair fora se não fosse comprar. Hinton bocejou e ponderou se deveria comprar mais doces.

Um garoto de sete anos de idade chegou até ele e pediu uma moeda, mas ele ignorou o pivete. Passou em frente a uma vitrine com fotos de garotas peladas em tamanho natural e parou para olhar. Abaixo delas, havia uma pilha empoeirada de revistas de astrologia, cinco centavos cada uma. A mãe dele sempre olhava o horóscopo para saber quais seriam os bons presságios e o que seria um mau agouro em cada dia, para que ela soubesse o que fazer e o que não fazer. Hinton não acreditava nessas coisas. Norbert sempre dizia que se soubesse o que o futuro reservasse para ele, cara, do que seria capaz, quantas corridas ganharia. Um sonho tolo. Hinton voltou a olhar para as garotas, admirando os grandes peitos de papel brilhante. O moleque voltou e pediu dez centavos para poder voltar para casa, pois estava preso ali. Ele olhou para o pivete, mas sacou a parada, o olhar enganador; o garoto não precisava de dinheiro nenhum para voltar para casa, Hinton decidiu: ele estava em casa – ali. Notando o olhar cético de Hinton, disse que realmente precisava do dinheiro para beber algo. Hinton balançou a cabeça. O moleque fez de conta estar doidão e disse que precisava de droga. Hinton balançou a cabeça. Então, o moleque olhou para ele, viu o emblema no chapéu de Hinton, e queria saber se Hinton queria fazer sexo com ele, pois, por um dólar, ele faria qualquer coisa que Hinton quisesse. Hinton estava prestes a estapear o garoto, mas viu que um dos doidões estava de olho nele, esperando algo acontecer, então ele deu as costas. Andou até voltar ao xerife, que o estava aguardando sob as luzes quentes, bloqueando a rua de terra, esperando por Hinton.

Hinton colocou outra moeda no buraco, enfrentou o xerife novamente e perdeu novamente. Bem, ele pensou, caminhando para longe da cidade, era de se esperar – é tudo armação. Todo mundo sabia disso. A mão ralada doeu por segurar o cabo do revólver. Comeu mais um pouco de doce, pediu outro cachorro-quente com batatas fritas, e inclinou-se sobre o balcão da lanchonete, bebericou chá gelado, devidamente carregado com sete colheres cheias de açúcar, e mastigou mais pedaços de doce. Ele olhava como se encarasse os transeuntes, mas, na verdade, encarava o xerife. Mais ninguém tentou aquele jogo. Ou seja, todo mundo sabia que era armado. Então, teve uma ideia. Quando terminou de comer, tentou novamente.

Hinton – ferido, ralado, cansado e à deriva; Hinton, o pária, posicionou-se contra a cidade e seu xerife. Ele lutava pela Família; lutava por seu emblema; lutava por ele mesmo. Enquanto o xerife o humilhava e se gabava de sua reputação – afinal, ele havia matado mil foras-da-lei miseráveis – Hinton sacou as armas e as engatilhou. E, quando a ordem foi dada, ele atirou uma fração de segundo antes do xerife. Dessa vez, a voz gritou de dor e disse a ele, tudo bem, ele havia vencido daquela vez. Mas faltavam duas rodadas, pois a disputa era melhor de três.

A estátua ficou lá. Estava um pouco inclinado para o lado? O sangue saía do buraco no ombro, manchando a frente daquela camisa caipira toda metida a besta? A dor já deixava aquele rosto impassível um pouco mais pálido? Ele tremeu? As armas de Hinton estavam engatilhadas e ele esperava antes de ouvir a ordem de saque, engatilhe e atire. Ganhou pela segunda vez, pois a arma pulou na mão dele e atirou primeiro; chumbo quente rasgou o ar e debilitou o homem que havia bloqueado seu caminho, atirado nele e não o deixava viver. Onde estaria o novo rombo aberto na carne? O berro de dor foi prazeroso para Hinton e ele sorriu. O garotinho puxou o casaco, novamente, pedindo dinheiro, e ele guardou as armas fumegantes, abaixou-se, deu dez centavos para o garoto, e preparou-se para o terceiro tiro. Ele ganhou aquele também; acertou o imbecil bem no olho.

Muito cansado, e, a despeito de suas feridas, Hinton alinhou o corpo lentamente, respirou fundo e sentiu-se revigorado – um homem. Enfrentara e derrotara o xerife. Poderia ter vencido mais uma rodada, mas teve o bom senso de guardar as armas, embora tivesse direito a um duelo gratuito. Deu as costas e saiu dali, caminhando pelo fliperama até a rua; era hora de ver se a Família estava por ali.

O viado lançou outra cantada e ele ponderou se não deveria sair com a bicha, deixá-lo pegar o gostinho, e então arrebentá-lo e roubar seu dinheiro. Entretanto o viado não era magro. Era grande o suficiente para se defender, e aquele olhar insinuante, carente, escondia algo perigoso. Continuou andando, comprou outro bilhete e desceu para a estação. Um casal estava encostado num canto; impossível dizer se eram homens ou mulheres, pois estavam blindados por uma

capa de chuva armada e faziam alguma coisa. Quem passava não fazia nada. O guarda próximo ignorava.

Quando chegou, Dewey e Júnior caminhavam nervosamente, prontos para dar no pé. Queriam saber onde os outros estavam. Ele não sabia; todo mundo havia dispersado. Disse a eles que voltariam para casa no próximo trem para Coney Island. Sentiram-se desconfortáveis, como se fossem desertores, mas estavam satisfeitos o suficiente para, finalmente, poderem ir. Ele deu a ordem sem remorso, sentindo-se forte e confiante, e os demais aceitaram o comando, pois isso tirava a responsabilidade das costas deles. Sentiam as energias renovadas e estavam subordinados a *ele* agora, embora Dewey fosse o irmão mais velho de Hinton.

Quando o trem chegou, eles embarcaram e se sentaram. Hinton quase pegou no sono. Júnior abriu a história em quadrinhos, mas seus olhos continuavam se fechando, e, embora já tivesse terminado de ler, ele tentou recomeçar.



5 de julho, entre 4h30 e 5h20

Era apenas questão de relaxar até chegar em casa. A exaustão ajudava. Mas duas coisas aconteceram no caminho.

O trem, como sempre naquele horário, era lento. Havia entrado no Brooklyn. Dewey, sentado entre Hinton e Júnior, caiu no sono. Sentaram-se num canto, abaixo de um daqueles anúncios BEIJA OU NÃO BEIJA?, nos quais uma mulher linda inclina-se sobre um garotinho, quase tascando um beijo na boca. A propaganda tentava vender tintura para cabelo. A Família sempre se divertia com aquela.

Hinton continuou piscando. Mesmo com tudo embaçado, Júnior lia novamente o trecho da grande batalha em frente à Babilônia, quando o líder do exército rebelde estava morto e os heróis gregos tentavam decidir o que fazer. Dois casais embarcaram no trem, caras de cabelos loiros e curtos acompanhados por meninas com olhos de boneca. Vestiam roupas elegantes como se acabassem de ter saído da balada – um baile de formatura, talvez. Os caras eram grandes, pareciam jogadores de futebol americano, e encararam o trio com frieza embora não tivessem feito nada. Hinton percebeu e acordou com aqueles olhares desrespeitosos e intensos. Por que aqueles quadradões tinham que olhar para eles daquele jeito? O que a Família fez para eles? Estavam na deles, não estavam?

Os casais se sentaram no lado oposto a eles. As garotas colocaram as cabeças sobre os ombros dos garotos e fecharam os olhos. Os caras continuavam encarando os guerreiros cansados, observando-os cautelosamente, prontos para

qualquer coisa. Hinton ponderou, por quê? Eles não queriam encrenca. Tudo que ele conseguia pensar agora era em dormir.

Hinton olhou para as garotas por baixo dos olhos quase fechados. Eram limpas, inocentes, adolescentes ideais prestes a se tornarem mulheres bonitas, daquele tipo que se via na televisão o tempo todo e passava o resto da vida sonhando. Às vezes, ele via uma desse tipo na escola, mas sem muita frequência. Uma delas era loira; seu nariz era fino e um pouco arrebitado, puxando o lábio para cima. As pernas compridas eram bem-torneadas. Ela parecia bem limpa. Seria legal ter uma garota. Seria legal abandonar a Família, aposentar-se das brigas. Hinton sentia-se pesado. Talvez conseguisse arrumar uma garota, não exatamente como aquela – loira, mas nem tão loira; branca, mas nem tão branca – de pele clara, cabelo comprido. Ela seria inocente, doce, vinda de outra parte da cidade, bem-vestida, linda, magra – para namorar – casar – ter uma família. Ele arrumaria um emprego, uma chance. Ter alguém como ela para casar lhe daria ambição. Teriam uma casa e um cachorro. Ele subiria na vida e se tornaria... não tinha certeza o quê. Alguém atrás de uma mesa: um executivo. Envolveria mandar nos outros, pois ele seria um homem importante, muito importante, e não precisaria demonstrar sua força com os punhos. Ele diria: “Faça isso. Ligue para ele. Vou comprar aquilo. Assinarei o contrato”, e falaria pelo intercomunicador com a secretária. Todos se curvariam perante ele e ele os controlaria, como os gângsteres faziam naqueles tempos, de um jeito bem sutil: sem violência. Sonhou sobre aquilo.

O sonho ficou mais atraente e os olhos dele brilhavam, mas quase não conseguia ver os casais do outro lado do corredor. Dewey deslizou e sua cabeça encostou-se no ombro de Hinton. Hinton viu a propaganda ao lado. O rosto dela era apaixonante, doce e jovem, inatingível também, uma mãe-modelo. Esticou a mão e acariciou a imagem, acompanhando a linha da bochecha e do queixo com leveza, os dedos deslizavam como se fosse pele, não papel. Bufou, encostou-se no banco, e olhou. Viu os dois panacas do bailinho olhando para ele, meio que sorrindo. Não devolveu o olhar, pois sabia o que aquilo significava, teria que desafiá-los, e isso levaria a confusão, e ninguém da Família estava armado. Naqueles dias, não dava para correr riscos nem com panacas engomadinhos.

Todo mundo tinha uma lâmina, por menor que fosse. Todo mundo sabia disso. Não riram descaradamente dele, então ele relaxou e fez de conta que dormia e, logo, depois de cinco ou seis estações, eles desembarcaram. Enquanto saíam, viraram-se e deram aquele olhar humilhante à Família, mas ele fez de conta não ter visto. E sabia que nunca realizaria seu sonho; não daquele jeito. Então, encontraria outra maneira, pensou. Sabe, fodam-se esses filhos da puta, pensou. Avenue J. Lembraria daquela estação e, um dia, não muito distante, ele talvez liderasse os homens e resolvesse aparecer por ali para fazer uma visitinha, à procura deles; afinal, quem eles pensavam que eram para provocar a Família?

Isso o incomodou e ele não conseguiu dormir. Os olhos de Júnior continuavam fechando, com a cabeça pesando sobre a história em quadrinhos. Hinton precisava se mexer; a raiva o impedia de descansar. Mexeu o ombro e tirou o apoio da cabeça de Dewey. Eles olharam em sua direção. Andou para cima e para baixo no corredor do vagão vazio. Ele deveria ter desafiado aqueles playboys bastardos.

Quando chegaram à sua parada, desembarcaram. Precisavam atravessar alguns quarteirões pelo território dos Lordes Coloniais. Era quase alvorecer; ninguém estaria acordado àquela hora. Hinton pensou se os diplomatas dos Lordes conseguiram voltar da grande reunião. Os outros caminhavam sonolentos, mas o ódio fez Hinton ficar aceso. Ele queria fazer *alguma coisa*. Então, teve a grande ideia.

Chacoalhou Júnior e cutucou Dewey e disse a eles, apontando para o cigarro nas faixas dos chapéus: “Somos um grupo de batalha e vamos encerrar a noite como um grupo de batalha, ouviram? Temos que fazer um último ataque”.

“Irmão, ataca *você*. Estou cansado, cara. Muito cansado”, reclamou Dewey.

Júnior olhou para Hinton, estupefato. Hinton disse a eles: “Cara, temos que fazer ou vamos perder nosso respeito próprio”.

“Agora? Viramos a noite. Você tá maluco. Tá pirando. Tá virando outra coisa, como aquele Willie, cara.”

Mas Hinton começou a falar, lembrando que haviam perdido a parte central do exército deles. O inimigo saberia e eles seriam atacados, espancados, emboscados, passando por cima deles, invadindo quando bem entendessem, a

não ser que a Família atacasse primeiro e mostrasse a eles, no jeitinho. *Agora. Agora!* Como uma ação defensiva. A Família era mais durona do que eles pensavam, *ainda mais* durona do que antes. Quem aqueles merdas pensavam que eram? A Família cairia sobre eles, limparia a área de uma vez por todas, sem dúvida, mas ficaria melhor ainda. Estariam esperando por eles? Dewey tentou se opor, mas Hinton estava ficando mais e mais empolgado com a ideia, o ódio o motivava e sua fúria começou a contagiar Dewey e Júnior. Hinton ensaiou as ofensas, previu os insultos, lembrou as brigas territoriais, previu o que aconteceria e quanta reputação a invasão daria a eles. Toda aquela parte do mundo *saberia*, e todas as outras gangues respeitariam, mudariam de ideia e pediriam para ser aliadas dos Dominadores. Eles *tinham* que fazer, de uma vez por todas. Mas o melhor de tudo é que seria totalmente inesperado.

"Mas, cara, e a trégua?", perguntou Dewey.

"Aquela trégua não vale merda nenhuma, irmão, merda nenhuma e você sabe disso. Depois que o pau comeu, lá em cima, ela não vale merda nenhuma e é cada exército por si; precisamos fazer isso agora. *Agora!* Amanhã vai ser tarde demais."

Conseguiu empolgar os outros dois, que agora trotavam em ritmo acelerado. Arrancaram duas antenas de carros para usar como chicotes conforme passaram; encontraram uma cadeira abandonada e pegaram uma das pernas parafusadas para servir de bastão. Mergulharam fundo no coração do território dos Lordes Coloniais.

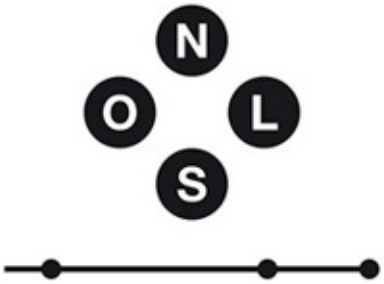
A maior parte dos Lordes Coloniais morava num projeto habitacional. A Família avançou sob a luz fraca da alvorada, procurando por um Lorde em algum canto, ou por uma de suas mulheres, mas ninguém estava lá. Enquanto os outros esperavam no parquinho, Júnior atrás do trepa-trepa e Dewey num duto para crianças, Hinton foi até o meio dos prédios. Ele ficou de pé no gramado, no centro do vasto círculo formado por oitenta prédios de quatorze andares, que cresciam à sua volta. O Primeiro dos Lordes Coloniais morava num deles. Gritando, Hinton desafiou-o a descer e disputar um Luta Justa, homem a homem, e insultou todo mundo ligado a ele, tanto aliados quanto os familiares biológicos. A voz de Hinton projetou-se, alta, envolvendo a área que ficava

lentamente mais iluminada, e bateu nos casarões, onde reverberou e ecoou de volta, apagado, agudo, repetindo-se. Ninguém apareceu. Quanto mais quieto ficava, mais alto Hinton gritava. Mas nada se moveu. Nada mesmo. Continuou o show por um tempo e sacou que Dewey e Júnior tinha mais respeito por ele. Ganhou pontos de reputação. Gingou para fora e eles correram por trás das quadras de handebol.

Hinton pegou o canetão. Os Lordes Coloniais haviam escrito suas iniciais na parede toda. Hinton escreveu que os Dominadores havia estado ali – CFDP – e cagaram na área dos Lordes Coloniais, cujas mães eram todas putas. E não havia homem algum entre os Lordes que não era um bastardo. E, então, enquanto Dewey e Júnior o levantavam pelos ombros, ele fez um desenho, bem no alto. Desenhou bem, usando poucas linhas, mas mostrando tudo que queria, afinal, ele não era o artista da Família? Ele desenhou a imagem de uma mulher chupando o pau de um homem. Batizou o homem como, Pai dos Dominadores; e batizou a mulher de Mãe dos Lordes. E, então, no lado, desenhou uma mulher sendo estuprada por um gigante bem-dotado e batizou o homem como Os Dominadores, e a mulher como Gostosinhas dos Lordes. Tomou muito cuidado para desenhar um rosto muito feio para a mulher e escreveu o máximo de nomes possíveis, e que lembrou, das garotas dos Lordes. E, então, desenhou vários homenzinhos em volta, observando, com as línguas para fora. E chamou os homenzinhos de Os Lordes.

Depois, ordenou uma carga. Eles correram através das ruas do conjunto habitacional, brandindo os chicotes de antenas e o bastão, fazendo sons de trombetas, humilhando os Lordes novamente, desafiando para saírem e lutarem, pisoteando o território sagrado.

Ninguém saiu. A garganta de Hinton doía. Deu a ordem para marchar em retirada. Saíram de lá dançando, deixando aquele território.



5 de julho, entre 5h20 e 6h

Antes de ir para casa, Hinton liderou Júnior e Dewey rua abaixo, até a praia. Eles o seguiram; tornara-se o Pai. A brisa matinal do mar os recebia. Ainda estava quente, mas cada passo que davam levava a áreas cada vez mais frescas. A luz começava a tomar os topos das casas, mas o chão ainda estava escuro.

Andaram na direção da calçada. Quando chegaram ao último quarteirão, Hinton parou o grupo antes de atravessar a rua. Ficou de pé, braço levantado, olhando rua abaixo. Nada além de um caminhão de lixo ali, moendo dejetos, mais amarelo que a luz turva emitida pelo nascer do sol nublado. A iluminação pública esmaecia; tinha contornos florescentes azuis. Hinton balançou a mão do jeito que líderes de patrulha faziam; atravessaram a rua, andando com estilo, atentos a surpresas. Mais acima na rua, um policial fazia a patrulha, de costas para eles. Estavam no território deles agora, tudo era tremendamente confortável e familiar. Conheciam como a palma das próprias mãos, seis quarteirões de comprimento e quatro de largura. Cobririam a área em pouco tempo – cada tijolo era totalmente conhecido, cada mancha, cada placa, cada marca de tiro no concreto das calçadas, cada esconderijo. Era como conhecer um espaço infinito e libertador onde não existiam ameaças reais. O resto da cidade toda, combinado, não era tão espaçoso quanto aquele lugar. Deixaram os sentidos absorverem tudo, desde o asfalto rachado até o cheiro do aço da montanha-russa que passava sobre as casas. Estavam ali. Ali. Confortáveis depois daquela noite. Começaram a andar pelo último quarteirão antes do calçadão.

Hinton inalou a brisa fresca do oceano e começou a sentir uma empolgação alegre, e acelerou o passo novamente. Os garotos foram mais rápidos. Hinton iniciou um trote. Trotaram atrás dele. Começou a gritar, sem som, deixando a voz entalada na garganta encontrar uma abertura sem palavras. Começou a correr. Eles correram mais rápido, rindo, brigando, incapazes de se controlarem. Ser um homem era tudo isso?, Hinton ponderou enquanto corria. Era assim que alguém se transformava num líder, um Pai? Subiu a rampa do calçadão correndo. Eles seguiram; os pés rimbombando nas placas de madeira, marcando o ritmo. Poucas pessoas caminhavam ao longo da calçada amadeirada que desaparecia nos dois lados, sumindo na névoa avermelhada matinal. Alguns pescadores chegavam para aproveitar a primeira pescaria do dia. Um pouco além, uma família carregada com cobertores e itens de praia atravessou o calçadão, chegando cedinho à praia. O sol da manhã era uma bola vermelha na névoa, despontando na direita. A areia suja e a água avermelhada, plácida sob o vento, os aguardavam.

Hinton apontou e gritou: “O oceano!”.

“O oceano, o oceano!”, eles gritaram, e riram histericamente.

Hinton correu escada abaixo até a areia e toda a distância até a água, deu uma guinada forte para a esquerda, escorregando, tocando o avanço gentil das ondas, sentindo a água invadindo os buracos em seus sapatos. Era refrescante e chocante, queimou os machucados, e então aliviou e agradou. Mergulhou a mão ralada na água e jogou algumas gotas para o ar.

Eles correram. Parar de rir era impossível, e tentavam evitar que a alegria se deteriorasse em risadinhas infantis. Gargalharam, gritaram, berraram. Algumas gaivotas alçaram voo quando eles se aproximaram; o vento soprava pedaços leves de papel para o alto; grãos de areia subiam conforme os pés velozes chegaram à praia. O vento marinho era refrescante, quase gelado, e todo o ar que os sufocou durante a noite parecia desaparecer, e era como se estivessem libertando-se da camada palpável de suor; cada passo que davam era mais leve, e eles se sentiam divertidamente separados do chão, até que deixaram de sentir a exaustão. Hinton deixou de se preocupar com a destruição completa de seus luxuosos sapatos italianos que começou no parque e terminava agora. Tudo

parecia tão distante, como se não tivesse acontecido naquele dia, ou naquela semana, ou nunca. Onde conseguiria outro par de sapatos de quinze dólares como aquele? Pouco importava. Não dava a mínima.

Dewey virou uma estrela, o broche em seu chapéu brilhou num círculo. Júnior tentou imitar e o cigarro de guerra caiu do chapéu. Pegou de volta e estava prestes a colocá-lo no chapéu quando teve uma ideia. Deu meia-volta e correu até Hinton, ajoelhou-se e entregou a ele. Hinton pegou, segurou-o por um segundo, e o colocou na boca. Júnior acendeu para ele. Hinton deu uma tragada, mais uma, profunda e relaxada, e deixou a fumaça sair pela boca e ser pega pelo nariz; soltou de lado e a viu desaparecer na brisa marinha. Apagou o cigarro e colocou na faixa do chapéu do Júnior. Dewey olhou e concordou. Então, Dewey e Júnior tiraram os cigarros de guerra das faixas e o entregaram a Hinton, para guardá-los dentro do maço pela metade. O grupo de batalha estava desfeito. Hinton virou-se e começou a andar de volta para o calçadão. Os outros o seguiram. Todos compreendiam. Hinton era o Pai agora.

Andaram pela praia por alguns quarteirões. Viraram-se na direção da terra e seguiram para casa. Era perto das seis da manhã e a praia estava completamente iluminada. As sombras sólidas e escuras ainda envolviam as ruas. O vento marinho soprou a sujeira morna rua acima. Ali, o vento tinha cheiro de sal, algas marinhas, misturado com o cheiro de casas decadentes, madeira velha e o fedor do lixo das lojinhas da área.

Andaram até chegar numa loja de doces onde sempre se encontravam. Algumas garotas estavam sentadas lá, encostadas na caixa de jornais. Esperaram a noite toda – a mulher de Hector, a mulher de Pavão, a mulher de Dewey e a mulher de Júnior. Conversaram e as filhas disseram a eles que Arnold retornara horas antes. Arnold contou tudo a elas e que Ismael havia simplesmente desaparecido. Ninguém sabia o que havia acontecido com ele. Disseram às mulheres de Hector e Pavão tudo que sabiam sobre o destino deles. Elas acenaram com a cabeça, mantiveram a postura, acenderam cigarros e soltaram a fumaça pelas narinas. Apertaram mãos e partiram. A mulher de Pavão começou a chorar; a garota de Hector abraçou-a, dando apoio, conforme andavam para

longe. Dewey e Júnior saíram com suas mulheres, abraçados. Hinton esperou todo mundo ir embora e andou na direção da Prisão.

Ambos os lados da rua estavam sob a sombra da manhã. Muitas casas eram velhas e feitas de madeira, de placas sem pintura, ancoradas pelo simples fato de estarem grudadas umas nas outras. No fim das contas, ele não seria o Pai, a não ser que desafiasse Arnold para um duelo. Podia se imaginare derrotando Arnold, afinal, não havia derrubado seu homem e liderado a invasão? Desejou ter uma garota esperando por ele como os outros tiveram. Uma garota o veria lutar homem a homem contra Arnold, assim como fizera contra o xerife. Ela ficaria apaixonada por ele. Novamente, pensou numa garota indeterminada. Viu a si mesmo conquistando a gata, saindo com ela, como os outros. Viu a si mesmo fazendo sexo com ela. Não pensou em termos de excitação; de algum modo, era... limpo... digno. Mas se ele conseguisse uma mulher, sabia que não ligaria muito sobre ser o Pai, pois, se você tivesse o que queria, qual era a razão de brigar? Não valia a pena. Pelo menos agora que havia conquistado sua reputação, e agora sabiam que ele era um homem que poderia liderar, mesmo se nem sempre escolhesse brigar – certamente não pela liderança da Família. Quem havia trazido o resto da gangue para casa? Arnold não fez isso, nem Hector, nem Pavão, nem Lesadão conseguiram também. Ser um homem importante no território seria suficiente, talvez um Tio. Então, seria capaz de arrumar uma garota fixa, em vez de ter que ficar com as meninas que saíam com todo o mundo.

Chegou à Prisão. Era um prédio de tijolinhos com quatro andares. Moravam no andar mais alto. O apartamento deles havia sido escolhido, como sempre, pelo Departamento de Bem-Estar Social, e era o vigésimo lugar onde moravam desde que nascera, ou cinco lugares a mais do que sua idade. A maior parte das luzes do corredor estava queimada. As escadas inclinavam-se livres das paredes; Alonso chamava de elevação-livre. Parou dentro da porta de entrada e escutou. Devem ter capturado Hector, Pavão e Lesadão, que devem ter falado; podem ter enviado policiais para esperar por ele. Não ouviu nada além da velha judia maluca andando por todos os lados no térreo. De qualquer forma, parecia que ela nunca dormia, sempre resmungando para si – uma bruxa. Era preciso ficar de

olho nela, pois ela tinha um olho de vidro, uma garra na mão e falava coisas sem sentido. Alguns, como a mãe dele, diziam que ela podia enfeitiçar você, mas ele não acreditava em coisas desse tipo.

Esperou. Não ouviu nada. Aproveitou a chance para subir as escadas. Estava esgotado. O único som que ouviu era o chiado dos degraus da Prisão – difíceis de serem escalados.

O último andar tinha quatro apartamentos, dois à esquerda e dois à direita, um em frente ao outro. Havia dois banheiros no centro, um para cada dupla de apartamentos. Antes de entrar em casa, foi ao banheiro. Sempre cagou sem sentar, nunca disposto a se sentar no assento, mas naquele dia não conseguiu. Estava muito cansado. As paredes, embora estivesse muito escuro para ver, estavam cobertas com palavras, e, no tempo em que moraram ali, ele, e seus irmãos e irmãs, adicionaram suas próprias palavras. Baratas ficavam imóveis nas paredes. O som do mijo caindo na privada era alto, mas familiar, reconfortante. Sentia o relaxamento envolvendo seu corpo a partir do vazio interior. Apoiou a cabeça contra a parede lateral e quase caiu no sono. Quando terminou, foi até sua cela.

Não havia uma lâmpada no final do corredor. Acendeu um fósforo. Na parede, ao lado da porta, ele escreveu “Foda-se Norbert” na parte de baixo de uma longa lista de Foda-se Norbert. Abriu a porta. A porta abria diretamente para a cozinha. Havia um quartinho à direita. Estava escuro lá dentro. Três dos irmãos mais novos e a irmã mais nova dormiam lá; ninguém se moveu na escuridão. Na cozinha, havia uma pilha de roupas no chão, algumas panelas de comida, agora fria, sobre o fogão, algumas latas vazias de cerveja espalhadas, e algumas latas de comida pela metade, que sua mãe esqueceu de guardar, e louças sujas ocupavam a mesa, a bancada da pia e a própria pia. Atravessou a cozinha. Conforme movia-se pelo ar quente, e parado, moscas voavam. O bebê dormia num berço sobre rodas e chorava num ritmo repetitivo. Hinton balançou o berço uma vez, duas, e seguiu.

O próximo cômodo era a sala de jantar-quarto. Uma pequena luz atravessava a porta aberta do primeiro aposento. Sua mãe, Minnie, gorda, transpirando no ar com cheiro de suor e mijo de neném, estava trepando com seu homem, Norbert,

que vivia com eles, com idas e vindas, por uns dois anos. Conforme Hinton passou, seus rostos olharam em sua direção e, embora estivessem abertos, parecem não tê-lo visto, apenas sabiam que estava ali. O rosto rotundo de Minnie estava cheio de prazer, embora parecesse estar sendo torturada e gritasse e gemesse. O semblante de Norbert era gordo também, mas Hinton não viu direito; Hinton sabia que os lábios de Norbert estavam enrolados para dentro e ele sorria, mas não era um sorriso propriamente dito. Norbert fazia sons ofegantes, como se exortasse um cavalo para avançar. A cama emitia rangidos monótonos de prazer.

"Sai daqui ou vou dar uma bofetada em você", disse Norbert, mas ele dizia isso o tempo todo.

"Onde você estava? Morri de preocupação", Minnie disse e gritou, franziu o rosto, fechou os olhos e gemeu.

Hinton foi até o quarto no fundo. Era mais claro ali. A luz e a poeira nas janelas transformavam o brilho matinal numa fonte constante de luz cinza. Alonso e a irmão mais velha estavam no sofá-cama, juntos. Alonso não aparecia em casa há duas semanas. Estavam deitados ali, pelados, cobertos apenas por um lençol. Ela deitava de costas, com a boca aberta, e a parte de baixo dos olhos aberta, mas sem ver nada. A bochecha côncava de Alonso descansava sobre sua mão e ele encarava a escuridão, onde sua mãe e Norbert transavam. A outra mão caía da cama e os dedos encimavam o bongô, pois Alonso nunca ia a lugar nenhum sem o bongô para poder fazer um barulhinho. Seus dedos tamborilavam no ritmo do rangido da cama. Hinton olhou para Alonso e ouviu o rangido-da-cama-com-bebê-chorando, Norbert-ofegante, gritos, e a batida leve do bongô, uma vez após outra. Alonso ignorou Hinton, mas o rosto magro tinha aquele sorriso que fazia qualquer um ter ódio dele; um sorriso que dizia que ele sabia todas as respostas, havia visto tudo, e que tudo que você fizesse, era tolo ou infantil demais para ser descrito em palavras. Bem, o que esperar de um viciado?, Hinton pensou, maldosamente.

Mas, incapaz de impedir a excitação de mostrar a Alonso o que havia feito naquela noite, ele disse: "Cara, sabe o que aconteceu hoje à noite? Sabe onde

estive? Sabe o que eu fiz?". E Hinton agachou-se ao lado do bongô, perto de Alonso para contar a ele.

"Aquela Minnie. Aquele Norbert. Tic-tac. Previsíveis", disse Alonso.

Hinton começou a contar sobre sua noite.

"Jim, tava brincando de soldadinho? Quando vai aprender? Quando vai parar de brigar e, saca, de fazer coisa de pivete?"

E Hinton, como fizera tantas vezes, tentou contar a Alonso sobre a Família e o que ela significava, e como haviam passado por tantas provações naquela noite.

Mas Alonso continuava sorrindo e nada fazia sentido algum com aquela risadinha olhando para você. "Jim, não me venha com essa merda de, manja, irmandade. Passei por tudo isso. Cara, escute esse conselho. Existe apenas uma coisa, e é o barato, o Agora. Nada mais importa. Encontre o seu. Encontre, pois, saca, ninguém liga e, no final, sempre vão dar um jeito de te humilhar; Jim, a única palavra que importa é, manja, Agora. Não aquela bobagem de irmandade de briga, Jim. Agora. Porque, se a parada não acabar em, sei lá, vinte minutos; sumiu, já era; então, eles vão humilhar você e te manter no chão. Agora."

Era uma velha discussão. Hinton não conseguia concordar com ela. Não conseguia dizer a Alonso que ele era um viciado, sozinho, e aquele era um jeito terrível de viver, e não conseguia entender o que significava ter uma Família. Mas Alonso deu aquele sorriso de você-não-sabe-de-nada, e contra aquela cara nada venceria. Mas Hinton disse, mesmo assim. Os dedos de Alonso continuaram a marcar o passo. Hinton viu uma bolha de saliva se formar nos lábios da irmã e gotas de suor escorrendo pelos seios até a fenda. Quando terminou, o sorriso continuava imutável e Hinton teve certeza de que o desprezo de Alonso era ilimitado.

Levantou-se. O bebê ainda chorava, mas Norbert e Minnie haviam terminado. Hinton passou pelo quarto deles novamente e chegou à cozinha. Ele balançou o berço. O bebê parou de chorar por um instante. Olhou à sua volta e foi até uma panela no fogão; haviam algumas batatas fritas lá dentro. Pegou uma e colocou na boca do bebê. Ele parou de gritar e começou a chupar. Voltou ao quarto através do aposento de Minnie. Estavam deitados, rostos gordos colados, sorrindo e a luz lhes dava um visual doce, digno dos querubins, agora, enquanto

descansavam para a próxima trepada. Passou pelo sorriso de Alonso, ao redor da cama, abriu a janela e saiu pela escada de incêndio e sentou-se, com as costas contra a parede.

Podia ver à distância na viela atrás das casas. A luz era quente, grossa, uniforme e corria como algo que fervia os espaços entre as casas. As árvores do quintal ficaram quentes e tépidas com as folhas empoeiradas. Os joelhos de Hinton levantaram-se cada vez mais, até que todo o corpo estava comprimido numa coisa só, ele apertou a canela com força e a cabeça foi prensada contra os joelhos. Seus olhos encararam o mundo acima das árvores e através dos varais de roupa na direção onde o mar estaria, se não fosse bloqueado por um grande hotel.

E, depois de um tempo, ele deitou de lado, com a cabeça apoiada no chapéu amassado, e continuou encolhido lá em cima, com o dedão na boca, até cair no sono.



The Warriors
The Basis of the Cult Classic Film

Vocês fazem parte da gangue. Uma família escolhida
por afinidades. Chegou a hora de mudarmos tudo.

PRIMAVERA DAS MUDANÇAS 2015

DARKSIDEBOOKS.COM

Copyright © 1965 by Sol Yurick
Copyright Prefácio © 2003 by Sol Yurick

All rights reserved.
Todos os direitos reservados.

Tradução para a língua portuguesa
© Fábio M. Barreto 2015

Título original: The Warriors

Diretor Editorial
Christiano Menezes

Diretor Comercial
Chico de Assis

Editor Assistente
Bruno Dorigatti

Capa e Projeto Gráfico
Retina 78

Designer Assistente
Pauline Qui

Revisão
Joana Milli
Retina Conteúdo

Produção de ebook
S2 Books

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Yurick, Sol
The warriors / Sol Yurick ; tradução de Fábio M. Barreto
Rio de Janeiro : DarkSide Books, 2016.
257 p.

ISBN 978-85-66636-97-0
Título original: The warriors

1. Literatura norte-americana 2. Ficção I. Título
II. Barreto, Fábio M.
15-0824

CDD 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura norte-americana



DarkSide® Entretenimento LTDA.
Rua do Russel, 450/501 - 22210-010
Glória - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
www.darksidebooks.com

[1] O artigo de Sol Yurick foi publicado com uma reedição em 2003, doze anos antes da publicação desta edição.

[2] O romance de Hubert Selby, Jr. tornou-se um clássico devido ao seu olhar cruel e sem concessões para com a classe baixa do Brooklin nos anos 1950 e pelo estilo de prosa afiada que utilizava a linguagem das ruas. Elogiado pelos críticos e escritores quando foi publicado em 1964, a obra causou bastante controvérsia devido ao seu retrato franco e direto de assuntos tabus como o uso de drogas, a violência urbana, estupros coletivos, homossexualidade, travestismo e violência doméstica. [As notas são do Editor]

[3] Referência aos irmãos cubanos Fidel e Raúl Castro, conhecidos pelos longos discursos.

[4] Organização social que tentava dar oportunidades a jovens negros no Harlem, criada em 1962.